

HARLEQUIN
Desejo

MISTÉRIOS DO DESTINO

JOSS WOOD
KAREN BOOTH

EDIÇÃO 267

2 HISTÓRIAS

DECISÕES ARRISCADAS – JOSS WOOD
O cara certo, com termos e condições.
Jonas Halstead tem um grande problema: precisa se casar ou vai perder toda a sua herança. A solução é achar uma mulher prática, que não esteja procurando por um romance arrebatador. A proposta de Jonas pode salvar Katrina Morrison da pobreza. Mas como fingir um casamento quando o desejo de ambos é tão forte que os desafia a quebrar as regras? O caminho até o altar pode ser difícil, e Katrina está tentada a entregar seu coração para um homem que prometeu amar e respeitar só até o fim da cerimônia.

PRESOS PELO DESEJO – KAREN BOOTH
Um segredo sensual embalado para presente.
Sem dinheiro e escondida do mundo, a chef Joy McKinley não esperava ter o melhor Natal de sua vida, ainda que seu esconderijo seja uma luxuosa casa nas montanhas. Porém, quando Alexander Townsend fica preso em sua casa durante uma nevasca, Joy tem o impulso de contar toda a verdade sobre si para ele. Especialmente depois de dividirem, além da casa, a cama. Joy só não sabe que Alexander também guarda os próprios segredos.

Joss Wood
Karen Booth

MISTÉRIOS DO DESTINO

Tradução
Fabia Vitiello
Silvia Moreira

HARLEQUIN

2018

SUMÁRIO

Joss Wood

DECISÕES ARRISCADAS

Tradução
Fabia Vitiello

CAPÍTULO 1

OUTRO MÊS, outro café da manhã. Quantos cafés da manhã de negócios tinham feito juntos? Jonas Halstead era presidente da Halstead & Sons há cinco anos. Ele fez as contas. Sessenta cafés da manhã.

Sessenta reuniões de três horas com o homem conhecido como "O Tubarão Branco da Costa Oeste". Jack era considerado o empresário mais implacável e, em certas ocasiões, moralmente ambíguo, daquele lado do país. Ele era também o avô de Jonas, e este preferia ser torturado a encontrá-lo em suas reuniões mensais.

Ao assumir o cargo de presidente, tinha proibido sua equipe de tratar direto com o presidente do conselho, porque poucas pessoas conseguiriam lidar com a rudeza de Jack, seus interrogatórios e suas terríveis advertências sobre situações problemáticas. Poucas pessoas, mesmo executivos de carreira, poderiam lidar com a agressividade de Jack e sua busca pela perfeição. Jonas percebera há muito tempo que se quisesse manter sua equipe, precisava protegê-la de Jack.

Mas isso significava voluntariar-se a ser o pato na alça de mira.

Jonas era um adulto e assumia suas responsabilidades. Sabia como lidar com Jack. Mas, diabos, mal podia esperar o dia em que controlaria a Halstead & Sons sem as constantes intromissões e críticas de Jack. Graças à crueldade do avô e à reputação de executivo desonesto do pai de Jonas, o nome Halstead não inspirava muita confiança no mercado. Ainda que isso não incomodasse Jack de jeito algum – *que esses bastardos nos temam, é bom para os negócios!* – Jonas odiava saber que pairavam dúvidas sobre seu nome de família e que sua

integridade era questionada. Era um homem de negócios vigoroso e inflexível. Dirigia a empresa com justiça, mas de forma rigorosa. E quando dava sua palavra, mantinha a promessa.

Sua família tinha a reputação de fazer negócios legais, mas de princípios desonestos, e de se esquecer de sua integridade por dinheiro. Promessas eram quebradas, mentiras, disseminadas. Observar um brilho de desconfiança instintiva no olhar dos investidores, fornecedores e concorrentes fazia o peito queimar, aquilo o deixava constrangido como o diabo. Jonas estava determinado a reabilitar a reputação da empresa e empenhado em estabelecer a própria reputação como a de um homem cuja palavra podia ser levada a sério.

Ele pensou que talvez estivesse fazendo algum progresso, mas, Deus, como demorava.

Ter Jack ainda atuando como presidente do conselho não ajudava. Mas, maldição, era a empresa de Jack, e até que ele decidisse soltar as rédeas, Jonas precisava lidar com o velho. E manter sua preciosa equipe longe dele.

Jonas subiu os degraus da impressionante mansão de Jack, na prestigiada Palisades Beach Road, em Santa Monica. A casa estava na família Halstead há gerações, desde muito antes de a elite de Hollywood ter descoberto a área. Jonas crescera ali. Bem, naquela casa e na casa ao lado, dividindo seu tempo entre as mansões do pai e do avô, um menino sem mãe à procura de atenção do pai desinteressado e do avô controlador.

Jonas entrou no vestíbulo espaçoso e cumprimentou Henry, o mordomo. Com a intenção de acabar logo com aquilo, foi sem demora reunir-se com o avô em seu lugar favorito da casa, a varanda que dava vista para o oceano. O vento estava forte e as ondas eram altas, condições perfeitas para surfar. Fresca e agradável, a varanda bem-decorada era onde o avô gostava de fazer as refeições.

Jack estava acomodado à cabeceira da mesa, com a xícara de café em uma das mãos e os óculos equilibrados na ponta do nariz enquanto lia a seção de negócios do jornal, um hábito diário. Jack tinha sua própria maneira de fazer as coisas, tanto nos negócios quanto na vida pessoal. Ele não gostava de pessoas, filhos, netos, colegas e colaboradores, se metendo onde não eram chamadas. O jeito descontraído de Jonas de administrar a Halstead & Sons era

uma fonte constante de irritação para o avô. Jack podia até desaprovar seus métodos, pensou Jonas, mas jamais seus resultados: há cinco anos, desde que assumira o cargo de presidente da Halstead, vinha fazendo o fluxo de caixa e os lucros aumentarem ano a ano.

Jonas notou a presença de Preston McIntyre. Por que o advogado de Jack ia tomar café da manhã com eles? Jonas apertou a mão de Preston e lançou um olhar na direção de Jack. Reconheceu de imediato a expressão determinada falarei-sobre-isso-quando-for-o-momento. Não havia sentindo em forçar a conversa, o velho era tão teimoso quanto uma mula. O que sempre criava atrito entre eles, já que Jonas era do tipo quero-isso-faça-agora.

Jonas afastou uma cadeira da mesa.

– Bom dia, Jack.

Jonas o chamara de "vovô" quando era mais novo, mas fazia muito tempo que o chamava pelo primeiro nome. Jack não era do tipo sentimental.

– Jonas, coma alguma coisa. Como vai o projeto Cliff House? – perguntou Jack com os olhos brilhando.

Cliff House era o mais recente empreendimento deles, uma propriedade abandonada e negligenciada que na década de 1920 tinha sido o hotel mais luxuoso de Santa Barbara. O lugar estava em péssimo estado e seria necessário um caminhão de dinheiro para colocá-lo em ordem, mas tinha imenso potencial e, o melhor de tudo, Jonas comprara a propriedade bem debaixo do nariz de Harrison Marshall. Harrison podia ser um chef de renome mundial, dono de restaurantes e amigo da família, mas invadir seu território e adquirir uma propriedade que ele desejava com desespero tinha sido bem-divertido. E tudo feito de forma honesta e às claras: Jonas fizera uma oferta mais alta que o proprietário aceitou depressa.

– Estamos no prazo e dentro do orçamento.

– Isso é o mínimo que espero – retrucou Jack, os olhos faiscando. – Fale mais.

Jonas fez um relatório das atividades para Jack, desviando o olhar vez por outra para a casa ao lado, que era um pouco menor do que a do avô, mas da mesma forma impressionante. As janelas estavam trancadas e as cortinas, fechadas. Isso significava que o pai estava na Europa em busca de obras de arte que pudessem ser adicionadas à sua já extensa coleção.

Toda aquela riqueza, pensou Jonas, era indissociável de seu sobrenome. As casas, os carros, a opção de não trabalhar mais um dia sequer em sua vida; e tinha sido aquela a escolha de seu pai.

Jonas estremeceu. Era o trabalho que dava sentido à sua vida. Era o trabalho que guiava seus passos, que o mantinha são. Para Jonas, um dia sem coisa alguma a fazer seria um pesadelo.

Ele era motivado, intenso, ambicioso. Sob esse ponto de vista, era parecido com o avô. Um *workaholic* determinado a fazer crescer a empresa familiar sob sua administração. Além disso, o que mais faria com seu tempo? Não tinha, e não queria ter, esposa e filhos, e não jogava golfe.

Jonas se questionou, como tantas outras vezes, se seria tão motivado se tivesse recebido uma educação mais branda, se não tivesse sido incitado pelo pai e pelo avô a ser melhor e melhor. Ambos assumiram que Jonas seria o futuro da empresa, o quinto Halstead a administrar aquele império multigeracional. Muita ênfase foi colocada em seu desempenho. Cada um de seus sucessos tinha sido louvado, cada um de seus fracassos, depreciado, e qualquer falta de empenho fazia com que os dois se inflamassem e redobrassem as cobranças sobre seu desempenho. Jack encorajava a independência de pensamento e de ação, e o desejo de ganhar a todo custo. Lane, seu pai, não acreditava em expressar qualquer emoção. Quando criança, Jonas tinha aprendido a suprimir os sentimentos, pois, quando não o fazia, o pai zombava dele, apontando sua fraqueza. Era mais fácil, Jonas descobriu, evitar quaisquer demandas emocionais, as próprias e as alheias.

Jack fez uma série de indagações e Jonas concentrou-se no presente. Não adiantava esmiuçar o passado, não levava a lugar algum. E já que Jack, tecnicamente, era o chefe de Jonas, precisava se concentrar. Sua posição na empresa era razoavelmente segura. Tinha trazido a empresa para o século XXI e aumentado as margens de lucro. Carregava o sobrenome Halstead, mas não era dono da empresa. Ainda.

Jack recostou-se na cadeira, pediu a Jonas que o servisse de café e o neto obedeceu. Preston permanecera em silêncio e Jonas se inquiriu, mais uma vez, o motivo verdadeiro daquela reunião. Pelo olhar desconfortável de Preston, Jonas soube que estava prestes a descobrir. E que não ia gostar.

O que o ardiloso avô estava planejando?

Jonas observou Jack, que estava voltado para a praia.

Os olhos verdes profundos de Jack, da mesma cor dos olhos de Jonas, por fim se fixaram no rosto do neto.

– Estou redigindo meu testamento.

Jonas sentiu o peito afundar. Droga, de novo? Passavam por isso a cada cinco anos, mais ou menos. Até onde Jonas sabia, ele herdaria as ações de Jack da empresa, e seu pai herdaria uma respeitável quantia em dinheiro e a maioria das propriedades pessoais de Jack, excluindo aquela casa.

– Esta propriedade e minhas ações na empresa serão suas.

Certo. Ele ficaria chateado se tivesse trabalhado dezesseis horas por dia por mais de uma década para nada.

– Obrigado – disse Jonas, sabendo que era a única resposta que Jack desejava ou toleraria.

– Mas…

Ah, que droga.

– Apenas se você se casar nos próximos noventa dias.

Que diabos era aquilo?

Foi necessária cada gota de autocontrole de Jonas para que ele não reagisse. Ele queria se levantar, bater as mãos na mesa e exigir que Jack explicasse aquela maluquice. Queria perguntar ao avô se ele tinha perdido o juízo. Mas o único gesto de contrariedade que Jonas se permitiu foi aumentar a força com que segurava a xícara de café.

– Bem, essa é uma grande exigência, Jack – afirmou Jonas, com a voz pesada. – Eu mereço uma explicação, não acha?

– Você ficou aborrecido – pronunciou Jack, e Jonas percebeu a diversão em sua voz.

– O senhor não ficaria? – interrogou Jonas, esforçando-se para manter o tom de voz baixo.

– Claro que sim – concordou Jack. – Fique tão irritado quanto desejar, mas saiba que não vou mudar de ideia. Você deve se casar ou vai perder tudo.

Jonas esfregou as têmporas, sem conseguir acreditar na maneira como o avô só tinha precisado de alguns segundos para virar sua de cabeça para baixo. Jonas se virou para Preston.

– Isso é legal?

Preston encarou Jonas com alguma simpatia.

– Os bens são dele. Seu avô pode distribuí-los da forma como achar melhor. Tecnicamente é chantagem, mas é uma chantagem legal.

Preston estreitou os olhos para encarar seu cliente e o respeito de Jonas pelo advogado aumentou.

– É isso que eu desejo – avisou Jack, ignorando o comentário do advogado. – Case-se em noventa dias e eu lhe passarei o controle completo da empresa e a posse dessa casa. Dessa forma, evitaremos pagar ao Estado os impostos de transmissão de propriedade. Tudo o que você precisa fazer é se casar.

– E se eu não fizer isso?

– Seu pai herdará minhas ações. Ele expressou seu desejo de retornar à direção da empresa.

Jonas evitou prestar atenção ao véu vermelho que lhe cobriu os olhos e engoliu a duras penas as palavras *sobre o meu cadáver*.

– Ele é um Halstead, Jonas. Diz que está entediado, que é hora de voltar e ocupar seu lugar como o próximo Halstead a dirigir nossa empresa.

Mas Lane tinha roubado dinheiro da empresa para sustentar o vício no jogo! As palavras estavam na ponta da língua de Jonas, mas ele não podia expressá-las. Quem estava protegendo, guardando o segredo de Lane? Jack? O pai? A si mesmo?

– Ele se afastou dos negócios, Jack.

– Ele ainda é um empresário talentoso. E meu filho.

– E o emprenho que dediquei à empresa desde que ele abandonou os negócios? Meu trabalho não significou coisa alguma? O senhor faria isso sem meu consentimento? – Jonas viu a resposta no rosto de Jack e balançou a cabeça. – O senhor é um sujeito impossível.

Jack somente encolheu os ombros.

– Minha prioridade sempre será o que eu acho melhor para Halstead.

Claro que sim, que Deus não permitisse o avô de colocar os desejos do neto antes dos interesses da empresa.

– Você fez um trabalho razoável para a empresa – continuou Jack –, mas o que ou quem vem depois de você? Nos últimos seus dois anos, você namorou uma porção de moças e eu não me preocupei com isso. Acreditei que você precisava de tempo para se acalmar e se estabelecer. Mas você está prestes a

completar 35 anos, nunca apresentou uma garota à família e me preocupa que você jamais venha a se aquietar e criar raízes.

– O senhor está solteiro há mais de cinquenta anos, então acho que é um pouco hipócrita que julgue meu estilo de vida – argumentou Jonas.

– Mas eu fui casado. Produzi um herdeiro para a família Halstead e Lane fez o mesmo. Você não. Logo, precisa se casar. A essa altura, você deveria ter uma ou duas crianças!

– Hoje em dia, as pessoas se casam e têm filhos mais tarde, Jack!

Jack o encarou.

– Quero vê-lo casado. Quero conhecer seu filho. Quero ter certeza de que a fortuna Halstead não vai se perder.

– Estou surpreso por não ter exigido também que eu engravide alguém em três meses – ironizou Jonas.

– Não sou tão exigente. Dito isto, se você se casar, há uma boa chance de que a união gere crianças – refutou Jack de forma determinada. – E eu o conheço o suficiente para saber que odiaria, tanto quanto eu, a ideia do dinheiro de Halstead, gerações de esforço e trabalho árduo, beneficiando alguém que não seja da nossa linhagem.

Linhagem? Jack soava como um senhor medieval falando sobre suas propriedades.

– Não estamos Inglaterra do século XVI, Jack. E não gosto que se intrometa em minha vida privada!

– Ora, pelo amor de Deus! Casamentos arranjados funcionaram por centenas de anos antes que o amor começasse a atrapalhar tudo. Case-se e eu lhe darei Halstead. Não se case e veja seu pai assumindo a empresa.

Jonas praguejou baixinho. Jack sabia bem quais botões pressionar; sabia que Jonas faria qualquer coisa para manter seu pai fora da empresa e que desejava obter o controle acionário completo de Halstead & Sons.

Havia, porém, um preço para essa liberdade, e o preço era o casamento. A única coisa que Jonas planejara evitar enquanto pudesse.

Mas Jack o deixara sem escolha. Seria da forma como Jack queria ou Jonas teria que se afastar para sempre.

Jonas empurrou a cadeira, jogou o guardanapo de linho sobre a mesa e se inclinou para apertar a mão de Preston. Ignorou o avô, irritado demais para

falar. Começou a se afastar, mas a voz de Jack o seguiu.

– Bem, o que você vai fazer? – questionou.

Jonas apreciou a nota de incerteza em sua voz.

Virou-se devagar e, com um sorriso frio, encarou o avô.

– Acho que o senhor vai descobrir em três meses. Espere até lá.

KATRINA MORRISON deslizou a mão sob o cabelo e, discretamente, empurrou o dedo sob a costura do vestido, ajeitando a etiqueta, na esperança de que parasse de irritar sua pele. Como queria poder arrancar aquele pedacinho de tecido. Mas Tess, sua melhor amiga e gerente de uma boutique do centro da cidade de Santa Barbara, que vendia vestidos de grife, diria que ela era uma idiota se fizesse isso. Tess ainda precisava vender os vestidos que Kat havia "pego emprestado".

Só Deus sabia o que Tess faria se ela rasgasse o vestido ou derramasse vinho ou comida sobre ele. É provável que Katrina fosse mergulhada no piche e coberta de penas ao amanhecer.

Ou, pior, teria que pagar pelo vestido. E ela não tinha mil dólares sobrando. E ainda que tivesse, Kat duvidava que fosse gastar em um vestido pregueado curto e sem mangas, tão discreto que gritava "caro demais!". Mas a aparência é tudo, em especial para a hostess do premiado El Acantilado, o restaurante carro-chefe do império de Harrison Marshall, o chef e empresário favorito da América. Os clientes do El Acantilado esperavam ter uma experiência culinária única e dispendiosa. Kat era a primeira pessoa a recebê-los no restaurante, e a primeira impressão precisava ser favorável. Daí a necessidade do vestido de grife, maquiagem perfeita, lábios brilhantes e sapatos de camurça negra com saltos de dez centímetros.

Ela se sentia mais feliz usando jeans e camiseta, com o cabelo que chegava quase à cintura preso em um rabo de cavalo ou uma trança e o rosto sem qualquer traço de maquiagem, mas aquele trabalho pagava suas contas. Se usar roupas de alta costura era necessário para mantê-lo, ela faria isso.

Kat tocou a caneta sobre o livro de reservas de capa de couro e correu os olhos pelo restaurante, com suas superfícies de madeira e aço, para observar a equipe do salão. O mais novo garçom, Fred, parecia estressado, as mãos tremiam enquanto ele colocava o famoso pato assado de Harrison entre os

talheres de prata sólidos em frente ao senador Cordell. Graças a Deus, ele não estava servindo Elana Marshall, a filha de Harrison, que estava sentada à melhor mesa da casa com Jarrod Jones.

Hmm, Elana não estava acompanhada do namorado, Thom. A esposa de Jarrod, Finola, uma atriz irlandesa, também não estava lá.

Deus, Kat poderia fazer uma fortuna vendendo fofocas de celebridades para jornais sensacionalistas. Vivia recebendo propostas que prometiam resguardar seu anonimato, e ela precisava desesperadamente do dinheiro.

Kat suspirou. Vender fofocas seria uma solução fácil para seus problemas financeiros. Maldita fossem sua integridade e seu respeito próprio.

Kat sorriu enquanto Fred, que passava ao lado da mesa de Elana, deu uma encarada no casal. Garçons jamais deveriam encarar, mas Fred era jovem e fã de celebridades. E já que Elana Marshall parecia, de fato, valer os milhões de dólares que tinha naquele vestido justo que destacava suas curvas, como poderiam seu decote generoso, rosto fabuloso e aqueles lábios provocantes passarem despercebidos por Fred?

Anos atrás, ao começar naquele mesmo restaurante como garçonete, Kat ficara talvez impressionada com o carisma das estrelas que frequentavam o lugar. Tinha gaguejado ao falar pela primeira vez com Angel Morales, uma celebridade cheia de talento. Ficou corada quando o irmão mais novo de Windsor agradeceu por uma maravilhosa experiência culinária. E quase desmaiou quando uma mesa de indicados ao Oscar lhe deixou uma gorjeta de dois mil dólares.

Depois de servir a tantos ricos e famosos, não ficava mais impressionada com facilidade, e por isso foi promovida ao cargo de hostess há mais ou menos um ano. Harrison Marshall a promovera pessoalmente, e conforme ele lhe contara, sua decisão tinha se baseado no fato de ela ser querida pelos clientes bem-nascidos. Ela era educada e agradável, sem ser deslumbrada ou agir de forma afetada. Os clientes, relatou Harrison, gostaram disso. Ao que tudo indica, eles gostavam dela.

Kat olhou para o livro e depois para o relógio. Os Henleys estavam atrasados, mas, bem, sempre estavam. Jonas Halstead e seus convidados chegariam dentro de cinco minutos, e ele era sempre pontual.

Kat indagou-se sobre quem seria a acompanhante de Jonas naquela noite. Pelos cálculos, a sensação pop loira que ele tinha namorado nos últimos três meses tinha perdido seus encantos, e haveria outra garota em seus braços naquela noite. Jonas, o bilionário empresário especializado em hotéis e cassinos, tinha sido um cliente frequente do El Acantilado no ano passado. Há pouco tempo, tinha comprado e estava reformando um famoso hotel de Santa Barbara conhecido como Cliff House. Havia boatos de que ele teria vencido Harrison Marshall na negociação pela propriedade, o que sugeria que Halstead era um excepcional homem de negócios... Ou um tubarão.

Kat suspirou. Excelente homem de negócios ou não, era no mundo dele que ela queria estar. Mas, aos 28 anos, ainda estava trabalhando na recepção de um restaurante e o mais próximo que havia chegado do mundo das finanças era levar empresários bilionários como Jonas Halstead à sua mesa.

Deus. Que coisa triste.

– Katrina.

Kat ergueu o olhar e se amaldiçoou em silêncio ao perceber que Jonas estava de pé na sua frente, impecavelmente vestido com um terno de grife preto, camisa cinzenta, sem gravata. Os olhos dela percorreram o peito amplo e ombros largos, o pescoço bronzeado, seguindo até a mandíbula forte coberta por uma barba de dois dias e a boca sexy que se abria em um sorriso lento. Jonas tinha um nariz longo e reto e olhos verdes profundos abaixo de sobrancelhas bem-marcadas. Rico, bem-sucedido e maravilhoso.

Ele tinha a reputação de ser um calhorda nos negócios e na cama. Aquela informação o deixava consideravelmente menos sexy.

– Senhor Halstead, seja bem-vindo de volta ao El Acantilado – murmurou Kat, ignorando o quanto seu coração estava acelerado. Sim, ele era mesmo lindo e atraente, mas ela não era uma garçonete de 22 anos.

– Pode me chamar de Jonas.

Não era a primeira vez que ele fazia aquela oferta, mas Kat não tinha intenção de aceitar. Não seria profissional chamá-lo pelo primeiro nome, e não fazê-lo mantinha uma distância muito saudável entre ela e os Jonas Halsteads do mundo. Como seu ex-marido e seu pai, sujeitos ricos em ternos extravagantes não eram confiáveis.

Bem, e que homem era confiável?

De qualquer forma, Kat se irritava ao perceber como Jonas a deixava alterada.

Tinha sido essa espécie de atração sexual rápida e furiosa que a levara a se apaixonar e se casar com Wes, e já que ele usara seu coração como uma bola de pingue-pongue, Kat não confiava na habilidade de seus feromônios para escolher os homens com sabedoria.

Mas toda vez que via Jonas, sua libido a lembrava de que não fazia sexo havia muito tempo. Jonas Halstead devia ser muito bom de cama. A experiência dele era de conhecimento público.

Mas naquela noite ele estava ali sozinho.

– Sua acompanhante não virá?

– Rowan vai se juntar a mim em breve.

Kat ergueu os olhos com surpresa. Ele estava em um relacionamento com Rowan Greenly? A atriz tinha acabado de se separar do marido depois de uma acusação de abuso doméstico, e a estrela de rock, com péssimo temperamento, ameaçara matar qualquer um que se envolvesse com a esposa.

– Você é corajoso. Sugiro um colete à prova de balas – advertiu Kat sem conseguir se controlar, mesmo sabendo que estava sendo indiscreta.

Jonas franziu a testa, confuso. Mas, então, explodiu em uma gargalhada contida.

Arrepios percorreram a pele de Kat quando ouviu aquela risada e Jonas passou de sujeito-bonitão-mas-posso-me-controlar para ah-meu-Deus-quero-rasgar-as-roupas-dele. Ela fechou os punhos e resistiu ao desejo de fechar os olhos.

Não, Deus, não. Ela não podia se sentir tão atraída por Jonas Halstead. Tinha se casado e se divorciado de um homem rude e implacável. Um bilionário competitivo deveria ser a última pessoa a despertar seu interesse. Kat estava evitando homens em geral, sobretudo os mais interessantes e sensuais em particular.

Jonas não era seu tipo.

A porta da frente foi aberta e o melhor jogador de basquete do país, com seus quase dois metros de altura, entrou no restaurante. Rowan Brady. Meu Deus, é claro.

Kat olhou para Jonas, que ergueu uma sobrancelha.

– Meu encontro.

Rowan juntou-se a eles, passando o braço pelos ombros de Jonas.

– Joe e eu nos conhecemos desde que éramos crianças e continuo dizendo: "cara, você não é meu tipo". – Kat percebeu a provocação na voz profunda de Rowan e corou quando os olhos escuros se fixaram em seu rosto. – E estou curioso sobre o motivo pelo qual você gostaria que essa bela criatura pensasse que sou seu.

– Katrina pensou que eu estava prestes a jantar com Rowan Greenly.

Rowan estremeceu.

– Você tem juízo demais para se meter em uma encrenca dessas. Ela é linda, mas o marido é um psicopata.

Jonas apoiou os antebraços na mesa da recepção, o tecido se esticando sobre os bíceps impressionantes. Kat ergueu uma sobrancelha, irritada consigo mesma por fantasiar sobre como seria arrancar aquele blazer dele e livrá-lo daquela camisa, para descobrir se a pele estava tão quente quanto imaginava.

Kat reprimiu um gemido. Era hora de fazer seu trabalho.

– Deixe-me levá-lo à sua mesa, sr. Halstead.

– Já que você se sentiu confortável o suficiente para tecer conjecturas sobre a minha vida amorosa, deveria sentir-se confortável para me chamar de Jonas. Ou Joe.

Kat circulou a mesa de onde controlava o restaurante e fez um gesto na direção do salão. De propósito, ignorou aquela declaração provocadora de Jonas e a divertida expressão de seu amigo.

– Eu vou instalá-los perto da janela. Tem a mais maravilhosa vista da praia. Por aqui, senhores. – Kat obrigou-se a assumir uma expressão serena enquanto abria caminho pelo salão.

Por favor, não olhe para o meu traseiro, pensou Kat enquanto Jonas caminhava atrás dela. *Mas se você fizer isso, por favor, goste dele*.

Pelo amor de Deus, Katrina! O que há de errado com você?

– Você tem um...

Cheia de gratidão por terem chegado à mesa, Kat virou-se e esperou pelo comentário arrogante.

Mas Jonas não mencionou coisa alguma. Ele somente se moveu para ficar atrás dela, sua altura e largura fazendo com que ela se sentisse menor. Ele

ergueu a mão para tocar o pescoço dela e Kat sentiu as pontas dos dedos dele roçarem sua pele. Jonas mal fez contato, mas de repente os pés dela pareceram grudados no chão e cada célula em seu corpo parecia preparada para vibrar. Se ele a beijasse, ela entraria em combustão espontânea. Kat tinha certeza disso.

Jonas enfiou a mão um ou dois centímetro sob o vestido de Kat e com apenas um gesto arrancou dali a etiqueta.

– É evidente que você se esqueceu de tirar a etiqueta. Aqui está.

Os olhos de Kat correram entre a etiqueta na mão de Jonas e os olhos dele, o horror fazendo desaparecer a atração que sentia por ele. Oh, droga, droga, droga, ele tinha rasgado a etiqueta quando a puxou.

Oh, Deus, Tess deixara bem claro que o código de barras devia permanecer intacto. Kat não poderia mais devolver o vestido.

O coração dela pareceu parar de bater e foi como se todo o oxigênio da sala desaparecesse.

– Você está bem? – Jonas soava como se viesse de um lugar muito distante. – Katrina?

A voz dele trouxe Kat de volta, e o oxigênio lhe inundou os pulmões.

Você não pode desmaiar. Você não pode gritar com ele. Você não pode esboçar qualquer reação.

Você precisa desse maldito trabalho.

Mas Kat não pôde falar, incapaz de articular palavras. De modo racional, sabia que Jonas pensava estar fazendo uma gentileza, mas sua suposição acabara de empilhar outro fardo de estresse sobre a carga que lutava para carregar. Essa seria a gota d’água que faria transbordar seu desespero?

Kat suspeitava que poderia ser. Ela tomou a etiqueta da mão de Jonas e se afastou, rezando para conseguir chegar ao banheiro antes de ter um ataque de choro.

Ela agora devia mais de mil dólares por um vestido que não podia pagar e era culpa de Jonas Halstead.

Deus, sexy ou não, se ele estivesse em um encontro com Rowan Greenly, Kat teria ligado para o marido maluco dela e lhe contado sobre o paradeiro da esposa.

E teria sugerido que ele trouxesse sua maior arma.

CAPÍTULO 2

KAT VOLTOU ao seu posto na entrada do restaurante, ao lado do bar da recepção, e ao ver as garrafas enfileiradas acima da cabeça do barman, desejou poder pedir uma bebida grande, forte e de alto teor alcoólico. Seu olhar alcançou um grupo na ponta do balcão, uma garota e quatro rapazes, cheios de piercings e tatuagens. Estavam bebendo o Mariella, um famoso coquetel, batizado em homenagem à esposa de Harrison. Naquele instante, Kat gostaria de um Mariella, ou três. Na verdade, ela também gostaria de ter acesso a um dos cartões de crédito ilimitados e confiáveis de Mariella Santiago-Marshall ou de acessar sua conta bancária.

Que inferno. Que diabos ela ia *fazer*?

– Por favor, *por favor,* diga-me que foi apenas um erro que seu vestido ainda estivesse com a etiqueta e que você não estava pensando em devolvê-lo pela manhã.

Kat se virou e piscou ao encarar a criatura multicolorida bem na sua frente. Ela usava um elegante vestido de noite com um decote profundo e alças fininhas, cor de sorvete de limão. Combinava muito bem com as tatuagens dela. Obrigando-se a afastar os olhos daquela incrível obra de arte, Kat examinou um rostinho de fada enfeitado por enormes e ternos olhos castanhos.

A mulher tinha uma fileira de piercings em seu lábio inferior e ao longo da sobrancelha, e uma pequena tatuagem de borboleta na têmpora.

– Você é maravilhosa – declarou Kat. Ela suspirou. Decerto, aquela era sua noite de falar sem pensar.

– Obrigada. Mas você não respondeu à minha pergunta. Você pretendia devolver o vestido?

Kat desviou os olhos para o salão e franziu a testa na direção de Halstead. Nunca discutia um cliente com outro, mas a garota se juntaria aos garotos tatuados do bar, ela parecia pertencer àquela tribo colorida, então Kat não viu problema em responder à indagação dela. Ela podia detectar uma garota rica e mimada a quilômetros de distância e aquela moça não era uma.

Ela baixou a voz.

– Sim, esse vestido é emprestado. Eu ia devolver. Agora terei que pagar por ele, o que não era parte do plano. – Questionando-se sobre o que havia naquele ser etéreo e colorido que a fazia revelar seus segredos, Kat continuou: – Deus, eu poderia somente matá-lo. Não tenho mil dólares para gastar em um vestido! Não tenho mil dólares, aliás, e isso é tudo.

– Mil e trezentos. – A garota mordeu o lábio. – Mil trezentos e noventa e cinco, incluindo impostos.

Kat resistiu ao desejo de bater a cabeça contra a parede.

Praguejou baixinho.

– Maldito seja. Juro que não me importa que ele seja tão sexy quanto o diabo e mais quente do que o Sol, ele é um homem estúpido e idiota!

Antes que a fada pintada pudesse retorquir, Elana Marshall interrompeu a conversa colocando a mão no ombro de Kat.

Kat se virou e sorriu para o membro mais jovem da família Marshall e rezou para que Elana não tivesse ouvido sua última declaração.

– Olá, Elana, teve uma boa noite?

A covinha na bochecha de Elana se aprofundou.

– Sim, tive. Obrigada por tudo, Kat.

Elana olhou para a fadinha, seus olhos percorrendo as tatuagens enquanto ela ensaiava um sorriso.

– Adorei o anjo no seu braço. – Sem esperar por uma resposta, Elana voltou sua atenção para Kat. – Então, quem é o homem idiota?

Kat não podia se se sentir mais mortificada. Elana e ela eram amigas, mas do tipo "Olá, como vai?" Elana era a herdeira de um império e Kat, empregada do pai dela. Os olhos de Kat se dirigiram para a fadinha, implorando-lhe em

silêncio que não retrucasse. Ela não queria que Elana Marshall soubesse que pegava vestidos nas lojas para devolvê-los depois.

A fadinha sorriu.

– Não são todos, em um momento ou outro?

Elana assentiu.

– Ah, são. E ali está um dos meus.

Kat sorriu para o acompanhante de Elana e pensou que ela podia arrumar alguém muito melhor do que um diretor de elenco casado. Ela também podia arranjar alguém melhor do que seu noivo, Thom, que era muito legal, mas... não para Elana. Ela precisava de alguém com uma personalidade tão forte quanto a dela.

Mas Kat tinha problemas maiores para se preocupar do que com a complicada vida amorosa da filha de seu chefe. Tinha um trabalho a fazer. Um trabalho do qual precisava mais do que nunca.

Kat se despediu de Elana e voltou-se para a visão à sua frente.

– *Desculpe-me*, você está aqui há um tempão. Vou levá-la até o bar.

A moça sorriu outra vez.

– Na verdade, devo me juntar à mesa de Jonas Halstead.

Kat gemeu e perguntou-se se havia alguma maneira de tornar aquela noite pior.

– Sim – retrucou a garota –, vou jantar com meu chefe e seu amigo.

– Por favor, diga que você trabalha para Rowan Brady – implorou Kat.

A garota sacudiu a cabeça.

– Não. Sou Sian e trabalho para Jonas Halstead.

Bem, Kat tinha indagado se a noite podia piorar. *Sim*, replicou a vida, o *desafio foi aceito*.

NA MANHÃ seguinte, depois de uma noite de preocupações profundas e sono leve, Kat ouviu o som de uma chave na fechadura. Correu as mãos pelos olhos e as esfregou nas coxas, transferindo as lágrimas para a velha calça de ioga. Ouviu o golpe da bolsa pesada de Tess atingindo o chão e então sua amiga, com cabelo e sardas cor de cobre, entrou na pequena sala de estar de Kat, com dois copos abençoados de café nas mãos.

– Ei, você está acordada. Não sabia se estaria – anunciou Tess, entregando um copo a Kat. – Eu recebi sua mensagem de texto hoje cedo, então pensei em passar por aqui e ver que "catástrofe" tinha acontecido. – Tess sentou-se ao lado de Kat e a encarou. – Deus, você dormiu? Pelo menos um pouquinho?

– Cheguei a casa depois da meia-noite e estava muito cansada para conseguir dormir. – Não querendo adiar a má notícia, acenou com a cabeça para o vestido de grife que estava sobre a cadeira. – Preciso pagar pelo vestido.

O queixo de Tess caiu.

– Oh, essa não, por quê?

– Na noite passada, um cliente, pensando estar sendo gentil, arrancou a etiqueta – comunicou Kat sem emoção. – A etiqueta não tem salvação.

– Diabos, Kat, se você tivesse derramado algo sobre isso, tentaríamos limpar. Se ele rasgasse, eu teria consertado, mas não posso dar uma explicação razoável para a falta de uma etiqueta.

– Eu sei, Tess. Maldito Jonas Halstead.

– O rei do mercado imobiliário e um dos solteiros mais maravilhosos da Califórnia? – Os olhos de Tess se arregalaram. – Ele é um idiota por arrancar a etiqueta, mas, Deus, ele é tão sexy.

– Ele pode ser, mas me meteu em uma encrenca – resmungou Kat. – Quando você precisa do dinheiro?

Tess pensou por um instante.

– Miranda está de férias em Cancun por um mês. Então, temos o mesmo tempo. E se você me der o dinheiro, vou comprá-lo como se fosse para mim e assim você terá desconto de funcionária. Não é muito, apenas dez por cento, mas já é alguma coisa.

– Obrigada, Tess.

– Ou posso pagar com as minhas economias e você me paga de volta quando puder.

– Ah, Tess. – Aquela era uma imensa gentileza. Mas não importava que Tess fosse sua amiga mais antiga, Kat não podia aceitar. Graças ao pai e ao ex-marido, Kat tinha inúmeras questões a respeito de dinheiro. E, também, desconfiança.

Era mais fácil, mais seguro, mais limpo, seguir sozinha.

Tess colocou seu copo de café sobre a mesa de centro com um gesto decidido.

– Você não pode continuar assim, Kat, tentando fazer tudo sem ajuda. Você está até mais magrinha. Está se alimentando direito?

No restaurante, ela fazia uma boa refeição na maioria das noites, no fim do turno, com a brigada da cozinha. E entre essas refeições, vivia de ar fresco e café.

– Kat, alguma coisa precisa mudar – insistiu Tess.

– Mas o que, Tess? A casa em que June vive é minha, mas minha madrasta malvada tem o direito de usá-la para o resto de sua vida e, segundo o testamento do meu pai, devo pagar os impostos, contas fixas e a manutenção do lugar. Sou obrigada a arcar com os custos de uma propriedade que não posso vender ou usar para obter um empréstimo.

– Por que diabos seu pai não deixou nenhum dinheiro?

– Porque ele achou que quando morresse, eu já estaria instalada em um emprego excelente, com um alto salário. E eu tinha um marido rico. Ele pensou que, se eu não pudesse pagar pela casa, Wes pagaria. Afinal, eu tinha alguém para cuidar de mim. June não.

– Seu ex era um psicopata – sussurrou Tess, com a expressão sombria.

Sim, abaixo do verniz de bom-menino-americano, vivia um homem egoísta e narcisista, que pensava que o Sol girava ao seu redor.

– Tudo bem, não há nada que você possa fazer sobre a casa, mas não entendo por que assumiu também as contas médicas de Cath. Entendo que se sinta obrigada; quando sua mãe morreu e seu pai se casou com a Cruella, sua tia estava lá para você, mas Cath tem o próprio dinheiro.

– Ela não tem tanto dinheiro assim, Tess. E o câncer dela é de um tipo raro, requer tratamentos que seu plano de saúde não cobre. Ela também está pagando por uma cuidadora em tempo integral. – Kat encolheu os ombros. – Então, entre as demandas da casa onde vive June e o tratamento de Cath, não me sobra muito dinheiro.

– Ela está melhorando?

Kat sentiu o peito apertar enquanto sacudia a cabeça.

– Ela precisa se consultar com um especialista, mas ainda que não houvesse uma longa lista de espera, é preciso ter dinheiro adiantado para fazer os

exames.

Kat esfregou a nuca e olhou em volta, observando o apartamento pequeno, mas aconchegante. Aquele era seu lugar preferido no mundo, um paraíso de cores, o canto onde podia relaxar. Depois de deixar o restaurante na noite anterior, tinha voltado e passado algumas horas trabalhando em uma planilha.

Em uma coluna, uma lista de despesas: aluguel, contas fixas, comida, despesas com a manutenção, contas e impostos da casa ocupada pela madrasta, e projeções dos gastos com as despesas médicas da Cath.

A outra coluna, lamentavelmente pequena, seus ganhos. Havia uma gritante diferença entre os dois montantes, e ela, agora, teria que incluir o valor do maldito vestido.

Deus, como desejava poder voltar ao passado. Desejou não ter tirado um ano sabático entre a escola e a faculdade para viajar pela Europa. Desejou jamais ter conhecido Wes. Tinha conseguido completar sua graduação em administração de empresas, mas havia muitas pessoas com o mesmo diploma. Ela precisava fazer um MBA para conseguir o tipo de emprego que lhe daria um salário que permitira que mantivesse a cabeça acima da água.

Ao longo dos últimos quatro anos, Kat tinha conseguido juntar dinheiro suficiente para completar algumas matérias da pós-graduação, mas ainda tinha alguns cursos para fazer. E ainda teria que fazer seu exame sobre Liderança e Responsabilidade Fiscal em alguns meses. Em nome de Deus, quando teria tempo para estudar?

Apenas um dia antes, mal mantinha à tona sua vida financeira, mas com um vestido de grife para pagar, tinha afundado. Tess tinha razão. Alguma coisa tinha que mudar em sua vida, e rápido. Mas o quê?

– Vou ter que me mudar – murmurou Kat, relutante. – Eu economizaria algum dinheiro se fizesse isso. Posso voltar a morar com Cath.

Cath ia gostar de viver com ela novamente, e Kat poderia monitorar a saúde da tia com mais atenção. Mas... Ah, droga, aquele apartamento era o único lugar do mundo que Kat sentia como todo seu.

– Este prédio pertence a Harrison Marshall. Você não pode pedir que ele alivie seu aluguel por um mês ou dois? – interrogou Tess.

Sem chance.

– Ele já me dá um desconto no aluguel como parte do meu salário. Não posso pedir mais.

– Bem, então você tem um mês para arranjar o dinheiro para pagar o vestido e tentar manter seu apartamento.

Um mês? Deus.

– Quando você coloca as coisas assim, quero bater a cabeça contra a parede – sussurrou Kat.

– Talvez algo apareça. Nunca se sabe.

– E eu acredito em unicórnios e fadas... – zombou Kat, sentindo-se bastante derrotada. – Deus, Tess. O que diabos vou fazer?

Os olhos de Tess estavam cheios de compaixão.

– Você vai continuar acreditando que algo incrível acontecerá. Vai usar o cérebro incrível e encontrar um jeito de resolver as coisas porque você é a mulher mais inteligente que conheço. – Tess ficou de pé, tirou o copo de café da mão de Kat e colocou-o sobre a mesa de centro. Depois, afofando uma almofada que colocou contra o braço do sofá, alertou: – Mas, agora, você vai dormir algumas horas.

– Eu tenho coisas para fazer – protestou Kat, sentindo os olhos pesados.

– Você precisa relaxar, precisa mesmo dormir – insistiu Tess, observando enquanto Kat se ajeitava no sofá. – Quando acordar, vai se sentir muito melhor e terá uma solução.

Deus, tomara que sim, pensou Kat, fechando os olhos. Ouvindo Tess se afastar e depois se aproximar mais uma vez, quis saber: – O que foi, Tess, esqueceu alguma coisa na sala?

– Ah... Não é que eu tenha esquecido alguma coisa aqui na sala. É que encontrei algo na sua porta.

Percebendo na voz de Tess uma combinação de surpresa e confusão, Kat abriu os olhos. A primeira coisa que viu foi um par de pés calçando tênis da moda sem meias. Depois, calça jeans que cobria as pernas musculosas e longas e um cinto de couro em torno uma cintura estreita e de uma barriga que, ela suspeitava, era um tanquinho. A camisa listrada de branco e azul fazia o peito parecer mais amplo, os ombros mais largos. As mangas daquela camisa cara estavam enroladas, revelando antebraços bronzeados e um Rolex, que

envolvia um dos pulsos grossos. A gola da camisa deixava à vista um trecho do peito coberto por uma profusão de pelos claros.

Olhos verdes, cabelo em desalinho, uma sombra sexy de barba em seu maxilar impressionante. Jesus, o que Jonas Halstead fazia em seu apartamento às 8h05?

Kat sentou-se a tempo de ver Tess se afastando. Ela franziu a testa para a amiga, que encolheu os ombros.

– Estou atrasada para o trabalho, desculpem-me! – vociferou Tess, deixando o apartamento da amiga sem esperar por uma resposta.

Desculpas? Tess não parecia se sentir culpada, de forma alguma. Ela se levantou enquanto tentava ajeitar o cabelo que parecia cheio de nós ao toque. Ah, sério? Essa era sua vida, agora?

Kat se obrigou a enfrentar os olhos de Jonas Halstead, que parecia estar se divertindo.

– O que diabos está fazendo aqui? Como me achou?

Ele tirou um cheque do bolso traseiro da calça e o jogou sobre a mesa de centro.

– Mil e quatrocentos dólares. É para pagar o vestido cuja etiqueta eu arruinei.

Ah, Sian sua traidora. Kat pensou que ela manteria a boca fechada! Maldição. Kat olhou para o cheque, suspirou e decidiu contar uma mentira.

– Eu não sei do que o senhor está falando.

– Ah, nem comece. Você estava usando um vestido caro, ainda com a etiqueta, para devolvê-lo hoje. Eu tirei a etiqueta, o que, conforme Sian me disse, foi uma coisa estúpida a se fazer. E agora você arrumou uma despesa que eu espero cobrir.

Kat olhou para o cheque, e de volta para Jonas. Deus, era tentador aceitar o dinheiro de Jonas, afinal, a culpa de toda aquela confusão era dele.

Ainda assim era caridade, e ela não aceitava caridade, nunca. Muito menos de homens sensuais que jogavam dinheiro nos outros como se fosse confete. Nada é simples quando se tratava de dinheiro e os motivos alheios sempre devem ser questionados. Ninguém, tampouco um empresário durão, distribui dinheiro sem esperar algo em troca.

Entre o ex e o pai, Kat estava cansada de homens e de seus jogos com dinheiro. Ela cruzou os braços e sacudiu a cabeça.

– Não vou descontar esse cheque.

Jonas pareceu chocado.

– O quê?

– Não vou aceitar seu dinheiro – avisou ela, falando sem pressa, como se explicasse a situação para uma criança de 3 anos. – Escolhi usar aquele vestido, ainda que soubesse que não poderia pagar caso alguma coisa acontecesse a ele. Como pode ver, o problema é meu, não seu.

– Coisa nenhuma! Eu é que não deveria ter me intrometido e arrancado a etiqueta.

– Talvez não, mas ainda assim não aceitarei seu dinheiro.

– Considere isso uma gorjeta – sugeriu Jonas, tentando fazer piada.

– Obrigada pela oferta, mas... Não.

– Você é a mais irritante, frustrante, sexy...

Kat prendeu a respiração quando ele pronunciou a última palavra e os olhos dele capturaram os dela. Uma palavra tão pequena tinha alterado a atmosfera entre eles, carregando o ar da sala de desejo e eletricidade. Deus, Jonas estava tão atraído por Kat quanto por ela por ele. Ela pôde perceber isso pela maneira como ele apertou e abriu os punhos, e no fogo verde em seus olhos. Se desse um passo na direção dele, cairia em seus braços. Sentiria seu calor, sua força. Descobriria se a boca sexy era tão macia quanto parecia ser, e se o toque das mãos dele faria com que faíscas percorressem sua pele.

Ela o desejava. Ainda que fosse irritante e jogasse dinheiro por aí, queria prová-lo, senti-lo, fazer amor com ele. Estava perdendo a cabeça, tinha certeza disso. Muito estresse e pouco sono... Não era de admirar que estivesse um pouco fora de si.

Kat ouviu Jonas praguejar baixinho e depois mencionou: – Isso é loucura. – Então, a mão cobriu o espaço entre eles e Jonas a tomou pelo pulso com leveza, dando-lhe a oportunidade de se afastar se quisesse.

Ela não se afastou.

Em vez disso, permitiu que ele a puxasse para junto do peito. Não se afastou quando a mão de Jonas descansou na parte inferior de suas costas, empurrando-lhe os quadris na direção dele, permitindo que ela sentisse sua

ereção contra seu estômago. A outra mão dele encontrou o peito de Kat, o polegar beliscando-lhe o mamilo com uma precisão mortal. Ele ainda não a tinha beijado e sua calcinha estava úmida.

Se Jonas não a beijasse, ela morreria. De desejo, necessidade, ou de pura frustração. Kat estava na ponta dos pés, a boca junto da dele. Sem se preocupar em parecer atirada, permitiu que os lábios procurassem os dele, a língua em busca da dele, querendo abrir caminho para dentro de sua boca.

Aquela não era ela, pensou Kat assistindo a cena de um lugar distante. Sempre esperava que os homens fizessem o primeiro movimento para beijá-la, sempre esperava que assumissem o controle. Ela apenas obedecia. Mas não hoje.

Ainda acariciando-lhe o mamilo com o polegar, Jonas a manteve contra ele e deixou que Kat o beijasse. Quando ele não fez menção de abrir sua boca ou a dela, Kat, sem saber o que estava fazendo ou se deveria estar fazendo aquilo, começou a se afastar. Jonas grunhiu um *não* e passou a mão do peito para a parte de trás da cabeça de Kat para mantê-la no lugar. Ela não iria, Kat percebeu, e quando a boca de Jonas começou a se mover, ela se deu conta de que não iria mesmo sair dali.

Jonas Halstead a estava beijando. Era algodão-doce e amendoim salgado, a luz do sol e o pecado, o prazer e a dor. Ele tomou a boca de Kat de assalto, sua língua entrelaçada com a dela em uma dança sexy. Kat, sem raciocinar, puxou a camisa dele para fora da calça para acariciar aquela pele quente e aquelas costas máscula. Jonas gemeu uma súplica e ela correu as palmas das mãos sobre o lindo traseiro dele, irritada com a barreira do tecido que separava-lhe os dedos da carne dele.

Jonas beijou o canto de sua boca e arrastou os lábios sobre a pele dela, pela mandíbula, descendo pelo pescoço. Fazia muito tempo que um homem a beijara daquele jeito, tocando-a como se ela fosse algo infinitamente precioso e incrivelmente lindo. Kat sentia muita falta daquilo. Ele mordiscou a clavícula dela. A pressão daquele contato e a onda de prazer que a tomou fizeram com que Kat arregalasse os olhos. O olhar dela pousou sobre o vestido.

Aquele pelo qual Jonas acabara de se oferecer para pagar.

Kat ficou rígida nos braços dele, perdendo o interesse por completo. Oh, Deus, Jonas achou que ela ia aceitar o dinheiro e essa era sua maneira de

demostrar gratidão? Achou que seria manipulada com facilidade? Achou que estava desesperada, ansiosa por ficar com um homem que era, com certeza, brilhante nos negócios? E na cama?

O que diabos havia de errado com ela?

Kat afastou-se dele e passou as mãos pela cintura.

– O que eu fiz? Não vou aceitar seu cheque, e para deixar tudo muito claro, não vou dormir com você.

Os olhos de Jonas ficaram gelados.

– Em momento algum propus tal acordo. E não vim aqui para transar com você.

– É mesmo? Você não hesitou em me beijar.

– Gostaria de salientar que você não lutou para se livrar de mim. – Ele começou a enfiar a camisa de novo para dentro da calça. – Minha camisa não se soltou sozinha.

Kat corou, baixou os olhos e deu um suspiro irritado.

– Por que você está brava, Katrina? Porque a beijei ou porque gostou e queria que eu continuasse?

Nenhuma das alternativas. Ambas. Que inferno.

Kat, sentindo-se alterada, passou por ele, de propósito, roçando o ombro com o braço dele antes de percorrer a pequena distância que os separava da porta. Sua tentativa de intimidação teve tanto impacto quanto uma mosca tentando mover uma vaca.

Quando alcançou a porta da frente, Kat a abriu e, quando Jonas se aproximou, ela fez um gesto para que ele saísse.

– Apenas vá embora.

– Não. É evidente que você está aborrecida, e quero saber o motivo.

Kat jamais poderia explicar. Pela primeira vez em quatro anos, durante aqueles poucos minutos nos braços dele, sentiu-se protegida, não tão sozinha. Kat se sentiu como se o mundo não estivesse conspirando contra ela, que a vida ia melhorar, que tudo acabaria bem. Não tinha nada a ver com o cheque, mas tudo a ver com sua força, o poder que irradiava dele. Jonas fazia com que ela se sentisse mais forte.

Deus, ele queria que ela cedesse, pedisse ajuda, acreditando que talvez, algum dia, pudesse confiar em alguém novamente. Amar alguém outra vez.

Jonas a fez lembrar-se de como era sentir atração, prazer e, oh, meu Deus, carinho. Emoções e lembranças que Kat, de propósito, mantivera trancafiadas, recusando-se a olhar para elas. Lembranças que machucavam, maldição.

Mas um beijo de Halstead tinha destruído as fechaduras do esconderijo, como se fossem feitas de açúcar. Kat não podia se permitir olhar para trás; não suportaria todas as recordações. Doía demais. E, pior, poderia levá-la a cometer os mesmos erros do passado.

– Por favor, vá embora.

– Katrina...

Kat tinha certeza de que sua cabeça estava a um minuto de explodir. A raiva, coisa muito mais fácil de manejar do que o medo, a tomou.

– Meu nome – gritou ela – é Kat! Tenho 28 anos. Não faço sexo há quatro anos. Estou muito falida e ainda não comecei a me preparar para o meu exame sobre Liderança e Responsabilidade Fiscal! Estou exausta e não preciso disso! Resta muito, muito pouco de mim e você está destruindo esse pouco que resta. Vá embora!

Kat, sentindo o sangue se acelerar e ouvindo um zumbido, sabia que se Jonas tentasse falar mais uma vez, ela o mataria. Aos poucos. Com as mãos nuas. Não importava que ele tivesse o dobro de seu tamanho, tinha tanta adrenalina e energia sexual represada em seu corpo que poderia lutar contra uma manada de hipopótamos e vencer. Jonas Halstead não teria a mínima chance.

Jonas a encarou como se ela fosse uma louca e saiu.

Kat bateu a porta, e atravessou a sala e foi direto para o quarto.

Enfiando-se na cama, puxou as cobertas sobre a cabeça e desejou poder ficar lá pelo o resto da vida.

Por que, diabos, o cheque de Jonas Halstead ainda estava sobre sua mesa de centro. E por que ela estava agora, mais do que nunca, tentada a descontá-lo.

CAPÍTULO 3

JONAS ERGUEU os olhos quando Sian entrou em seu escritório e fechou a porta. Arqueou as sobrancelhas, recostou-se na cadeira e esperou que ela falasse. Sabia, por experiência própria, que não demoraria muito.

Ela relatou tudo o que tinham que fazer no escritório temporário em Santa Barbara. Os empreiteiros em Cliff House encontraram mofo no porão; os pedreiros responsáveis pela reconstrução dos passeios de pedra estavam atrasados e a marca que teria o maior e mais importante ponto em seu novo shopping em Austin, Texas, estava em dúvida se deveria participar do empreendimento. Os investidores de um resort de esqui em Whistler estavam apreensivos: desaceleração global, menos renda disponível, aquecimento global, e seu chefe de recursos humanos estava se mudando para a Costa Leste.

Tudo em que Jonas conseguia pensar, no entanto, era naquele beijo excitante que tinha compartilhado com Katrina, "Kat", e no fato de que ela ainda não descontara o cheque. Mulher teimosa e irritante.

Afastar-se dela em vez de tomá-la para si ali mesmo onde estavam exigiu cada milímetro do pouco autocontrole que ele possuía. Jonas nunca se sentira tão extasiado com um beijo, tão entregue nos braços de uma mulher. Adorou beijá-la, tocá-la e adoraria ter feito mais.

Muito mais.

Aquilo tudo foi muito bom, mas Jonas não apreciou o fato de que Kat Morrison, hostess do melhor restaurante de Santa Barbara, falida e atualmente

vivendo no celibato, tivesse a habilidade de fazê-lo esquecer-se do próprio nome.

Ele não gostou disso.

Por outro lado, não conseguia parar de pensar em Kat, lembrando-se de como a pele dela parecia suave sob suas mãos, do sabor de sua boca, dos sons ofegantes que ela fazia. E seu cheiro, um cheiro limpo e natural, que parecia alojado no nariz dele. Também estava, e isso era preocupante, curioso e, pior, preocupado com ela. Kat tinha um bom emprego, por que estava falida? Por que não tinha namorado? Ela mencionara que tinha um exame sobre Liderança e Responsabilidade Fiscal para fazer em breve e aquilo era parte do programa de MBA. Jonas podia lidar com sua beleza e sensualidade, mas se ela fosse brilhante como ele suspeitava que era, sabia que estava encrencado.

Não havia nada mais perigoso do que uma mulher linda e inteligente.

Sian deu uma tapa na mesa e Jonas voltou ao presente. Falando sobre mulheres inteligentes e lindas, aquela parecia muito irritada.

– Ei, pode, por favor, tratar de se concentrar?

Jonas assentiu e passou a discutir cada uma das questões apresentada por ela, esperando abranger todos os tópicos.

– Terminamos aqui? – inquiriu Jonas, pouco depois.

– Sim, mas é irritante trabalhar com uma pessoa que está com outras coisas na cabeça.

– Posso fazer várias coisas ao mesmo tempo.

– Quer me contar o que está acontecendo? Você não parece o mesmo.

– Jack – chamou Jonas, fazendo com que o nome do seu avô soasse feito uma maldição.

– Então, o que o velho aprontou dessa vez?

– Advertiu que tenho três meses para me casar ou serei deserdado.

Sian sorriu, pensando que Jonas estava contando uma piada. Mas quando ele sustentou o olhar, ficou boquiaberta.

– Você está brincando comigo!

– Quem dera eu estivesse – respondeu Jonas.

Ele passara a última semana tentando convencer a si mesmo que Jack não estava falando sério, mas o advogado dele tinha lhe enviado uma carta oficial

explicando a exigência de seu cliente e assegurando a Jonas que Jack falava sério.

Jonas precisava se casar ou perderia tudo pelo que tinha trabalhado tanto, tudo o que fazia sentido para ele.

– Bem, parece que você não tem muita escolha – argumentou Sian. – Precisa se casar com alguém.

– Certo, coloque um vestido e vamos já ao cartório.

– Ha, ha, sujeito engraçado. Faz um ano que Garth me implora para que eu me case com ele, sem sucesso. Então, as chances de eu me casar com você são zero. Além do mais, se você se casar comigo, Jack definitivamente vai deserdá-lo.

Jack, com sua estreiteza de mente, jamais seria capaz de ver além das tatuagens de Sian para perceber como ela era brilhante.

– Diabos, Si, o que vou fazer? Preciso de uma esposa. Como vou encontrar alguém para se casar comigo antes que o prazo termine? Talvez se me humilhar, Gigi me aceite de volta.

Sian estremeceu.

– Não! Eu me recuso a permitir que você faça isso. Vai estar divorciado em seis meses.

E por que isso seria um problema? Depois de cumprir as exigências do avô, pretendia ficar casado o mínimo de tempo possível.

– Vamos lá, Joe, tem que haver outra pessoa interessante em sua vida, alguém melhor do que aquela atriz mesquinha e insuportável.

O rosto de Katrina no mesmo instante se desenhou na mente dele.

– Você está pensando em alguém! Conte-me! Quem?

– Ninguém. Vamos, Si, de volta ao trabalho.

Sian cruzou os braços e o encarou.

– Não. Conte-me em quem você está pensando.

– Não ia dar certo. Somos muito diferentes.

– Jonas! Quem é?

– Kat. Katrina Morrison – admitiu Jonas afinal, encarando-a, como se a desafiasse a rir dele. Se não estivesse tão e confuso e aterrorizado, também estaria rindo.

Mas Sian apenas inclinou a cabeça e devagar assentiu.

– Sim, posso vê-los juntos. Ela é muito legal, e apesar de só termos conversado uma vez, de fato, gosto dela. Vocês fariam bebês lindos.

– Ei, vamos esclarecer uma coisa, eu não estou procurando por uma esposa.

– Desculpe, entendi mal? Você não comentou que precisa se casar?

– Sim, mas com uma esposa temporária. Não uma *esposa* esposa.

– Uma *esposa* esposa?

Oh, Deus, aquela conversa estava ficando ridícula.

– Vai ser por apenas um tempo, não será um casamento de verdade. Pretendo ficar casado tempo suficiente para satisfazer meu avô. O casamento estará terminado no segundo em que as ações da empresa forem transferidas para mim.

– Isso não é meio frio da sua parte?

– Ei, eu não fiz as regras. Estou apenas jogando o jogo! – vociferou Jonas. – Quero encontrar uma mulher com quem eu possa ficar casado durante um ano, mas que não seja uma interesseira.

– Falando nisso, você soube que Sara está se divorciando do marido número cinco?

– O marido número cinco é o diretor de Hollywood? – Ele era informado sobre a vida pessoal da mãe pelas revistas de fofoca e gostava dessa distância entre eles.

– Sim. Ao que parece, ela está tendo um caso com Mervin Kline.

Sara, sempre tão fiel.

– Kline é apontado ser o décimo homem mais rico do país.

– Ah. – Sim, fazia sentido. Sua principal ambição, Jonas tinha certeza, queria ser a esposa do homem mais rico do mundo. O pai de Jonas, seu primeiro marido, tinha sido o começo de sua caminhada. Seu principal interesse, como tinha ficado claro muito cedo, não era a maternidade. Seduzir e se casar com homens ricos, era nisso que Sara era boa.

Sua última conversa com a mãe tinha acontecido há cinco anos, em seu trigésimo aniversário, e isso não deveria magoá-lo. Ele tinha ligado para ela, não ela para ele. Jonas tinha certeza de que a mãe apagara de sua mente a data do nascimento dele. Afinal, você não poderia dizer que estava no início da casa dos 40 se tinha um filho no começo da casa dos 30.

– Precisamos voltar ao trabalho, Sian.

– Por que você não convida Kat para jantar? Veja se gosta dela o suficiente para ser sua esposa temporária!

Bem, Kat não tinha descontado o cheque. E o expulsara da casa dela depois que se beijaram. Ela era um poço de problemas e, sempre que possível, Jonas tentava evitar problemas. Precisava que sua busca por uma esposa fosse tranquila, sem complicações, um acordo comercial. Zona livre de emoções.

Kat era independente, esquentada e irritante – ia dar trabalho. Ela era um problema, e Jonas devia fugir dela o mais rápido que podia. Era a última pessoa com quem ele deveria se casar.

Sian, lendo sua mente, deu um tapinha no braço dele.

– Boa sorte, chefe.

Ele ia precisar. Jonas se levantou e a beijou no rosto.

– Tem certeza de que não vai se casar comigo?

Sian acariciou o rosto dele.

– Querido, sem chance.

KAT SENTIA-SE grata pela loucura instalada no restaurante com as providências do almoço da sexta-feira. Isso a impedia de se preocupar com Cath, de pensar sobre seus problemas financeiros e sobre a necessidade de deixar seu amado apartamento.

Mas, mais do que isso, estar ocupada a impedia de pensar em Jonas Halstead e de como tinha se sentido nos braços dele. Kat baixou os olhos para o livro de reservas e tentou se concentrar no trabalho. Tinha reservas para a atual esposa e a ex-esposa de um produtor famoso, que eram também ex-melhores amigas, e em nome da paz mundial, precisava mantê-las em lados opostos do restaurante e fora do campo de visão uma da outra.

Os pensamentos de Kat voltaram para Jonas.

Ele sabia bem como beijá-la, e como lhe acariciar o mamilo com o polegar. Os beijos eram simplesmente mágicos. Ele exalava calor e poder. Um metro e noventa de pura masculinidade. Ombros largos, musculoso, impressionante, um olhar daqueles olhos verdes profundos foi o suficiente para que Kat desejasse arrancar as roupas e se jogar sobre ele.

O que diabos havia de errado com ela? Tudo bem, claro, estava sozinha há muito tempo, mas não era do tipo de enlouquecer por um homem. Com os

poucos amantes que teve e mesmo com Wes, despir-se exigira um ajuste mental, nunca tinha sido uma decisão fácil. Com Halstead, sua libido muito negligenciada assumira o controle. O corpo queria estar contra o dele, pele com pele.

Por que ele? Por que agora?

E por que ela não conseguiu tirá-lo da cabeça?

Kat deu uma espiadela para o relógio e viu que faltavam dez minutos para que o restaurante abrisse e ela tivesse que encaminhar cada cliente para sua respectiva mesa, tentando manter-se concentrada e serena. Não teria que vê-lo de novo.

A não ser que ele voltasse ao restaurante.

Droga! Kat mordeu o lábio e depressa folheou o livro de reservas. Não tinha feito reserva alguma em nome de Jonas, mas outro funcionário poderia ter feito isso. Procurou nas reservas do próximo mês e não achou o nome dele, mas ainda assim, ele poderia estar incluído na reserva de outra pessoa. Havia reservas feitas em nome de modelos, atrizes, cantoras, aquelas mulheres eram o tipo dele. Bem, Kat suspeitava que qualquer mulher que respirava fosse o tipo dele. Halstead não parecia ser um homem pronto para a monogamia.

Nesse ponto, Kat não podia culpá-lo. Casamento e compromisso eram para tolos. Wes havia arruinado aquilo tudo para ela. Kat tinha entrado em seu casamento de maneira toda equivocada e cega para a realidade, voando sobre um tapete mágico de atenção e elogios. O sexo não era excelente, mas ter alguém ao seu lado compensava o esporádico e breve sexo feito com luzes apagadas.

Sua vida sexual melhoraria depois de se casar, repetiu a si mesma. Mas estava errada. Nada melhorou. Na verdade, a coisa toda começou a ruir uma semana depois da lua de mel. Podiam estar casados, mas Wes a informou de não ter a menor intenção de cuidar dela financeira ou emocionalmente. Esperava que Kat se cuidasse sozinha.

Uma vez que ela agora morava com ele, declarou Wes, todas as despesas deveriam ser divididas por igual. O fato de ela ser estudante de tempo integral e de ele ser um executivo não importava. Ela acreditava nos direitos das mulheres, não? Bem, era hora de defender seus princípios.

Não reconhecendo o homem com quem tinha se casado e determinada a tentar permanecer casada, Kat tinha arrumado dois empregos, certa de que as coisas iam melhorar. Era um período de ajuste, pensou. Todo mundo dizia que o primeiro ano é o mais difícil em um casamento.

Então seu pai morreu. Seis meses mais tarde, Kat estava divorciada e, um mês depois, Cath recebera o diagnóstico. O mundo de Kat tinha se estilhaçado em pedacinhos.

Seu casamento disfuncional e o testamento do pai criaram um vazio no peito de Kat onde a descrença floresceu. Ela não conseguia mais acreditar em seja lá quem fosse. Era melhor ser independente, resolver os próprios problemas e seguir sozinha pela vida. Se agisse assim, ninguém poderia decepcioná-la e ninguém poderia machucá-la.

Mas, que inferno, Jonas a obrigou a se lembra de que ela, de fato, gostaria de fazer amor com alguém. O corpo excitado de um homem sobre o dela, dedos fortes pressionando em sua carne, lábios masculinos beijando os lábios e o pescoço, para depois seguir até os mamilos, percorrendo-lhe o estômago e...

– Ei, Kat, vamos abrir? Está na hora.

Kat ergueu a cabeça e espantou o devaneio, envergonhada por estar fantasiando sobre Jonas Halstead no trabalho. Deus, isso precisava parar, pensou ela, enquanto ia abrir as portas do El Acantilado. Jonas estava fora de seu alcance. Ele era um bilionário e ela uma hostess, alguém que só é notado quando as coisas dão errado.

Aliás, ele já tinha se esquecido dela. Tinha lhe dado um cheque, apaziguado sua consciência e partido para sua próxima loura. Era hora de ela seguir em frente também.

Encostou-se à pesada porta de madeira e vidro e, ao empurrá-la, estranhou quando deslizou com facilidade pelo trilho. Sentiu o calor de um corpo masculino atrás de si, sentiu o cheiro de limão e sândalo de um perfume caro e ergueu o olhar para se deparar com uma forte mão masculina sobre o batente, acima de sua cabeça, os punhos da camisa enrolados, deixando à vista um relógio Rolex, que ela reconheceu de imediato.

– Olá, Kat.

Ela encostou a testa contra o batente de madeira da porta e contou até dez, depois até vinte. Jonas estava de volta. Ele não tinha uma reserva, então a

única razão pela qual estaria ali era para vê-la.

O que ele poderia querer? Kat se endireitou, virou-se e encarou o homem que tinha invadido seus sonhos pelos últimos dez dias, pelo menos.

– O que deseja, sr. Halstead?

Ele deu um sorriso.

– Deus, amo esse tom puritano.

Kat não respondeu, apenas cruzou os braços e bateu o pé.

– Você está trabalhando esta noite? Gostaria de jantar comigo?

– Não estou trabalhando – refutou Kat, voltando para a mesa da recepção, passando apressada por ele, ela apanhou sua bolsa e, de lá, tirou um envelope.

– Certo, então eu a pegarei às 19h30 – comunicou Jonas, bastante confiante.

– Posso estar livre, mas não vou jantar com o senhor – assegurou-lhe Kat, desejando ser corajosa e ousada o bastante para dizer a ele que não queria comida, mas não diria não a uma noite de sexo excitante e sem compromissos.

Por mais que a fantasia fosse excitante, ela não fazia mesmo o tipo de uma noite e nada mais.

– Por que não? – perguntou Jonas, franzindo a testa.

Kat olhou para ele, divertindo-se com sua expressão confusa. Ficou óbvio que ele não ouvia a palavra *não* com frequência, e por que ouviria? Tinha boa aparência, era rico, bem-sucedido e inteligente. Quando ele chamava uma mulher para sair, a resposta padrão decerto era. "Sim, sim, por Deus, sim".

Mas para Kat, havia muitos motivos para responder não. *Não tenho tempo para namorar. Você é muito para mim. Não temos nada em comum. Mas, acima de tudo, odeio o fato de eu estar de modo tão insano atraída por você que há uma boa chance de eu pular em cima de você assim que ficarmos sozinhos.*

Incapaz de admitir a verdade, Kat usou de uma velha saída: – Não me é permitido sair com clientes, sr. Halstead. Eu poderia perder meu emprego, e ele é muito, muito importante para mim. – Não era de todo mentira. Sair com clientes não era encorajado, mas também não era proibido.

– Porque você está quebrada.

– Preciso do dinheiro, sim. A maioria das pessoas precisa de um salário para manter as contas em dia.

– Se você está precisando tanto de dinheiro, então por que não descontou meu cheque?

– Não aceito caridade, sr. Halstead. Nem mesmo de milionários ricos e arrogantes.

Kat lhe entregou o envelope e o observou pegá-lo, o branco do papel contrastava com a pele bronzeada.

Jonas passou o dedo pela aba, abriu e franziu a testa quando viu seu conteúdo. Kat havia cortado o cheque em pedacinhos. Ah, ela ia mandar o envelope pelo correio, mas observar a irritação dele em pessoa foi muito mais satisfatório.

– Você se divertiu fazendo isso?

– Sim – admitiu Kat.

Jonas colocou o envelope no bolso de trás de sua calça acinzentada e assentiu.

– Tem certeza de que não quer jantar?

– Sim – retorquiu Kat, tentando não olhar para a boca dele e vacilar.

– Sua boca está dizendo uma coisa, mas os olhos estão me confessando que você não se importaria de se despir e se jogar para cima de mim.

– O senhor já desperdiçou bastante do meu tempo, sr. Halstead. Tenho certeza de que tem coisas melhores a fazer.

– Na verdade, não. Mas a deixarei ir.

– O senhor fala como se pudesse me impedir.

Jonas olhou para a os lábios dela, os seios e depois a encarou outra vez. Deu um passo em sua direção e tomou o rosto dela em sua mão. Encarou-a, e aqueles olhos verdes cortaram a coragem de Kat.

– Katrina, ambos sabemos que seu a beijasse agora, você esqueceria seu nome.

Antes que ela conseguisse gaguejar uma resposta, Jonas abaixou a cabeça e, ah, com muita gentileza, beijou-a no canto dos lábios.

Uma corrente de eletricidade correu por seu corpo. Maldito.

Jonas se afastou e cutucou o nariz dela com a ponta do dedo, antes de deixar o restaurante.

Kat mordeu o lábio, levando os dedos até a boca, onde ainda podia sentir a marca daquele beijo sensual. Ele estava certo. Se ele a tivesse beijado, ela teria

esquecido o próprio nome em segundos.

E aquilo a deixava muito irritada.

TINHA SIDO um dia longo e frustrante e Jonas sabia que ele tinha duas escolhas. Poderia estrangular a próxima pessoa que fizesse alguma bobagem ou poderia sair para correr. Decidiu levar seu mau humor para as ruas de Santa Barbara.

Estivera muito ocupado para explorar a cidade desde que havia chegado. Estava hospedado em um hotel chique no centro da cidade e foi até a State Street, percorrendo mentalmente as direções que o gerente lhe dera. Depois de alguns alongamentos, ele começou a correr, passando pelas lojas ecléticas, cafeterias pedantes e pequenos teatros.

Essa era a cidade de Harrison Marshall, pensou ele, seu amigo e concorrente, era um garoto local, mas que não viera do mesmo estrato social que sua bem-nascida esposa. Harrison tinha lutado por tudo que tinha e Jonas gostava disso nele. Apesar de não precisar lutar tanto, o que muitas pessoas não sabiam é que Jack não havia facilitado o caminho para o neto assumir a empresa.

Durante as férias da faculdade, Jack o colocara para trabalhar, ganhando um salário baixo, fazendo qualquer coisa que o gerente precisasse. Quando Jonas se formou em Administração de Empresas, passou anos provando a Jack que era capaz. Depois de passar um tempo no gerenciamento da logística de suprimentos, recursos humanos e gerenciamento de projetos, foi promovido a vice-presidente. Tinha trabalhado sob a supervisão direta do pai, que era o principal diretor financeiro do escritório na época. Aqueles seis meses tinham sido pura tortura. Jonas percebeu que a Halstead tinha espaço para apenas um deles, e depois de uma luta intensa, ele permaneceu e Lane saiu.

Ocupou o cargo de Lane, como diretor financeiro e então tinha virado presidente da Halstead & Sons. E, ainda que ele não quisesse se gabar, estava fazendo um ótimo trabalho.

Claro, tinha trabalhado horas sem-fim para o crescimento da empresa, mas Jack não estava satisfeito.

Maldito Jack. Ele só ficaria satisfeito quando Jonas estivesse casado e Jack estivesse com a próxima geração dos Halsteads sentada em seu colo. Contudo, conhecendo Jack e sua exigência por perfeição, ele poderia não ficar satisfeito

nem com isso. Parecia a Jonas que sempre que ele atingia um objetivo, Jack movia a linha de chegada. Não importava o quanto ele trabalhasse duro, Jonas nunca preencheria as expectativas de Jack.

Ele queria traçar sua própria linha, marchar em seu próprio ritmo, ser julgado por seus próprios méritos. Queria se afastar de Jack. Desejava sua empresa, seu nome de família, ser um de seus investidores confiáveis. Queria provar que poderia fazer reuniões difíceis, evitando a prática de negócios desonestos nas quais o pai tinha se engajado. Jonas queria fazer aquilo do seu jeito, do *jeito certo*.

Mas para fazer isso, ele precisava se casar.

Jonas passou pelo cruzamento de avenidas, cruzou uma ponte e logo viu a Dolphin Fountain e, atrás dela, a praia se estendia. Parou um instante para observar o mar. Gostava dessa cidade. Decidiu correr até o fim da Stearns Wharf em vez de seguir pela praia. Os pés batiam contra o chão do cais, enquanto ele observava os pescadores e marinheiros descarregarem seu equipamento. No topo do cais, ele se virou e se questionou se Kat, alguma vez, tinha ido até ali. Ela caminhava ou corria por aquela rota?

Kat. Ele franziu a testa, lembrando-se de seu cheque feito em pedacinhos. Por que ela não o descontara para pagar o vestido? Isso não fazia sentido.

Kat recusara seu dinheiro e isso fez com que ele a respeitasse. Não conseguia se lembrar de alguma vez uma mulher ter recusado sua oferta para pagar alguma coisa.

Nem conseguia se lembrar de uma mulher se recusar a jantar com ele. No mundo de encontros e sexo casuais, Kat era... bem, uma aberração.

Ela não jogava conforme as regras. Inferno, ela não jogava. Era um enigma. E isso precisava mudar. Vendo um banco à sua frente, Jonas diminuiu o ritmo e então parou. Pegou o celular da bolsa que levava no braço e encontrou o número que estava procurando.

– Jonas Halstead, seu canalha.

Jonas sorriu para a voz familiar. Então, Harrison ainda não o tinha perdoado por roubar a Cliff House bem debaixo do seu nariz.

– Já que nos conhecemos há tanto tempo, você poderia ter a decência de manter as mãos longe dos meus negócios.

Jonas sorriu.

– Você tentaria me roubar o acordo?

– Claro que sim – retrucou Harrison sem vacilar, a voz soando divertida. – Então, meu amigo, o que posso fazer por você?

– Katrina Morrison – respondeu Jonas.

Jonas ouviu sua respiração acelerar.

– Consigo lidar com você roubando a Cliff House, mas ficarei bastante irritado se você roubar minha melhor hostess, Jonas.

– Relaxe. Eu não vou roubá-la. – Não que fosse uma má ideia. – Não hoje, pelo menos.

Ele ouviu o grunhido de Harrison e sorriu.

– Por que você quer saber sobre Kat? Está interessado nela?

– Talvez.

– Não se preocupe, filho. Fico atento quando se trata de minha equipe, e Kat recusou ofertas que variam de jantares à ida a apartamentos de vários homens.

– Ela diz que é contra a política da empresa.

Harrison calou-se por alguns segundos.

– Kat sabe que se conhecer um homem no El Acantilado, eu confiaria nela para manter seu trabalho e sua vida pessoal separados. Ela só não está interessada, até onde eu sei.

– Ela é jovem e linda, por que não estaria interessada em namorar?

– Não tenho ideia. Tudo que sei é que ela trabalha duro e tem alguns problemas financeiros. Ela não é tão durona quanto parece. Se você a magoar, eu não ficarei feliz.

Harrison falou isso de um modo direto. Com certeza, era protetor em relação à Katrina. Já que Harrison tinha o hábito de se meter nas vidas de seus amigos, familiares e empregados, Jonas se indagou por que não tinha feito sua mágica e resolvido o seja lá que preocupasse Kat.

Curioso, pediu que ele explicasse.

– Ela não me deixa ajudar – replicou Harrison. – É a mulher mais independente e teimosa que já conheci. Está determinada a viver a vida do seu jeito e rejeita minha ajuda sistematicamente.

– É tão irritante quando elas fazem isso – murmurou Jonas.

– Tudo o que Kat vai aceitar de mim é um desconto em seu aluguel, já que sou dono do prédio onde ela mora. Ainda assim, soube que ela vai se mudar no fim do mês, pois não pode arcar com o aluguel, e isso tem alguma coisa a ver com uma despesa inesperada com a qual não contava.

Aquele maldito vestido.

Mesmo contrariado, Jonas se deu conta de que a independência dela era atraente. Uma vez que estava tão determinada a se cuidar sozinha, seria a esposa perfeita, sem interesse no que poderia conseguir dele. Talvez eles pudessem chegar a um acordo.

Mas uma proposta de casamento surgida do nada não era uma coisa que ele poderia fazer a uma desconhecida. Precisaria estabelecer algum tipo de relacionamento com Kat, uma amizade pelo menos. Enquanto fazia isso, precisava manter as mãos longe dela. A atração sexual borbulhante era uma complicação, pelo menos por enquanto.

Mas se eles ficassem casados por dez meses, um ano, essa atração poderia ser um modo divertido de passar o tempo.

– Se ela tiver problemas financeiros, então vou pagar seu aluguel nos próximos meses – anunciou Jonas a Harrison.

– Jonas, ela não aceitaria nenhuma caridade.

– Diga que é um aumento. Ela precisa do trabalho, então vai aceitar – insistiu Jonas. – Vamos, Harrison...

– Você vai magoá-la? – interrogou Harrison, seu tom de voz estava carregado de dúvida.

– Acredite ou não, estou tentando ajudá-la – refutou Jonas e era verdade. Ele precisava de uma esposa; Kat precisava de dinheiro.

Harrison concordou em oferecer o aluguel de Kat como um aumento de salário, afirmou a Jonas que o faria em pedaços se magoasse Kat e Jonas agradeceu cheio de humor antes de desligar. Guardou o celular na bolsa e recomeçou a correr.

Precisaria de trabalho rápido e inteligente para conseguir o que ele queria, mas tudo bem. Era inteligente e trabalho duro não o assustava.

Ele, sem dúvida, iria se casar com Katrina Morrison, pensou Jonas, sorrindo.

Deus ajudasse a ambos.

CAPÍTULO 4

PASSAVA DA meia-noite e Kat tinha feito um turno duplo no trabalho e estava tão cansada que queria chorar. Harrison Marshall tinha comandado a cozinha naquela noite e a esposa, Mariella, também estivera no restaurante. Ela estava com o sobrinho, Gabe, que era o braço direito deles e, suspeitou Kat, algum tipo de poder por trás do trono Marshall. A presença dos Marshalls mudou a atmosfera do estabelecimento, eriçou a equipe e a levou ao limite. Inclusive Kat.

Como resultado, no fim de seu turno duplo, Kat estava com uma dor de cabeça que parecia prestes a lhe abrir o crânio ao meio. Saindo pelos fundos do restaurante, foi para o estacionamento dos funcionários, os pés doíam.

Kat parou para tirar os sapatos de saltos de sete centímetros. Abrindo a bolsa, procurou pelo par de chinelos que carregava para momentos como aquele. Droga! Pelo jeito, ela os esquecera em casa. Bem, podia caminhar descalça até o carro ou calçar novamente os sapatos. Fazer os pés voltarem para aqueles saltos doeria muito, então, Kat caminhou descalça, deliciando-se com o contato da grama fria com os dedos.

Kat ouviu barulho de pedras e viu o vulto de um homem grande encostado no capô de seu carro pequeno. Deveria sentir medo. O rosto dele era uma sombra e parecia ameaçador. Mas aquilo não a amedrontou. Graças ao coração trepidante e à pele arrepiada, reconheceu Jonas de imediato. Ele estava esperando por ela. Por quê?

Devagar, Kat caminhou até o carro, tentando ignorar a vozinha dentro de sua cabeça, lembrando-a de como era bom ter alguém esperando por ela,

ainda mais sendo ele grande, musculoso e, ah, tão sexy.

Saiu da faixa gramada e foi até seu carro. Ignorando Jonas, abriu a porta do passageiro, jogou a bolsa e os sapatos no assento e bateu a porta enferrujada do carro.

– Oi, perseguidor – disse, enquanto dava a volta no carro, até a porta do motorista.

– Olá.

– O que faz aqui?

– Estava pensando sobre você e tudo que sei é que vim parar aqui e fiquei esperando. Isso é bem estranho.

Claro que era, porque Kat era a última mulher no mundo na qual ele deveria estar interessado. Como a maioria dos homens ricos e solteiros, e homens casados que pensavam ser solteiros, tinha um tipo específico. Kat tinha visto o tipo dele nos últimos meses: mulheres lindas e que pertenciam ao universo dele.

Jonas só estava interessado nela porque ela o dispensou. E Kat não tinha tempo nem energia para participar de seus jogos. Tinha uma vida louca e complicada e não precisava adicionar o estresse de mergulhar em um flerte com um sujeito que se cansaria dela assim que tivessem feito sexo, e partiria para outra.

Kat se recostou contra a porta de seu carro e passou a mão pelo rosto. Não conseguiria lidar com aquela dose de sensualidade, não naquela noite. Os olhos queimavam, ela encarou os pés descalços.

– Não sou uma boa companhia, Jonas. Tudo que quero fazer é entrar no meu carro e ir para casa.

– Dia difícil, hein?

– Turno duplo, os chefões na casa, clientes irritantes, um figurão do mercado imobiliário que não me deixa em paz – respondeu Kat, tentando parecer leve, mas soando triste.

– Essa doeu. Está com dor de cabeça?

– A maior de todas – retorquiu Kat, franzindo a testa, quando ele a afastou do carro para se colocar atrás dela. Kat gemeu quando os dedos fortes apertaram os músculos tensos abaixo de seu pescoço, de seus ombros. Deus, se ele continuasse a fazer isso, ela iria se dissolver em uma poça aos seus pés.

Mas, Deus, aquilo parecia o céu e Kat desejou que ele nunca parasse. Jonas moveu o polegar para pressioná-lo em sua nuca e ela choramingou quando a dor, tão doce, fez seu estresse sumir.

– Você está muito tensa – sussurrou Jonas, com a boca junto da orelha dela. Kat estremeceu, desta vez de pura excitação. – Todos os músculos do seu corpo estão tensos.

– Os últimos dias foram bem difíceis.

Jonas colocou os braços sobre o peito dela, os antebraços lhe pressionavam os seios, criando uma proteção sólida e quente ao redor do corpo dela.

Kat permitiu que Jonas tirasse sua tensão, irritada por ele a fazer se sentir segura e não tão sozinha.

Jonas não falou, apenas a segurou contra ele, seu corpo grande um lugar para ela descansar. Kat desejou mergulhar nele, tomar para si um pouco de sua força, tanto mental quanto física. Queria um pouco de sua confiança, de sua esperteza, de sua atitude eu-sempre-sei-o-que-fazer. Porque não queria desejá-lo, isso a tirava do sério.

– Não é agora que você me pede para voltar para seu quarto e promete que massageará cada centímetro meu até que eu me sinta por completo desprovida de ossos? – inquiriu ela, estremecendo com seu tom malcriado.

– Faço um esforço para não ser previsível – retrucou Jonas. A voz, uma mistura de seda e aço, retumbou em sua orelha.

Kat empurrou o traseiro direto para o membro ereto e duro dele.

– Isso me dá uma resposta diferente.

– Você é uma mulher muito sexy, Katrina, e é isso que meu corpo faz quando estou abraçando uma mulher sexy. Isso não significa que pularei em cima de você.

– Então o que você está fazendo? – perguntou Kat, confusa de verdade.

Jonas soltou-lhe os braços e, com gentileza, fez com que ela se virasse para ele.

– Quem ou o quê você tem namorado, Katrina? Neanderthals?

Perto disso. Havia se casado com um.

– Você parece uma mulher que precisa de uma massagem no pescoço, que precisa de um abraço – explicou Jonas. – Alguém que precisava de um amigo.

– Oh – desdenhou Kat. Ela esfregou a testa e cerrou os olhos em direção a ele. – Então, você não veio até aqui para fazer amor comigo?

Kat ouviu a nota de desapontamento em sua voz e, quando Jonas riu, ela soube que ele também tinha ouvido.

– Você quer que eu vá embora?

Kat balançou a cabeça e abriu a boca para dar uma resposta afiada, mas a mão de Jonas em seu pulso fez as palavras morrerem em seus lábios. Sem aviso, ele abaixou a cabeça e sua boca cobriu a dela, com os lábios implorando aos dela para que se abrissem. E assim que eles obedeceram, a língua dele invadiu sua boca, fazendo-a se esquecer de qualquer pensamento coerente.

Kat só conseguiu se agarrar à roupa de Jonas, uma camiseta desta vez. Enrolou a mão no tecido e segurou com firmeza. Jonas pressionou as pernas contra os joelhos dela e a trouxe mais para perto de si, a saia ampla de seu vestido permitiu que ela sentasse sobre sua coxa musculosa, coberta pelo jeans da calça. Os dedos dele estavam a centímetros de sua virilha, cobrindo-a.

Deus, ela queria que ele a tocasse do pior, do melhor jeito.

Aquilo era loucura. Estavam em um estacionamento e ela estava se esfregando na perna dele, tentando se desvencilhar, esperando que ele lhe proporcionasse um orgasmo.

Jonas afastou sua boca e recostou a testa na dela, a mão quente ainda segurava-lhe a coxa.

– Juro que não é por isso que estou aqui, mas não vou me desculpar por desejá-la.

– Continuo prometendo a mim mesma que não vou beijá-lo de novo – murmurou Kat. Promessas postas de lado, a realidade era que ela queria mais daqueles beijos viciantes, o modo como ele fazia o coração dela bater, a pele se arrepiar. Ela o desejava. Mas porque se sentia tão fora de controle, afastou-se.

Jonas praguejou baixinho, passou a mão pelo queixo e praguejou mais uma vez. Colocou as mãos na cintura e olhou para o céu noturno.

– Posso trazer alguma coisa para você comer? Comprar uma bebida? Café? – indagou Jonas, a voz tinha voltado ao normal.

– Sinto muito. É tarde. – E ela estava se sentindo frágil e incapaz de resistir à tentação.

– Amanhã é sábado. Você vai trabalhar? – questionou Jonas, arrumando despreocupado sua calça, antes de passar a mão pelo cabelo.

– No turno do almoço.

Jonas entrelaçou os dedos aos dela.

– Amanhã à noite vou levá-la para comer e vamos ter uma conversa.

Kat balançou a cabeça com firmeza.

– Não vou sair com você, Jonas. – Ela estava tentando convencer a ele ou a si mesma?

– De fato, quero conversar com você sobre uma proposta de trabalho, uma coisa pela qual você pode se interessar.

– Que tipo de proposta de trabalho? – inquiriu ela, cheia de suspeitas.

– Você está cansada, e posso ver pelos seus olhos que ainda está com dor de cabeça. Conversamos sobre isso amanhã.

– Não vou participar de algo ilegal, Jonas.

Jonas parou de acariciá-la e deu um passo para trás.

Apesar da luz fraca do estacionamento, ela notou que seus olhos se acenderam, ficaram frios. Deus, suas palavras o feriram; ela podia ver a mágoa em seu olhar.

– Por que você pensaria que eu lhe pediria que fizesse alguma coisa fora da lei? – interrogou Jonas, afastando-se dela.

– Eu... – refutou Kat, pensando em mentir, então decidiu que ele merecia a verdade. Ela mordeu o lábio, antes de se forçar a responder, pois os lábios estavam um pouco adormecidos. – Leio as publicações financeiras, sigo as notícias sobre negócios. Sua família não é conhecida por jogar segundo as regras.

– Eu sei – afirmou Jonas, sua voz saiu tão gelada quanto o inverno na Sibéria.

Kat o viu curvar os ombros e enfiar as mãos nos bolsos da calça. Esperou que ele falasse novamente ou fosse embora.

– Sigo meu próprio código de conduta, Kat, então não me julgue pelo que eles fazem. Ou fizeram. Julgue-me por minhas palavras e ações.

Kat cruzou os braços e assentiu.

– Preciso que você diga em voz alta, Katrina.

– Eu o julgarei apenas por suas palavras e ações, não pela reputação de sua família.

Kat o viu soltar um suspiro longo, viu sua tensão se dissipar.

– Então, você ainda quer me levar para jantar amanhã à noite? – Estava curiosa para ouvir sua proposta de negócios e, sim, queria vê-lo outra vez.

– Sim, vou. Você quer que eu venha buscá-la ou quer me encontrar?

– Hum... Você não quer conversar na minha casa?

– Se eu for à sua casa, não haverá muita conversa. No nosso caso, a privacidade seria uma distração – avisou Jonas, com um tom seco de voz. – Encontre-me na Dolphin Fountain com a Stearns Wharf às 18h30.

– Tudo bem. Você vai me oferecer um emprego?

Jonas inclinou-se e deu um beijo em sua testa.

– Amanhã, Kat. – Colocou a mão na maçaneta da porta do carro e franziu a testa, quando não abriu. Ele deu outro empurrão e, então, a porta se abriu. – Kat, esse carro é seguro?

– Seguro o bastante.

– Vou segui-la com meu carro até sua casa.

– Ficarei bem, Jonas.

– Você está com uma dor de cabeça terrível e teve um dia difícil. Seguirei você até sua casa para ter certeza de que chegará lá em segurança. Ou pode deixar seu carro aqui e eu a levo com o meu. Pode argumentar até o amanhecer, mas essas são suas opções.

Mandão. Kat passou por debaixo do braço dele e se sentou diante do volante. Colocou a chave na ignição e praguejou quando o motor morreu. Tentou de novo, mas nada aconteceu.

Sussurrou uma pequena oração, voltou a girar a chave e sorriu quando o motor voltou à vida.

– Parece um velho asmático – brincou Jonas, lamentando.

– Não desdenhe do meu carro. Ele é clássico.

– É uma sucata segurada por ferrugem, rodas e um motor – murmurou Jonas, tocando a lataria acima da cabeça dela. – Vou segui-la até em casa. Claro, eu posso estar grisalho até chegarmos lá... se chegarmos.

NA NOITE seguinte, Kat chegou à Dolphin Fountain e, sentindo-se nervosa, sentou-se e procurou tranquilizar a si mesma que, em alguns minutos, teria as respostas para todas as perguntas que a consumiam.

Uma proposta de negócios?

Um trato?

Por que ela era tão atraída por ele?

A última indagação era fácil de responder, pensou Kat, observando-o caminhar em sua direção como se fosse dono da cidade. Jonas ficava sexy com seu terno caro, sua camisa de grife, mas vestido com uma bermuda cargo, uma camiseta verde-oliva e sapatos marrons, com os olhos protegidos por óculos escuros, ele parecia fantástico. Bilionário conhece pobretona na praia, pensou Kat.

Ele era tão gostoso.

Jonas parou diante dela e sorriu.

– Esta é a primeira vez que a vejo de cabelo solto. – Olhou para as costas dela e assoviou. – Na verdade, seu cabelo bate na sua cintura.

Constrangida com tanta atenção, Kat declarou: – Continuo com a intenção de cortá-lo, mas preciso que ele cresça mais um pouco.

– Você precisa dele mais comprido antes de cortá-lo? Isso não faz sentido.

– Se eu o cortar quando estiver um pouco maior, poderão fazer duas perucas com o comprimento cortado, em vez de jogar um monte de cabelo fora.

Jonas franziu a testa.

– Perucas? Você está vendendo seu cabelo?

Kat sorriu.

– Minha situação financeira não está tão terrível, Halstead. Eu doo meu cabelo para uma organização que faz perucas para pacientes com câncer, sobretudo crianças.

– Oh. – A expressão de Jonas pareceu ficar mais leve. – Isso é incrível. Como você conheceu essa instituição?

Primeiro, através de Cath, mas Kat não estava preparada para conversar com ele sobre sua amada tia, às portas da morte.

– Ouvi sobre o programa e encontrei uma cabeleireira que trabalha com eles. Deixo o cabelo crescer, Marcie o corta. É um acordo que beneficia a

ambas.

Jonas colocou seus óculos sobre o cabelo escuro e a encarou, com divertimento e respeito nos olhos.

Kat não gostou da sensação calorosa que percorreu seu corpo.

– Essa é uma boa coisa a fazer, Kat. Mas estou tentando imaginá-la de cabelo curto.

– Curto, estilo joãozinho. – Diante da expressão pasmada de Jonas, Kat sorriu. – Você não sabe o que é um corte estilo joãozinho?

– Entendo "corte" e "estilo", mas não entendi o conceito.

Kat se levantou e deu um tapinha no braço dele.

– Saio de um cabelo longo para quase nada. – Kat não conseguia acreditar que eles estavam discutindo estilos de corte de cabelo, quando havia assuntos mais interessantes a serem discutidos. – Então, quer me falar sobre aquele acordo?

– Quero. Vamos pegar uma bebida em um dos restaurantes no cais e podemos conversar.

– Por que não me contar agora?

– É complicado. – Jonas a encarou. – Gostaria que você bebesse um pouco antes de eu propor alguma coisa.

Pareceu que ele estava brincando, mas Kat suspeitou que não. Oh, Deus, o que ele estava pedindo que ela fizesse? Antes que pudesse exigir mais informações, ele mudou de assunto.

– Ah, explique-me uma coisa... o tal exame que você vai ter que fazer... Faz parte de um programa de MBA?

– Sim. Estou fazendo uma matéria por vez, demorando bastante em cada uma. É difícil, não vou mentir para você.

– Por que você não a terminou na faculdade? – Jonas viu a expressão no rosto dela e fez uma careta. – Ficou sem dinheiro, não foi?

– Sim, entre o divórcio e a morte do meu pai, permanecer na faculdade não foi uma opção.

– Você foi casada?

Kat assentiu.

– Por mais ou menos um ano.

– O que aconteceu?

– Esperava que ele me apoiasse quando minha vida desmoronou, pedi a ele que me ajudasse a passar por um período difícil. Ele escolheu não fazer isso.

– Imbecil.

Wes era mesmo um, Kat admitiu em silêncio.

– Foi há mais de quatro anos e ele me ensinou algumas coisas úteis.

– Como o quê?

– Bem, ele me ensinou que a única pessoa com a qual posso contar sou eu mesma.

– Isso explica sua independência furiosa. O que mais?

– Oh, que eu nunca mais me casarei.

– Ah, droga – murmurou Jonas, parecendo ranger os dentes.

– E por que isso seria um problema para você?

– Porque preciso me casar com você. E preciso que você aceite logo, tipo, nos próximos dois meses.

KAT PENSOU tê-lo ouvido sugerir que eles se casassem. Balançou a cabeça e o encarou, sem ter certeza de que ele estava fazendo uma piada.

Sem saber o que mencionar diante uma declaração tão ultrajante, Kat permitiu que Jonas pegasse sua mão e a levasse para um restaurante à beira-mar. Confusa, ela o seguiu até uma mesa do lado de fora, grata por poder se afundar na cadeira que Jonas puxou para ela.

– Quer uma bebida? – questionou.

– Eu *preciso* de uma – retorquiu ela e pediu uma margarita.

Jonas pediu uma cerveja e, quando a garçonete se afastou, advertiu, antes que ela pudesse falar qualquer coisa.

– Eu meio que pedi que você se casasse comigo.

– Foi uma pergunta séria?

– Sim.

– Você bebeu? – interrogou Kat. – Está drogado?

Jonas balançou a cabeça.

– Preciso mesmo que você se case comigo antes do fim de maio.

– Por quê? Porque você se apaixonou com loucura e não pode viver mais um dia sem mim?

– Você acreditaria nisso?

– Não. Eu não acredito em contos de fadas. Por que você precisa se casar?

Jonas a encarou e ficou óbvio que estava pesando o quanto deveria contá-la.

– Jonas, eu trabalho em um restaurante lotado de celebridades todas as noites. Vejo maridos jantando com suas amantes. Vejo esposas beijando seus instrutores de tênis. Vejo encontro de negócios entre inimigos jurados. Eu poderia vender essas histórias centenas de vezes. Sei como manter minha boca fechada.

Ele indicou que a garçonete estava se aproximando e esperou até que ela se afastasse antes de falar mais uma vez.

– Meu avô está ameaçando me deserdar, a menos que eu me case.

Kat não conseguiu acreditar no que estava ouvindo.

– Com certeza, isso soa um tanto medieval!

– Foi isso que eu aleguei a ele! – vociferou Jonas.

– Então... Por quê?

Jonas fez uma careta, parecendo desconfortável.

– Quando eu era mais jovem, namorei bastante...

– Você ainda namora bastante – ressaltou Kat.

– Justo. Mas meu avô era muito mais tolerante com minha vida social, quando eu estava na casa dos 20 anos, do que ele é agora, que estou na casa do 30. Eu deveria me casar, de acordo com ele, e de preferência ter filhos homens que herdem os negócios.

– Deus, não consigo acreditar no que estou ouvindo – anunciou Kat.

– Acredite. Meu avô quer garantir que haja mais Halsteads depois de mim, e para isso, devo me casar.

– Isso é legal? Você pode desafiá-lo?

– Jack pode deixar sua participação na empresa para qualquer um de quem ele goste e, se eu não dançar conforme sua música, essa pessoa pode não ser eu. Corro o risco de perder a empresa a qual dediquei meus últimos 15 anos, se não me casar.

Kat esfregou a parte de trás do pescoço, bastante fora do eixo.

– Mas por que eu, Jonas? Quero dizer, deve haver um monte de mulheres bonitas por aí que ficariam felizes em casar com você.

– Talvez. Mas elas querem um casamento de verdade e acesso às minhas contas bancárias.

– Ainda assim, por que eu?

– Com você, posso ter esse acordo de negócios. Sei que você precisa de dinheiro e estaria preparado para pagá-la. Esse arranjo não duraria mais do que dez meses, um ano no máximo. E eu faria esse ano de casamento comigo valer a pena para você.

Ela deveria encerrar aquela conversa, mas estava – maldita curiosidade – intrigada.

– Valer a pena para mim como? – inquiriu Kat.

– Eu pagaria quinhentos mil por cada mês que você fosse minha esposa, com o acordo de ser no mínimo dez meses, no máximo um ano.

Kat apertou seu copo de bebida e teve que se lembrar de respirar.

– Isso lhe custaria seis milhões de dólares – recordou ela, em voz baixa, de queixo caído.

– Eu esperaria que você assinasse um acordo pré-nupcial. Seria um acordo legal.

Jonas tinha dito que era um acordo de negócios e ele o discutia sem qualquer paixão. Precisava de uma esposa. Estava preparado para pagar por uma. Kat precisava de dinheiro, ele tinha.

Seria a solução para muitos dos problemas dela.

– Você poderia voltar para a faculdade, terminar seu MBA. Conseguir um emprego onde pudesse usar sua inteligência para mais do que apenas reservar mesas.

A mente de Kat corria. Ela poderia ficar em seu apartamento. Poderia comprar um carro novo, pagar por aquele maldito vestido. Poderia ajudar Cath a encontrar o cuidado do qual precisava. Deus, Kat seria livre. Era tentador. Era insano.

– Jonas, que loucura. Você não pode estar falando sério. – Kat esperava que ele lhe assegurasse que estava brincando. Então, eles cairiam na risada sobre a incrível peça que ele havia pregado nela.

Em vez disso, Jonas só se debruçou na cadeira, batendo o dedo na garrafa de cerveja, parecendo muito calmo para um homem que tinha acabado de

virar o mundo dela de cabeça para baixo. Kat tomou o restante de sua bebida em um só gole e bateu o copo sobre a mesa.

– Você pode pedir outra bebida para mim?

Jonas lhe passou sua garrafa quase cheia de cerveja.

– Você tomou tudo de uma vez. Que tal uma coisa mais leve antes de desmaiar?

Kat quis protestar, mas sabia que ele estava certo.

– Então, o que você esperaria de mim?

– Eu não sei. Não pensei em nada além de mostrar ao meu avô a certidão de casamento e ver suas ações passarem para minhas mãos.

– Bem, talvez você devesse pensar nisso. Quem quer que seja sua esposa, você terá uma mulher em sua vida de um modo semipermanente. Espera que ela viva com você? Onde você mora, aliás?

– Tenho um apartamento em Los Angeles, próximo da sede da Halstead. No momento, estou hospedado em um hotel não longe daqui.

– Por que você está aqui em Santa Barbara? Há pessoas para cuidar de seus projetos?

– Faço trabalho remoto e volto para a sede para gerenciar e para reuniões de acionistas. Vou de um projeto ao outro. A Cliff House me encanta e eu quis ficar por perto para supervisionar a reforma.

– Então, onde sua esposa viveria? – perguntou Kat.

– Em qualquer lugar que ela desejasse. Eu alugaria uma casa ou um apartamento e pagaria seus gastos, seu carro.

Kat reuniu coragem e indagou a Jonas aquilo que queimava dentro dela.

– E sobre sexo?

– O que tem isso?

Kat revirou os olhos.

– Faria parte do acordo? Você esperaria que sua esposa falsa transasse com você?

– Não... Não sei. – Quando ele percebeu o aborrecimento dela, os olhos brilharam de raiva. – Tudo que quis dizer é que não pensei ir tão longe. Claro que sexo não faria parte do acordo. Você poderia, por favor, parar de presumir o pior a meu respeito?

Deus, até irritado ele era sexy. Seus traços ficavam ressaltados e os olhos verdes brilhavam. Deus, ela o desejava. Demais. E o que diria a seu respeito ela estar se sentindo desapontada por sexo não fazer parte do acordo?

– O acordo de casamento estaria em total separação de qualquer coisa que acontecesse no quarto. – Jonas bateu sua garrafa na mesa, parecendo chateado. – Não acredito que tenha de explicar isso!

Ela o magoara, percebeu Kat. Não tinha essa intenção, mas magoou mesmo assim. Desejou pensar o pior a respeito dele. Era um mecanismo de defesa. Afastá-lo a manteria distante de sentimentos, não apenas de desejá-lo, mas de gostar dele. Com a luxúria ela conseguia lidar, era fácil de descartar. Mas gostar dele? Gostar dele era muito mais problemático. Gostar dele levava a amor e amor não era um sentimento que ela estava preparada para ter. Não novamente.

– Desculpe-me – proferiu ela, com meiguice.

Kat viu a mão de Jonas se apertar em torno de sua garrafa de cerveja e observou, fascinada, enquanto ele flexionava os dedos. A tensão e o aborrecimento desapareceram de seu rosto, depois que ela pediu desculpas. Quando os olhos dele se encontraram com os dela outra vez, não mais transpareciam raiva.

– Eu quero você, sabe disso, assim como eu. Mas o sexo não faz parte do acordo. Se acabarmos juntos na cama, essa seria uma discussão separada. Está claro?

– Sim, está.

– Você quer comer? Está com fome?

Casamento, sexo, seis milhões de dólares e ele estava questionando se ela queria comer? A mente de Kat era rápida, mas ela não estava dando conta.

– Você quer comer?

– É claro, estou faminto.

– Estávamos discutindo casamento.

Jonas abriu seu cardápio e deu um olhar simpático para ela.

– Soltei uma bomba, Kat. Não espero que você me dê uma resposta hoje ou mesmo amanhã. Tire um tempo para pensar sobre isso.

– Decerto direi não – alertou a ele, em tom de advertência.

– Sei disso. – Ele deu um sorriso. – Confie em mim, você dizer sim de imediato seria a maior surpresa da minha vida. Mas algumas vezes, não com tanta frequência, milagres acontecem.

CAPÍTULO 5

Claro que ela não se casaria com Jonas Halstead. A ideia era ridícula, absurda.

Claro, casar-se com ele tornaria sua vida mais fácil. Dinheiro fazia isso. Mas aceitar sua oferta faria com que se sentisse como uma mercadoria, como se Halstead fosse seu dono, do mesmo modo que é dono de seus carros e ternos caros. Ela não pertencia a ninguém, nunca pertenceria. Não, meu Deus, faria o que tivesse que fazer em seus próprios termos, dançando a própria música.

Seis milhões de dólares. Seis milhões de motivos para dizer não. Kat estacionou do lado de fora da pequena casa de Cath em San Roque, tirou a chave da ignição e saiu de seu carro enferrujado. Olhou para as rodas, pensando que pareciam um pouco carecas. O diabinho em seu ombro começou a sussurrar, *Um mês casada com Halstead faria mais do que consertar seus pneus*. Mudaria sua vida, viraria seu mundo de cabeça para baixo, tornaria tudo novo, brilhante e reluzente. Uma pequena cerimônia, um contrato assinado e seria salva.

Kat sentiu o coração revirar e engoliu em seco. Como esposa de Jonas, poderia esquecer as noites que tinha passado olhando as contas, tentando transformar um dólar em dez, as horas que tinha passado trabalhando para juntar dinheiro para sua pós-graduação, as brigas que teve com sua madrasta, implorando que June liberasse algum dinheiro para que assim pudesse terminar a escola.

As memórias a atingiam feito uma onda ácida, química. Tinha gritado, chorado e implorado, mas June permanecera irredutível. O pai tinha deixado

todos seus bens para a esposa: dinheiro, apólices de seguro e todas as coisas de sua casa, incluindo as posses pessoais da primeira esposa; e June não tinha qualquer intenção de partilhá-las.

– Vá pedir dinheiro ao seu marido – ordenara June. – Quando você se casou, tornou-se responsabilidade dele. – Wes, aquele calhorda mesquinho, recusou dinheiro para os estudos e, não muitas semanas depois disso, ele magoou Kat do pior modo possível.

A morte repentina do pai e seu testamento chocante fizeram com que Kat se sentisse desvalorizada. Claro, desde o primeiro dia, ela e June tinham lutado, sobretudo porque June se ressentia e muito em precisar dividir seu marido com a filha dele. Como resultado disso, o relacionamento de Kat com o pai tornou-se tenso. Mas Kat nunca pensou que seria cortada de seu testamento. Ele poderia, pelo menos, ter deixado para Kat as fotografias, joias e lembranças da mãe. Na última vez que Kat tinha visto June, percebera que ela estava usando o par de brincos de diamante favoritos de sua mãe. Kat mal se conteve, tamanho o desejo de arrancar os brincos das orelhas dela.

Não tinha certeza de que poderia perdoar o pai por isso.

Jonas também estava enfrentando algo bem sério, embora em uma escala maior. Ele poderia perder centenas de milhões de dólares, possivelmente bilhões, se não se casasse, mas Kat sentia que ele estava menos preocupado com o dinheiro do que com a empresa. Curiosa, ela pesquisou sobre a Halstead & Sons e não havia dúvida de que Jonas tinha, nos últimos anos, feito grandes mudanças na empresa.

Na era pré-Jonas, a Halstead tinha sido abalada por escândalos envolvendo práticas de construção de baixa qualidade, baixos salários, processos trabalhistas e práticas questionáveis de negócios. Jonas tinha mudado tudo isso, jornalistas do mercado de negócios diziam, com frequência, que ele era esperto e duro como seus predecessores, mas tinha a integridade que parecia estar faltando às gerações prévias de Halsteads. As práticas de construção foram melhoradas, adotaram-se comportamentos de segurança no trabalho, e agora a Halstead pagava um dos melhores salários da indústria. Jack Halstead pode ser dono das ações, mas a empresa era de Jonas. Ela não poderia culpá-lo por querer fechar um acordo.

Mas *casamento*?

Poderia confiar que ele manteria a palavra e faria o que comprometeu-se? Ele tinha falado sobre acordos pré-nupciais, sobre contratos legais, mas como ela bem sabia, documentos sempre podem ser contestados. Seu pai comunicara: "*Pagarei por sua educação, as coisas de sua mãe serão dadas a você quando chegar a hora certa*", e tinha voltado atrás em sua palavra. Wes prometera amá-la, protegê-la e cuidar dela e se esquecera de seus votos. Tinha prometido ser seu marido, seu melhor amigo, seu amante e seu suporte. Acabou sendo um valentão com pouco desejo sexual.

E ela estava considerando se casar de novo? Não poderia, não iria... Não deveria. A oferta de Jonas era boa demais para ser verdade. Seis milhões de dólares não valiam a perda de seu respeito próprio. Ou de seu coração.

Além disso, para casar com Jonas, ela deveria confiar nele, até certo ponto pelo menos. Ela ainda estava cuspindo água, porque os dois homens que amou e adorou tinham-na deixado se afogar.

E ela estava pensando em entrar naquele lago obscuro mais uma vez? Não poderia fazer isso.

– QUERIDA, ESTAVA dando uma olhada nos gostosos naquele aplicativo de pegação.

Kat, parada na porta da sala de estar de Cath, deixou a bolsa cair no chão e deu uma boa olhada na tia. Cath não parecia pior do que estava na semana anterior. Isso tinha que ser um bom sinal. Estavam esperando pelos resultados dos últimos exames de sangue, que lhes diria se Cath viveria até seu sexagésimo aniversário ou não. Tão nova, pensou Kat, e tão cheia de vida.

– Encontrou alguém com quem queira sair? – interrogou Kat, beijando a tia no rosto. – Trinta e cinco anos é uma diferença e tanto de idade, querida. Até para senhoras assanhadas feito você.

A risada de Cath não foi tão forte como costumava ser.

– Não para mim, sua tonta, para você!

– Você está procurando um encontro no aplicativo para mim?

– Sem dúvida! Tive que me segurar. Só dei sinal positivo para vinte sujeitos e a maioria deles correspondeu e quer conhecê-la.

– Você me registrou no aplicativo e agora está escolhendo meus encontros?– Kat tomou o *tablet* da mão de Cath e viu as fotografias de, sim, vinte homens na tela. Um estava lambendo o guidão de sua bicicleta.

– Esses? O que você está pensando? Este aqui está com a língua congelada e grudada em um poste!

– Oh, acho que dei positivo quando caí no sono uma ou duas vezes.

– Ou dez! Não vou me encontrar com nenhum deles.

– Por que não?

Kat olhou para o *tablet* novamente.

– Muito jovem. Muito vagabundo. Muito apaixonado por sua motocicleta. Psicopata. Sociopata. Viciado em ginástica!

– Você é muito exigente – comentou Cath.

Kat jogou o *tablet* na almofada do sofá e deu um suspiro frustrado.

– Cath, já tenho problemas demais. Não preciso sair com malucos.

– Eu ficaria feliz se você apenas saísse com alguém e se divertisse um pouco. Sexo é uma forma excelente de aliviar a tensão.

Kat abriu a boca para falar, deu-se conta de que não tinha nada a relatar e cerrou-a outra vez. Depois de um minuto, balançou a cabeça.

– Minha mãe era tão elegante. Como é possível que vocês duas fossem gêmeas?

– Ah, fui trocada na maternidade. Sou, de fato, filha de um bilionário.

Ainda que ela nunca mais ouvisse a palavra *bilionário*, já a teria ouvido demais.

Kat notou que Cath inspirava demais, uma indicação certa de que uma onda de dor estava prestes a contrair todos os músculos do seu corpo. Cath ofegou de leve, fechou os olhos, e Kat assistiu, impotente, enquanto a tia lutava contra a dor. Depois de um minuto, Cath enfim relaxou, mas estava pálida e parecia derrotada.

O analgésico não era forte o suficiente, pensou Kat, ajoelhando-se à frente de Cath e pousando as mãos no joelho dela.

– Você não está melhorando, não é?

Quando a tia fora diagnosticada com câncer no pâncreas, elas prometeram sempre serem sinceras uma com a outra.

– Não, não estou.

– E não há nada mais que possam dar a você? Nada mais que possam tentar?

– Este é o remédio mais potente que meu seguro cobre. Depois disso, o próximo passo são drogas experimentais, testes clínicos, ser uma cobaia humana.

Kat assentiu. Certo, então seria isso que fariam. A gêmea da mãe, sua mãe de coração, não sucumbiria àquela doença. Não sem lutar e não até que todas as opções disponíveis fossem exploradas.

Aquela era a mulher que abraçara Kat enquanto ela chorava sobre o caixão da mãe. Era para a casa da tia que Kat corria quando as paredes da sua pareciam sufocá-la. Cath ensinara-lhe tudo sobre as abelhinhas e as flores, levara a sobrinha para fazer compras, para a festa de formatura na escola. Cath assumira o papel de mãe da noiva no casamento de Kat. Tinha secado as lágrimas da sobrinha, cuidado dela durante sua primeira ressaca e sua primeira desilusão amorosa, segurado sua mão na morte do pai de Cath e durante seu divórcio. Cath fizera o papel de mãe que June sempre se recusara a assumir.

Cath era seu lar, onde Kat se sentia amada de verdade. Cath era o centro do seu mundo e não podia perdê-la. Já perdera demais.

– Certo, então vamos fazer isso. Com quem devo entrar em contato?

Cath soltou uma breve risada.

– Minha querida Kat, sempre pronta para a batalha. Não vai acontecer, meu bem. Esses testes todos acontecem na Europa, há um sendo levado a cabo na Suíça e custa... Meu Deus, o custo! Para ser clara, entre nós duas não temos dinheiro para pagar a passagem de avião, muito menos o custo desse tratamento.

– Vou arranjar dinheiro – afirmou Kat, e o rosto de Jonas surgiu em sua mente.

– Kat, não estou falando de dez mil dólares, nem de vinte mil. Estou falando de dinheiro de verdade. É algo que devo aceitar, minha querida menina, e você também.

Ela não precisava aceitar coisa alguma. Enquanto existissem opções para a recuperação de Cath, ou mesmo para uma melhora, Kat não se permitiria imaginar um mundo sem sua tia. Enquanto lhe sobrasse um sopro de vida no corpo, faria o que fosse possível para cuidar de Cath.

Sabia o que precisava fazer.

Não podia pensar muito sobre isso, só tinha que mandar a mensagem de texto. Se vacilasse, se hesitasse, perderia a coragem e Cath poderia morrer. Talvez não hoje ou amanhã, ou mesmo em um ano, mas antes do que deveria. Kat não seria capaz de viver consigo mesma se isso acontecesse.

Ainda mais se fosse capaz de evitá-lo.

Oi, é Kat.

Aquela oferta de seis milhões de dólares ainda está de pé? Se estiver, estou interessada. Ligue para mim.

Pronto, estava feito. Afinal, pensou, com lágrimas brotando nos olhos, parecia que ia se casar. Por dinheiro.

– Quer chá? – inquiriu Kat.

– Preferia um uísque duplo – resmungou Cath.

– Assim como meu encontro com algum desses homens que você selecionou, não vai acontecer.

Chegou uma mensagem de Jonas.

Kat, Estou em Toronto. Temos um problema em um projeto que preciso resolver. A oferta ainda está valendo, mas vamos conversar. Ligo para você quando estiver de volta.

A decisão estava tomada. Casar com Jonas lhe daria acesso a todo o dinheiro de que precisava: mas, meu Deus, quanto lhe custaria?

DEPOIS DA morte do pai e de se divorciar de Wes, Kat garantira sempre ter um plano B... E um plano C. Nunca mais queria ser pega de surpresa de novo. Mas se Jonas rescindisse a oferta, o que era bem possível, já que não tivera notícia dele em quatro dias, pouco ou nada poderia fazer para ajudar Cath. Como conseguiria viver com esse peso?

Kat bateu a porta do carro e seguiu pelo passeio que levava à porta da frente de casa, carregando a bolsa e os sapatos altos. Estava exausta. Tinha aceitado todos os turnos disponíveis, e isso queria dizer que dobrara as horas

de trabalho durante toda a semana. Em vez de dormir, passara o tempo livre no computador, pesquisando informações sobre o tratamento de câncer de pâncreas.

Os testes clínicos da Suíça tinham critérios muito rígidos para aceitar novos pacientes no programa. Cath tinha passado da idade de admissão, e seu câncer estava em estágio avançado demais para que fosse aceita.

Havia um médico na Califórnia que também estava trabalhando com um tratamento similar, e era tudo uma questão de dinheiro, como tantas vezes.

– Kat, sou eu. Não grite.

Um vulto moveu-se no topo da escada. Kat olhou para cima e viu Jonas sentado em um degrau. Sob a luz acesa na entrada, ela pôde perceber a barba nascente em seu queixo e os olhos cansados.

– Céus, você tem o instinto de sobrevivência de uma traça – resmungou Jonas. – Quando vir um vulto, corra. No mínimo, grite.

– Sabia que era você – mencionou Kat. Não conseguia explicar, mas sabia que se fosse qualquer um além de Jonas à espreita, ela teria gritado e fugido.

Estava bastante exausta, mas só de vê-lo recebeu uma injeção de ânimo.

– Suba aqui, Kat.

Ela subiu os degraus e sentou-se ao lado dele. Estirou as pernas e curvou os pés, gemendo de puro alívio.

– Noite longa?

– Um par de dias e noites longos – replicou Kat. – Quando voltou?

– Hoje de manhã. Tentei ligar para você o dia todo, mas cada vez que eu pegava o celular, jogavam um problema novo na minha cara. Quando acabei era mais de 22h e eu sabia que você estaria no trabalho. Então fui correr, fiz um lanche e pensei em esperá-la aqui. Há algo muito errado com seu carro. Consegui ouvi-lo chacoalhando bem antes de você fazer a curva.

– Estou grata por ele ainda funcionar.

– Duas palavras. *Ferro-velho*.

– Outras duas. *Estou falida* – retorquiu Kat. – Está bom aqui para você? A noite está tão agradável e meu vizinho está fora por duas semanas, de modo que conversar aqui não vai perturbar ninguém.

Jonas reclinou-se para trás e apoiou os cotovelos no degrau atrás de si.

– Certo. Fiquei muito surpreso de receber sua mensagem de texto. Pensei que precisaria ser muito mais persuasivo para conseguir um "sim".

– Eu tinha a intenção firme de responder não.

– O que a fez mudar de ideia? O que aconteceu?

– Sou filha única e minha mãe morreu quando eu tinha 14 anos. Meu pai se casou mais uma vez seis meses depois da morte dela, e June, minha madrasta, é... difícil. Antes da morte da minha mãe, meu pai e eu éramos grandes amigos, mas June não apreciava nossa proximidade e conseguiu nos afastar. Acabei passando a maior parte do meu tempo com minha tia Cath, que é a irmã gêmea da minha mãe.

– Seu pai ainda está vivo?

– Morreu há cinco anos. Teve um ataque cardíaco.

A voz de Kat baixou e ela sentiu a mistura de angústia e mágoa lhe apertar a garganta, fazer arder o nariz.

Jonas pousou a mão na sua nuca e no mesmo instante Kat relaxou. Como é que ele fazia aquilo?

– Ele deixou tudo o que tinha, cada centavo, para June. Deixou para mim a casa da minha infância, é verdade, mas June tem o direito de morar lá até morrer e eu tenho que pagar pela manutenção.

– Que absurdo. Sua madrasta não colabora?

– Se eu estivesse em chamas, June jogaria gasolina em cima de mim. Cath, ao contrário, é uma pérola. Pagou meu último semestre na faculdade para que eu conseguisse me formar.

– Ela parece ser uma pessoa boa.

– Ela é. Tem sido minha fortaleza, minha melhor amiga, minha segunda mãe.

Jonas acariciou sua nuca com o polegar.

– Mas...?

– Na mesma época em que Cath pagou meus estudos, foi diagnosticada com uma forma rara de câncer de pâncreas. Ela é uma alma vibrante, divertida, alegre, livre, mas agora está presa a uma cadeira de rodas e à cama, e isso está me matando. Quero dizer, *isso a está matando*. De qualquer forma, não há nada que os médicos possam fazer por ela aqui em Santa Barbara. Minha falta de dinheiro e a falta de experiência deles com esse tipo de câncer são

obstáculos irremovíveis. Mas existe um médico que trabalha em uma clínica em Malibu, chamada Whispering Oaks. Ele é um pesquisador e está procurando voluntários para testes. Obteve alguns resultados incríveis com uma combinação de remédios homeopáticos e drogas pesadas. Parece a resposta às nossas preces. É caro, mas se você... Bem, me pagar para ser sua esposa, eu poderia assumir o custo.

– E pagar o vestido.

Kat não sorriu à sua tentativa de fazer graça.

– O dinheiro é o problema principal, mas há outros.

– Por exemplo?

– A lista de espera é imensa e repleta de gente mais jovem, de gente com família, de adolescentes, de crianças. De forma racional, posso entender isso. Mas quero que a escolham! Ela é tudo para mim!

Jonas puxou-a para si.

– Shhh, querida. Está tudo bem.

Kat aconchegou a cabeça em seu ombro, incapaz de refrear as lágrimas reprimidas há tanto tempo. Não queria se mostrar fraca, mas quanto mais tentava estancar as lágrimas, quanto mais tentava parar de soluçar, mais chorava.

Fomos fortes por tempo demais, sussurraram seu coração e sua alma. *Deixe-nos derramar esse pranto.*

E foi o que Kat fez. Afastou-se de Jonas, abraçou os joelhos e soluçou. E Jonas deixou-a chorar, acariciando-lhe as costas em círculos com a mão larga, oferecendo-lhe como âncora quando a dor ameaçava levá-la para o fundo.

Enfim, as lágrimas diminuíram e os soluços aquietaram. Ele estendeu a barra da sua camiseta, erguendo o tecido para passar o algodão macio sobre seu rosto, pelo seu queixo. Segurou-a em frente ao nariz dela.

– Quer assoar? – perguntou.

Kat recuou, chocada.

– *Não vou* assoar o nariz na sua camiseta!

– Graças a Deus.

Jonas sorriu, soltando a camiseta. Inclinou a cabeça.

– Melhorou?

– Sim, obrigada. Desculpe-me por isso. Estou tão cansada, muito esgotada. É difícil ser forte dia após dia, noite após noite. Estou tão cansada da responsabilidade. Fico esperando a próxima onda de problemas me atingir, imaginando se é a que por fim vai me afogar.

– Vai ficar tudo bem, Kat.

A mão de Jonas passou sobre a cabeça dela quando a puxou para perto.

– Pare de chorar agora, você vai acabar doente.

– Não posso me permitir ficar doente – murmurou Kat junto do pescoço de Jonas, com os braços em volta dele. Jonas tinha um cheiro tão bom, um cheiro de raios de sol, aconchego e calor. Se pudesse ficar ali até sentir-se melhor, mais forte, ficaria tão agradecida.

Jonas passou o braço sob as pernas dela e, sem nenhum esforço, ficou de pé, mantendo-a aninhada contra seu corpo.

– Onde está sua chave, Kat?

Kat abriu a mão para mostrar-lhe a chave que segurava desde que saíra do carro. Jonas assentiu e caminhou até a entrada. Equilibrou-a no joelho erguido e conseguiu destrancar a porta da frente. Sem acender as luzes, atravessou o apartamento até o quarto e suavemente pousou-a na cama. Olhou para ela enquanto tirava os chinelos de seus pés.

– Você precisa dormir, Kat.

Jonas delicadamente ergueu seu vestido, puxando-o por seus quadris e pelo seu peito. Kat, cansada demais para ficar constrangida e sentindo-se segura por completo, ergueu os braços. Depois de Jonas lançar o vestido sobre uma cadeira, pousou sua mão larga no ombro dela e a fez deitar-se. Kat ajeitou a cabeça no travesseiro macio e sentiu os olhos se fechando. Forçando-os a ficar abertos, tentou encontrar os olhos de Jonas.

– Precisamos conversar. Sobre o casamento. Sobre sua oferta.

– Vamos fazer isso, mas não agora – retrucou Jonas, alcançando uma manta jogada ao pé da cama e enrolando-a em torno das suas pernas e quadris.

– Durma agora, Kat. Trataremos disso depois. Temos tempo.

Sentindo-se segura e protegida pela primeira vez em anos, Kat fechou os olhos e adormeceu.

CAPÍTULO 6

LOGO APÓS o almoço do dia seguinte, Jonas cruzou o luxuoso saguão do El Acantilado e correu os olhos pelo salão do restaurante, indagando-se se havia uma hora em que o lugar não estava cheio. Ficou parado no canto, observando Kat ir e voltar da recepção, com seu lindo sorriso nos lábios. Aquele sorriso não chegava aos seus olhos, percebeu Jonas, afastando as lapelas da jaqueta preta, para que assim pudesse colocar as mãos nos bolsos da calça acinzentada. Ela havia dormido, mas não parecia ter sido um sono reparador. Os olhos estavam vermelhos e a maquiagem não disfarçava bem as olheiras púrpuras debaixo de seus cílios inferiores.

Os clientes que vinham comer no afamado restaurante da Costa Oeste não davam uma segunda olhada na hostess. Mas para ele, Kat valia mais do que uma segunda olhada, ou mesmo dez. Com tristeza, ela era tudo que ele havia pensado desde o instante em que abrira os olhos.

E não apenas do jeito "Preciso me casar com ela logo, vamos resolver isso". Pensava muito sobre ela nua, é claro. Era um homem que gostava de sexo, de *muito* sexo. Mas entre essas fantasias sexuais de beijá-la dos pés à cabeça, Jonas se lembrava de sua risada, do seu cabelo sedoso entre as pontas dos dedos dele, da tristeza e da vulnerabilidade em seus olhos. Queria abraçá-la, protegê-la, tornar sua vida mais fácil, meu Deus.

O que tinha acontecido com encarar seu casamento como um acordo de negócios? Quando a coisa toda se tornara tão complicada? Desde que a conhecera, Kat Morrison tinha feito incursões constantes em sua mente, e de alguma forma, arrastara-se sob o muro que cercava seu coração para ficar

alojada ali, andando sobre sua alma. Isso não era bom, decidiu Jonas, sem hesitar e, com certeza, não seria tolerado. Ele estava se casando com Kat apenas porque Jack tinha lhe dito que ele precisava se casar com *alguém*. Esse acordo não dizia respeito à felicidade ou até-que-a-morte-nos-separe. Era apenas um simples e direto acordo de negócios.

Talvez fosse mais fácil se casar com Gigi ou alguma outra das muitas mulheres que cruzaram seu caminho nos últimos tempos. Perto delas, poderia manter com facilidade sua distância emocional. *Não*. De modo algum ele se casaria com alguma mulher insípida. Jonas estremeceu. Teria preferido que Jack lhe desse um tiro.

Kat o viu de longe e fez um gesto, pedindo que a esperasse. Ele assentiu e não conseguiu evitar o sorriso, diante do embaraço dela, sabendo que estava com mais vergonha de que a tivesse visto chorando do que usando apenas uma calcinha. Branca. Sem enfeites. Muito sexy. Afastar-se daquela pele macia, daquelas pernas longas e daquele corpo magro, mas com curvas, demandou de um grande esforço.

Ele a desejava. Mas iam se casar, e ele precisaria manter as mãos longe dela. Não podia pagar o preço de pensar nela de outro modo que não uma parceira de negócios, um meio para chegar a um fim.

Oh, Deus, tentar manter as mãos longes de Katrina poderia matá-lo.

– Oi. Desculpe-me por fazê-lo esperar, mas isso aqui está uma loucura.

– Você pode fazer um intervalo?

Kat olhou para o relógio e assentiu.

– Já pedi ao gerente para ficar de olho em minha mesa e atender meu telefone.

Ela deixou o restaurante e foi se juntar a ele pouco depois.

– Vamos caminhar na horta, lá nos fundos. Com frequência, passo meus intervalos nos bancos sob as árvores.

Caminharam até os fundos do restaurante e entraram em uma parte que ele não sabia que existia. A horta consistia em camadas de placas elevadas de zinco, que brilhavam ao sol. Ele viu berinjelas gordas, roxas e brilhantes e tomates-cerejas vermelhos e sentiu o cheiro de lavanda. Sob o cipreste, conforme ela prometeu, ficava um banco. Kat se sentou na beirada, com as mãos unidas sobre o colo.

– Lamento por ter desmoronado na noite passada. Nunca choro e não sei por que fiz isso.

– Não se preocupe. Ei, esse é um lugar bonito.

– Sim, é. Jonas...

Ele não tinha certeza do que ela estava prestes a dizer, mas não lhe daria chance de desistir de seu acordo.

– Sua tia tem uma consulta na Whispering Oaks daqui um mês. Foi a primeira data onde puderam encaixá-la.

– Mas, *como assim*? Há uma longa lista de espera!

– Conheço pessoas, Kat, pessoas influentes. Um dos benefícios do dinheiro e de ter o sobrenome Halstead é a capacidade de conseguir o que você quer quando quer. Telefonei para alguém que telefonou para outro alguém e uma consulta foi agendada.

– Mas quem tem esse tipo de influência?

– Seu chefe.

– Jose? O gerente do restaurante?

– Não, docinho. Harrison Marshall.

– Não estou entendendo.

– Em certos círculos, Harrison tem a reputação de ser um sujeito a quem se pode telefonar quando se quer que alguma coisa seja feita. Harrison coleciona contatos e conexões, como garis recolhem o lixo. Ele também gosta de fazer favores às pessoas.

– Mas Harrison é seu concorrente direto, por que você recorreria a ele?

– Ele é um concorrente nos negócios – às vezes, desejamos os mesmos projetos – mas ele é mais do que isso. Ele me conhece desde que eu era um garoto, então me senti confortável para lhe pedir um favor.

– Mas como e por que Harrison teria influência para conseguir uma consulta para Cath?

– Isso importa?

– Harrison sabe sobre Cath?

Deus, não. Harrison era um amigo, mas não tão amigo assim. Ninguém era.

– Ele não sabe. Depois de eu assegurar a ele de que esse não era um favor para Jack, eu mesmo ou alguém que ele conhecesse, pedi a ele para conseguir a consulta. Não lhe contei para quem era.

– Harrison saber que Cath é minha parente complicaria tudo, então obrigada. Há pouco tempo, ele me deu um aumento quando não permiti que ele pagasse meu aluguel. Eu me sentiria desconfortável se ele soubesse que estava me ajudando novamente.

– Essa situação já é complicada o bastante. Bem, agora sua tia tem uma consulta com alguém que deve ser capaz de ajudá-la, dr. Cranston. Ele exige um depósito. Quer que ela dê entrada na clínica para uma bateria de exames e para monitorar sua condição. Vai ser caro.

– E a única maneira de eu conseguir pagar por isso é me casando com você.

– Kat, entenda, não estou mais feliz com isso do que você! Não quero me casar, mas a situação é clara. Preciso de uma esposa, você precisa de dinheiro. É um acordo de negócios.

– Sim, Jonas. Temos um acordo.

– Certo. Ótimo – pronunciou Jonas, sua voz saiu mais áspera do que ele pretendia. Por que ele se sentia desanimado, como se estivesse faltando alguma coisa.

Deus, aproveite a deixa, cara! Concentre-se no que importa...

– Hoje é quinta-feira, que tal sábado?

Kat piscou, engasgou e piscou outra vez.

– Casarmos no sábado? Você é louco?

– Não para nos casarmos, para darmos uma festa de noivado. Podemos fazê-la no Polo Club.

– É o Polo Club, Jonas. Precisa ser reservado com meses, anos de antecedência para casamentos.

– É o que se espera, Kat. E falei com Mariella Marshall, que, como você sabe, dirige a parte de planejamento de eventos da empresa Harrison. Ela pode fazer uma festa para uma centena de pessoas no menor dos dois salões de baile, em qualquer sábado deste mês. Mas só se eu lhe desse carta branca em relação às flores e à comida.

– Mas como você explicou a pressa, a falta de um compromisso firme?

– Relatei a verdade a ela. Comuniquei-lhe que estava trabalhando em conseguir uma garota para se casar comigo e precisava agir depressa, assim que ela me dissesse sim. Ela afirmou que nenhuma garota que ela conhecesse concordaria com uma festa de noivado ou casamento apressado. Eu garanti a

ela que a minha concordaria. E, então, avisei-lhe que se ela não conseguisse fazer a festa ou o casamento em tão pouco tempo, eu traria alguém de Los Angeles.

– E ela tomou isso como uma ofensa e lhe assegurou que conseguiria, sem dúvida, organizar um evento de última hora.

– Então, temos um trato?

Kat estava com medo, ele podia ver. Mas ela diria sim porque estava preparada para fazer o que pudesse por alguém que amava, alguém que, estava claro, também a amava. Kat era sortuda por amar e ser amada assim. Ele se questionou como seria a sensação.

Ser amado por Kat, que era leal, honesta e corajosa, alguém que tinha tanta integridade, seria uma coisa maravilhosa. Não que ele soubesse como lidar com amor incondicional. Estava mais familiarizado com a aprovação cheia de condicionais que recebia de sua família. Ele não era perfeito e, com frequência, fazia as coisas de seu jeito, então a aprovação de Jack era constantemente contida e o amor nunca fez parte do jogo.

Jonas tinha aprendido a viver com isso, mas algumas vezes, quando se via diante do exemplo de amor real de outra pessoa, desejava saber como era.

– Temos um acordo – replicou Kat, e Jonas percebeu o tremor em sua voz, os dedos trêmulos –, com uma condição.

Ele se segurou e pensou qual poderia ser sua condição.

– Preciso que o mundo pense que nos conhecemos e nos apaixonamos, que não conseguimos esperar para nos casarmos. Vou mentir para Cath. Ela é romântica e precisa acreditar que estou feliz, bem-resolvida e apaixonada. E também direi a ela que você usou suas conexões para conseguir colocá-la no estudo de graça... Não quero que ela se preocupe com quem está pagando seu tratamento. Espero que você me apoie nessa mentira.

Era essa sua exigência? Fácil demais.

– E só aceitarei o dinheiro que preciso para o tratamento dela, até o último centavo. Se você pagar pela Whispering Oaks, ficarei casada com você por no mínimo dez meses e no máximo, um ano. – Jonas ouviu a determinação em sua voz e coçou a cabeça. Ela queria menos dinheiro, não mais? Era muito digno da parte dela, mas não ia funcionar.

– Kat, você precisa parecer minha esposa, agir como minha esposa. E isso significa gastar dinheiro com você. Vestidos, carro, apartamento. Você terá que deixar seu trabalho.

– Oh, não mesmo, não vou largar meu emprego. Quando você sair da minha vida, preciso de um salário para pagar minhas contas.

– Termine sua maldita pós-graduação e consiga um trabalho de verdade, em um campo que a entusiasme.

– Não às suas custas.

– Você está sendo ridícula e estúpida com toda essa independência.

– Você pode pagar pelo vestido que arruinou, se isso o faz se sentir melhor.

– Kat...

– Preciso voltar para o trabalho. Fiquei mais tempo do que deveria fora.

– O que todo mundo vai pensar quando minha esposa continuar trabalhando como hostess?

– Então você não deveria ter me escolhido para ser sua esposa, Jonas. Eu preciso de dinheiro para Cath. É tudo que estou preparada para aceitar. Não aceitarei mais nada.

– Então, não temos um acordo.

Kat se virou, seus olhos flamejavam.

– Como é?

Uau... *Sexy*. Ele tinha visto a Kat cansada e a Kat profissional, até mesmo a Kat sensual, mas o fogo em seus olhos mandou um raio por sua coluna, até sua virilha. Ele estava, repentina e ridiculamente, excitado. O que ele não faria para colocar a mão sob aquela saia para sentir a pele macia sob seus dedos, provar aquela boca picante.

Acordo de negócios, Halstead, lembrou-se a si mesmo. *Ne-gó-cios*.

Jonas se esforçou para levar sua atenção de volta à discussão deles.

– Eu pago por suas roupas, suas despesas, seja lá o que você precisar durante o próximo ano. É pegar ou largar.

– Você vai mesmo insistir nisso, Jonas? Você precisa de *mim* – advertiu Kat, cruzando os braços sobre o peito.

– Preciso de uma mulher que se case comigo, Kat. Qualquer uma. Gosto de você, mas não é a única que há por aí. Quantos homens ricos você conhece que estão preparados para pagá-la para se casar com eles?

– Você está blefando.

– Esse é o trato, Kat.

– Canalha. Quero um contrato. Quero relatórios de despesas detalhados. Nada de joias caras, vestidos com preços absurdos e sapatos. Compre-me um carro e eu o corto ao meio.

– Um contrato, sim. Concordarei em escolher joias simples. Roupas de grife são uma necessidade...

– Então você precisa comprá-las com minha amiga Tess, na The Hanger, assim ela pode ganhar a comissão – declarou Kat.

Ele assentiu. Ficou, com relutância, tocado pela generosidade dela para com a amiga.

– Seu carro vai embora. Sem. Negociação. Aquilo é uma armadilha mortal.

– Que seja um pequeno, barato, e é bom você me dizer a marca e o modelo para que eu aprove antes da compra. Será vendido quando nos divorciarmos.

– Mais alguma coisa?

– Tenho certeza de que há – refutou Kat, juntando as sobrancelhas, concentrada.

Jonas segurou-lhe o rosto entre as mãos, sentindo sua pele macia sob os dedos ásperos.

– Tudo ficará bem, Kat. – Abaixou-se para beijar-lhe a testa, não confiando em si mesmo para chegar a qualquer lugar mais próximo de sua boca.

– Espero que sim. Ter o total controle da empresa vale tudo isso, Jonas? Estar no controle vale todo este drama?

– Não, talvez não. Mas me assegurar que outra pessoa não assuma o controle vale cada centavo. Bem... Eu a deixarei voltar ao trabalho e farei o mesmo. Fico me esquecendo de que tenho um hotel para reformar, uma empresa enorme para comandar. Nós nos falaremos mais tarde, tudo bem?

Kat assentiu e se virou, rebolando, enquanto subia a escada de volta ao restaurante. Quando chegou ao topo, Jonas a chamou.

– Kat?

Ela se virou, cobrindo os olhos com a mão, para vê-lo melhor.

– Sim.

– Obrigado. – Era inadequado, mas verdadeiro. Ele estava grato a ela. Bastante.

– Tudo bem, Jonas. Eu não faria isso, a menos que não fosse importante. Cath significa tudo para mim.

– Tenho outros motivos também, Kat. E eles são também válidos.

Pareceu que Kat queria saber quais eram e ele se inquiriu se poderia confiar nela o bastante para lhe contar, chocado por desejar fazer isso. Como poderia contar a ela que, até ter se libertado de Jack, de seu pai, da falta de integridade de ambos, ele não poderia se sentir dono de si mesmo? Ela entenderia ou pensaria que ele era fraco por tolerar os desejos de Jack por tanto tempo?

– Eu telefono para você – comunicou a ela, virando-se. Faria isso. Mas apenas muito, muito mais tarde, quando colocasse de volta o coração rebelde na coleira.

IMPACIENTE, JONAS esperava por Kat no começo da escadaria principal do Polo Club. Empurrando a manga do casaco de seu smoking, ele olhou para seu relógio e decidiu que se não a visse na escada em dois minutos entraria na cobertura e a arrastaria dali.

No bolso de sua calça havia um anel de noivado que ele passara tempo demais escolhendo. Se fosse qualquer outra mulher, teria comprado o maior, mais extravagante, mais caro que havia na loja e pronto.

Mas ele sabia que Kat não teria gostado de um anel grande e chamativo. Ela merecia, todavia, uma coisa diferente, exótica, elegante, e ele por fim escolheu um anel de diamante e opala laranja-flamejante. Deus o ajudasse se ela não gostasse, ele não iria passar outra tarde olhando bandejas e mais bandejas de anéis.

Quando resolveu que já bastava e ia buscá-la, ouviu um movimento acima dele e, devagar, ergueu os olhos. Deus, ela parecia... Deslumbrante. Incrível. Fantástica... Nenhum adjetivo descreveria a sensação que dançava em seu peito. Ela usava um vestido estruturado, com a parte de cima branca e a saia cheia e longa, da mesma cor da opala em seu bolso. Tinha prendido o cabelo em um estilo que o fazia lembrar-se das princesas dos desenhos animados. Usava brincos e sua maquiagem era suave e natural.

Ela parecia... Deus, ela parecia sensacional. E nervosa. Ela apoiou a mão no corrimão, fechou os olhos e Jonas viu seus lábios se mexerem, como se estivessem fazendo uma oração silenciosa.

– Kat.

Os olhos de Kat se abriram e Jonas viu a preocupação se acender em seu olhar, a incerteza. Ela olhou para ele, o medo estava tangível.

– O que diabos estamos fazendo, Jonas?

– Tudo ficará bem, Kat. Eu prometo. – Jonas agarrou o corrimão, como se ele fosse a boia salva-vidas em um mar turbulento. Se ele o soltasse, subiria a escada correndo, seguiria pelo corredor e levaria Kat direto para a cama. Era assim que ele a deseja, o quanto queria, com desespero até, tirar aquele vestido, o quanto queria ver aquela saia caída no chão. Jonas a queria nua e ofegante e ele a queria agora.

– Você está bem? – interrogou ela, preocupada.

Jonas conseguiu articular um sorriso.

– Apenas tentando fazer meu coração voltar a bater. Você está espetacular. Deslumbrante.

– Obrigada. Você também está muito bem.

Jonas esperou que ela o alcançasse e, quando isso aconteceu, inclinou-se para beijar-lhe o rosto, precisando estabelecer uma conexão com ela, por menor que fosse. Seu cheiro era delicioso e Jonas sentiu a cabeça flutuar. O que havia de errado com ele? Tinha namorado e dormido com algumas das mulheres mais bonitas do mundo, mas nenhuma delas o fez se sentir tão fora do eixo.

– Você está muito atrasada, Katrina – murmurou, tentando tomar o controle da situação.

– O turno do almoço atrasou, meu carro não dava partida, o trânsito estava terrível.

– Saia do trabalho, escolha um maldito carro e aceite o motorista que quero pagar para ficar à sua disposição.

Kat sorriu e o coração dele parou. Antes que a noite terminasse, Jonas suspeitou que pudesse precisar de um desfibrilador.

– Não vou discutir com você, Halstead. Não essa noite.

Jonas sorriu e levou os dedos dela aos lábios.

– Dou graças a Deus pelas pequenas vitórias. – Ele enganchou o dedo no cós da saia dela, desejando poder provar o pedaço de pele desnuda entre a saia

e a parte de cima, que era curta. – Estou feliz por você ter escolhido esse vestido e não o preto e branco.

– Não há nada de errado com aquele vestido, mas Tess me alegou que o esqueceu e, porque eu estava atrasada, tive que escolher entre os três vestidos que ela trouxe da loja.

Kat não precisava saber que ele pediu a Tess que ela deixasse o vestido para trás. Jonas sorriu.

– Então, você gostou dos outros dois vestidos?

– Gostei – respondeu Kat, com relutância. – O vestido dourado é fantástico.

– Que bom. As etiquetas foram removidas dos três, então nem pense em devolvê-los. Agora você tem vestidos para nossos próximos dois eventos, então não precisamos discutir a compra de roupas para você por mais algumas semanas.

– Você é mau – anunciou-lhe Kat, tirando o dedo dele de sua saia e apertando sua mão. Jonas enroscou os dedos aos dela.

– Nada disso, só estou fazendo do meu jeito. Não vamos discutir sobre dinheiro.

– Garoto rico e mimado – mencionou Kat, mas ele viu um brilho divertido em seus olhos.

– Garota tão independente e financeiramente desafiadora que beira o ridículo – retorquiu Jonas.

– Financeiramente desafiadora? Você pode usar a palavra “pobre”. Não me ofendo com facilidade.

Jonas sentiu o coração falhar e lhe suplicou para que se acalmasse. Não conseguiu se segurar e a beijou nos lábios, um toque sutil dos seus contra os dela, um esbarrar de línguas. Era tudo que ele se permitiria, ou aquele vestido viria abaixo.

Como isso tudo já seria bastante embaraçoso, Jonas se afastou e se perguntou quem era o idiota que parecia ter tomado conta de seu corpo. Deus, ele estava agindo igual a uma criança, não como um homem feito com um acordo com aquela visão, com aquela *mulher,* corrigiu a si mesmo, com dureza.

Uma mulher que era um ultraje de tão sexy, mas isso não deveria ter qualquer influência na questão. Estavam prestes a embarcar em um casamento que seria vantajoso para os dois. *Mantenha os olhos no objetivo final, Halstead*.

Isso o lembrou do que estava fazendo ali. Enfiou as mãos nos bolsos da calça, mantendo os olhos fixos no rosto lindo de Kat.

– Tenho uma coisa para você. – Jonas segurou o anel entre os dedos e observou, enquanto o prazer dançava pelo rosto de Kat. – É uma opala de fogo com moldura de diamantes e não é caro, então não comece a me encher a paciência sobre o preço.

Kat não falou. Apenas pegou o anel e o examinou de todos os ângulos, parecendo fascinada pelo formato irregular da pedra.

– É diferente, concordo, mas pensei que você poderia gostar – argumentou Jonas, desconfortável com o silêncio dela. Deus, na verdade acreditara que ela gostaria do anel. – Posso devolvê-lo se não lhe servir. Só precisaremos responder a quem questionar que seu anel de noivado está sendo desenhado...

Kat ficou nas pontas dos pés e deu um beijo rápido e sem jeito na boca de Jonas. Isso o chocou.

– Cale a boca, Halstead. Eu amei! É perfeito.

– É?

Kat colocou o anel no dedo apropriado e ergueu a mão para admirá-lo.

– É incrível, bem o que eu teria escolhido! Você o escolheu para combinar com meu vestido?

Graças a Deus ela estava, afinal, fazendo-lhe uma indagação à qual ele conseguiria responder sem gaguejar. Jonas sorriu.

– Isso foi uma feliz coincidência.

– Obrigada por me escutar – pronunciou Kat, abaixando o volume da voz e aumentando sua intensidade. – Obrigada por não comprar um diamante enorme ou uma pedra cara que eu me sentiria desconfortável em usar.

– O prazer foi meu – retrucou Jonas, sem saber o que mais poderia dizer. O que alguém responde quando uma mulher maravilhosa o agradece por não gastar muito dinheiro com ela? Esse era um dos muitos mistérios que ele teria que desvendar, agora que Kat Morrison tinha entrado e revirado sua vida.

CAPÍTULO 7

ERA EXAUSTIVO ser o centro das atenções, pensou Kat, escondendo-se atrás de uma enorme palmeira no canto do salão. Ela precisava apenas de um minuto ou dois para recuperar o fôlego, entender que agora aquela era sua vida. Através da folhagem frondosa da palmeira, Kat olhou para o lado oposto de onde se escondera, para observar Jonas conversando com um grupo de homens. Um deles era Rowan Brady, que dividiu a mesa com Jonas, naquela fatídica noite, três semanas atrás, mais ou menos. Três semanas? Esse era o tempo que havia transcorrido? Sian também estava lá, exibindo suas tatuagens para o fascínio sem-fim dos convidados e para a desaprovação do avô de Jonas.

Jack Halstead parecia-se bem da maneira como Kat imaginava que Jonas seria quando ficasse mais velho. A cabeça cheia de cabelo espesso, rosto anguloso dominado por olhos ferozes e inteligentes. Quando foi apresentada a ele mais cedo, Jack tinha agido como um verdadeiro cavalheiro, nada em seus modos sugeria que tinha chantageado o neto para se casar. De fato, tinha gostado do velho. Era charmoso e educado, mas Kat sabia que ele não era alguém com quem deveria arrumar problemas.

Por outro lado, Kat não gostou de Lane, pai de Jonas. Não gostou nem um pouco. A maneira como ele beijou sua mão a deixou arrepiada. Os olhos dele pareciam despi-la. E não deixava de ser interessante perceber que Jonas, ao que tudo indica, desgostava do pai tanto quanto ela. Jonas tratava Jack com respeito, mas seu corpo ficava tenso quando era obrigado a interagir com Lane. Ele soava cordial, mas Kat conseguia sentir as correntes de raiva que

corriam sob a conversa educada deles. Kat se inquiriu se alguém sabia que pai e filho se detestavam. Jack, com certeza, parecia desconhecer a tensão.

Não é problema seu, advertiu a si mesma. *Você está usando este vestido e este anel deslumbrante apenas pelo dinheiro, lembra-se? Não perca de vista seu objetivo por sua curiosidade a respeito do seu noivo gostoso.* Kat lançou outro olhar para Jonas e suspirou. Deveria ser ilegal um homem parecer tão elegante em um smoking básico, ainda que cortado de forma tão elegante.

Tirando os olhos de Jonas, Kat percebeu que Jack e o chefe dela estavam do outro lado da palmeira, ambos sem saber que ela também estava ali. Permaneceu imóvel, como uma estátua, esperando que nenhum deles percebesse sua presença.

– Jack... Fico feliz que você resolveu a situação de Jonas sem minha ajuda.

– Sua ajuda é cara – brincou Jack, seu tom de voz saiu divertido.

– É sim. Mas o jovem Jonas fez uma boa escolha – assegurou Harrison. – Katrina é uma boa moça.

– Esse é apenas o noivado. Nada muda até que eu os veja casados.

– Você tem certeza de que essa é a única opção? – interrogou Harrison.

– É o único jeito pelo qual posso proteger a empresa. Jonas é a única pessoa em quem confio sem ressalvas.

Essa era uma coisa e tanto para se dizer, pensou Kat. Imaginou se Jonas sabia o quanto o avô o valorizava.

– Bem, telefone para mim, caso precise que eu faça algo – disse Harrison, antes de saírem juntos dali. A conversa dos dois cavalheiros foi intrigante. O que eles pensavam que Harrison poderia fazer para ajudar e o que Jack lhe daria como pagamento por sua ajuda? Ele tinha notado alguma coisa parecida, quando conseguiu a consulta para Cath em Malibu. Estranho, pensou Kat, muito estranho.

– O que você está fazendo, Kat? – Ela se virou ao som da pergunta e olhou para o rosto lindo e os olhos divertidos de Jonas.

– Estou me escondendo.

– Somos tão ruins assim?

– Nem tanto, é que lembrar-me de todos os nomes e responder às indagações é exaustivo. – O calor da mão dele mandava fagulhas que subiam por seu braço. Como elas iam parar entre suas pernas só Deus sabia.

– Tess está se divertindo – afirmou Jonas.

Kat olhou do outro lado do salão de baile e viu sua amiga, em um vestido azul-pálido, flertando abertamente com o prefeito casado de San Luis Obispo.

– Acho que deveria me lançar em uma missão de resgate – advertiu Kat, quando a mão do prefeito pousou no quadril de Tess.

Tess jogou o cabelo e cerrou os olhos, flertando sem disfarce.

– Ela não precisa ser socorrida.

– Estava falando sobre o homem com quem ela está flertando.

Jonas riu e o som profundo de sua risada fez os hormônios dela dispararem e começarem a dançar.

– Ele é inofensivo. Além do mais, sua mulher, mais rica e mais velha, mantém um olho de águia sobre ele e quebrará esse agradável *tête-à-tête* logo. Você, entretanto, precisa dançar comigo.

– Preciso?

– Precisa. É o que se espera. – Deus, pensou Kat, enquanto Jonas colocou a mão em suas costas e a guiou em suaves passos de dança. E lá estava ela, esperando que ele desejasse dançar com ela, pois queria suas mãos sobre ela tanto quanto ela queria colocar suas mãos nele.

É uma encenação, um teatro, uma história que você precisa vender. Não é vida real. Se você continuar pensando assim, terá o coração estraçalhado! Um coração em pedaços dói muito, você se lembra? Se não se lembra, devemos passar algum tempo recordando as lágrimas, a humilhação, a sensação de ser esfaqueada no coração de novo e mais uma vez. Você só pode ser tão estúpida uma vez na sua vida, Kat.

DE ACORDO com suas instruções, Jonas estacionou na entrada de carros de Cath. Kat o observou dar a volta no carro enorme para abrir sua porta. Viu o tremular nas cortinas da sala da frente e sorriu. Cath estava sentada em sua poltrona favorita, esperando ansiosa pela chegada deles. Tendo perdido a festa de noivado, Cath queria conhecer o noivo em questão. Desde que ouvira sobre o noivado, Cath tinha pedido, todos os dias, que a sobrinha levasse Jonas para conhecê-la. Ele concordou de imediato em conhecer Cath, mas encontrar uma hora em que ambos estivessem livres se tornou um desafio.

Ambos trabalhavam demais e podiam se passar dias sem que se encontrassem. Assim era a vida de duas pessoas envolvidas em um noivado de aparências, pensou Kat, enquanto Jonas abria a porta para ela. Segurou sua mão e suspirou, quando aquelas fagulhas dançavam sobre sua pele. Os lindos olhos esverdeados, como era previsível, fizeram seu coração perder uma batida ou duas. Graças a seu trabalho, era imune ao poder de olhos maravilhosos em um rosto tão lindo e em um corpo tão másculo, mas Kat percebeu que tudo sobre Jonas, o pescoço forte e bronzeado, o peito, as mãos livres de adornos, a pequena cicatriz acima do lábio, cada centímetro dele era atraente para ela.

E ainda precisava vê-lo nu. Deus, aquele era um grande problema. A atração que ambos sentiam era uma entidade viva, que respirava e, quando ficavam a menos de um metro um do outro, o desejo de tirar suas roupas era uma tentação constante. Kat suspeitava que fosse esse o motivo pelo qual, desde a festa de noivado, usavam suas agendas ocupadas como uma desculpa para evitar um ao outro.

Sexo, ambos concordaram, não fazia parte do acordo. Era uma complicação e eles não precisavam disso. Mas, ainda assim, ela queria, e com fervor, saber como era fazer amor com Jonas. Kat se questionava se Jonas ficava acordado à noite, fantasiando sobre o que fariam um com o outro. Esperava que sim. Ficaria chateada se descobrisse que ele caía em sono profundo enquanto ela era consumida por fantasias sexuais que a faziam subir pelas paredes.

– Não olhe agora, mas estamos sendo observados.

Jonas manteve os olhos fixos nela e sorriu.

– Então, deveríamos dar à sua tia alguma coisa para ver. – Ele segurou-lhe o rosto entre as mãos e deixou que os lábios encontrassem os dela. *Sim... isso.* Os lábios dele eram ásperos, masculinos e, Deus, muito hábeis. Imediatamente, Kat se esqueceu de que aquilo era uma encenação, um meio de assegurar à tia que ela estava feliz e apaixonada. Deixou-se levar pelo momento, o resto do mundo desapareceu. Seus sentidos se intensificaram e Kat pôde sentir o calor do sol em suas costas. Com cada respiração que ela se lembrava de fazer, inalava o cheiro do perfume de Jonas. E sua boca foi uma revelação, um sussurro e uma tempestade, uma oração fervorosa e o uivo de uma criatura

mitológica. Era quente e confortante, excitação e perigo. Ela o desejava. Mas não queria desejá-lo.

Kat recuou, passando a mão pelo cabelo. Viu que a própria confusão encontrava eco nos olhos dele. Tocou os lábios com as pontas dos dedos e o olhar de Jonas seguiu seus movimentos. Ela sabia que se desse a ele a mínima indicação, o menor dos encorajamentos, ele a beijaria novamente. Tiraria sua roupa e transaria com ela. Mas esperava que isso não acontecesse no gramado de sua tia.

Aquele pouco de tolice, trouxe-a de volta para onde estavam e o que estavam fazendo. Kat se dirigiu para a porta de entrada, reagrupando os pensamentos. Como Cath estaria hoje? Estaria alerta, sempre estava, mas a duração da visita deles dependia dos níveis de dor que Cath sentia. Naquele instante, o médico e a cuidadora estavam gerenciando e monitorando a dor. Não havia mais nada que eles pudessem fazer. Em uma semana, Cath seria transportada, por uma ambulância particular fornecida pela clínica, para a clínica Whispering Oaks e seria colocada em um novo tratamento médico. Kat tinha esperança que o novo coquetel de drogas faria a tia melhorar.

Mas isso pertencia ao futuro. Agora Kat precisava convencer a tia, uma mulher muito observadora e inteligente, de que ela estava de forma insensata apaixonada por um bilionário sexy. Uma coisa não tão difícil a se fazer, pensou Kat.

– Jonas, Cath pensa que você é o amor da minha vida – declarou Kat, quando eles se aproximaram da porta de entrada. Só a tia pintaria a porta de sua casa com aquele tom intenso de magenta.

– Cor interessante – pronunciou Jonas, o tom de voz saiu calmo.

– Ela é uma mulher interessante – assegurou Kat, usando sua chave para abrir a porta. – Queria que você a conhecesse antes da doença. Ela era incrível. Tudo que minha madrasta não era.

– Como assim?

– June, minha madrasta má, era muito tensa, muito preocupada com o que os outros pensavam sobre sua casa, seu casamento, sua enteada. Minha casa era cheia de tensão. Esse lugar era cheio de amor, aceitação e riso. Aqui, eu poderia apenas... ser quem sou.

– Fico feliz de você ter Cath em sua vida.

– Sei que sua mãe foi embora quando você era um bebê, mas você teve uma Cath em sua vida?

– Não tive tanta sorte.

– Sinto muito – proferiu ela em voz baixa, desejando que tivesse coragem para abraçá-lo, oferecer conforto, mesmo que soubesse que ele não apreciaria o gesto.

– Ei, vocês dois, venham aqui! Parem de se beijar na minha entrada!

Kat revirou os olhos, afastou-se de Jonas e abriu a porta, cruzando o vestíbulo para entrar na sala banhada de sol. Cath, estava acomodada em uma poltrona próxima da janela, com seu *tablet* no colo.

Ela havia perdido mais peso, Kat percebeu de imediato, e um peso que não poderia se arriscar a perder. Kat apoiou os braços na poltrona e se inclinou para beijar Cath no rosto.

– Não estávamos nos beijando no corredor – murmurou para a tia.

– Por que não? Ele é um homem muito bonito. Beija bem? – interrogou Cath, com um brilho de diversão nos olhos azuis e abaixando a voz. Kat cerrou os olhos.

– Comporte-se, Catherine.

– Bem, eu sou? – inquiriu Jonas da porta.

Cath riu e Kat pensou que fazia um tempo desde que ela ouviu um divertimento verdadeiro na voz da tia. Estava grata a Jonas por fazer Kat rir, mas a pergunta a fez corar. Ele beijava incrivelmente bem. Ambos sabiam disso. Assim como sabiam que, se ficassem nus, deixariam marcas ardentes nos lençóis. Ou na parede. No chão.

Já era hora de mudar de assunto, então ela ignorou a indagação.

– Cath, conheça Jonas Halstead. Jonas, Cath Long. Cath e minha mãe eram gêmeas idênticas.

– Eu era a mais bonita – brincou Cath, quando Jonas atravessou a sala para pegar a mão frágil que ela lhe estendia.

– Nisso eu posso acreditar. – Jonas tomou as mãos dela entre as suas. – É muito bom conhecê-la.

– É muito melhor conhecê-lo – garantiu-lhe Cath e apontou a cadeira perto dela. – Sente-se, deixe-saber mais sobre você. – Kat se sentou no braço

da poltrona de Cath, enquanto Jonas acomodava o corpo comprido na cadeira.

– Cath, você prometeu não interrogar Jonas.

– Jurei não ser má com ele. Não mencionei nada sobre não lhe fazer perguntas.

Kat gemeu.

– Ah, meu Deus.

– Relaxe, Katrina. Tenho certeza de que posso responder a qualquer questionamento que sua tia me fizer.

– Eu já gosto dele – avisou Cath. – Por que você está se casando com ela?

Kat prendeu a respiração, enquanto esperava pela resposta de Jonas, encarando a bainha desgastada de seu jeans. *Se você confessar a ela que está apaixonado por mim, Cath vai perceber a mentira.*

– Porque acho que ela é a mulher mais interessante que conheci em muito tempo. – Kat ergueu a cabeça e seu olhar encontrou o dele. Essa era a verdade, percebeu. Ele pensava que ela era interessante. E isso era... bem, *interessante*.

– Você vai comprar um carro novo para ela? – interrogou Cath.

– Estou tentando, mas sua sobrinha é muito teimosa. Dei-lhe algumas opções, porém, ela continua recusando.

– Dois carros esportivos e um sedã enorme – protestou Kat. – Muito grande e muito caro.

Cath se inclinou para frente, ignorando as palavras de Kat.

– Sei o quanto ela é teimosa. É tão irritante! Ela odeia pedir ajuda. Vê isso como uma fraqueza.

Kat sentiu a dor de cabeça se formar na base do pescoço.

– Cath! Sério?

– Não me venha com "Cath! Sério?" para cima de mim – refutou Cath. Kat olhou para Jonas e viu que ele estava tentando não rir. Sim, agora ele e Cath estavam conspirando juntos. Danados.

– E você a convenceu a largar o emprego e voltar para a faculdade?

– Estou trabalhando nisso – retorquiu Jonas.

Kat ergueu um dedo em advertência.

– Não comece.

– Você deveria mesmo fazer isso, Kit-Kat. Pode conseguir seu diploma e então pode fazer o que quiser para variar.

– E o que ela quer? – inquiriu Jonas.

Kat fez uma careta.

– Na verdade, eu gostaria de fazer o que você faz. Projetos. Desenvolvimentos. Construir ou reformar alguma coisa.

Cath olhou para o rosto de Kat, depois para o de Jonas, com os olhos cheios de emoção.

– Talvez, depois que vocês se casassem, Jonas possa colocá-la no negócio. Ela é inteligente, Jonas, bastante inteligente.

O olhar esverdeado e profundo de Jonas não se desviou do rosto de Kat.

– Sei que ela é, Cath. Cérebro e beleza, essa é uma combinação fatal. – Kat inclinou a cabeça. O problema de ser inteligente é que ela sabia o que estava escondido nas entrelinhas do que as pessoas diziam, ou do que elas não falavam. Como sexo, trabalhar com Jonas nunca aconteceria. O casamento deles não passava de um contrato de negócios.

Cath mudou de assunto e Jonas voltou sua atenção para ela. Cath, desfrutando da conversa, metralhou Jonas com perguntas sobre sua infância, educação, passatempos e interesses. Kat ficou sentada, ouvindo absorta.

O pai dela teria gostado dele, percebeu Kat. Teria gostado do jeito despreocupado de Jonas falar, sua falta de esnobismo. Wes, por outo lado, sempre precisava deixar claro para o mundo que ele era alguém, que era bem-sucedido. O pai dela, assim como Kat, teria apreciado o fato de Jonas não dar a mínima para o que as pessoas pensavam. Ela poderia gostar dele de verdade, pensou Kat. Poderia gostar muito. Caso se permitisse.

Precisando colocar alguma distância entre eles, Kat se levantou.

– Vou apenas dizer olá à Moira. Ela é a cuidadora de Cath.

– Traga uma xícara de café para Jonas quando voltar, querida. – Cath acariciou o braço de Kat. – Ele ficará aqui e nós nos conheceremos melhor.

O que eles ficariam fazendo pelos próximos 15 minutos? Kat colocou as mãos na cintura e olhou para a tia.

– Comporte-se.

– Pfft. – Cath acenou para que ela saísse.

Sabendo que aquela era uma luta que ela não poderia vencer, Kat foi até a porta, rezando para que Cath não pegasse o álbum de fotografias. Se fizesse isso, Kat iria embora.

Kat estava prestes a entrar no vestíbulo, quando Jonas chamou seu nome. Mantendo sua mão no batente, ela se virou para olhá-lo.

– Você não respondeu à indagação de Cath.

– Que pergunta?

A malícia em seu olhar, as rugas ao redor dos olhos, sugerindo uma risada, o fato de que sua boca estava com os cantos levantados – tudo isso – deveria ter dado a ela uma pista de que ele estava prestes a atingi-la.

– Você não confirmou a ela se beijo bem ou não.

A risada de Cath encheu a sala. Kat corou e olhou para o teto. Quando voltou a encarar Jonas, todo o divertimento tinha sumido de seu rosto. Ele parecia desesperado para ouvir a resposta à sua indagação. Como poderia não saber que seu toque a fazia queimar? Que ele precisava apenas olhá-la e todas as inibições e bom senso iam para o espaço?

Falar que ele beijava bem era o mesmo que declarar que Michelangelo era um pintor mediano.

Kat levou os dedos até os lábios, lembrando-se de como foi sentir a boca de Jonas sobre eles. Precisava responder a ele, mas como? Como contar a ele que ninguém tinha conseguido lhe tirar o fôlego como ele fazia? Que ele precisava apenas se sentar em uma cadeira gasta e olhá-la para que ela não conseguisse respirar? Seus beijos eram mágicos. Seus braços pareciam seu lar. Sua voz a fazia se sentir sem rumo.

Kat abriu a boca para falar alguma coisa, mesmo sem ter ideia de quais palavras sua língua estava tentando articular, mas antes que pudesse falar, ouviu a voz jovial da cuidadora de Cath atrás dela.

– Kit-Kat! Eu li sobre seu noivado nas páginas de coluna social! Tão excitante. – Kat desviou o olhar de Jonas e se virou para aceitar o abraço de Moira. Mas, de modo lamentável, os seios fartos de Moira não abafaram o comentário atrevido de Cath.

– Oh, vocês dois vão enlouquecer um ao outro. Que divertido!

Não era de surpreender que a definição de diversão de Cath e a da sobrinha eram diferentes por completo.

CAPÍTULO 8

KAT SE acomodou na varanda circular do terceiro andar da Cliff House, os braços estavam apoiados no parapeito e as pernas dançavam no abismo, para fora da estrutura de concreto. Jonas a pediu que o encontrasse ali e, quando ela chegou, ele a levou para um passeio pelo famoso hotel. Tinha explicado a ela, com detalhes, seus planos de reforma. Parecia gostar de ouvir suas opiniões, encorajando-a a fazer sugestões e ouvindo de verdade o que ela dizia. A princípio, Kat hesitou em compartilhar suas ideias, mas quando se esqueceu de que ele era um investidor bilionário e ela era uma hostess, a conversa deles se avivou e ficou interessante. Tinha sido tão bom ter uma conversa que não envolvesse celebridades, lugares no salão, horários de reservas e clientes mimados.

Deus, ela queria fazer aquilo, fazer o que amava. E por falar sobre seus planos, Kat ia adiar o exame do MBA. Com sua vida louca como a noiva gata borralheira do Bilionário mais Gostoso da Califórnia, como ela era chamada agora pelos tabloides, não estudava fazia tempo. Se fizesse o exame agora, falharia e seu tempo e dinheiro seriam desperdiçados. Lidar com Jonas, trabalhar no restaurante e se esquivar de *paparazzi* bisbilhoteiros e, sem dúvida, irritantes, deixava pouco tempo e energia para os estudos.

Kat sentiu seu telefone vibrar e o tirou do bolso. Abriu a mensagem de texto e viu que Tess tinha lhe mandado um link para um site. Tess achava o status corrente de celebridade de Kat uma coisa maluca e acompanhava as histórias mais escandalosas sobre Kat e Jonas. Kat clicou no link e arqueou a

sobrancelha, ao ler a manchete na pequena tela de seu celular: Como uma Hostess de Santa Barbara Fisgou um Bilionário. Siga Esses Dez Passos Simples!

Kat revirou os olhos e rolou a página. "Passou um: Você tem que estar onde homens ricos estão. Kat Morrison trabalha como hostess no exclusivíssimo restaurante El Acantilado, e apostamos que foi onde ela armou para fisgar o interesse de Jonas". Kat fez uma careta. Quanta podridão. Recusando-se a ler mais, estava prestes a fechar o *site*, quando viu um link para um artigo intitulado "Os Jovens Marshalls, A Realeza da Costa Oeste".

Kat leu depressa o artigo, investigando as vidas amorosas dos filhos de Harrison Marshall. Ao que parecia, o dr. Luc, o cirurgião plástico famoso, estava com Rachel Franklin, filha de um congressista. A filha, Elana, ainda estava ligada a um produtor casado de Hollywood, Jarrod Jones.

Havia uma foto do filho estilista, Rafe, andando ao lado de um homem bonito em Calistoga, seus dedos roçavam uns nos outros. O artigo passou a especular sobre quem era o companheiro de Rafe. Por que isso importava e quem se importava com isso? A fama, pensou Kat, nunca tinha sido tão fácil de conseguir. Ela agora era uma pessoa semifamosa apenas por ficar noiva de um homem rico. Os filhos dos Marshalls eram famosos porque eram descendentes do chef favorito dos Estados Unidos. Era uma loucura, pensou Kat, que tantas pessoas ficassem fascinadas com o que faziam os ricos e famosos, ou mesmo os mal-afamados.

Kat sentiu a mão de Jonas em seu ombro e ficou surpresa quando ele se sentou ao seu lado.

– Falei com meu gerente de projeto sobre trocar o piso do salão de baile, conforme você sugeriu, e ele relatou que é possível. É uma opção mais barata, também precisa de muito menos trabalho, então pouparemos tempo e dinheiro ao mesmo tempo. Este projeto já está estourando o orçamento e o prazo, então, apreciei sua sugestão.

Kat sentiu prazer, deliciada com o elogio.

– Disponha.

– Você é inteligente, Kat. Deveria completar sua pós-graduação.

Aquele era um momento encantador e ela não queria discutir.

– Não quero discutir com você, não hoje à noite.

– Então não discuta, apenas escute. Respeito de verdade sua independência. Mas, Deus, Kat, você tornou a vida tão dura para si mesma. Está exausta, estressada, exaurida tanto mental quanto fisicamente. E quando percebo isso, fico chateado porque posso, com muito pouco esforço, aliviar sua carga. Você parece tratar este acordo como se fosse a única pessoa a se beneficiar, mas é via de mão dupla. Preciso de você como minha esposa, tanto quanto você precisa do meu dinheiro.

– Você vai me contar o motivo?

– Devo fazer isso. Se você considerar me ajudar um pouco mais.

– Que tipo de ajuda?

– Cobrirei as despesas médicas de Cath, conforme nosso acordo, mas também pagarei suas despesas e seus estudos. Assim, você pode sair do seu trabalho, mas ainda receberá um pagamento. Eu lhe darei um cartão de crédito que você pode usar para emergências. Sei que você não o usará, mas me sentirei melhor se você o tiver.

– Não sei, Jonas. O que você está pedindo é muito. Não aceito ajuda com facilidade.

– Sim, eu meio que percebi isso. Por que não? Tem a ver com seu ex-marido?

Kat assentiu.

– Eu me casei sem enxergar a realidade. Ele anunciou que desejava se casar comigo, que queria tomar conta de mim, que me amava. E acreditei nele. No nosso primeiro mês de casados, na primeira vez que tivemos que pagar nossas contas, ele avisou que esperava que eu pagasse minha parte. Argumentou que se eu quisesse aquele casamento e ele, eu deveria lhe mostrar o quanto o amava sendo uma parceira igualitária. Todas as nossas despesas diárias eram divididas meio a meio. Bem, eu pagava metade da hipoteca, mas era o nome dele que estava na escritura. Paguei pelo carro dele, mas ele não deu um centavo para o meu. Quando tentei falar sobre isso, ele se afastou e se tornou frio. Ser ignorada daquela forma era uma espécie de tortura.

– Entendo. Meu pai é mestre em fazer isso. Ele começou a me ignorar como castigo, mas logo sua frieza se tornou um hábito. Quando cheguei à adolescência, aprendi a não me importar.

Kat percebeu a dor na voz de Jonas e tocou sua mão, como um modo de confortá-lo. Ele não se afastou, então ela continuou sua história.

– Eu queria que fôssemos felizes, que ele fosse feliz, então concordei. Dar a Wes o que ele queria. Tinha dois empregos, um deles no El Acantilado.

– Que canalha.

– Eu deveria tê-lo deixado, mas queria que o casamento fosse bem-sucedido, então trabalhei e estudei e consegui a quantidade mensal de dinheiro para cumprir os termos dele. Então, ele reclamou que eu não estava passando muito tempo com ele. Eu não conseguia vencer. Depois meu pai morreu, como lhe contei, tudo que era dele foi para as mãos da minha madrasta. Eu não conseguia pagar a faculdade, então pedi a ajuda de Wes, mas ele se recusou a me ajudar. Cath assumiu a dívida, mas Wes ainda esperava que eu pagasse minha parte nas despesas e acabei esgotada financeiramente. Depois aconteceu o incidente do anel...

– Que incidente do anel?

Kat engoliu fundo, a mágoa ainda machucava como machucou há quatro anos.

– A única coisa que eu tinha da minha mãe era um anel de safira, rodeado de diamantes lapidados, estilo *art-deco*. Não era grande ou de muito valor, mas ela o ganhou quando fez 21 anos, e meu pai me deu o anel no meu aniversário de 21 anos. Tinha as minhas iniciais e as da minha mãe gravadas no aro. Eu tinha uma prestação do carro vencida e não conseguia dinheiro para pagá-la. Era a segunda que eu atrasava, então estavam ameaçando tomar meu carro. Wes mantinha algum dinheiro em casa e eu estava tão desesperada que peguei o dinheiro emprestado, deixando uma promissória no lugar. Alguns dias depois, olhei na minha caixa de joias e vi que o meu anel não estava lá. Confrontei Wes e ele me contou que eu não tinha o direito de pegar seu dinheiro e ele o repôs, vendendo o meu anel pela internet. Ele disse que esperava que eu tivesse aprendido minha lição. Três horas depois, minhas coisas estavam empacotadas e eu estava morando com Cath. O anel era a única ligação que eu tinha com minha mãe e ele o tratou como se fosse um objeto usado, sem qualquer importância – relatou Kat, sua voz quase inaudível, sentindo as ondas familiares de tristeza, dor e desconfiança. – Ainda

checo *sites* da internet, esperando que alguém o coloque à venda, mas não tive sorte. É inútil, mas continuo tentando, com esperanças de encontrá-lo.

– Dê-me o nome de seu ex-marido e o endereço dele e eu juro que tornarei a vida dele um inferno – afirmou Jonas, com a voz baixa e carregada de raiva. – Depois, arranco a cabeça dele e a enterro em algum lugar onde não tenha luz do sol.

Kat sorriu, imaginando a cena, antes de falar outra vez.

– Graças a ele e ao meu pai também, tenho dificuldade em confiar nas pessoas. Não consigo acreditar que elas cumprirão com suas palavras.

– Não sou igual a ele, Kat. Não vou mudar de ideia. Sei que você acha difícil ter confiança, mas pode confiar nisso.

Ela desejou que pudesse. Queria confiar.

– De qualquer forma, voltando à sua oferta generosa... Posso pensar sobre ela? Podemos falar sobre isso de novo?

A expressão de Jonas era de pura determinação.

– Nós iremos. – Ele pegou sua carteira, abriu-a e retirou de lá um cartão. Ele o enfiou no bolso de trás do jeans de Kat, e quando ela abriu a boca para discutir, ele arqueou as sobrancelhas. – Não, nós não vamos discutir sobre isso. Se você tiver algum problema, use o carão. Podemos deixar para discutir depois o resto da minha oferta, mas preciso saber que você tem algum tipo de plano B.

Kat sabia que não venceria aquela discussão.

– Então – mencionou ela –, se você não se casar, Jack o deserdará. – Era a vez de Jonas se abrir e Kat se questionou se ele faria isso.

– Sim. Eu seria dispensado no mesmo instante.

– Você faz parecer que isso não o incomoda, mas está disposto a se casar comigo, então sei que está preocupado.

– Não tenho medo de começar mais uma vez, de construir alguma coisa nova. De fato, isso seria maravilhoso.

– Seria?

– Claro. Tudo seria meu, construído com meu próprio suor e lágrimas, sabendo que eu era responsável pelo sucesso ou fracasso do empreendimento. Há liberdade nisso, Kat.

– Ainda assim, você vai se casar comigo para herdar as ações de seu avô. Uma vez, você comentou que era mais importante manter as ações longe das mãos de outra pessoa. Referia-se a seu pai?

Jonas pareceu chocado com a astúcia dela. Ainda que ele não desse qualquer explicação, ela saberia, pela sua expressão, que tinha acertado na mosca.

– O que a faz pensar que temos problemas?

– Quando eu o ouvi falando com ele, na festa de noivado, sua voz mudou. Você estava tentando muito mostrar ao mundo, ao seu avô, que não odiava Lane. Ele foi um pouco melhor em esconder a raiva que sente de você, mas ela estava lá. O que aconteceu? – interrogou Kat.

– Eu estava trabalhando na minha ascensão na empresa e Jack era o presidente, mas meu pai, que era o diretor do setor financeiro, estava tomando várias decisões. Porque eu queria provar a ambos que eu era tão bom quanto eles, estava trabalhando 16, 18 horas por dia, indo de um departamento para outro. Na época, estava trabalhando no setor financeiro e Jack me pediu que analisasse a contabilidade. Ele queria que eu lhe informasse onde estávamos gastando dinheiro e como poderíamos controlar nossos gastos. Meu pai sabia o que eu estava fazendo, mas não esperava que eu fosse tão fundo quanto fui.

Kat levou a mão à boca, sabendo de imediato aonde ele chegaria com aquela história.

– Você encontrou alguma coisa...

– Encontrei um monte de coisas. Subornos, desvios de fundos, empresas fantasmas. Ele fez tudo isso e extraviou milhões dos cofres da empresa.

– Oh, Jonas. Então o que você fez?

– Fiz o que precisava fazer para salvar a empresa. Avisei a ele que se demitisse, ou eu o exporia e o denunciaria por fraude. Eu lhe assegurei que se fosse embora sem criar problemas, não falaria sobre sua traição a Jack. Ele também poderia manter sua posição na Halstead & Sons e seu salário imenso, mas se ele se opusesse a mim ou fizesse qualquer coisa, eu o exporia. Eu o tinha encurralado, e como havia muitas provas, ele concordou em fazer o que eu ordenei.

– Deve ter sido uma coisa tão difícil, Jonas. Li artigos sobre Jack e sei que ele exige lealdade. Entre a lealdade a seu avô ou a seu pai você deve ter se sentido

partido ao meio.

Jonas assentiu.

– Sim. Ele se demitiu. Ocupei seu lugar e me tornei presidente. Ele ainda me culpa por expulsá-lo da empresa. Age como se eu estivesse desesperado pelo cargo, desesperado para cair nas boas graças de Jack.

– Ele roubou a empresa! – exclamou Kat.

– Sim, mas por conveniência, ele se esqueceu dessa parte da história.

– Mas por que ele roubou? Os Halsteads não parecem precisar de dinheiro.

– Apostas. Ele era viciado. Essa foi a outra parte do trato que fiz com ele. Deixava a empresa e buscava tratamento. Ele apenas transferiu sua obsessão pelas cartas para a arte. Contanto que ele permaneça longe da Halstead & Sons, pode fazer o que quiser com seu dinheiro.

– Ainda não entendo como isso se liga a você ter que se casar.

– Ah, isso. Jack garantiu que se eu não me casasse, ele passaria suas ações para Lane. Se ele fizer isso, então Lane controlará o interesse da Halstead e poderia causar muitos problemas, caso se decida a reassumir suas funções. Uma das duas coisas que poderia acontecer. Eu seria despedido e ele teria carta branca para atacar os bens da empresa, ou eu o mataria e seria mandado para a prisão e então ele atacaria os bens. Eu quero essa empresa, Kat. Quero que as pessoas olhem para ela e para mim com respeito novamente.

– Elas fazem isso – argumentou ela.

– Até certo ponto. Mas a crueldade de Jack e as atitudes fora dos padrões do meu pai não foram esquecidas. Quero que nosso nome seja confiável. – Jonas se levantou, limpou a poeira da calça com as mãos e estendeu uma delas para ajudar Kat a se levantar. – Você sabe do que mais eu preciso? – inquiriu ele, quando ela se levantou.

– Do quê? – perguntou ela, com algum esforço, ciente de que seu coração estava disparado.

– De comida. E sexo. – E lá estava, o que ambos queriam, mas não podiam, não deveriam, ter. – Mais isso ainda está fora da jogada, certo?

Assentir foi uma das coisas mais difíceis que ela já tinha feito. Depois de ambos terem se aberto emocionalmente, ela queria estar com ele de modo físico, muito mais do que antes.

– Deus. Vamos comer alguma coisa. Então, eu a levarei para casa, você fará uma mala, não precisa de muita coisa, apenas bermudas, camisetas, um traje de banho, e iremos para o aeroporto. Você tem passaporte?

– Sim... Mala? Avião? Passaporte? Para aonde iremos? Não posso ir a lugar algum!

– Por que não? Você não irá trabalhar nesse fim de semana e precisa de uma folga. Eu estou lhe dando uma. Cath está na clínica e não pode receber visitas até a próxima semana. Você não tem animais de estimação ou qualquer obrigação. Venha comigo para Saint Kitts, preciso checar um projeto lá. Amanhã isso me tomará uma hora, talvez duas, e depois podemos passar o resto do fim de semana fazendo nada.

Oh, aquilo pareceu o paraíso.

– Apenas diga sim, Kat. Não pense, não analise, apenas diga sim.

– Sim, tudo bem. Vamos para Saint Kitts.

Estava louca? Tinha obrigações. Deveria ficar longe da tentação, assim não dormiria com aquele bilionário tão sexy e gentil. Ela era Katrina Morrison e não tomava decisões impulsivas, como entrar em um jatinho com seu noivo de mentira e ir para o Caribe de última hora. Mas, ao que parecia, hoje ela era aquela mulher.

JONAS, COM Kat a seu lado, estava parado no gramado verde e caro e olhava para uma construção reformada do século XVIII, uma fazenda de plantação de cana. Ele gostava da propriedade, com seus jardins paisagísticos e vista de tirar o fôlego para o oceano, mas não estava muito certo de que queria incorporá-la ao portfólio da Halstead. A pousada estava se tornando lucrativa, mas isso não era bom o bastante.

– O que você acha? – interrogou ele a Kat. – Eu deveria comprá-la?

– A construção recebeu uma reforma grande há três anos: telhado, encanamento, piscina, jardins. Os quartos precisar ser redecorados e alguns móveis precisam ser atualizados. O restaurante precisa de chefs mais experientes. A maior parte das mudanças que você precisa fazer são estéticas. Mas... Essas mudanças não farão diferença decisiva. As reservas estão estáveis. O preço está de acordo com o que outros estabelecimentos estão cobrando... Eu reformularia a propriedade – declarou Kat, de repente.

– Você faria isso?

– Eu gastaria dinheiro redecorando e reduzindo o número de quartos, tornando-os maiores, mais caros, mais luxuosos e românticos.

– Quanto menos quartos, menor a entrada de dinheiro.

– Não se você cobrar bem caro por cada um deles – alegou ela, com a excitação aparente em sua voz. – Eu o venderia como um local muito luxuoso para casamentos e luas de mel. Não há um local tão luxuoso e com essa vista na ilha. Acho que poderia funcionar.

Jonas concordava. Era uma ideia fantástica. Digitou um número em seu celular com os olhos fixos em Kat.

– Sian? Dê uma olhada na fazenda em Saint Kitts. Quero projeções de custos, tempo de retorno, vendas futuras sobre os retornos que teremos se convertermos o local em um ambiente luxuoso para casamentos. Quero os prospectos em minha mesa na segunda-feira. Obrigado.

Kat não conseguiu conter sua onda de excitação.

– Sério? Você acha que minha ideia é boa?

– Acho sua ideia muito boa e é por isso que Sian passará o fim de semana cruzando dados.

– Isso não parece divertido.

– Ela recebe um salário bem alto para fazer seu trabalho – retrucou Jonas. – Falando sobre como passar o fim de semana... O trabalho está feito. Vamos começar o nosso.

– Tudo que eu queria é deitar na praia, nadar e deitar mais um pouco – confessou ela.

Kat enfiou as mãos nos bolsos de trás de seu jeans, arqueando a coluna. O tecido de sua blusa marcou os seios pequenos, mas perfeitos e Jonas sentiu o sangue ser drenado de sua cabeça. Então, talvez tê-la trazido para as ilhas não tenha sido a ideia mais inteligente... Droga. Sol, mar e sexo combinavam feito sorvete e calor. Ele mal tinha conseguido resistir a ela no continente, então por que pensou que poderia fazer aquilo ali?

– Jonas, onde vamos nos hospedar, por falar nisso? Em algum lugar próximo da praia?

– Vamos ficar em Nevis. É menor do que Saint Kitts, menos comercial. Tenho uma pequena casa lá. Fica em um penhasco e você anda até o fim do

jardim, desce alguns degraus de madeira e sai em uma praia particular. É isolado e calmo e meu lugar favorito no mundo... Ou – anunciou ele, para dar a ela uma saída –, podemos ficar aqui. – Apontou para a casa atrás deles. – Os donos nos ofereceram dois quartos para o fim de semana.

Por favor, deixe-me levá-la para minha casa. Eu preciso de você.

Kat tocou o lábio com a língua, os olhos denunciando o calor que sentia. Ambos sabiam que aquilo era mais do que um lugar que ele desejava dividir com ela.

Se ela concordasse, ambos estariam dizendo sim a muito mais do que um casamento temporário.

– Vamos para sua casa – replicou ela por fim, tirando-o do tormento que sentia.

Ele precisava deixar as coisas claras. Para ambos.

– Estou colocando o sexo de volta à mesa, Katrina. Você entende isso?

Os olhos azuis de Kat se escureceram.

– À mesa, na praia, na cama. Tudo isso soa muito bem para mim. Estou cansada de resistir a uma coisa que nós dois queremos.

O peito dele se encheu de alívio.

– Graças a Deus. Certo, precisamos ir para a praia. Vou pedir a algum pescador local que nos atravesse de barco.

O sorriso de Kat o acertou em cheio.

– O quê? Nada de jatinho?

– Não é prático e é caro – refutou ele, sorrindo e acariciou a mão dela com os dedos. – Além disso, cruzar o Narrows em um barco é muito mais divertido.

Chegaram ao carro alugado e Jonas observou Kat se acomodar no assento do passageiro, o cabelo comprido, as pernas longas. Ele queria provar aquela pele macia, sentir aquele sorriso incrível em sua pele, perder-se no azul de seus olhos. Desejara isso por semanas. Tinha sido uma prova para seu autocontrole, que ele manteve até agora. Iria, enfim, fazer amor com aquela mulher doce, vulnerável, incrível e inteligente. Jonas sentiu o coração se acelerar.

Você sabe o que está fazendo, Halstead? Ela pode mexer com sua cabeça. Isso poderia ir mais fundo do que o sexo, poderia significar mais do que uma aventura de fim de semana. Ela poderia se tornar alguém que você deseja para além de um casamento temporário. Jonas balançou a cabeça, esperando espantar aqueles

pensamentos desatinados. *Você já viveu aventuras antes, cara,* advertiu a si mesmo. *Sabe como fazer isso.* Sim, mas ele nunca tivera uma aventura com Katrina Morrison. Ela era diferente de qualquer pessoa que Jonas já havia conhecido. E ela iria se tornar *sua esposa*, muito em breve. Mesmo assim, ele poderia lidar com isso. Talvez.

CAPÍTULO 9

KAT, COM a mente agitada e o corpo latejando, permitiu que Jonas a levasse pela varanda da frente, com sua vista de 180 graus para o oceano e para sua charmosa e tradicional casa, ao estilo caribenho.

Ouviu as malas baterem no chão e observou enquanto Jonas ia até as janelas abrir as persianas, permitindo que a luz do sol e uma brisa fresca entrassem na sala, aumentando os arrepios na pele dela.

Ou esses arrepios poderiam ser resultado do modo como Jonas a estava olhando. Usando uma camiseta verde-oliva e chinelos, parecia mais um surfista do que um homem de negócios sexy, capaz de dissolver quaisquer hesitações da parte dela.

– Você tem certeza de que é isso que deseja? – questionou Jonas.

– É isso que desejo – retorquiu ela, forçando as palavras a saírem de seus lábios ressecados. Jonas começou a andar em sua direção, mas parou quando ela ergueu a mão. – É isso que desejo até voltarmos para Santa Barbara. É isso que desejo pelos próximos dois dias. Pode não ser o que eu ache melhor mais tarde. Tudo bem?

– Dois dias com a opção de renovação?

Ela deu um sorriso nervoso.

– Isso mesmo.

Jonas começou a andar em sua direção outra vez. Kat não estava com um homem tão sexy há um bom tempo. Certo, nunca estivera. Fazia tanto tempo que estivera com alguém... Ah, Deus, muito tempo. Kat ergueu a mão de novo

e Jonas parou a um metro dela. A tensão em seu rosto era a única indicação de sua frustração.

– Sim?

– Faz algum tempo – admitiu Kat, sentindo-se envergonhada. – Não estou tomando anticoncepcional e não carrego preservativos comigo. E o pior, não sei se me lembro como se faz isso.

Jonas se aproximou e colocou as mãos em sua cintura. Ela percebeu a ternura em seus olhos. Ah, ela queria, ansiava, por alguma ternura.

– Eu sei como fazer isso e tenho proteção. Farei com que seja bom para você, Kat, prometo.

Ela assentiu, suas mãos repousavam no peito dele. O coração dela parecia prestes a explodir.

– Eu sei, mas não sei se será bom para você – disse ela, as palavras soando abafadas. Jonas ergueu-lhe o queixo.

– Querida, você está em meus braços, e isso já é incrível. Seus beijos viram meu mundo de cabeça para baixo, então não estou preocupado. – Jonas olhou para os lábios dela, encarou-a nos olhos, depois voltou a olhar para sua boca. – Mais alguma indagação? Porque estou morrendo de ansiedade aqui.

Jonas não esperou que ela respondesse. Os lábios encontraram os dela e ele não se importou em ser suave e doce, ele apenas se precipitou, exigente e desesperado. Sua língua mergulhou na de Kat, girando, recuando e mergulhando mais uma vez. O beijo dele era como um vinho fino e chocolate belga, como pular de *bungee jumping* e mergulhar em um recife de corais. Reunia calor, felicidade e fome. Kat amava ser beijada por ele, mas queria mais, muito mais, então pressionou seus quadris contra os dele, suspirando quando seu corpo encontrou a solidez de sua ereção. Sim, ela queria mais. Em vez de entender isso, Jonas se afastou, tocando-a apenas com os dedos. Ele acariciou seu rosto. Qual era o problema? Por que ele estava parando?

Kat não teve certeza de ter mencionado aquilo em voz alta, até Jonas responder à sua pergunta.

– Estou parando, porque se não fizer isso, terei acabado em dois segundos e não é assim que desejo que isso aconteça.

– Posso ser rápida – avisou-lhe Kat, já sentindo falta de seu corpo másculo contra o dela, de seus lábios fundidos aos dele.

Jonas balançou a cabeça.

– Não, isso não vai acontecer assim, Kit-Kat.

O coração dela se derreteu ao ouvi-lo chamá-la do jeito carinhoso com que Cath a chamava. Isso a fez se sentir especial, desejada, um pouco... amada. Não, aquilo era sexo, não amor. *Não ouse confundir os dois, Kat*.

– Vamos para o quarto – pronunciou Jonas, inclinando os joelhos e passando um braço ao redor das coxas dela. Ele a ergueu e a segurou contra seu peito, carregando-a com facilidade pela sala e todo o corredor.

Kat brincou com seu cabelo e acariciou seu queixo. No quarto, que era decorado em tons de verde e branco, com pé direito alto, Jonas a colocou em frente a um espelho de madeira branco. Parou atrás dela, grande e misterioso, o rosto era uma máscara de concentração. As mãos repousaram nos ombros dela e Kat observou, fascinada, enquanto os dedos dele dançavam sobre seu pescoço. Aquelas mãos másculas desabotoaram sua camisa, revelando devagar mais de sua pele, para o deleite de seu olhar, cheio de desejo.

– Observe-me, enquanto a toco, querida – comentou Jonas, os olhos esverdeados queimando.

Quando a camisa dela estava aberta por completo, ela a tirou, deixando à mostra, para seu olhar atento, seu sutiã de renda branca. Jonas beijou seu pescoço enquanto cobria-lhe os seios com as mãos, com facilidade. Kat ergueu os braços e os passou ao redor do pescoço de Jonas, arqueando as costas e encostando os mamilos contra as palmas de suas mãos. Jonas gemeu e roçou os dedos nos mamilos rijos.

– Olhe para seus olhos no reflexo – ordenou ele, sua voz era um grunhido baixo em sua orelha. – Veja como eles estão em um tom mais escuro de azul. *Tão* sexy. – Ela piscou para seus olhos no reflexo, mas sua atenção foi atraída pela expressão de Jonas. Paixão e concentração, toda sua atenção voltada para ela, seu único objetivo era lhe proporcionar prazer.

Jonas soltou seus seios e se afastou e Kat sentiu seu sutiã sendo aberto. Ela tentou se virar, mas Jonas a segurou contra ele, encontrando seu olhar novamente no reflexo do espelho.

– Não, assim – advertiu ele, insistente. Devagar, muito, muito devagar, usando um dedo, ele abaixou uma das taças do sutiã, deixando à mostra o seio direito de Kat, seu mamilo rosado e intumescido, que implorava para ser

tocado, beijado. Jonas gemeu, posicionou seu membro ereto na parte mais baixa das costas dela e tirou o sutiã, deixando-o cair no chão.

– Ir sem pressa assim está me matando – assegurou Kat, em um murmúrio, trazendo as mãos dele de volta para seus seios, pedindo mais em silêncio.

– Valerá a pena, prometo. – As mãos de Jonas abandonaram seus seios, percorreram sua barriga plana até o cós de sua bermuda. Kat cobriu suas mãos com as dela, acariciando-as com seus dedos, até seus pulsos, antes de abrir o botão de sua bermuda e puxá-la por seus quadris e coxas, até que ela caísse no chão.

Jonas sussurrou um palavrão em sua orelha. Ela olhou para seu rosto, mas a atenção dele estava voltada para o pequeno triângulo entre suas pernas.

– Você é tão linda. – Kat olhou para seu corpo refletido no espelho, quase nua e nos braços de Jonas. Os seios eram empinados, a barriga bem-feita, as pernas longas. Parecia igual, mas não. Parecia, percebeu, avivada, como se brilhasse de dentro para fora, como se Jonas tivesse acendido todas as luzes dentro dela.

Ela se parecia com uma mulher que estava desesperada pelo toque do seu amante. E estava. Desejava conhecer seus segredos, provar sua alma. Todas as preocupações e riscos que sentira antes pareciam nada em face daquele desespero. Jonas abaixou a cabeça, beijou seu pescoço e colocou a mão sob o tecido de sua calcinha, o dedo hábil em encontrar seu ponto mais suculento. Kat sentiu as fagulhas, depois os raios, o calor pesaroso em seu interior. Também sentiu paz, como se aquilo fosse o certo. Jonas tocando seu corpo, dando-lhe prazer, era a única coisa que ela deveria fazer agora.

– Por Deus, Jonas... – confessou ela, murmurando. – Isso é tão bom.

– Fico feliz, querida. – Ele retirou a mão de entre as pernas dela, girou-a e cobriu sua boca com a dele. A calcinha dela foi para o chão e então Jonas colocou dois dedos dentro dela, enquanto seu dedão massageava o clitóris. Kat abraçou o pescoço dele, segurando-se, pois suas pernas não eram mais capazes de suportar o peso de seu corpo.

A luz branca atrás dos olhos dela se intensificou e Kat se afastou, ofegante.

– Estou tão perto. Preciso disso, Jonas. – Não se importava se soou maluca. Precisava daquele alívio.

– Confie em mim, você terá. – Jonas olhou ao redor do quarto, sorriu e a levou para o peitoril da janela, sentando-a nua sobre a madeira fria. Ele abriu as persianas e Kat sentiu a brisa salgada em sua pele, ouviu as ondas batendo na praia abaixo deles. – Sim, isso vai ser muito, muito bom.

Jonas a beijou com vontade, antes de tirar sua camiseta. Aquele peito, pensou Kat, tocando seu próprio peito. Largo, musculoso, com uma leve camada de pelos que atravessava os músculos de seu abdômen, formando uma linha perfeita. Seu olhar dançou pelo corpo de Jonas, ela prendia o fôlego, enquanto Jonas tirava a bermuda e cueca. Lá estava ele, másculo, ereto, pronto para ela. Kat ergueu a mão para tocá-lo, mas Jonas balançou a cabeça.

– Depois. Isso ainda é sobre você.

– Tocar você é o que eu quero – sussurrou Kat, enquanto ele caiu de joelhos diante dela, abrindo suas coxas com ajuda de seus ombros largos. Oh, Deus, aquilo era muito, muito íntimo...

– Confie em mim, Kat.

Ela confiaria. Confiou. Kat relaxou.

– Continuo dizendo isso, mas é verdade. Você é mesmo deslumbrante. – Ninguém nunca tinha chamado suas partes íntimas de deslumbrantes. Kat mal tinha terminado esse pensamento, quando Jonas a beijou, encostando sua boca na sua parte mais secreta. A vergonha sumiu, quando a sensação desabou sobre ela. Aquilo era fazer amor de um modo que ela nunca tinha experimentado.

Jonas recuou e se sentou sobre os calcanhares, as mãos se moviam pelo torso de Kat, o olhar varria seu corpo. Kat jogou a cabeça para trás, quando seu dedo, aquele esperto, maravilhoso, incandescente dedo curioso, explorou seu umbigo, desceu mais, tocou seu clitóris e abriu caminho para dentro dela, através de sua passagem quente e úmida. Então, um segundo dedo se juntou ao primeiro, a língua de Jonas entrou em ação e cada centímetro do corpo dela gemeu.

Os dedos dele se curvaram dentro dela, enquanto sua boca a explorava e Kat sentiu fogos de artifício estourarem de prazer. Luz, pura e pulsante, brilhou sob suas pálpebras e seu corpo ficou rijo, cada centímetro seu posicionado como um mergulhador à beira de um penhasco, como um saltador no topo de um edifício. E então, ela estava voando... O poder

feminino correu de um lugar bem fundo dela até que uma exibição deslumbrante de fogos de artifício entrou em erupção a partir do centro de seu corpo. O prazer formou espiral após espiral, cada volta menos potente do que a última, até que o rodamoinho parou e ela pôde respirar outra vez. Ofegante, ela se curvou, o suor reluzia em sua pele. Jonas beijou de leve a parte interior de sua coxa, antes de se ajoelhar de novo.

– Eu nunca... Não posso...

Um sorriso largo e lento tomou conta do rosto de Jonas.

– Foi bom?

– Foi incrível. Obrigada. – De repente, Kat percebeu que ela estava se recuperando de um orgasmo incrível e que ele ainda não havia gozado e estava esperando. Jonas a encarou, aguardando que ela fizesse o próximo movimento. Eles ainda tinham que fazer amor, percebeu ela. Os últimos 15 minutos foram seu presente para ela. Kat, agora, desejava cumplicidade. Unicidade. Dar e receber amor físico.

Ela ficou de pé e estendeu a mão, observando, enquanto Jonas se levantada, em um movimento fluído. Ele tomou a mão dela, entrelaçando seus dedos.

– Você é minha até pousarmos em Santa Barbara – declarou ele, em tom de afirmação, sugerindo que ela não discutisse.

– Eu sou sua – disse ela, concordando, fixando o olhar no dele, quente como lava de vulcão. – Então, aqueles preservativos estão onde?

UMA ONDA se anunciou atrás dela. Kat estava deitada de bruços na prancha e remava. Até agora tudo bem. Quando sentiu a prancha se erguer, teve que pular. *Finja que está fazendo uma flexão*, Jonas tinha dito a ela; precisava ficar de pé! Kat se flexionou, balançou e se agachou sobre a prancha, que passou sob uma onda que quebrou acima da cabeça dela. Cuspindo um monte de água salgada, Kat colocou os pés na areia e tirou o cabelo do rosto. Era péssima surfista.

Kat se virou e assistiu a Jonas surfar. Seu noivo de mentira e atual amante não era ruim. Ele parecia em casa em cima de uma prancha de surfe, assim como em uma sala de reuniões, em um canteiro de obras, em cima dela, dentro dela. Jonas fazia bem todas as coisas que se propunha a fazer, o que ela sabia

que eram muitas – fazer amor com ela, estava convencida, era no que ele se saía melhor. Amava estar com ele, passar o tempo explorando sua paixão. O sexo com ele estava além de todas as mais incríveis expectativas. Mas Kat também gostava de apenas ficar com ele. Ficar em sua cozinha, vendo-o cozinhar, o que ele, de forma irritante, fazia muito bem. Abraçados na rede amarrada entre duas árvores, ele lendo, enquanto ela descansava a cabeça em seu ombro, observando o oceano sem fim. A conversa fácil e a risada provocante, beber vinho tinto enquanto caminhavam pela praia à meia-noite.

Ficariam ali apenas um dia ou dois, mas ela amava essa vida, tão longe da loucura de Santa Barbara. Longe do brilho da sociedade e dos flashes das câmeras, das exigências da vida dele como presidente de uma empresa imensa e da doença de Cath, Kat sentia-se mais ela mesma do que tinha se sentido por tanto tempo. Por anos.

Gostava dessa versão Kat em Nevis. E gostava demais, de verdade dessa versão mais tranquila de Jonas em Nevis, e ela sabia que se ficassem ali, ela se apaixonaria por ele. Talvez já estivesse um pouco, ou muito, apaixonada por ele.

Porém, aquilo não poderia chegar a lugar algum. Eles estavam se casando sob circunstâncias malucas. Ela estava casando com ele por dinheiro. Ele estava casando com ela para ter o controle total sobre o futuro de sua empresa.

Kat olhou para o penhasco, imaginando a casa atrás das árvores. Tinha sido sua casa dos sonhos: pequena, confortável, compacta. Simples. Poderia viver uma vida simples com Jonas, o surfista. Uma vida com Jonas, o bilionário, não seria assim tão fácil.

Kat se sentou com a prancha entre as pernas, tentando convencer a si mesma de que era o sal que lhe queimava os olhos, não lágrimas. Ela sabia que, graças a seu casamento desfeito e à morte do pai, nada em sua vida duraria para sempre, mas aquilo...

Nada estava gravado na pedra, tudo poderia atropelá-la. Era melhor manter distância. Manter-se de olho no horizonte, dando tempo a si mesma para escapar daqueles mísseis que explodiriam sua vida. Isso não era um conto de fadas, Jonas não era seu príncipe encantado e ela não iria acabar em um castelo, tomando mimosas no café da manhã.

Ela não queria ser uma princesa. Queria apenas proteger seu coração. Isso era errado?

Tarde, muito mais tarde, quando ela e Jonas tivessem terminado, ela se lembraria daquele momento e sorriria, sentindo-se grata por tudo ter acontecido, mental, física e espiritualmente, no lugar certo, amando a pessoa certa, pelo menos uma vez em sua vida. Ela se lembraria e tentaria não chorar.

KAT COLOCOU um sorriso no rosto e entrou no saguão decorado do Grenada Theater, amaldiçoando Jonas em silêncio por ter lhe pedido que o encontrasse no evento beneficente de gala, em vez de buscá-la em seu apartamento. Apanhou uma taça de champanhe que levou aos lábios enquanto seguia para a borda da multidão, encostando suas costas nuas na parede, esperando que Jonas chegasse logo.

Ele se atrasou em Toronto e chegaria mais tarde, ou assim dizia sua mensagem de texto. Kat deixou de lado sua dúvida, Jonas não mentia. Se foi isso que ele alegou que aconteceu, então foi o que aconteceu. Ela não poderia continuar deixando seu passado influenciar seu futuro. Jonas não era Wes... Graças a Deus. Seu primeiro marido e seu futuro segundo marido eram muito diferentes um do outro.

Jonas tinha feito amor com ela duas vezes, no voo de volta de Saint Kitts, mas quando o avião pousou em solo americano, Jonas, seu surfista sexy desapareceu e Jonas, o empresário, voltou. Três semanas haviam se passado desde que fizeram amor, brincaram e riram em Nevis, e apesar de irem a eventos sociais, ele não tinha, nem uma única vez, feito qualquer tentativa de beijá-la. Sob o desejo e a luxúria, ela estava grata. Eles não podiam voltar. Aquela era a vida real deles. E se eles tentassem recriar o tempo que passaram em Nevis, tentassem reviver os dias e noites cheios de alegria, manchariam a lembrança daquele fim de semana incrível.

Ela e Jonas tinham um acordo, bem discutido e pensado. Cada um tinha uma cópia do contrato assinado, pelo amor de Deus! O único modo do casamento deles sair dos trilhos é se um deles quisesse que isso acontecesse e, bem, eles não queriam. Tinham muito a perder.

– Kat. – Kat ergueu a cabeça e sorriu para Sian, assistente de Jonas, feliz por ver alguém ali que ela conhecia.

– Oi. Estou tão feliz que você esteja aqui.

– Jonas queria garantir que você recebesse a mensagem de que o voo dele atrasou – comunicou Sian. Com um gesto, pediu para que Kat se virasse, o que ela fez.

– Deus, isso que é um vestido – afirmou Sian. Kat concordou. Era um vestido dourado, cintilante, que ia até o chão, com uma fenda tão alta, que deixava à mostra as pernas. Tinha decote na parte da frente e atrás, indo até seu traseiro. Kat se sentiu quase nua, mas Tess, que era sua autointitulada e autoritária estilista, não permitiria que Kat vestisse outra coisa.

Você e Jonas concordaram que ele pagaria por vestidos de grife que você precisasse para ocasiões formais e esta é uma apresentação especial de O Lago dos Cisnes, é uma ocasião formal. *Use o maldito vestido.* Tess estava lançando mão do seu olhar não-discuta-comigo-ou-eu-a-farei-sofrer, então Kat vestiu o que ela mandou, e como Tess insistiu, não vestiu roupa de baixo.

Com a graça de Deus, Kat não se envolveu em nenhum acidente a caminho de casa.

– Oh, você ouviu que Jonas comprou a pousada da fazenda que vocês viram em Saint Kitts? – inquiriu Sian.

– Oh – retrucou Kat, encarando o líquido dourado em seu copo. – Isso é bom.

– Ele está reformulando, por sua sugestão, para tornar o lugar um destino de lua de mel superluxuoso. Ele também assegurou que você é uma desenvolvedora de propriedades nata e, se as coisas fossem diferentes, ele lhe daria um emprego amanhã.

Oh, uau. Aquele foi um grande elogio. Mas as palavras significariam muito mais se ele as tivesse dito para ela.

– Mariella Santiago-Marshall está usando Gucci. Amo essa cor nela. É preciso cuidado com esse tom de laranja.

Kat seguiu o olhar de Sian e viu a esposa de Harrison, que estava incrível em um vestido em tons de fúcsia e laranja. Mariella, com a mão no braço de Harrison, olhou ao redor do salão, encontrou o olhar de Kat e sorriu para ela, acenando.

– A rainha acabou de reconhecê-la – alertou Sian, rindo. – E Jonas por fim chegou.

Kat virou a cabeça para a porta, mas Sian colocou a mão no braço de Kat, cravando as unhas em sua pele.

– Uau, olhe! Eu me pergunto o que significa isso.

Kat voltou a olhar para Harrison e Mariella. Harrison tinha se afastado da esposa, os ombros largos bloqueavam a visão dela de seu telefone celular, um prenúncio de sorriso surgiu no rosto dele. Se não tivesse observando com atenção, Kat teria perdido a mágoa e o medo que passaram pelo rosto de Mariella, o relance de raiva por ser descartada e ignorada.

Problemas no paraíso? Talvez.

– Aquela não foi uma ligação de negócios – garantiu Sian, ainda observando os Marshalls, enquanto Kat se virava para encontrar Jonas.

Falando sobre problema, quase 1,90m de altura e sensualidade estava vindo em sua direção. Kat mal ouviu as palavras de Sian, pois estava com a atenção fixa em Jonas, que se aproximava, a multidão abrindo caminho para ele, que ignorou os comprimentos das pessoas, os olhos fixos no rosto de Kat. Ela sentiu cada centímetro de sua pele se aquecer, viu desejo e paixão queimarem nos olhos dele.

– Deus – disse Sian, do que parecia ser um lugar distante.

Kat olhou para a expressão intensa de Jonas e foi como se pudesse sentir sua boca, os lábios hábeis, movendo-se por seu rosto, descendo por seu pescoço, mordendo um mamilo seu. Kat sentiu Sian pegar a taça de sua mão e Kat apoiou as duas mãos na parede atrás de si, esperando que conseguisse suporte para as pernas trêmulas. Ela podia sentir o calor nos olhos dele. Queria mergulhar naquele desejo e queimar com ele. Sian, o saguão decorado com tapete vermelho, as escadarias de ferro forjado e a elite da Costa Oeste desapareceram. Apenas ela e Jonas existiam naquele instante, presos em um espaço e tempo que era só deles. Jonas a alcançou e, protegendo-a do resto do salão, colocou o dedo na parte mais baixa do decote em V do seu vestido e puxou.

– Eu culpo seu corpo sexy e a lembrança de tê-la em meus braços por minha incapacidade de concentração. As lembranças de você, debaixo de mim, de mim dentro de você, têm me distraído a cada minuto de cada dia. Eu a culpo totalmente por minha baixa produtividade nessas últimas semanas. Eu

quero você – disse ele. – Tenho a desejado cada minuto, desde que saímos das ilhas e estou cansado de lutar contra isso.

Kat engoliu em seco, incapaz de desviar o olhar, desesperada por sentir seus lábios nos dela. Ela precisava dele, mais uma vez. Agora.

– Eu sei. Eu me sinto da mesma forma. Vamos colocar o sexo de volta à mesa. – Kat colocou a mão na lapela do casaco que ele vestia e sentiu o baque de seu coração batendo sob o tecido. – Leve-me para casa, Jonas. Quero estar com você. Eu *preciso* ficar com você.

Jonas assentiu com determinação, apertou a mão dela e a guiou pelo agora silencioso saguão, ignorando os olhares divertidos, chocados e invejosos.

Ela não ligava para o que pensavam. Jonas, o que ele poderia lhe dar e o que ela poderia dar a ele; isso era o que na verdade importava.

CAPÍTULO 10

SUA LIMUSINE estava estacionada do lado de fora do teatro, e o motorista dividia um cigarro com um dos manobristas. Jonas, ainda segurando a mão de Kat, chamou o motorista pelo nome e o homem entrou em ação, correndo ao redor do carro para abrir a porta. A boca de Jonas ficou seca. Kat se inclinou para entrar no carro, o tecido de seu vestido se moldando às curvas deliciosas de seu corpo. Ele percebeu que ela não estava usando calcinha e sua, até então, semiereção, atingiu o ponto de dureza do aço.

Jonas a seguiu para dentro do carro, deu uma ordem precisa ao motorista para que o levasse de volta a seu hotel, era mais próximo do que o apartamento de Kat, e apertou o botão para subir o vidro que lhes dava privacidade. Ele se virou e olhou para Kat. Tinha acabado de tirá-la de um evento de gala e todos estavam lá, seu avô e Harrison Marshall inclusive, sabiam bem como ele pretendia passar o resto de sua noite. Ele não dava a mínima. Podiam pensar o que quisessem. Tudo o que Jonas tinha em mente era o quanto estivera negando a si mesmo desde a volta deles de Nevis. E, assim que ele a viu ali, não conseguiu mais lembrar o motivo de estar naquele lugar. Não havia como ele ficar sentado, durante a apresentação de *O Lago dos Cisnes*, sentindo o perfume de Kat, sem enlouquecer aos poucos.

Jonas olhou para seu relógio. Tinha conseguido ficar três semanas, seis dias e oito horas sem tocá-la e essas foram as três semanas, seis dias e oito horas mais longas de sua vida.

– Você está bem? – indagou Kat.

– Estou ótimo. – Jonas percorreu, com o dedo, o decote em V de seu vestido, desde seu pescoço. – Esse vestido... Ah, meu Deus.

Kat lhe deu um olhar entrecerrado que era em parte malicioso, em parte inocente. E bastante sensual.

– Você gosta?

– Acho que é sensacional. – Jonas puxou a tira fina que segurava o triângulo de tecido no ombro dela. Mais um puxão e seu seio perfeito estaria nu. Jonas engoliu em seco e, incapaz de resistir, inclinou a cabeça para colocar o mamilo de Kat em sua boca, roçando-o com sua língua. O fogo traçou um caminho de chamas da sua boca até sua virilha e o sangue pulsou em seu pênis, quente e duro. Ele sentiu as mãos de Kat em seu cabelo, segurando sua cabeça contra ela, ouviu seus gemidos suaves.

Ele se afastou, olhou-a nos olhos e desmoronou. Por completo.

– Deus, senti sua falta.

– Senti sua falta também. Senti falta de Nevis – confessou Kat, a voz tremia e ele ouviu a verdade em suas palavras, sentiu-as porque ele também sentiu saudades de Nevis. Sentia falta da simplicidade que encontraram lá, a ausência de drama. Kat segurou a parte de trás de seu pescoço, puxou sua cabeça para baixo e o beijou, a princípio hesitante, depois com mais confiança. Passou a mão por baixo de seu casaco, entre os botões de sua camisa, para encontrar sua pele nua, enquanto sua língua ágil dançava na boca de Jonas, brincando com a dele.

Posse, necessidade, desespero inundaram seu corpo e ele quis mais, precisava dela. Não conseguiria esperar. Jonas colocou as mãos debaixo da fenda quase indecente de seu vestido e empurrou o tecido caro para cima de seus quadris, expondo-a. Deus, ela era tão sexy.

– Levante-se – murmurou ele contra os lábios dela, com a mão em seu traseiro. Kat se levantou, o vestido se avolumou atrás dela e Jonas abriu sua calça e desceu o zíper. Antes que pudesse se libertar, as mãos de Kat estavam em sua cueca e sua visão começou a ficar borrada. Ele precisava possuí-la.

Jonas olhou pela janela de vidro fumê, viu que o carro estava passando pela State Street e, se eles se apressassem, teriam tempo. Devagar e sensual ficaria para mais tarde, ele precisava ser veloz.

– No bolso do casaco, na carteira, o preservativo – avisou, com a voz rouca, contra os lábios dela, colocando a mão entre suas coxas para ver se ela estava tão pronta para ele, quanto ele estava para ela.

Dinheiro e cartões caíram no assento do carro, sua carteira foi parar no chão e Kat usou os dentes para abrir o pacote de preservativos. Então, graças a Deus, ele sentiu o calor dos dedos dela em sua pele, enquanto ela colocava o preservativo em seu pênis. Quando ela terminou, ele a agarrou pela cintura, com as duas mãos, e a encaixou sobre ele. Kat gritou quando sentiu o contato do seu membro rijo com o interior de seu corpo quente e seus olhos se fecharam, em uma expressão abençoada.

– Kit-Kat – pronunciou ele, gemendo, enquanto ela se movia, quente e úmida contra ele –, não temos muito tempo. Precisamos fazer isso depressa.

Kat o agarrou com uma das mãos, posicionou-o e se movimentou contra ele, ao mesmo tempo em que Jonas movia seus quadris para cima. Ele abriu os olhos para ver se a tinha machucado, mas os olhos de Kat estavam fixos nos dele, ela mordia os lábios, suas mãos agarravam com firmeza o tecido de sua camisa e ela o cavalgava. Pequenos movimentos, maiores, girando em torno dele, como uma dança, que era em parte tortura, em parte, prazer. Tortura e prazer, que descreviam de maneira adequada aquelas últimas semanas. Prazer de estar com ela, tortura por nunca ficar sozinho com ela. Tinha sentido saudades dela, sentido mais sua falta do que a fantástica lembrança do ótimo sexo que tiveram. Sentiu falta de sua risada, do leve franzir de sua testa, quando estava concentrada, de seu riso sensual. Quando ele estava com ela, sentia-se mais calmo, mais forte, melhor.

– Ah, querida – murmurou Jonas, erguendo as mãos para cobrir seus seios, roçando seus mamilos para lhe dar o máximo de prazer possível.

Kat respondeu se movendo mais rápido, e Jonas, seguindo seu comando, moveu-se na mesma velocidade. Ele precisava que ela atingisse o orgasmo antes dele, mas não tinha controle sobre aquela mulher.

– Kat, eu não posso... – Kat se colocou contra ele, sua boca a meio centímetro da dele.

– Você não precisa.

Jonas sentiu seu aperto ao redor dele, sentiu as ondulações profundas que emanavam de dentro dela.

Passando os braços em volta dela para mantê-la imóvel, ele movimentou seus quadris, colocando-se em cima e dentro dela, e sentiu como se sua cabeça estivesse prestes a explodir. O orgasmo partiu de seu membro, subiu pela coluna e atingiu o cérebro. A visão desapareceu. Isso. Ela. Kat.

Ele não podia esperar mais três semanas, não conseguia esperar outras três malditas horas, até que eles fizessem isso novamente. Alguma coisa tinha mudado e mudado dentro dele, em algum lugar em Nevis e no banco de trás daquele carro e, como resultado, alguma coisa precisava mudar entre eles. Ele não poderia viver com ela, fingir ser seu marido e não tê-la em sua cama.

Alguma coisa teria que mudar, pensou Jonas outra vez, enquanto Kat descansava em seu peito. Ele apenas desejava saber o quê.

ATRAVÉS DAS portas abertas que levavam à área da varanda de sua suíte, Jonas, deitado na cama imensa, com Kat, cobrindo seu peito, assistiu aos primeiros sinais de um novo dia. Os tons cor-de-rosa e alaranjados do que prometia ser um amanhecer impressionante atravessaram o céu da madrugada. Apesar de sentir-se exausto de fazer amor com Kat durante a noite, ele não conseguiu dormir.

Jonas olhou sua amante, para a mão delicada em seu peito, as cores da opala de fogo em seu anel de noivado ecoaram no nascer do sol. Ele tocou o anel com a ponta do dedo, pensando que não era assim que desejava que ela usasse seu anel. Não era daquele jeito que deveria ser. Com ternura, pegou o braço de Kat, colocou-o no quadril e puxou seu outro braço de debaixo dela. Não queria que ela acordasse, ainda não. Se ela abrisse aqueles olhos incríveis, ele seria incapaz de não fazer amor com ela mais uma vez. Precisava de tempo para pensar. Eles teriam que atender a alguns compromissos sociais, mas ele, de propósito, limitaria o tempo que passariam sozinhos, considerando que precisava de algum tempo para descobrir o que acontecera entre eles em Nevis. Era óbvio que ele estava errado.

Kat rolou e enterrou o rosto no travesseiro. Jonas agarrou um calção de corrida que estava em uma cadeira, ao lado de sua cama e se vestiu. Passou pelas portas francesas da varanda, colocou os braços no parapeito olhou para o mar. Ser noivo de mentira de Kat o estava matando.

Tinha passado os últimos quinze anos de sua vida se esquivando de balas, tentando viver de acordo com as expectativas do avô, tentando manter o verniz de sua família intacto. Esconder do avô o roubo feito por seu pai foi uma coisa estúpida, admitia para si agora. Lane tinha cometido um crime, deveria ter enfrentado as consequências. Jack o teria deserdado, disso Jonas tinha certeza. Jack não tolerava roubo e não compactuaria com deslealdade.

Na época, Jonas pensou que ele estava protegendo Lane, mas, de fato, teve medo de ser o portador de más notícias. Pensou que Jack poderia culpá-lo, que as decisões de Lane teriam impacto no relacionamento de ambos. Jonas também tinha esperado que, por proteger o pai, a relação entre eles se tornasse mais estreita, que afinal fossem a dupla de pai e filho com que sonhara em sua infância. Não foi assim que as coisas se desenrolaram. O que ele pensou ser ajuda, acabou por separá-los ainda mais.

Como Jonas pôde pensar que forjariam um relacionamento mais forte construído sobre o engano, o roubo, a deslealdade? E não estava fazendo com Kat? Havia alguma coisa entre eles, uma coisa poderosa que estava tentando se formar, mas sua base era construída na areia.

Ah, sim, ele queria a empresa, mas a queria nos seus termos Se Jack queria um casamento para continuar mandando nele do túmulo, que ficasse com ela. Jonas tinha bastante dinheiro para seguir seu caminho, recomeçar.

Ele também queria Kat, em sua vida, em seu coração, em sua cama. Mas graças a seu ex idiota, ela não acreditaria que ele manteria sua promessa de pagar pelo tratamento de Cath, de que ele era mais do que o capaz de cuidar de tudo e começar uma nova empresa com Kat a seu lado.

Kat só concordara com aquele negócio louco porque havia uma contrapartida para ele, porque ele precisava dela tanto quanto ela precisava dele. Se ele tirasse isso da balança, ela se recusaria a aceitar seu dinheiro. Não permitiria que ele pagasse pelo tratamento de Cath. Se ele recuasse no acordo, ela se recusaria a continuar seus estudos. Kat continuaria trabalhando no El Acantilado e demoraria uma infinidade de tempo para conseguir seu diploma e ter um emprego que amasse. Não poderia fazer isso com ela. Ela merecia ser feliz. Kat podia ver a luz e ele não queria empurrá-la de volta à escuridão.

Mas ele não conseguiria atravessar o casamento como tinham acertado. Precisava quebrar a amarra que Jack tinha sobre ele. Precisava fazer isso para

sobreviver, recuperar o respeito próprio. Kat lhe ensinara isso. Ele também precisava se certificar de que Kat fosse cuidada e a fazê-lo de um jeito que ela não recusasse. Poderia perdê-la; aceitava isso. Mas o que tinha acontecido entre eles em Nevis foi de verdade, e ele não se contentaria com menos.

Eles encontrariam o caminho de volta um para o outro. Precisavam fazer isso, porque se não o fizessem, ele estaria perdido. Jonas ouviu os passos suaves atrás dele e suspirou, quando ela passou os braços ao redor de sua cintura e colocou seu rosto contra suas costas.

Kat beijou suas costas, antes de passar por baixo do braço dele e encará-lo, de costas para o nascer do sol e a vista. Estava usando uma camisa dele, o cabelo escuro formava um contraste perfeito com o branco da roupa, os olhos azuis ainda estavam sonolentos. O cabelo bagunçado, a marca de travesseiro em seu rosto. Para Jonas, ela nunca esteve tão bonita.

Ele acariciou o rosto dela com as costas da mão.

– Ei.

– Está uma linda manhã.

– Não tão linda quanto você.

Um silêncio longo e tenso se formou entre eles e Jonas não soube como quebrá-lo.

Kat fez isso para ele.

– O que estamos fazendo, Jonas?

– A que você se refere?

– A isso. Você me arrastou para fora do teatro, fizemos amor a noite toda, depois de evitar, por três semanas, ficar sozinho comigo. Sempre fomos atraídos um pelo outro, mas... – As palavras faltaram.

– Mas?

– Mas agora estamos de volta a Santa Barbara, o que há entre nós deveria se resumir ao nosso acordo comercial. Adicionar sexo apenas complica a situação.

– Fizemos amor, Kat, você sabe disso, e eu também.

– Você está louco? Por que está dizendo isso? Concordamos que isso não seria pessoal! Por que não consegue apenas manter sua palavra, manter tudo simples? Você não está apaixonado por mim. Não estou apaixonada por você.

Estamos apenas passando por uma ressaca emocional depois de tanto sexo incrível.

Eu não estou apaixonada por você.

Certo. Ele entendeu. Ao que parecia, ele era único que tinha desenvolvido sentimentos, o único que desejava mais do que o que eles tinham concordado.

Droga. Inferno.

Kat inclinou o rosto para olhá-lo e pareceu que os olhos dela estavam penetrando em sua alma. O que ela veria? Ela poderia lê-lo? Os olhos de Kat se arregalaram e ela ofegou, horrorizada.

– Você está pensando melhor. Não quer se casar.

Jonas, que em geral respondia rápido, não conseguiu encontrar as palavras para explicar que desejava uma coisa diferente, que ainda pretendia honrar seu acordo. Kat não lhe deu chance de falar.

– Seu canalha! Eu confiei em você! Confiei que faria isso. Confiei que manteria sua palavra. Confiei em você! Sabe o quanto isso foi difícil para mim? Eu nunca pensei que confiaria de novo em alguém, mas confiei em você!

– Kat, você não entende...

Lágrimas correram por seu rosto sem que ela se desse conta.

– Não acredito que você está me passando para trás!

– Kit-Kat, acalme-se. Podemos conversar sobre isso, encontrar uma solução.

– Oh, Deus, você não quer mesmo fazer isso, quer?

– Não, não desse jeito... – Ele a queria. Desejava-a. Mas ela escutou apenas a palavra *não*, pois se virou e voltou depressa para o quarto.

Jonas a seguiu devagar, com esperanças de que ela o deixasse explicar. Ela pegou o vestido dourado da cadeira, vestiu-o, pegou a bolsa e sapatos e saiu rápido do quarto.

– Você pode se acalmar?

– Pare de falar comigo – ordenou-lhe Kat, indo para a porta.

– Podemos conversar sobre isso, encontrar um modo de continuar.

– A única coisa que quero de você é que apareça no Polo Club, no sábado, vestido com seu smoking. Vamos nos casar, como concordamos em fazer e passaremos os próximos meses ignorando um ao outro. Entendeu?

– Kat... Conversaremos quando você se acalmar. Você tem dinheiro para um táxi? Posso chamar meu motorista.

Os olhos de Kat continham a força de um milhão de furações.

– Esteja lá no sábado. Case-se comigo. Pague-me. Surpreenda-me fazendo o que você jurou que faria. É tudo que eu quero. É tudo que sempre vou querer de você.

Deus.

Eu não estou apaixonada por você...

Jonas a observou se afastar, os pés descalços, sentindo que havia uma faca alojada em suas costas.

– NÃO VOU em frente com essa história.

Jack olhou para Jonas arqueando as sobrancelhas.

– Você não vai em frente com o quê?

– Não vou me casar. Dançar conforme sua música. Ceder à sua chantagem.

– Como é? – questionou Jack, seu tom de voz era frio como os cubos de gelo que ele colocou em seu uísque.

– Não finja que não ouviu o que eu falei. Não vou me casar. Faça o que quiser com suas ações. Dê ao meu pai, venda-as. Mas saiba disso: não trabalharei para Lane, sob nenhuma circunstância.

– Você perderá a empresa, então.

– Não dou a mínima. Ficarei por minha conta. Farei outra coisa, *qualquer* coisa, mas não trabalharei para aquele ladrão novamente.

Jack o encarou por cima da borda de seu copo, não demonstrando a mínima surpresa diante de sua última afirmação.

Jonas levantou um dedo e o apontou para o avô.

– Você sabia que ele roubou dinheiro da empresa!

– É minha empresa, claro que eu sabia! – vociferou Jack irritado. – O ponto é: quando você pretendia me contar? E por que diabos você o acobertou?

Ele sabia disso também? Jonas balançou a cabeça. Pensou que tinha sido muito esperto mantendo essa informação oculta de Jack, mas o velho esperto sabia de tudo. Jogos, pensou Jonas, manipulações. Ele estava tão cansado daquilo tudo.

– É provável que tenha sido pelo mesmo motivo que você o ignorou. Foi mais fácil deixá-lo ir embora sem denunciá-lo. Foi menos escandaloso pedir que ele se demitisse.

– Por que você não me contou, Joe? Pensei que fôssemos um time, que você confiava em mim. Ficou óbvio que não confiava, talvez ainda não confie.

– Quis protegê-lo. Proteger você.

– Era meu trabalho, protegê-lo – avisou Jack, como um protesto.

– Ele é seu filho.

– Você tem sido mais meu filho do que ele jamais foi. Você sempre foi minha prioridade, Joe.

– Então por que diabos insistiu para que eu me casasse? Por que colocou obstáculos para as ações, para meu futuro? Já não fiz o bastante, não mostrei lealdade suficiente, não fui bom o bastante?

– Fiz isso para forçá-lo a se rebelar contra mim, a escolher a si mesmo, o que fazia sentido para você. Se tivesse me mandado ir para o inferno há três meses, eu poderia ter lhe dito que nunca daria minhas ações a ninguém, além de você, de que estava orgulhoso de você, por enfim se impor.

– Eu me rebelo contra você o tempo todo! Não concordo com você com frequência! – exclamou Jonas, em voz alta.

– Com relação aos negócios, é claro. E sobre a vida pessoal? Nem tanto, Jonas, você estava preparado para se casar com uma desconhecida porque pensou que era o que eu queria! Deveria ser, sempre, sobre o que você quer! Eu queria que você percebesse isso.

Jonas balançou a cabeça, passando a mão pelo cabelo.

– Você não poderia apenas ter me dito isso?

Jack cometeu a temeridade de sorrir.

– Não teria sido tão divertido. Então, você ainda vai se casar com sua garota.

Ele desejava que sim.

– Não. Eu a amo, mas ela não me ama – replicou ele, com relutância.

– Como você sabe? – interrogou Jack, parecendo interessado de verdade.

Essa era a primeira conversa que não era sobre negócios que tinham há anos, percebeu Jonas.

Eu não estou apaixonada por você...

– Ela garantiu que não estava.

– Então faça com que ela se apaixone.

Se fosse assim tão simples.

– Não estamos mais na época do homem das cavernas, Jack. As mulheres tomam as próprias decisões.

– Bem, casando-se ou não, as ações serão suas.

– Não tenho mais certeza de que as quero – declarou Jonas, sem pensar. Ele se sentiu tão chocado quanto o avô parecia estar. Ergueu a mão. – Não estou mencionando isso de forma inconsequente, Jack, só não sei mais se a Halstead é o que quero, se faz parte do meu futuro. Não consigo pensar muito mais do que me resolver com Kat – assegurou ele.

Jack assentiu, era visível que estava bem-disposto.

– Você não parece irritado. Por que não está irritado com o fato de eu não querer a empresa? – inquiriu Jonas, franzindo a testa.

Jack deu de ombros.

– Você é meu neto, fará a coisa certa. Para si mesmo e para a empresa. Seja o que for, eu viverei com isso.

Jonas fez uma careta.

– Se você morrer e deixar as ações para meu pai, juro que o arranco do túmulo e bato em você até que morra outra vez. Estamos entendidos?

Jack apenas sorriu e ergueu seu copo.

– Tome uma bebida, Jonas, está bem claro que você precisa de uma.

CAPÍTULO 11

KAT, ESCONDENDO-SE no apartamento de Tess, colocou os pés sobre a cadeira e abraçou as pernas. Olhou para o celular e viu que o número de chamadas perdidas de Jonas estava agora em 25 para cada dia que estavam separados.

Ela pediu uns dias de folga no restaurante, que lhe foram dados sem desconto, sem perguntas. O gerente presumiu que ela precisava de tempo para fazer preparativos para o casamento. Como Kat ainda estava respondendo às indagações de Mariella Marshall sobre seu "dia emocionante" e porque os tabloides e as colunas da sociedade ainda estavam falando sobre seu conto de fadas, Kat pensou que o casamento ainda estava de pé. Ela não conseguia entender o motivo, pois Jonas tinha deixado claro que não queria mais se casar. Quatro dias depois e ela ainda não conseguia entender o que tinha feito para provocar aquela mudança súbita.

O que havia com ela que fazia com que os homens em sua vida a dispensassem? Por que eles não conseguiam cumprir suas promessas, fazer o que diziam que fariam?

Oh, ela estava bastante certa de que Jonas iria honrar as promessas financeiras que ele tinha feito. Ele ainda estava pagando pelo tratamento de Cath. Mas em seu toque, na emoção que ela viu em seus olhos, Kat pensou que eles poderiam ter uma chance, que ele poderia ser alguém para quem ela pudesse confiar com seu precioso e maltratado coração.

Kat se lembrou da pergunta que fez a ele, *Você não quer mesmo fazer isso, quer?*, e a imagem da cabeça dele balançando, dos olhos cheios de culpa. A lembrança de seu não sincero era outro soco no coração dela. Deus, por que

ele não escolhera uma das suas namoradas famosas para aquela farsa? Por que ela? E por que ela teve que se apaixonar por ele? Por que ele era o único homem que conseguiu passar sob a barricada que ela havia construído com tanto cuidado?

Por que ele não conseguia amá-la? Ela era brilhante e atraente, ainda que bastante teimosa. E mesmo que ele não quisesse se casar com ela, por que a ideia era tão desagradável que ele não poderia suportar ficar ligado a ela por apenas dez meses? A julgar pelo que ele tinha a perder, aquilo não era grande coisa!

O que tinha feito, dito, que fez com que o risco de perder o lugar dele na Halstead & Sons fosse uma opção atraente? As indagações continuavam a bombardeá-la. Por que ela não conseguia encontrar um homem que a amasse, alguém que a colocasse sempre em primeiro lugar?

Kat tinha amado Wes, adorava o pai, mas o que sentia por eles parecia tênue quando comparado ao que sentia por Jonas. Ela o amava além da compreensão. Amava-o com toda a fúria do mar, a força da Lua, as chamas do Sol. Ele era tudo o que desejava e precisava. No entanto, Kat lhe afirmara que não o amava para se proteger. Se ele não pudesse cumprir suas promessas, ela precisava deixá-lo ir embora.

Se Jonas não fosse cumprir o acordo, ela precisava cortar as cordas que ainda os uniam. Venderia na Internet os vestidos elegantes que ele tinha comprado e devolveria o anel. Pediria que ele fizesse um plano de pagamento, para que ela lhe devolvesse o dinheiro que já tinha gasto com o tratamento de Cath. Encontraria o restante do dinheiro que precisava em algum lugar.

Poderia fazer isso. Ficaria bem. Sobrevivera à aspereza de Wes, à sua versão torta de amor, à negligência do pai. Sobreviveria a Jonas também. O casamento deles aconteceria em três dias. Era agora ou nunca. Kat pegou o celular e começou a digitar. Era uma mensagem simples.

Podemos nos encontrar?

A resposta dele foi breve também.

No seu apartamento. Em trinta minutos.

Kat deixou o aparelho cair no chão. No fim da tarde, com quase certeza, dentro de uma hora, estaria dizendo adeus a outro homem que amava.

Acabou, pensou ela, quando as lágrimas começaram a cair, isso estava se tornando um hábito.

KAT SAIU do carro e correu pelo passeio até sua porta da frente, com lágrimas ainda escorrendo pelo rosto. Através da névoa, viu Jonas descendo os degraus, o rosto encovado com o choque, os olhos vermelhos. Kat chegou até ele e se jogou contra seu peito.

– É verdade? Pode ser? Diga-me que não é verdade. Ouvi no rádio... Eles comunicaram...

Os braços de Jonas a seguraram contra ele, uma das mãos na parte de trás de sua cabeça.

– Kit-Kat – proferiu ele, abafado em seu cabelo, seu sofrimento e preocupação ficaram evidentes em todas as sílabas. – Sim, é verdade. Harrison sofreu um acidente de carro horrível hoje pela manhã.

– Não me diga que ele está morto, Jonas! Ele não pode estar.

– Vamos entrar e eu vou contar a você tudo que sei.

Kat, com o coração pesando no peito, levou Jonas até seu apartamento.

– Ele se recusou a me deixar pagar o aluguel. Advertiu-me que eu estava fazendo um ótimo trabalho e ele queria me recompensar.

– Ele é um bom sujeito.

– Ele é uma ótima pessoa, Jonas. Sem ele, sem meu trabalho... O que aconteceu? Conte-me.

– Ele estava correndo. Você sabe que ele tem o pé pesado. Junte isso a um dos carros mais velozes conhecidos pelo homem; não é uma boa combinação.

– Mas ele é tão bom motorista, quero dizer, ouvi que ele poderia ter sido piloto profissional, de tão bom que era – comentou Kat.

– Sim, eu também não entendo. Ele conhecia a estrada, o carro, e mesmo que estivesse correndo, ao que parece, não estava tão veloz assim. O carro capotou. Ele foi jogado para fora, o que parece ter sido bom. Foi levado direto para a cirurgia.

– Ele vai sobreviver?

– Ele sobreviveu à cirurgia e está na unidade de terapia intensiva. Os próximos dias serão vitais. Isso não parece bom, Kat.

– Droga. Ele não pode morrer, Jonas. Tem muito pelo que viver. Mariella, seus filhos, seus negócios, seus empregados. Ele tem que ficar bem.

Jonas colocou a mão nas costas dela e Kat teve que se impedir de se inclinar em sua direção, para confortá-lo, para beber de sua força.

Se ela estivesse na mesma situação, quem estaria preocupado com ela? Tess e Cath? Alguns poucos colegas de trabalho? Ela não tinha parentes, filhos, um marido ou um amante.

Não tinha Jonas. Oh, Deus, ela queria amá-lo, ficar com ele. Queria ser sua esposa em todos os sentidos que a palavra abarcava. Não por alguns meses, mas para sempre. Ela o amava.

Mas ele não a queria. Não assim. Ele queria dar o fora. E ela poderia culpá-lo? Aquela era uma situação maluca, uma que nunca teve chance real de dar certo. Não era culpa dele não amá-la do mesmo jeito que ela o amava.

Você não pode forçar o amor...

Ela precisava fazer aquilo. Deixá-lo partir. Se não fizesse isso agora, não sabia se algum dia seria capaz de fazer.

– Precisamos conversar sobre sábado.

– Um dos muitos motivos pelos quais estava tentando falar com você era para lhe dizer que não podemos nos casar no sábado. Isso não pode acontecer. – Antes que ela pudesse refutar, Jonas falou de novo. – Não estou falando isso apenas porque discutimos, Kat, há razões práticas, motivos pelos quais a ideia de casamento não pode continuar. Mariella está coordenando o casamento e agora, com Harrison na UTI, ela ficará afastada. E eu conheço Harrison desde que era garoto. Ele e meu avô são bons amigos. Muitos dos seus amigos são nossos também e ninguém se divertiria. Por respeito a ele e à sua família...

– Você deveria usar este tempo extra para falar com seu avô. Contá-lo que isso não vai acontecer. Que foi uma ideia maluca...

– Jack e eu chegamos a um acordo. Eu estar casado não é mais um pré-requisito para herdar as ações. Então, não há motivos para nos casarmos.

– Bem, então, isso torna esta decisão mais fácil.

– Sério? Como?

– Jonas, você não precisa mais se casar e vai economizar muito dinheiro com isso.

– Nunca disse que não daria o dinheiro que prometi. Além do mais, quem mais pagaria pelo tratamento de sua tia, Kat?

– Devolverei, assim que puder, o dinheiro que você já gastou.

– Pelo amor de Deus! Quando você vai perceber que não dou a mínima para dinheiro? Em todo esse tempo, você não aprendeu nada sobre mim?

Sei que você é gentil e honrado e tem um coração enorme. Sei que a mulher que ganhar seu amor terá muita sorte.

– Estou apenas tentando fazer a coisa certa, Jonas. Estou tentando tornar isso o mais fácil possível. Queria que continuássemos amigos.

– Amigos? – Jonas repetiu a palavra antes de passar a mão pelo cabelo. – Você tem que estar brincando comigo. – Ele olhou para o relógio e fez uma careta de frustração. – Odeio interromper essa conversa sobre término, mas preciso ir. Prometi a Jack que iria com ele visitar os Marshalls no hospital. Eles precisarão de todo apoio de seus amigos.

Ele tinha dito "término", então isso era oficial. Tinham terminado.

Não chore, Kat. Não faça isso!

Jonas colocou as mãos nos bolsos da calça e indicou, com a cabeça, a pasta sobre a mesa entre eles.

– Está tudo aí, Kat. Presumi que essa discussão tomaria esse caminho, então fiz alguns planos.

É claro que ele tinha feito, era o presidente de uma empresa internacional. Kat olhou para a pasta, mas não a pegou. Mesmo tendo sido ela a pedir que ele viesse ali acabar com aquela farsa de relacionamento, não podia suportar ver o conteúdo da pasta, sabendo que os papéis, dentro dela iriam cortar sua conexão com Jonas.

– Conhecendo sua independência, sei que não aceitará ajuda. Mas não posso sair da sua vida, a menos que saiba que você ficará bem.

Você me amar é tudo que me importa!

– Adeus, Kit-Kat.

Seus olhos se encheram de lágrimas e Kat não conseguiu responder. Quando a porta se fechou atrás dele, ela caiu no chão e chorou.

– HARRISON AINDA está em coma. Ele foi transferido do hospital St. Aloysius para uma clínica particular não revelada. Sua situação se mantém inalterada.

Kat desligou o telefone, interrompendo a conversa com seu gerente.

Cath estava de volta à sua casa e estava se sentindo relativamente bem com seu novo tratamento. Kat poderia visitá-la, mas a tia questionaria sobre Jonas e ela seria forçada a admitir que não eram mais noivos.

Ao que parecia, Kat e Jonas eram as únicas pessoas que sabiam que o casamento deles não tinha sido apenas adiado, conforme sua relações-públicas tinha afirmado, mas cancelado. Por que ele não contou para todo mundo que eles tinham terminado? E, da sua parte, por que ela não falou? Porque não queria, de verdade, que tivesse acabado, e quando as notícias sobre o rompimento deles se tornassem públicas, isso seria o fim de verdade.

Kat se sentou no sofá e olhou para a pasta de Jonas, a que ele tinha deixado, quando saíra da vida dela, 72 horas antes. Ela não a abriu, sabendo que seria outra confirmação da falta de vontade de Jonas em se casar com ela.

Kat se obrigou a apanhar e abrir a pasta.

Você precisa fazer isso. Você tem que fazer isso. Não pode viver nesse estado de limbo para sempre.

Os papéis lá dentro estavam arrumados com perfeição e Kat passou os olhos por eles. Havia um acordo entre Jonas e a Whispering Oaks. Ele havia depositado seis milhões de dólares na conta da clínica e qualquer quantia não usada para o tratamento de Cath deveria ser doada para a pesquisa do câncer nos nomes de sua mãe e de Cath.

Kat colocou a mão sobre a boca, tentando conter os soluços. Oh, Jonas. Ela pegou outro papel e viu que ele cobrira os custos para ela voltar para a faculdade em tempo integral para terminar seu MBA. Ele tinha pré-pago o aluguel e as contas de seu apartamento para que ela pudesse ficar por mais um ano sem precisar trabalhar no restaurante e tinha comprado um carro, um SUV simples, compacto e de segunda mão, com poucos quilômetros rodados, que estava esperando para ser pego em uma revendedora de automóveis respeitável. Tão generoso, mas não soberbo. Tão Jonas. Ele manteve sua palavra, letra por letra, conforme com o acordo inicial original, e ele tinha feito isso de um modo inteligente, admitiu ela, Kat não poderia recusar.

Jonas. Ela agora tinha tudo para facilitar sua vida, mas o que ela mais precisava estava tão distante quanto a Lua. Tinha tanto amor para dar a ele e nenhum lugar onde colocá-lo.

Kat suspirou, os dedos batiam na pilha de papéis. Sentindo uma saliência sob o que deveria ser uma superfície plana, Kat levantou a última página dos documentos de seguro de carro e viu uma minúscula bolsa de veludo e um envelope com seu nome escrito atrás. Estava escondida no canto da pasta.

Kat olhou para o envelope, enquanto abria o pequeno saco de veludo, colocando o conteúdo na palma da mão. A grande safira de corte quadrado reluziu para ela; um azul-marinho profundo de tirar o fôlego. Kat segurou o anel entre os dedos, reconhecendo de imediato seu simbolismo.

A safira era muito maior e em um tom de azul mais profundo do que o anel de sua mãe, mas o desenho era exatamente o mesmo e tinha suas iniciais e as da mãe gravadas no aro. Kat pegou o envelope e o abriu. Tirou de dentro dele uma carta e viu as palavras de Jonas escritas apressadas.

Kit-Kat, Não é o anel de sua mãe, mas talvez ele ajude a aliviar um pouco o sofrimento de perdê-lo. Infelizmente, a dor de perdê-la, de perder o que poderia ter sido, ficará comigo para sempre.

Jonas Kat leu suas palavras uma vez e outra mais. Ele não queria perdê-la? Ele queria mais? Era o que ele queria dizer? Ele poderia, talvez, amá-la? O que ele quis dizer? Palavras... Palavras sempre entravam no caminho. Mas se ela acreditasse, como sempre dizia que faria, que as pessoas mostravam como se sentiam através de suas ações, então não precisava de suas palavras. Wes tinha lhe dito várias vezes que a amava, mas suas ações provaram que suas declarações eram falsas. Seu pai a amava, mas suas ações provaram que ele amava June mais do que a ela.

Mas Jonas, através do que ele havia feito várias vezes, expressou seu amor por ela. Ficou expresso na forma como ele a olhava e na maneira como ele a tocava, em sua preocupação por ela dirigir um carro caindo aos pedaços, precisando saber que ela estava segura. Pagara pelo tratamento de Cath. Provara que a amava providenciando uma cópia bem semelhante ao anel de sua mãe. Ele não havia dito as palavras, mas suas ações sussurravam sobre seu

amor. Kat havia apenas se esquecido de como ouvir. De agora em diante, ela *iria ouvir*.

Jonas tinha mantido todas as promessas importantes. Às que se referiam a escutá-la e tomar conta dela, porque se importava. E para cada dia que ele lhe desse, se ele lhe desse algum, ela escutaria e diria a ele, com palavras e ações, o quanto o amava. Não desperdiçaria nem um minuto mais. Kat pegou o celular e começou a procurar seu homem.

JONAS JÁ tinha se sentido emocionalmente machucado, mas nada se comparava ao inferno que estava experimentando nos últimos cinco dias, depois que saiu da vida de Kat. Vai melhorar, mencionou para si mesmo.

Algum dia, em breve, doerá menos, e você não sentirá tanta falta dela.

Jonas, sentado em sua prancha de surfe, olhou para a casa no penhasco. Retornar a Nevis foi como retornar à cena do crime, pouco depois de perder a amada em uma briga de faca.

Sem Kat, acordar era difícil, dormir era pior. Ficar longe da bebida era complicado. Mas mesmo que ele estivesse em Nevis, escondendo-se, ainda dispunha de serviço de internet e tinha uma empresa para comandar. Que agora era sua e apenas sua. Na manhã seguinte à conversa franca entre ambos, Jack havia assinado os papéis para transferir as ações para Jonas. Ele logo seria o acionista majoritário da Halstead & Sons.

Assumir a empresa e a melhora no relacionamento com o avô significavam muito pouco sem Kat em sua vida. E ainda que o coração parecesse cortado em dois, ele não se arrependeria do tempo que tinha passado com ela. Os últimos três meses tinham sido os melhores de sua vida.

Jonas conferiu o relógio. Era hora de voltar para a costa. Deitou-se sobre a prancha e começou a remar. Deveria começar a pensar no jantar, que se forçaria a comer. Mas a comida agora tinha gosto de papelão, então era quase certeza de que ele não comeria nada. Olhou para a escada que levava até sua casa e franziu a testa quando viu uma figura descendo os degraus. Seus degraus. Ele ainda estava longe, mas conseguia ver que era uma mulher: cabelo escuro, pernas longas.

Reconheceu aquele corpo, aquele biquíni de cor brilhante. Ele o tinha tirado daquele corpo umas dez vezes, ali em Nevis. Seu coração começou a

pesar, e Jonas remou com mais força. Manteve os olhos em Kat, cujo rosto estava coberto por um par imenso de óculos de sol. Eles deveriam ir embora, junto com a parte de cima de seu biquíni fúcsia e sua bermuda jeans desgastada e qualquer outra coisa que ela estivesse usando. Ela estava ali e ele nunca mais a deixaria ir embora mais uma vez.

Quando chegou à parte rasa, Jonas colocou a prancha debaixo do braço e correu para a praia, parando apenas para tirar a corda da prancha de seu tornozelo e jogá-la na areia. Ele corria querendo saber o motivo de ela estar ali. Estava ali por sua causa ou alguma coisa tinha acontecido com Cath? Com Harrison? Jack teria telefonado se Harrison tivesse morrido e os telefonemas de Jack e, era óbvio, os de Kat, eram os únicos que ele teria atendido. Não houve nenhum por parte deles. Kat tinha vindo dar más notícias em pessoa? *Por Deus, não.*

Jonas parou e colocou as mãos sobre as coxas, sem desejar encarar o que ela diria. Ele não achava que poderia aguentar mais mágoas.

Kat andou em sua direção e parou quando estava a alguns centímetros de distância. Enfiou as mãos nos bolsos de trás de sua bermuda e girou os calcanhares.

– Eu amo você.

Jonas ouviu as palavras, mas não entendeu o que ela estava tentando dizer. Então, prestou atenção à única coisa que entendia.

– Você cortou o cabelo.

Kat passou a mão por seu novo estilo de penteado moderno e arqueou uma sobrancelha.

– Viajei por horas de avião para lhe dizer que o amo e as primeiras palavras que saem da sua boca são sobre meu cabelo?

– Meu cérebro está derretendo – avisou Jonas. Correu a mão por seu cabelo e a olhou incrédulo. – Você tem certeza?

– De que eu o amo? Bem, eu usei aquele cartão de crédito que você deixou comigo para pagar a passagem – retorquiu Kat, mordendo os lábios. – Foi difícil, mas usei.

Jonas se endireitou, colocou as mãos na cintura, dissecando as palavras dela. Tinha se esquecido de que havia deixado um cartão de crédito com ela, para

emergências. Ela nunca o usara e ele nunca tinha esperado que usasse, não com sua teimosia em ser independente.

Ela havia usado o cartão para vir até ele, isso lhe dizia que ela o amava. Que ele era importante para ela... *Santo Deus*. Aquele pequeno gesto lhe revelou tudo que ele precisava saber. Leveza, felicidade, alívio o inundaram, enfraquecendo-lhe os joelhos, fazendo a garganta se contrair. Antes de ele perder sua compostura, aproximou-se dela e tirou aqueles óculos escuros de seu rosto.

– Eles são horríveis. Fale novamente.

Kat virou a cabeça para encontrar seu olhar, os olhos refletiam cautela e medo. Ela havia esperado que ele a rejeitasse e Jonas sentiu o coração balançar. Mas ele precisava ouvi-la dizer aquilo outra vez, enquanto ele olhava fundo em seus olhos, só para se certificar de que não estava ficando louco.

– Eu o amo. Continuarei lhe dizendo isso até que você acredite em mim.

Jonas segurou seu precioso rosto entre as mãos, acariciando-o com os dedos.

– Eu também a amo.

Kat colocou as mãos na cintura dele enquanto fechava os olhos.

– Graças a Deus, pensei que você pudesse dizer isso, mas não tinha certeza.

Jonas a puxou para si, colou seu corpo ao dela, a barriga bateu contra a ereção pulsante.

– Como você poderia não ter certeza.

– Você não me disse – retrucou Kat, o amor iluminava os olhos. Jonas começou a se desculpar, mas Kat pousou os dedos em seus lábios. – Mas vi o que você fez por mim e estava tudo lá. Obrigada... Obrigada por tudo. Pelo tratamento de Cath. Pelo carro. Por pagar por meus estudos. Pelo anel. Deus, o anel.

Jonas olhou para a mão dela e franziu a testa quando viu o anel de opala de fogo em seu anelar e o anel de safira na outra mão.

– Você ainda está usando o anel de noivado.

Kat olhou para sua mão, arqueou as sobrancelhas e assentiu.

– Parece que estou.

– Por quê?

– Por que estou usando o anel? – interrogou Kat, dando um sorriso pela pergunta dele. – Bem, gosto dele e gosto de ser sua noiva. E vou pensar assim até você cancelar, de modo oficial, nosso noivado. Até que nosso rompimento seja noticiado pelos tabloides e colunas sociais, pretendo continuar usando o anel.

Jonas sentiu a tensão evaporar de seu corpo. Kat estava ali. Ela o amava e seu mundo era perfeito. Ele sorriu.

– Bem, para sua informação, o inferno irá congelar antes que eu cancele nosso noivado. – Ele lhe deu um beijo breve e quente, sabendo que se começasse a beijá-la, não seria capaz de parar. Mas, antes, precisava fazer uma coisa. Eles precisavam começar de novo...

A felicidade de Kat ficou evidente em seu rosto e ela sorriu. Então, seu sorriso se transformou em uma expressão de confusão, quando ele pegou suas mãos e tirou os anéis de seus dedos.

– O que você está fazendo? – indagou-lhe Kat, perplexa. Jonas não respondeu. Apenas ficou de joelhos, com água ainda correndo de seu corpo, com areia grudando nos tornozelos e coxas.

– Sem condições, ressalvas ou acordos – declarou Jonas, piscando para ela. – Isso não tem relação com a minha empresa ou com meu avô, ou com um acordo temporário. Desde aquela manhã, na varanda do meu quarto de hotel, eu soube que desejava isso, mas não sabia como lhe contar. Então... Apenas você e eu, de forma honesta. Eu a amo. Não quero passar outro dia da minha vida sem você. Aceita se casar comigo?

Kat olhou de seu rosto para a palma da mão e então voltou a encará-lo. Pegou o anel de safira, colocou-o de volta no dedo médio de sua mão esquerda, depois pegou o anel de opala de fogo.

– Esse foi o primeiro anel que você me deu e o único do qual eu sempre precisarei. Embora uma aliança de casamento que combine seja algo legal de ter.

Jonas, com os dedos trêmulos, colocou o anel no dedo dela e olhou para sua mão. Quando ele levantou a cabeça e falou, deu para ouvir o tremor em sua voz. Ele não se importou com isso.

– Você é meu tudo, Katrina. A riqueza, o sucesso não significam nada, quando você não está na minha vida. Você *é* minha vida.

Kat passou os braços ao redor do pescoço dele e o beijou na lateral do pescoço.

– Estou tão feliz por estar aqui. Estar com você é tudo de que sempre precisarei.

Jonas a abraçou com força, feliz por estar ali, no pôr do sol, com a brisa fresca batendo em suas costas e com Kat beijando seu pescoço.

Aquilo era paz. Êxtase. Aceitação. Era quem ele deveria ser – a pessoa que amava Kat. O empresário, o herdeiro, o empreendedor bem-sucedido... Ele era todas essas coisas, é claro, mas ser amado por Kat, ser seu amigo e marido seriam para sempre seus trabalhos mais importantes. E, como seu amante, ele tinha sido negligente com seus deveres nos últimos tempos.

Jonas inclinou os joelhos, pegou Kat no colo e começou a subir as escadas correndo. Não podia esperar mais um minuto para tirar aquele biquíni que escondia seus seios, jogar sua bermuda na areia. Na escada, Jonas parou, olhou ao redor e lembrou que aquela praia era particular. Ele não precisava esperar.

Ele colocou Kat de pé e passou a mão debaixo de seu cabelo, para puxar as alças que mantinham seu biquíni no lugar. Kat o surpreendeu, quando suas mãos se ocuparam do cordão de sua bermuda. Ela precisava dele tanto quanto ele precisava dela, e Jonas sentiu vontade de chorar de alegria. Os dedos dela roçaram contra sua pele, mas ele agarrou sua mão e a levou até sua boca, acomodando seus lábios em sua gola aberta, fixando os olhos nos dela.

– Eu amo você, Kat. Cada centímetro teimoso, independente e sexy. E eu a farei muito feliz.

Os olhos de Kat, cheios de emoção, brilharam cheio de lágrimas.

– Nada é mais importante para mim do que você saber o quanto eu o amo. – Kat tocou seu rosto. – Acho que nosso novo noivado é um bom começo.

Era, pensou Jonas, porque suas fundações estavam, por fim, em rocha sólida. Ele deu um sorriso malicioso e guiou a mão de Kat para o lugar onde ele mais queria que ela estivesse.

Em uma praia particular, com a mulher que ele amava e que o amava e que também era sexy, muito sexy.

O que um homem deveria fazer?

Então, Jonas fez tudo que devia. E ainda mais.

Karen Booth

PRESOS PELO DESEJO

Tradução
Silvia Moreira

CAPÍTULO 1

JOY MCKINLEY detestava mentir para quem quer que fosse, especialmente para alguém tão doce quanto sua colega de trabalho na confeitaria, Natalie, mas não havia alternativa.

– Eu fico aqui à direita. Não precisa nem embicar na garagem. É difícil dar a volta depois.

A tempestade de neve estava muito forte.

– Que casa bonitinha. – Natalie deu uma espiada pela janela no chalé rústico por onde Joy passava a caminho da montanha. Os cachos dourados dela escapuliam de baixo do gorro listrado de branco e cinza. – Você ganha o suficiente na confeitaria para morar aqui sozinha?

Natalie arregalaria os olhos de surpresa se soubesse a verdade. Aquele chalé não fazia nem sombra para a casa onde ela vivia atualmente.

– Não é tão bacana assim, o interior já foi todo reformado, mas serve enquanto decido se vou ficar ou não por mais tempo em Vail.

A boca contraída denunciaria a mentira, por isso que ela mantinha segredo desde que chegara a Vail. Seria mais fácil viver no anonimato se não tivesse de dar detalhes sobre sua vida a ninguém. No entanto, viver assim gerava solidão, algo que estava começando a afetar a sanidade e o equilíbrio de Joy, principalmente agora que o Natal estava tão perto. Infelizmente, as mentiras e a existência como uma loba solitária reforçavam o disfarce que precisava manter.

O carro de Natalie derrapou um pouco para parar, mas, pelo menos, o ar quente estava funcionando. Dezembro no Colorado não era brincadeira.

Apesar de ter crescido em Ohio e ter passado por invernos terríveis, Joy havia perdido a imunidade às temperaturas baixas nos últimos anos enquanto morava em Los Angeles e Santa Barbara.

– O que você pretende fazer? Ficar ou ir embora? – exigiu Natalie.

– Não tenho certeza. Preciso colocar minhas opções na balança e encontrar um lugar permanente para morar. Por favor, me avise se você souber de alguém que queira de uma companheira de quarto. Eu adoraria dividir o aluguel com alguém.

– Pode deixar que vou perguntar por aí. Odiaríamos se você saísse da confeitaria. Adoro trabalhar com você.

– Que delicadeza a sua, eu gosto muito de trabalhar com você também. – Joy meneou a cabeça.

Ela havia dito a verdade, mas, mesmo assim, sentiu como se o coração estivesse pulsando nos ouvidos. E se a dona daquele chalé saísse e questionasse a presença de um carro estranho parado a sua porta? A possibilidade a deixou à beira de um colapso, aliás, estava naquele estado havia alguns meses. Um dia ela se estabeleceria e não precisaria mais ser nômade.

– Só para deixar claro, não a culpo se não quiser ficar. Acho que você é qualificada demais para trabalhar aqui.

– Não sou assim. Pães e bolos dão tanto trabalho quanto a cozinha francesa ou italiana. – Estas eram as especialidades de Joy, porém, se começasse a falar a respeito, nunca sairia do carro e estaria se arriscando demais. Assim, para se adiantar, ela abriu a porta do carro. – É melhor eu ir agora. Estou exausta e você deve ir logo, antes que a tempestade piore.

Natalie deitou-se sobre o banco do passageiro e olhou para Joy.

– Quer que eu fale com meu irmão para ajudar com seu carro? Ele cobra barato se eu disser que é um favor para mim.

Mesmo barato, é caro demais para mim.

– Obrigada, eu te falo se precisar. Obrigada pela carona, nos vemos no trabalho amanhã.

Sim, embora eu não tenha a menor ideia de como farei para chegar lá, mas depois eu me preocupo com isso.

– Isto é, se a confeitaria abrir amanhã. Eu checaria com a Bonnie antes de deitar. Ela te dirá qual será o plano B conforme a previsão do tempo.

– Obrigada, eu ligo.

Joy andou com dificuldade pela neve até a caixa de correio e fingiu estar remexendo lá dentro, depois acenou para Natalie. Assim que ela sumiu de vista, Joy abaixou a mão e esperou mais um pouco, imóvel, com a neve caindo e se acumulando em seus ombros. Depois de ter certeza de que a amiga não voltaria mais, voltou pela rua e começou a andar montanha acima até a propriedade de luxo de seus antigos patrões, Harrison e Mariella Marshall. O cargo de chef de cozinha na casa dos Marshall em Santa Barbara, Califórnia, tinha sido um sonho que se realizara. Agora ela vivenciava um sonho ruim e estranho, pois os arredores ainda eram luxuosos, ao estilo Marshall, mas a realidade não era tão reluzente.

Harrison Marshall, um dos mais renomados *chefs* de cozinha do mundo, era dono de um império global de culinária. Trabalhar com ele era o último passo para se chegar à fama como *chef*. Infelizmente, Harrison morrera num acidente de carro pouco depois que Joy começara a trabalhar para ele. Depois do trágico acontecimento, a família dele mudou muito, especialmente a esposa, Mariella, que costumava usar Joy como saco de pancadas, provocando-a com sermões sobre os mínimos detalhes, como a posição do saleiro sobre a mesa. Certo dia, Mariella pegou pesado e Joy pediu demissão. Sem dinheiro e nenhuma perspectiva, ela saiu do melhor emprego que já tivera na vida. Com pena, o filho de Mariella, Rafe, emprestou uma casa da família para Joy ficar, mas era temporário. Ele lhe dera as chaves da casa em Vail, dizendo que ela podia ficar até o inverno, quando os irmãos iriam para lá esquiar. A casa era linda, sua estadia ali era uma espécie de férias, mas precisava de dinheiro, e o único emprego que tinha encontrado foi na confeitaria da cidade. Não era grande coisa, mas o que mais importava era o dinheiro.

Normalmente, Joy estaria dirigindo aos trancos e barrancos seu carro surrado da confeitaria para casa, rezando para conseguir chegar ao topo da montanha. Naquele dia, a lata velha decidiu que não pegaria de jeito nenhum. Isso porque ela gastara todas as suas economias, quase seiscentos dólares, para arrumá-lo. Teria sido melhor esquecer o quarto e guardar o dinheiro como garantia de um aluguel. O relógio continuava batendo implacavelmente. O inverno chegaria antes mesmo que percebesse.

Ela chegou a pensar em pegar emprestado um dos três carros que estavam na garagem da casa, cada um deles devia custar mais do que Joy ganharia em cinco anos. Para alguém que precisava ser discreta, aparecer na cidade com um carro daqueles chamaria muito a atenção. Optou por pegar uma bicicleta emprestada e conseguiu descer parte da colina antes de deslizar na pista gelada. Àquela altura, sem alternativas e em cima da hora para chegar na confeitaria, decidiu gastar as últimas notas que tinha com um táxi. E voltaria com Natalie.

A tempestade estava ficando mais forte. Os flocos de neve de antes haviam se transformado em pedrinhas de gelo. A ventania forte assobiava ao passar por entre as árvores, jogando para longe a neve acumulada nos galhos. Com a tempestade de granizo batendo em seu rosto, Joy conseguia abrir muito pouco os olhos e enrolou o cachecol no pescoço, cobrindo a boca e a ponta do nariz. Estava difícil subir a montanha, sem contar que o esforço a fazia suar por baixo do casaco apesar do frio. A temperatura mais baixa daquele dia em Vail tinha sido vinte e oito graus negativos. Ela havia saído da confeitaria às 15h e já eram quase 17h. O sol já havia se posto. O ar gelado que castigava seu rosto chegava até os ossos. O Colorado era bonito, mas Joy não tinha certeza de que aguentaria a neve por muito tempo. Ela daria a vida para estar na praia, tomando uma margarita.

Com os dedos encolhidos dentro das botas, tentou ficar bem à margem da rua, o que era difícil, pois a neve já estava na altura da cintura. Mesmo assim, ela baixou a cabeça e tentou focar no que a esperava ao chegar em casa. Para suportar o vento e a neve, pensou na cama king-size maravilhosa e no acolchoado de plumas do quarto da filha de Mariella. Mergulhar naquela cama, deslizando os pés nos lençóis de milhares de fios era o paraíso. Aquela era a recompensa por ter sobrevivido a mais um dia. Ali também era um lugar seguro, onde ela procurava não mergulhar num poço escuro de negatividade nem pensar para onde ia depois, ou no que faria para construir um futuro sólido. Verdade que estava vivendo uma vida fictícia e emprestada, mas mesmo assim, estava agradecida por poder desfrutar o conforto que tinha. Dormir sob um teto, num quarto quente, era uma bênção.

A subida parecia mais íngreme. Ela ajeitou a bolsa sobre o ombro e continuou andando. O ar gelado parecia congelar seus pulmões. Na verdade,

estava tudo gelado, os pés, as pernas, os dedos da mão e especialmente o rosto. Estava mais difícil caminhar tremendo tanto. *Pense na cama. Pense na cama.*

De repente, surgiu uma luz suave na curva, iluminando o paredão de neve, as árvores e os galhos cobertos de neve que ladeavam a estrada. A luz foi ficando mais forte, mas oscilando de um lado para outro, sem fazer nenhum barulho. Ao terminar a curva, ela viu um carro descendo a colina, derrapando sobre o gelo. Tentou ficar o mais longe possível da estrada e acenou para o motorista, que parecia ter dominado o carro e vinha pelo meio da estrada.

Foi uma questão de segundos entre ela desviar o olhar e se deparar com o carro derrapando de novo na direção do canal. O motorista tentou desviar, brecou, mas o carro derrapou, mudando de direção e se aproximando rapidamente de onde ela estava. Por instinto, Joy sabia que precisava correr, mas para onde? O mais seguro seria voar, se possível. Para piorar, acabou escorregando, caiu e saiu engatinhando e afastando a neve do caminho com as mãos. Os faróis a cegaram, e de repente, o carro barrava o caminho dela. A única saída seria mergulhar naquela parede de neve, e foi o que fez.

O frio envolveu o corpo dela inteiro, como uma onda gigantesca movida pela adrenalina. Ela respirou fundo, mas os pulmões pareciam ter congelado e a garganta estava fechada. Ficou difícil respirar. Havia neve para todo lado. A sensação era de ter mergulhado na parte mais funda do oceano repleto de icebergs. Ela se debateu e lutou para fincar o pé no chão, mas não havia nada firme, só a neve. Será que as pessoas morriam afogadas na neve? Ela estava prestes a descobrir e, provavelmente, seria a primeira a conseguir tal façanha. No desespero para ficar em pé, ela sentiu que alguma coisa puxou sua perna. *Deus do céu. Um urso.* Em pânico, ela se debateu com braços e pernas, gritou o mais alto que pôde e conseguiu se virar de frente. O que quer que estivesse segurado sua perna a estava puxando, enquanto em desespero ela cravava os dedos na neve, tentando parar o movimento, mas os puxões eram muito fortes, impossível de se lutar contra. Não demoraria muito para ela ser devorada por um urso. Teria sido melhor afogar na neve.

De repente, ela caiu sentada no chão duro e o urso a soltou. Continuou chutando e gritando, quando uma figura escura assomou-se a sua frente, iluminada por trás pelos faróis. *Espere aí.* Se aquilo fosse um urso, então, ele tinha ombros largos e uma vasta e linda cabeleira.

– Você está bem? – perguntou a pessoa em desespero. – Me dê sua mão.

Joy finalmente se sentou direito, mas ainda não conseguiu se levantar. Olhou para cima e viu um homem e, atrás dele, um carro. *Aquele* carro. Aos poucos as coisas começaram a fazer sentido, tinha sido ele que a tinha puxado da neve. Ele se agachou e segurou o ombro dela.

– Você está bem? – repetiu ele. – Está machucada? Pode me ouvir?

Em um primeiro momento, ela estava com a vista embaçada e achou que podia estar morta.

Uau! Ele é lindo! Parece um príncipe de conto de fadas! Mas era de verdade, com cabelo escuro, espesso e com ondas perfeitas. Os olhos eram azuis límpidos, e tinha uma covinha no queixo...

Ah, ela devia estar morta, era isso.

O príncipe encantado remexeu no bolso e tirou um celular.

– Vou chamar uma ambulância. Você deve estar em choque.

– Não, não precisa. Estou bem – disse Joy, segurando o pulso do homem. – Sinto muito... Eu não sabia o que fazer. Meu primeiro instinto foi pular no banco de neve. Parece loucura, né?

– Você consegue se levantar?

– Acho que sim – disse ela, movimentando a cabeça. Ao se levantar, ela entendeu que não tinha sido loucura pular na neve. – Nossa, eu poderia ter sido atropelada.

– Desculpe-me. O carro deslizou no gelo e eu perdi o controle da direção. Às vezes, esses carros inteligentes obedecem ao comando, mas às vezes não...

O príncipe charmoso tinha uma voz grossa e autoritária, e talvez por isso fosse bom para dar ordens e ser obedecido. Sem contar que era alto. Nossa Senhora, agora que Joy o via mais de perto, estava estarrecida com a beleza dele! O maxilar de linhas marcantes ressaltava o rosto bonito de sobrancelhas espessas e lábios grossos. Tudo nele era perfeito e bem definido. Ele usava um casaco de lã preto e luvas de couro.

– Você se importa de me dizer por que raios estava andando na beira da estrada no escuro?

Ah, é. Isso...

– Caminhando...

– Caminhando com essas botas? – perguntou ele, apontando para as botas de salto e couro fino.

Os saltos e a calça jeans serviam para deixá-la com o bumbum mais bonito, mas ela não os usava para trabalhar, e sim um par de tamancos que levava na bolsa para esse propósito.

– É verdade, eu sei. Acho que sou uma vítima da moda. – Ela deu uma risadinha sem graça.

Ele franziu as sobrancelhas a ponto de quase uni-las numa só.

– Bom, eu acho que continuar caminhando não é uma boa ideia. Deixe-me levá-la até sua casa.

Casa? *Ah, não.* A casa na realidade era da família Marshall, e absolutamente ninguém devia saber que ela estava lá. Na certa, aquele homem era amigo dos Marshall, que, além de conhecerem muita gente, eram igualmente conhecidos.

– Estou bem... de verdade – desconversou ela, mas ele balançou a cabeça.

– De jeito nenhum. Você não está bem. Seria bom se pudesse olhar no espelho e ver o estado do seu cabelo e maquiagem. – Ele desenhou um círculo ao redor do rosto dela. – Além do mais, não tenho como saber se você não bateu a cabeça. Vou te levar para casa. Se minha mãe estivesse viva, iria brigar comigo se soubesse que deixei de ser um cavalheiro.

– Não precisa...

– Eu insisto, caso contrário, vou chamar uma ambulância, mas você não vai voltar andando para casa.

Joy suspirou sabendo que, se chegassem ao topo da colina e ele visse a casa dos Marshall, ela teria de ter uma desculpa boa e rápida. Se bem que ela sabia que, pelo menos, não seria presa se estivesse na companhia do príncipe encantado.

– Tudo bem, isso seria ótimo.

ALEX PASSOU na frente da mulher misteriosa e abriu a porta do passageiro do carro para ela entrar. Ele ainda não tinha certeza de que ela não estava em choque. Ele pelo menos estava bem desorientado.

Estava passeando de carro, tentando aliviar a cabeça dos problemas do escritório, quando, de repente, estava derrapando montanha abaixo e quase

atropelando uma mulher. Para sua sorte, num tipo de cena de cinema inacreditável, ela mergulhou na parede de neve.

Quando entrou no carro, a moça estava usando o espelhinho do carro para limpar a maquiagem do rosto e ajeitar o cabelo.

– Eu não quis dizer que você precisava se arrumar.

– Você tinha razão. Estou toda desarrumada.

De fato, o cabelo dela parecia ter passado por um furacão, mas nem assim ela deixava de ser muito bonita. Mesmo com a luz fraca do carro e vendo apenas o perfil dela, Alex a definiu como dona de uma beleza clássica: pele clara e corada, cabelo, agora arrumado, caindo em onda sobre os ombros.

– Se essa for a sua versão de estar desarrumada, gostaria muito de te ver para sair à noite.

Joy virou-se e o encarou com seus olhos castanhos e profundos.

– Acho melhor nos apresentarmos. – Alex estendeu a mão. – Meu nome é Alex; Alexander, se você preferir. Alexander Townsend.

Joy tirou a luva e apertou a mão dele.

– Muito prazer, Alexander Townsend, apesar de que aconselho que você mude imediatamente sua tática de paquerar.

Alex riu. Bonita e inteligente. As coisas tinham começado bem.

– Qual é o seu nome?

Ela terminou de se ajeitar e calçou as luvas antes de responder: – Joy Baker.

– Muito prazer, Joy. Você não é uma das donas da Denver Baker, ou é?

– Como?

– A Denver Baker. Sou muito amigo do Patrick. Nós dois nos graduamos na Universidade de Columbia no mesmo ano. – Pelo espanto estampado no rosto dele, ele percebeu que estava errado. – Acho que não...

– Desculpe, mas não os conheço.

– Ah, bem, mas de onde você é, Joy Baker?

– Santa Barbara.

– Eu sou de Chicago. Não é tão pitoresco quanto a Califórnia, mas é a minha casa.

– Parece legal.

A conversa não ia dar em nada, então era melhor mudar o assunto.

– Para onde quer ir?

– Você conhece bem esta estrada?
– Não mesmo.
Ela apontou para o alto da montanha.
– Vá dirigindo até lá e eu te mostro o caminho.
Alex seguiu as orientações. Os faróis eram fachos amarelos que contrastavam com a neve prateada. A conversa trivial tinha sido agradável, mas ele foi entendendo a cada minuto que quase a havia matado. Será que ela estava com alguma hemorragia interna? Traumatismo craniano? Tudo era possível. Pensar nisso despertou um lado protetor, acontecia com todas as mulheres, mas podia acabar mal para ele mesmo. Havia sido assim desde a infância, anos sendo testemunha do pai maltratando sua mãe e o usando como escudo.
Ele precisou se lembrar que mal conhecia Joy e que, portanto, deveria tratá-la como faria com qualquer outra mulher.
O dinheiro e o sobrenome famoso tornaram Alex um alvo constante para pessoas inescrupulosas. A mais notável de todas tinha sido sua noiva, um capítulo que deveria ser mantido encerrado, o que o deixara mais desconfiado com as pessoas e suas intenções.
– É logo ali, à esquerda. Você pode parar no portão e eu desço.
À medida que o carro se aproximava do alto da colina, a paisagem abaixo se descortinou diante deles. A impressão é que estavam no topo do mundo. O céu azul-marinho estava salpicado de estrelas brilhantes. A casa que Joy havia apontado era imensa. Foi como se alguém tivesse tirado o peso dos ombros dele. Ao que tudo indicava, Alex não precisaria se preocupar com as intenções dela. Joy estava muito bem de vida.
Ele embicou o carro na entrada e parou ao lado do interfone.
– Qual é a senha?
– Ah, não se preocupe. Aqui está bom. Vou descer e você já pode ir.
Alex ficou sem saber o que dizer ou fazer, pois uma mulher não o estava considerando como um presente dos deuses, e levar um fora também não era comum. As mulheres costumavam curtir sua companhia, e ele nem a tinha convidado para sair. Fora apenas uma carona morro acima.
– Prometo que não vou lembrar o número da sua casa. Trabalho com finanças, mas sou terrível com números, principalmente os pequenos. – Ele riu

da piadinha, mas ela não.

Idiota.

– É que... não sei se devo deixar você entrar.

Ele assentiu com a cabeça, tentando entender por que a estava deixando tão pouco à vontade. Alex teve vontade de dizer que ele era o cara mais confiável para as mulheres, sempre um cavalheiro, mas que tipo de homem dizia uma coisa dessas? Alguém que fosse o oposto, obviamente. O problema era que ele não estava certo de que ela estava bem depois de ter mergulhado na neve.

– Prometo que não vou falar da minha mãe de novo, mas que espécie de homem eu seria se não levasse uma moça pelo menos até a porta da casa dela? Você vai demorar uns cinco minutos andando nessa neve, talvez dez com essas botas. Aliás, caminhar na neve não é aconselhável. Acho que você não consegue dar um passo sem cair.

– Se você parar de criticar minha escolha de botas, deixo você me levar.

– Feito.

– O código é 6274.

Ele pressionou os números no pequeno teclado e o imenso portão de ferro se abriu, encostando numa parede de pedra com uma luminária no alto. A casa foi ficando cada vez maior à medida que eles se aproximavam. Havia pelo menos umas doze janelas grandes, todas com uma cumeeira presa com treliças de madeira. O telhado estava coberto de neve e as laterais eram revestidas de cedro. Aquele maravilhoso chalé podia abrigar vinte pessoas confortavelmente.

– Que bela casa. Lembra a minha na Suíça. As pistas de esqui de lá são melhores, mas eu quis fugir neste Natal, e minha casa aqui em Vail é a melhor opção.

– Ah, não... A casa não é minha, pertence a uns amigos.

– Quem são eles? Talvez eu conheça.

– Você conhece a família Santiago? Eles me deixaram ficar por enquanto. – A voz dela estava trêmula, talvez tivesse se machucado mesmo na queda.

– Humm... Não conheço. Você está sozinha?

– Sim, estou. Eu precisava de um tempo para mim mesma. A vida está uma loucura. – Joy pegou a bolsa e abriu a porta do carro. – Obrigada de novo. –

Ela deu as costas, embora tivesse sentido uma conexão momentânea difícil de ser ignorada.

– Claro... Era o mínimo que eu podia fazer. – Havia alguma coisa errada ainda. – Será que podemos trocar nossos números de telefone? Eu gostaria de ligar para saber se você está bem.

Ela pressionou os lábios como se estivesse tentando escapar de uma situação difícil.

– E se só eu pegar o seu telefone?

É justo.

Ele ditou os números e ela gravou no celular, pelo menos pareceu fazê-lo. Em seguida, saiu, fechou a porta do carro e começou a subir os degraus de pedra até a entrada. Joy era uma mulher alta, com pernas longas e ágeis, mas parecia pequena perto da porta de madeira gigantesca. Assim que ela entrou, Alex deu ré para ir embora. Ela já havia saído, mas seu perfume adocicado tinha permanecido. Fazia meses que ele não tinha um encontro, e aquele, de poucos minutos com Joy, não iria sair de sua cabeça por um bom tempo. Ela estava escondendo alguma coisa, um tipo de mistério.

Tomara que não tivesse sido algum ferimento do acidente.

CAPÍTULO 2

JOY FECHOU a porta, apoiou-se nela e foi escorregando para baixo. Aquela tinha sido por pouco. Rafe Marshall, filho de Mariella, permitira que ela ficasse na casa, mas com a condição específica de que ela não contasse a ninguém. Mariella ficaria furiosa se soubesse que o filho havia emprestado o santuário da família para alguém que ousara sair de um emprego oferecido por ela. E a família conhecia muita gente em Vail, gente do tipo de Alex.

Ainda bem que tinha dito que a casa pertencia à família Santiago, sobrenome de solteira de Mariella, e, por sorte, Alex não desconfiara de nada. Joy não gostava dessas mentirinhas brancas, mas estava muito preocupada com seu futuro no mundo da culinária. Mariella Marshall podia acabar com sua carreira com apenas um ou dois telefonemas.

Joy correu até um dos janelões e afastou a cortina para dar uma espiada e viu as lanternas vermelhas do carro de Alex, que passava pelo portão. Só conseguiu respirar depois que a barreira de ferro se fechou completamente. Ele tinha ido embora. O príncipe encantado tinha voado para longe, o que não era ruim, apesar de decepcionante para ela.

Estava muito solitária desde que chegara ao Colorado. Ainda não havia tido uma única conversa com outra pessoa fora do trabalho e da confeitaria. Seria bom se pudesse sair com um homem bonito e bacana. Na verdade, seria maravilhoso.

Não é para você, pensou ao largar a bolsa, atravessar a sala e subir a escada até o quarto onde estava hospedada.

Gente rica significava encrenca. Ela já havia encontrado sua cota trabalhando no mundo da gastronomia. Homens ricos, fossem investidores ou clientes, estavam acostumados a ter tudo o que queriam e quando queriam. Joy era muito teimosa para aguentar isso. De um jeito ou de outro, ela evitava ao máximo homens exigentes, que era o caso de seu ex-namorado. Ele não era rico, mas estava sempre no controle de tudo. Romper com ele tinha sido um processo angustiante, que ainda não acabara. Dinheiro e o carro eram problemas, mas ele era a razão principal por ela não ir para casa no Natal. Os dois viviam na mesma cidade pequena, e ele descobriria logo se ela voltasse. Mudar de cidade tinha sido a melhor solução, apesar de ser triste e solitário ficar longe da família.

Joy tirou a roupa de trabalho, ligou o chuveiro e entrou no boxe. A água estava na temperatura perfeita e com a pressão certa para aliviar as dores musculares. O banho era relaxante, mas ela não podia passar a noite inteira ali, assim saiu do boxe, pisou no tapete fofo e se enrolou numa toalha bem felpuda. Tudo naquela casa era de primeira qualidade. Cada elemento tinha sido adquirido para prover luxo e conforto, e seria uma grande mentira se dissesse que não estava aproveitando cada minuto ali.

Assar pães era um trabalho árduo e fisicamente exaustivo, talvez até mais do que ser uma chef. A caminhada colina acima e pular num bloco de neve não tinha sido a maneira ideal de se terminar um dia.

O banheiro da filha de Mariella, Elana, era um exemplo perfeito. A bancada da pia era de mármore, os armários de cerejeira, e o boxe era todo revestido de pastilhas de vidro. Havia até um lugar próprio para esquentar a toalha, que Joy não usava sempre com medo de se acostumar àquela vida de luxo... Como se fizesse alguma diferença. Uma hora aquilo tudo iria acabar.

Ela vestiu o roupão e secou o cabelo com a toalha, olhando-se no espelho. De vez em quando, era bom se lembrar de quem era. Seu nome era Joy McKinley, uma garota trabalhadora de Ohio. Ela não morava e jamais moraria numa casa como aquela. Castelos de areia nunca levaram ninguém a lugar algum, mas trabalho duro sim. E definitivamente *não* era Joy Baker, convidada da família Marshall, perfeitamente acostumada a ficar num lugar daqueles. Joy tinha permitido que Alex pensasse o contrário apenas para acobertar a

verdade, e havia sido apenas um encontro casual. Um encontro com um homem muito sexy.

O painel de segurança no banheiro apitou e Joy deu um salto. Alguém estava na porta da frente da casa e já tinha passado pelo portão. Será que alguém da família Marshall havia chegado e estava sem a chave? Será que Mariella havia convidado pessoas, deixando para Joy se explicar e sair correndo dali? Ao apertar o botão da câmera, ela viu a imagem de Alex em branco e preto e ficou aliviada e animada. Mas por que ele teria voltado?

– Alô?

– Oi, é o Alex, do acidente de agora há pouco.

Ele era tão lindo falando ao intercomunicador, mesmo sem olhar para cima.

– Sim, eu me lembro.

– Eu já estava na metade do caminho e voltei. Você tem certeza de que está bem?

Joy demorou um pouco para responder, sua vontade mesmo era convidá-lo para entrar e conversar de verdade. Mesmo que ele não dissesse nada, ela se contentaria em apenas olhar para ele e convencê-lo de que um teatrinho de faz de conta de vez em quando era normal.

– Estou bem... Eu acho.

– Viu? Você não tem certeza. Acho que vou ligar para a emergência. Isso pode ser sério.

– Ah, não. Não faça isso.

– Você pode vir até aqui e falar comigo?

Alex era o homem mais insistente que ela já conhecera.

– Tudo bem, já estou indo.

Joy não pensou duas vezes antes de sair correndo escada abaixo. E só quando estava à porta lembrou-se de que estava nua por baixo do robe, por isso abriu só uma fresta para colocar a cabeça para fora.

– Eu estou bem.

A luz âmbar suave da lâmpada, que incidia na cabeça dele, era capaz de deixá-lo mais lindo ainda. Seria difícil e até doloroso pedir para ele ir embora.

– Acho que não é conveniente você ficar sozinha agora.

– Eu já disse que estou bem – disse ela, apesar de não ter certeza. Seu pescoço ainda estava dolorido mesmo depois da ducha, e a cabeça começava a

doer.

– Acho melhor você ir ao médico – disse ele, contraindo os lábios e olhando para baixo rapidamente.

– Não é necessário... Preciso apenas dormir um pouco.

– Você tem certeza de que não bateu a cabeça? Não é aconselhável dormir depois de bater a cabeça.

Nossa, que homem persistente.

– Eu pulei na neve, não bati a cabeça em nada duro.

Alex estreitou a distância entre eles, estudando-a de perto. A respiração quente acariciou o pescoço dela e foi impossível não notar a proximidade daquela boca sexy e tão beijável. E se terminassem namorando?

– Parece que suas pupilas estão dilatadas – comentou ele.

– Eu nem sei o que falar, pois não estou vendo meus olhos, e mesmo que estivesse, não saberia dizer o que significa estar com as pupilas dilatadas.

– Posso entrar um pouco? Juro que não estou com nenhum machado escondido.

Ela suspirou e abriu mais a porta, e o ar frio entrou junto com ele. Parecia que a tempestade de neve estava ainda mais forte.

– Desculpe, eu nem deveria ter mencionado um machado, nem nada disso, mas juro que sou um cara legal. – O sorriso foi mais convincente do que as palavras.

Alex, de fato, não representava nenhum perigo, e aquela boca perfeita... Joy não tinha nenhuma razão para mandá-lo sair, apesar de a lógica avisar que sim. O sorriso dele tinha exercido uma espécie de magia, conseguindo rachar a armadura imaginária que ela vestia.

– Por favor, entre. Você deve estar congelando aí fora.

Ele balançou a cabeça, tirando a neve do cabelo, e bateu as botas no capacho.

– É verdade. A previsão do tempo não é nada boa. – Ele olhou por cima do ombro dela e, quando voltou a fitá-la, completou: – Aqui dentro está bem melhor.

Joy sentiu um leve arrepio, desconfiando que ele a estava paquerando. Então, o príncipe encantado já estava colocando as manguinhas de fora? Ela sentiu frio nos ombros e só então notou que o robe tinha aberto mais do que

deveria. Em dois segundos e corada até a ponta dos pés, ela o ajeitou e apertou a faixa na cintura.

– Aceita uma xícara de chá? – perguntou, sem ter a menor ideia do que oferecer ao homem que tinha voltado a procurá-la.

– Seria ótimo, mas prefiro ligar para meu médico primeiro. Eu ficaria mais sossegado se você conversasse com ele.

– Não preciso sair daqui?

– Não. Você pode falar com ele no conforto da sua própria casa.

Minha própria casa. Ah, se fosse...

– Está bem. Por favor, sente-se na sala enquanto vou me trocar.

– Por mim você não precisa se trocar. Acho que você está linda assim mesmo.

Outra cantada naquele tom de voz diferente. A não ser que ele fosse daquele tipo de homem que fala sempre com tom sensual de voz. Independentemente se ele a estava paquerando ou não, Joy sentiu uma vontade quase incontrolável de deslizar os dedos por entre o cabelo dele só para saber se era tão espesso quanto parecia. Fazia mais de um ano que ela não ficava com ninguém, e o último tinha sido uma decepção, nem beijar direito sabia. Ela gostava de ser beijada de verdade e deixar uma mensagem insinuante pairando no ar. Alex parecia o tipo de homem que desmontaria uma mulher com um simples beijo. O cenário era propício, os dois estavam sozinhos naquela casa maravilhosa e ela coberta apenas por um robe.

– Você é muito gentil, mas vou me sentir melhor se me trocar. Volto num instante.

Assim dizendo, ela se virou e subiu as escadas balbuciando para si mesma: – Que raios você está fazendo? Por que deixou ele entrar? Isso foi uma bobagem sem tamanho. Existe algo mais estranho do que ligar para o médico dele neste horário?

Afastar-se dele permitiu que ela percebesse que Alex tinha facilidade para convencê-la de fazer alguma coisa, e por isso, era preciso ficar firme e calma para que ele fosse embora por vontade própria. Fazer um escândalo só iria levantar suspeitas e era melhor que ele nem desconfiasse que ela estava agindo estranhamente por talvez não estar em sua própria casa. Do jeito que ele era, talvez até chamasse a polícia. Uma pessoa séria como Alex não hesitaria em

denunciá-la se achasse que havia alguma coisa errada. O importante era atuar como se pertencesse àquele lugar, agir o mais normalmente possível e rezar para que ele fosse embora logo para que ela pudesse voltar para sua triste, mas segura, existência, e para a cama maravilhosa, onde dormiria sozinha.

Joy desceu as escadas minutos depois, vestida com calças de pijama e um moletom com capuz. Assim que chegou à sala de estar, ouviu o crepitar da lenha na lareira e não lembrava de ter dito para Alex se sentir tão à vontade assim.

– Ah, você acendeu a lareira.

– Sim... Olhe lá para fora. – Ele inclinou a cabeça na direção da extensa parede da sala de estar, onde as janelas altas chegavam quase à abóbada do teto, feito sentinelas em posição de sentido. O azul escuro do céu estava pontilhado com grandes e reluzentes flocos de neve. – Uma das razões de se ter uma casa na montanha é acender a lareira quando está nevando.

O problema é que a fumaça sairia serpenteando pela chaminé, denunciando para quem passasse de carro por ali que havia gente na casa. A chance era remota, mas, e se algum conhecido dos Marshall decidisse parar para perguntar se Mariella estava na cidade? Seria horrível. Joy tinha tomado cuidado para não chamar a atenção de jeito nenhum, preocupando-se inclusive em não acender muitas luzes.

– Humm... Boa ideia. É muito gostoso...

– Foi o que pensei – disse ele, acomodando-se num dos confortáveis sofás cobertos por mantas de cores terrosas e tirando o celular do bolso. – Venha se sentar, vamos ligar para o meu médico – convidou-a ele, dando uns tapinhas no sofá a seu lado.

Aquela era a situação mais estranha que Joy já tinha passado, mas estaria mentindo se negasse a vontade de se sentar ao lado dele sem estar separada pelo console do carro.

– Está bem. – Ela se sentou cautelosamente. Logo sentiu o calor do corpo dele e o perfume másculo e procurou ficar imune.

Depois que ele digitou, a tela se iluminou, mostrando uma foto pequena dos dois no canto de baixo. Até que eles formavam um casal bonitinho, apesar de ele estar com um suéter preto e calça jeans e ela de pijama.

– Vamos fazer uma chamada de vídeo?

– Ah, sim. Achei que assim seria mais fácil, porque ele provavelmente vai querer te ver.

Não demorou a surgir outro rosto no visor. Joy piscou várias vezes para ter certeza de que estava enxergando direto. *Caramba.* Aquele não era um médico qualquer, mas sim o Dr. David, o médico que tinha um programa de televisão. Ele era aquele que todas as emissoras chamavam para falar quando havia alguma comoção geral para acalmar as pessoas.

– Alex? Você está me ligando de Vail mesmo? Você não devia estar esquiando? – perguntou o Dr. David.

Ah, que ótimo. Alex não apenas é dono de um carro caríssimo e uma casa na Suíça, mas também íntimo de celebridades. Nossa, em que mundo estou vivendo?

Alex riu.

– Eu andei esquiando, mas estou ligando porque minha amiga pode ter batido a cabeça e pensei que você poderia conversar com ela.

Dito isso, Alex virou o telefone na direção de Joy.

– Oi, eu sou a amiga – cumprimentou ela, acenando. – Meu nome é Joy.

– Oi, Joy. Sou o Dr. David.

Sim, claro, ela pensou sem graça, desejando que o médico não visse o quanto estava vermelha.

– Oi, Dr. David – respondeu ela com displicência, como se estivesse acostumada a conversar com gente famosa todo dia.

– O que está acontecendo com você?

Joy olhou com o canto dos olhos para Alex, que estava bem preocupado e inseguro, razões pelas quais tinha voltado para ver como ela estava. Tomar consciência disso era uma faca de dois gumes, pois podia ser doce, mas perigoso. Ela precisaria ficar invisível naquele momento e não chamar a atenção.

ALEX FICOU ouvindo Joy contar a história do quase acidente. A cada palavra, ele se sentia mais culpado. De fato, ela tinha passado um apuro considerável e tudo por falha dele. Ela poderia ter morrido. Ele poderia ter acabado com a vida daquela linda mulher. O peso dessa constatação pesou nos ombros dele. A situação representava o maior dos seus medos. Desde criança, Alex se preocupava em fazer a escolha certa que não o levasse a um erro irreversível. Se

ele não tivesse saído para dar uma volta, Joy não precisaria ter mergulhado naquele banco de neve. Por mais relutante que ela estivesse em aceitar ajuda, ele teria de insistir para que as ordens do Dr. David fossem cumpridas sem desculpas.

– Bem, tudo indica que você ficará bem. Não parece que você sofreu nenhum trauma – disse o Dr. David, meneando a cabeça e fazendo algumas anotações.

Joy suspirou de alívio.

– Que bom. Obrigada.

– Bem, você não deve ficar sozinha nas próximas vinte e quatro horas. Se surgir alguma coisa, você precisará de alguém para levá-la até o pronto-socorro mais próximo.

O alívio de Joy terminou naquele instante.

– Estou hospedada aqui sozinha, mas isso não é nada. Você mesmo disse que parece que não sofri nada sério.

– Não posso ter certeza sem examiná-la pessoalmente. Acho que seria bom se Alex ficasse com você, se a agenda dele permitir.

Alex logo entendeu as complicações da sugestão, mas sabia que David estava certo. Joy não podia ficar sozinha, pelo menos por precaução, pois ele jamais se perdoaria se alguma coisa ruim acontecesse com ela.

– Estou de férias e não tenho nenhum outro compromisso.

– A nevasca vai piorar – suplicou Joy. – Você pode ficar preso aqui.

Mais uma vez, Alex se decepcionou com a reação dela. A maioria das mulheres faria qualquer coisa para passar um tempo com ele. A negativa evidente dela não era muito lisonjeiro.

– Essa é literalmente a última coisa que me preocupa agora.

– Tenho certeza de que vocês dois podem resolver isso – disse David. – Liguem amanhã e me deem notícias. Alex, se acontecer alguma coisa no meio da noite, pode me ligar. Meu telefone fica na cabeceira da cama.

– Muito obrigado, você é um verdadeiro salva-vidas – respondeu Alex. – Nós ligaremos amanhã. – Dito isso, ele encerrou a chamada.

Joy se recostou no sofá e abraçou as pernas dobradas.

– Estou bem. É sério.

– Eu sei, mas ainda acho que não custa prevenir.

Ela retorceu os lábios, contrafeita.

– Podemos jogar cartas, assistir TV ou mesmo só conversar. Você deve se sentir muito sozinha. – De repente, ele pensou que talvez ela não estivesse sempre sozinha. – Espere um pouco, alguém vem ficar com você nas férias? Um namorado, marido?

– Isso é jeito de perguntar se sou comprometida? – indagou ela, erguendo uma das sobrancelhas.

Alex não achou que tinha errado tanto assim. Deu de ombros e tirou os sapatos.

– Bom... Você está saindo com alguém? – Joy devia ter uma carreira de sucesso, a julgar pela generosidade dos amigos em emprestar a casa. – O que você faz? Não, espere... Deixe-me adivinhar.

Ele estudou o rosto dela, evitando desviar a atenção para a curva sensual do pescoço dela, ou as pernas longas. Joy definitivamente era uma mulher séria e focada, mas tinha também uma vibe de uma amiga sexy que não combinava muito com ser uma alta executiva.

– Empresária. Você criou uma empresa bem-sucedida de cosméticos orgânicos ou roupas de ioga?

– Você não poderia estar mais longe... – Ela balançou a cabeça.

– Pode ser, mas você deve ser um tremendo sucesso no que faz, isso é óbvio.

– Eu não diria que sou um tremendo sucesso, mas sou boa no que faço.

Ela era modesta e ele gostava disso. A maior parte das pessoas que ele conhecia estava sempre ansiosa para se gabar de sua reputação e sucesso, independentemente se tinham trabalhado muito para alcançá-los ou não.

– Ora, vamos, você está passando um tempo sozinha nesta casa enorme. É obvio que você tem amigos bem-sucedidos e, na minha experiência, sucesso atrai sucesso. Como se não bastasse, você tem um ar de gente importante.

– Como assim? – Ela estreitou os olhos, surpresa.

Alex suspirou, frustrado. Até então ele não tinha dado uma dentro, tudo o que dizia soava o oposto do que queria.

– O que quero dizer é que você está à vontade numa casa dessas. Isso é sinal de que alguém tem ou já teve muito sucesso.

Joy esticou as pernas no sofá, revelando as unhas do pé pintadas de vermelho-escuro, o que fez o coração de Alex acelerar. Definitivamente Joy era uma mulher sedutora.

– E você? O que Alex Townsend faz na vida? – perguntou ela, encarando-o.

Alex pensou em ignorar a pergunta e voltar o assunto para ela, pois ainda continuava sem resposta. Talvez ela fosse muito mais humilde do que ele imaginava, ou quem sabe havia muito estresse envolvido no trabalho e agora que ela estava de férias e não queria nem falar no assunto, algo que ele sabia muito bem o que era. Afinal, ela estava naquela casa enorme sozinha no Natal, sinal evidente de que queria ficar sozinha.

– Trabalho com finanças, investimentos. É um negócio de família, mas agora sou eu que administro. Não é uma carreira excitante, mas é o que minha família sempre fez.

– Você é próximo da sua família?

– Convivo muito com meus irmãos, trabalhamos todos juntos. Meu pai se aposentou no ano passado e me colocou no comando, e ele até que está se dando bem aposentado.

– Ele é daqueles que precisa meter o nariz em tudo?

Na verdade, aquilo era um estresse contínuo e a situação mais difícil no dia a dia de Alex. Sendo o filho mais velho da família, ele era o herdeiro direto da Townsend & Associates Investments. Não via a hora de o pai sair de uma vez da empresa para que pudesse administrá-la do seu jeito. Mas o pai o questionava sempre, principalmente agora que Alex estava deixando a empresa com a sua cara, mudando coisas, modernizando as operações e tornando-a mais justa com os empregados.

– Acho que posso dizer isso. Espero que melhore, afinal, faz apenas um ano que assumi o controle.

– Alguns pais são mesmo muito autoritários, o meu não ficou nem um pouco feliz quando decidi fazer gastronomia.

– Ah, então você é *chef* de cozinha? Eu não estava tão errado.

– Estava bem errado. No momento, meu foco é a confeitaria.

– Espere um minuto. Você é a Joy Baker? – Ele não conseguiu conter um sorriso. Havia alguma coisa adorável naquela revelação.

– Sim, apesar de eu não saber onde está a graça. Fui treinada da maneira tradicional. Cozinhar é minha paixão, herdei da minha avó.

– Desculpe, eu não estou menosprezando.

– Pode ser, mas é importante para mim.

Alex estava com dificuldades de novo para conter o sorriso. Ele estava adorando aquela paixão pelo trabalho e como era bom ter o envolvimento da família em algo diferente de dinheiro, como algo tão caseiro e criativo.

– Se é tão importante assim, por que seus pais não aprovaram?

Ela baixou a cabeça. Sempre que ela desviava o olhar, Alex se lembrava da primeira impressão que tivera, de que Joy estava escondendo alguma coisa. Estava ansioso para desvendar aquele mistério e ansioso para confiar nela.

– Eles acharam que eu não ganharia muito dinheiro, o que não está totalmente errado. Não é uma atividade muito compensadora, mas não estou atrás de dinheiro e amo o que faço.

Joy era como um sopro de ar fresco. Alex admirava a coragem dela. Joy tinha enfrentado os pais por uma paixão e, pelo visto, havia se dado muito bem. Ele queria muito ter uma empolgação assim com alguma coisa.

– Acho isso fantástico. É impressionante.

– Você não falou sobre sua mãe. Ela trabalha?

Alex teve a sensação de ter tomado uma ducha gelada, considerando como a conversa estava animada.

– Ela faleceu quando eu estava na faculdade.

Mesmo depois de anos, ele ainda não se perdoava por não ter estado presente quando a mãe morrera. Enquanto ela sofria muito, ele estava estudando a quilômetros de distância, em Nova York.

– Sinto muito.

O tom de voz de Joy demonstrava compaixão, o que foi uma bênção que ele apreciou. Muita coisa não parecia real em sua vida, culminando com as mentiras de Sharon, traindo o amor dos dois. Contudo, ele não queria que Joy sentisse pena, pois desejava se mostrar forte e capaz, e não fraco e vulnerável.

– Me conte mais sobre seus pais. O que eles fazem?

Joy fechou os olhos por um instante.

– Sabe de uma coisa? Acho melhor deixar essa conversa para outra hora. Estou um pouco cansada. Acho melhor eu ir para a cama.

Alex ficou sem saber se ela estava fugindo do assunto, ou se estava cansada de fato. *Deixe de ser paranoico.* Ela havia passado por muita coisa, culminando com o tombo porque ele tinha perdido a direção do carro.

– Espero que você não sinta dor.

Ela balançou a cabeça.

– Estou bem, sério. Só estou cansada.

– Está bem. Onde prefere que eu durma esta noite? Posso ficar no sofá, se preferir.

– Não seja bobo. O andar de cima está cheio de quartos. Você pode ficar no primeiro perto da escada. Estou a duas portas dali.

Joy deixou claro que queria um espaço entre eles, e Alex tinha de respeitar. Afinal, ele era um estranho na casa dela, e isso deixaria qualquer mulher insegura.

– Obrigado. Será que posso colocar meu carro na garagem? Nem preciso dizer que vai nevar muito esta noite.

– Ah, claro. A porta da garagem fica à esquerda do hall de entrada. Acho que tem vaga.

– Obrigado. Boa noite.

– Durma bem.

Alex não demorou para encontrar a garagem e abrir a porta. O vento estava bem mais forte e a neve escondia o caminho, com cerca de dez centímetros de espessura. Apesar de a Bugatti ter muita potência, não era muito fácil pegar, e foram necessárias várias tentativas para conseguir colocá-la na garagem. Ele pegou a mochila de ginástica no banco de trás. Pelo menos teria uma cueca limpa e alguns artigos de higiene pessoal.

Ao voltar para dentro da casa, bateu os pés e tirou a neve dos ombros, tentando lembrar se já estivera em uma situação tão bizarra antes. Se bem que podia estar preocupado por quase ter causado um acidente mais grave, mas, de qualquer forma, havia interrompido as monótonas e solitárias férias de Natal.

Pensando melhor, havia alguma coisa errada com Joy, algo que o intrigava. Por mais que detestasse estar sempre com um pé atrás, não podia ser enganado mais uma vez. Em sua posição, tendo de manter uma fortuna pessoal e uma

reputação profissional, ele tinha de desconfiar de todo mundo. A única vez em que estivera com a guarda baixa quase fora destruído.

Se o improvável não tivesse acontecido e ele tivesse se casado com Sharon, sua ex-noiva, a mulher que o enganara dizendo amá-lo e que tentara convencê-o de que um acordo nupcial não seria necessário. Seu rosto estaria estampado em todas as revistas de fofocas, sem contar que praticamente teria perdido metade de sua fortuna.

Alex entrou na sala e discou o número de Paul, o investigador da Townsend & Associates Investments. Sua atividade principal era administrar uma diligência criteriosa nas potenciais operações de fusão e aquisição de empresas, Alex era bom em tirar esqueletos do armário. Paul estava na empresa havia muito tempo, quando Alex ainda era adolescente. A família inteira confiava em Paul. De certa forma, Alex projetava nele a figura de um pai. Era possível manter uma conversa aberta sem que esta se tornasse uma discussão sobre o estilo de administrar de Alex.

– Você não deveria estar de férias? – perguntou Paul.

Alex estava num canto da sala para que Joy não ouvisse a conversa.

– Estou de férias e me divertindo, mas gostaria que você verificasse uma coisa para mim.

– Alguma coisa ou *alguém*?

Paul era esperto, seria difícil enganá-lo.

– Alguém, uma mulher.

– Puxa vida, espero que você não se meta numa situação delicada de novo.

Alex fechou os olhos e suspirou. Paul tinha todo o direito de ser cauteloso; tinha desconfiado de Sharon no momento em que a conhecera. Ele não dissera nada a princípio, mas, conforme a data do casamento foi se aproximando, ele decidira começar a investigar e descobrira uma série de mentiras. Alex estava cego de amor e por pouco não pagara muito caro por isso.

– Bem, não é uma situação convencional. Esta tarde eu derrapei no gelo com o carro e quase atropelei uma mulher. Estou na casa dela agora. Eu queria saber mais para evitar surpresas futuras. Ela é adorável. Eu gostaria de convidá-la para sair, talvez levá-la para jantar. Mas tem algum fio solto nessa história que ainda não consegui identificar.

Paul ficou mudo por alguns segundos, e Alex sabia que ele estava pensando na situação.

– Como assim? Não quero ser muito paranoico por causa de Sharon. A maioria das pessoas é honesta.

– Maioria?

– Todos mentimos, a questão é com que frequência.

De fato.

– Você acha que pode investigar?

– Bem, mal não vai fazer. Qual é o nome dela?

– Joy Baker. Ela é de Santa Barbara.

– Você sabe alguma coisa da família dela? Ela tem alguma empresa?

– Infelizmente não sei muita coisa, a não ser que ela não é parente da família Baker de Denver. Ela é *chef* de cozinha.

Mais uma vez Paul ficou em silêncio do outro lado da linha.

– Tudo bem. Entendi. Vou pesquisar e ligo amanhã.

CAPÍTULO 3

JOY SE deitou na cama que estava fantasiando durante a árdua caminhada montanha acima. A cama era maravilhosa, o quarto inteiro era, e nem se tratava da suíte principal. Joy não teria coragem de se instalar no quarto de Mariella e Harrison Marshall. Já estava forçando demais a situação.

Ela tinha decidido ficar no quarto da filha do casal, Elana, que tinha uma cama de cerejeira e estofados em tons de creme, marrom e dourado. Havia uma lareira elétrica num dos cantos, que podia ser acesa com um controle remoto. As chamas provavelmente emprestariam um brilho dourado e acolhedor ao quarto inteiro, mas Joy estava nervosa demais para ligá-la. A janela dava para a parte de trás da propriedade, oferecendo uma paisagem de tirar o fôlego, das montanhas até perder de vista. Estar naquela cama diante de um espetáculo daqueles era como estar no topo do mundo.

A neve continuava caindo, implacável. Joy pegou o celular e acessou o aplicativo do tempo. A previsão era de uma nevasca pesada durante a noite toda. Era muito difícil fechar as coisas por causa da neve no Colorado, mas o fato é que a casa dos Marshall ficava no alto da montanha.

Rafe a havia avisado que, mesmo que a vida estivesse normal na cidade, os caminhões limpa-neve demorariam bastante para chegar lá em cima. O fato era que, com tempo ruim ou não, ela não chegaria ao trabalho no dia seguinte, ainda mais com Alex ali durante vinte e quatro horas, de acordo com as orientações do Dr. David.

Joy ainda não acreditava que conhecera uma celebridade num momento em que estava de pijama. Os Marshall tinham muitos amigos famosos, tão

conhecidos como o Dr. David, mas ela nunca conversara com nenhum deles.

Ela ligou para a confeitaria para avisar.

– Oi! – Bonnie atendeu. – Imagino que você esteja ligando para conversar sobre esse ataque da mãe natureza.

Joy sorriu e sentou-se sobre os travesseiros.

– Em parte, sim. Mas, mesmo que o tempo cooperasse, eu não poderia ir amanhã. Sofri um pequeno acidente quando voltava para casa e o médico aconselhou que eu descanse por vinte e quatro horas. Lamento se estou te deixando na mão. Sabe como detesto perder um dia de trabalho. Adoro trabalhar na confeitaria. – *E não quero colocar meu emprego em risco.*

– Tomara que não seja nada sério.

– O médico acha que não, mas não tenho certeza se bati a cabeça, por isso ele quer que eu fique de repouso.

– Nossa! Mas o que houve?

Ah, nada. Só um cara lindo que veio deslizando com o carro montanha abaixo e quase me matou.

– Eu tropecei e caí por causa dessa neve besta.

Bonnie resmungou como se estivesse repreendendo Joy.

– Bem, eu também não vou me preocupar em trabalhar amanhã. Não sei se conseguiremos abrir no horário, e, mesmo que abríssemos, acho que não teríamos clientes. A previsão é que essa tempestade seja muito forte. É melhor você ficar em casa e se recuperar. Nos vemos na quinta-feira se tudo estiver normal.

Joy suspirou de alívio. Bonnie era uma chefe maravilhosa, o que era uma bênção depois de ter trabalhado com Mariella.

Joy desligou o celular, acomodou-se na cama e começou a pensar em outro problema: Alex. Seria ótimo ficar acordada e conversar, mas ele fazia muitas perguntas. Foi preciso pensar muito nas ramificações que uma resposta poderia ter, e por isso ela podia ter deixado a impressão de estar escondendo alguma coisa. Não era isso que ela queria, mas tinha sido forçada pela situação.

Para começar, ela não deveria ter dado um sobrenome falso, pois abria um precedente ruim. E, sério, que nome ridículo que arrumara: Baker. Mas tinha sido a primeira coisa que viera a sua cabeça e era um exemplo perfeito de quem não conseguia ser outra pessoa que não ela mesma.

Por sorte, ou não, dependendo de como encarar a situação, ela ficaria com Alex por pouco tempo. Vinte e quatro horas. Ele nunca saberia que ela já havia mentido algumas vezes. E, daquela vez, certamente não causaria danos a ninguém.

Apesar da inabilidade de mentir por horas a fio, ela gostaria de ter conversado mais com Alex e pelo menos descobrir um pouco mais sobre ele. Era curiosa por natureza, e ele tinha sido quase tão evasivo quanto ela para responder. Alex não tinha se gabado do trabalho, mas, a julgar pelo carro, ele devia ser alguém importante. Não que ela gostasse da ideia de bisbilhotar a vida dos outros, mas uma pesquisa na internet não era grande coisa. Afinal, eles *estavam* dormindo sob o mesmo teto.

Joy pegou o celular, entrou no navegador e escreveu "Alexander Townsend, Chicago, Illinois". Os resultados que apareceram na tela a deixaram chocada. Ele não era apenas um Alexander Townsend qualquer, mas Alexander Townsend III. Joy nunca conhecera alguém com algarismos romanos depois do sobrenome. Nunca. Bastava olhar a foto para saber que seu palpite estava correto. A família Townsend era uma das mais ricas de Chicago e a fortuna vinha de décadas. Eles tinham casas pelo mundo inteiro, passavam férias em lugares caros e possuíam conexões com políticos e famosos. Conforme ela foi pesquisando, descobriu que, apesar do dinheiro da família, Alex estava construindo a própria fortuna. Ele tinha sido o responsável por elevar o patamar de sucesso da Townsend & Associates Investments. De acordo com várias edições de negócios, ele estava crescendo com muita serenidade.

Bom para ele.

Joy fez uma busca por imagens e ficou grata por não ter ninguém olhando, pois ela tinha ficado vermelha até a raiz do cabelo ao ver fotos dele. Talvez tivesse sofrido mesmo uma concussão na cabeça, pois não tinha olhado para ele o tanto quanto deveria. A maioria das fotos era de grandes eventos sociais, festas beneficentes, teatros e jantares chiques. Ele aparecia de terno em muitas fotos, em algumas de fraque, sempre impecavelmente vestido. Cada roupa nova, uma mulher nova de braços dados. Ela demorou muito para encontrar uma foto dele sozinho, mas eram apenas instantâneos dele entrando ou saindo do escritório.

Alex estava sempre acompanhado nas páginas sociais ou no tapete vermelho. Eram mulheres com cabelo bem arrumado, vestidos de designers, pernas longas e pele perfeita. Joy sabia que nenhuma delas trabalhava em uma pâtisserie em Ohio. A conversa com ele tinha sido agradável, assim como o passeio de carro e os minutos em que sonhara em beijá-lo, mas uma coisa estava bem clara: Alexander Townsend III estava totalmente fora do seu alcance.

A primeira providência do dia seguinte, depois de verificar as condições da estrada e vencido o período de vinte e quatro horas de observação, seria tirar Alex daquela casa. Joy conhecia os ricos. Já havia trabalhado com vários, mas não entendia exatamente como eles eram. Eles se fechavam em grupo. Se Alex descobrisse que ela não pertencia a esse grupo, era bem capaz de chamar a polícia antes mesmo de ela ter tempo para contar a longa verdade a seu respeito. A primeira providência era tirar os pensamentos sensuais da cabeça e livrar-se dele. Difícil seria dormir pensando nisso, e pelo menos por enquanto, ela estava presa naquele quarto.

O maior problema era relaxar. Apesar de ter gostado de Alex, ela havia se arriscado bastante deixando-o entrar e agora estava mais vulnerável. Ficar muito tempo se preocupando com dinheiro, comida ou abrigo transformava as pessoas em territoriais, fazendo-as apegar-se a tudo de bom que encontrassem. Joy sabia que não era dona da casa e que ali não era seu lar, mas era tudo o que tinha agora. Seu carro era uma lata-velha dispendiosa, que a deixara com um saldo de onze dólares no banco. Ela estava trabalhando, mas talvez não conseguisse se manter em Vail, e para piorar, era época de Natal.

A vergonha por ter se demitido dos Marshall era um dos motivos pelos quais ela não podia ir para casa para durante as festas. Os pais não podiam saber que ela havia fracassado e que tinha sido a grande culpada, ainda mais porque eles tinham ressalvas com sua carreira de *chef*. Era melhor não jogar gasolina no fogo. Sua mãe sempre deixara claro suas preocupações e lutava para fazê-la concordar, pois não queria aquele tipo de vida para a filha. Joy entendia completamente, mas isso não mudava o fato de a avó ter acendido uma chama que jamais se extinguiria. Tudo relacionado à cozinha atraía Joy: a criatividade, a conexão com a família, a aparência, os cheiros e a habilidade de

levar prazer à vida dos outros. Não havia satisfação maior do que ouvir um elogio de alguém que tivesse experimentado um prato seu.

Outra razão para ela não voltar para casa pairava sobre sua cabeça como uma nuvem escura... Seu ex, Ben. Seus pais haviam protestado, mas Ben ficara furioso por ela decidir ir fazer gastronomia. Na verdade, ele não gostava de vê-la progredir na vida, preferia vê-la deprimida e em desvantagem. Claro que ela foi estudar mesmo assim pelo simples fato de não suportar nem pensar em *não* cozinhar, e queria ser uma das melhores.

Ela trabalhava muito nas cozinhas da faculdade e estudava à noite e aos finais de semana, determinada a provar a todos que não seria apenas uma *chef* extraordinária, mas que tiraria seu sustento do seu trabalho... Uma boa vida sem se preocupar com dinheiro. Ela se destacaria no mundo, todos conheceriam seu nome e a teriam em alta estima. Conforme os dias foram passando, Joy foi submergindo mais e mais nos estudos, e ficou claro que Ben não a ajudaria a progredir. Ele era controlador demais e não queria o que era o melhor para ela. Os pais e os amigos a entenderam, mas a primeira reação de Ben foi esmurrar a parede, o que era bem previsível. Depois ele implorou para que ela mudasse de ideia, ajoelhando-se diante dela com as mãos unidas.

Joy tinha chorado muito, desejando ajudá-lo, mas sem saber como. Com o tempo, a raiva voltou, mas com mais força, tornando-se puro ódio. Ele a ofendera de todas maneiras possíveis, dizendo inclusive que ninguém jamais a amaria e que nunca a deixaria em paz.

No final das contas, ela precisou de uma ordem judicial para mantê-lo afastado, mas não adiantou muito. Volta e meia Ben aparecia na casa dela. Joy tirava fotos e chamava a polícia. Mas Ben não era repreendido apropriadamente, porque tinha vários amigos no departamento de polícia.

Assim que ela terminou a faculdade, saiu de Ohio direto para Los Angeles e conseguiu o primeiro emprego, sem olhar para trás. Ela sabia que Ben não sairia de sua zona de conforto para segui-la, o que não significava que ele havia desistido. Durante todos os feriados, ele fazia plantão na frente da casa dos pais dela. E ela passaria mais um Natal sozinha. Quem sabe um dia ela pudesse mandar passagens para seus pais virem visitá-la, mas certamente iria demorar um pouco.

Sem conseguir dormir, Joy se levantou para ir ao banheiro. Quando voltou para o quarto, ouviu alguém batendo na porta.

– Tudo bem aí, Joy?

Mas o que é isso? Será que ele estava escutando no corredor? Joy não era fã de homens superprotetores, pois podia muito bem tomar conta de si mesma sozinha.

– Sim, tudo bem. Levantei para pegar água.

– Ah, eu estava indo para o quarto. Boa noite.

– Boa noite.

Joy foi se deitar sabendo o que teria de fazer, por mais que abominasse. No dia seguinte, teria de agradecer ao lindo e gentil Alex Townsend. Claro que não deixaria de usar seus talentos para preparar um belo café da manhã. Afinal, ele tinha sido muito gentil de passar a noite ali por estar preocupado que ela talvez tivesse batido a cabeça. Depois de passadas as vinte e quatro horas, Alex Townsend, sexy ou não, teria de ir embora. Ela não queria ninguém vigiando seus passos enquanto estivesse numa casa que não era sua, mesmo que esse homem fosse a versão perfeita do príncipe encantado.

ALEX ACORDOU com o cheiro delicioso de café fresco e se sentou na cama. Seria ótimo uma boa dose de cafeína para se animar, ainda mais sabendo que era Joy que estava preparando.

Se eles estivessem presos ali por causa da neve, seria ótimo se ela não estivesse tão evasiva. Tomara também que Paul não ligasse com a informação de que ele teria de sair correndo dali.

Alex saiu da cama. Ao olhar pela janela, viu que não havia apenas um lençol de neve, mas parecia que uma avalanche tinha caído durante a noite. Balançando a cabeça, vestiu o calção de basquete que tinha dentro da mochila.

Bastou dar alguns passos na sala de estar para ver Joy de relance na cozinha de conceito aberto e seus pés se petrificarem. Ela estava usando uma blusa com decote amplo, que deixava uma parte de pele entre o pescoço e o ombro à mostra. Foi o suficiente para ele imaginar como seria aquele corpo nu, algo que em algum momento teria de ser comprovado. Evidenciando a pele clara, o cabelo estava todo para o outro lado, preso num rabo de cavalo frouxo. Ela

estava mexendo alguma coisa numa tigela e triando outros apetrechos das gavetas, ou seja, uma tarefa simples, mas Alex não poderia imaginar algo mais sensual.

– Pena você não ter uma copeira para ajudar – gracejou ele, forçando-se a se aproximar com passos normais.

– Posso fazer isso sozinha. Não preciso de copeira – disse ela, balançando a cabeça e continuando a trabalhar.

– Estou vendo. – Alex gostava do jeito independente dela.

– O café está quase pronto.

– Senti o cheiro lá em cima. Café é a única coisa que consegue me tirar da cama. – *Isso e saber que você estava por aqui.* – O colchão é bem confortável. – Ele observou Joy ficar na ponta dos chinelos cor-de-rosa para alcançar uma caneca no armário.

Ela sorriu ao entregar a caneca, mas ainda estava com aquele jeito misterioso da noite anterior, algo que o deixava desconfortável. Entretanto, ele decidiu deixar aquilo de lado, serviu-se de café e tomou um gole. Estava bem encorpado, do jeito que ele gostava.

– Delicioso.

– Sem açúcar ou leite?

Ele se recostou no balcão.

– Puro mesmo, evito essas coisas a todo custo. Aprendi a gostar de café preto.

– Argh... – Joy apertou os lábios e franziu o nariz. – Eu já morreria sem açúcar ou leite. Como preciso de café durante a manhã toda, já deixo tudo próximo.

Alex memorizou as regras para o caso de servi-la café em sua casa. Deixar mulheres felizes era um de seus passatempos prediletos, mesmo porque havia recompensa.

– Você já viu a previsão do tempo?

Joy inclinou a cabeça para a televisão na sala de estar, ligada, mas sem som.

– A tempestade não está mais tão forte, mas vai levar algum tempo até limparem as estradas. Estamos com mais de cinquenta centímetros de neve.

– Uau. – Era isso que ele esperava ouvir, significava que passaria o dia inteiro com ela.

Que sorte. Ele quase havia atropelado uma moça linda, inteligente e de sucesso. Tomara que não tivesse nada a esconder, ou pelo menos nada que gerasse graves consequências.

– Lamento, mas você está preso nesta casa comigo. Imagino que tenha coisas mais importantes a fazer.

Será que o trabalho era tão importante? Bem, tecnicamente sim, porém nunca tão atraente.

– Acho que um dia de folga me fará muito bem. Eu nunca tiro um tempo para mim.

– *Workaholic?*

O último ano tinha sido muito difícil na Townsend & Associates Investments, mas Alex era o responsável pelo excesso de trabalho. Fazia anos que ele queria colocar sua marca na empresa e deixar de receber ordens do pai. Olhando para trás agora, via que tinha sido fanático, mas não se preocuparia com isso, mesmo porque o trabalho árduo havia rendido dividendos imediatos. O dinheiro estava entrando a rodo, e o mercado financeiro estava percebendo a presença da empresa. Ainda assim, ele sabia que não teria conseguido trabalhar tanto no último ano se estivesse namorando, ou casado, mas não podia se esquecer de que estava ficando velho. Se não tomasse alguma providência, seria capaz de enfartar antes dos 35 anos.

– Mais ou menos...

– Eu sei como é, estou sempre trabalhando também, mas adoro... – O bipe do forno interrompeu Joy. – Ah, o forno está pronto. É melhor eu continuar a preparar o café da manhã.

– Não precisa se preocupar muito, normalmente eu não como antes do almoço.

– Nossa, sua mãe nunca te disse que esta é a refeição mais importante do dia? – perguntou ela, horrorizada.

Na realidade, fazia tempo que Alex tinha decidido não tomar café da manhã. Desde pequeno ele sabia que a mãe bebia, e, para evitar vê-la embriagada logo cedo, ele preferia ficar no quarto até chegar a hora de ir para a escola. Mas não iria contar isso a Joy, mesmo porque não tinha dito nada nem para os irmãos.

– Não. Desculpe.

– Ah, isso é porque você ainda não comeu meus pãezinhos. Você vai mudar de ideia rapidinho. – Ela colocou mais farinha na tigela, um pouco de sal, manteiga e continuou a bater.

Alex se sentou num dos banquinhos do balcão e ficou observando-a. Ela estava bem à vontade, cantarolando baixinho enquanto trabalhava. Não, essa mulher não podia ter o passado manchado pela traição. Isso era quase certo.

– E agora, o que você está fazendo?

– Esperando o ponto certo para colocar os pãezinhos na forma.

– Isso requer muito treino, não é?

– Tive aula de panificação também. Um bom *chef* deve saber um pouco de tudo. – Ela abriu a geladeira, pegou o leite, colocou um pouco na massa e bateu mais um pouco.

– Mas você não mediu a quantidade de leite. Pensei que a culinária fosse uma ciência.

– Para bolos e biscoitos, sim, mas para fazer um pão gostoso é preciso misturar arte e ciência para que a massa não fique borrachuda.

– Interessante...

Ele tomou mais um gole de café. Era bom estar com Joy, mesmo quando ela hesitava em responder perguntas, mas, quando falava à vontade, era bem mais divertida e interessante.

– Você deve estar cansado de ouvir esse papo sobre pão – disse ela ao pegar um pote, que estava próximo aos outros ingredientes. – Você gosta de amoras secas?

– Sério? Nunca pensei sobre isso, mas gosto da fruta.

– Ótimo, porque eu adoro. – Ela sorriu, pegou um punhado de amoras secas e juntou à massa.

Em seguida, espalhou farinha sobre o mármore e colocou a massa.

– E agora?

Joy pegou um rolo de macarrão e mostrou a ele.

– Você sabe o que é isto, não?

– Depende de suas preferências na cama.

Ela deu um sorriso malicioso, deixando-o excitado. Finalmente ele estava sendo espirituoso como sempre e não um tolo fazendo perguntas que ela não queria responder.

– Não gosto de sentir muita dor – respondeu ela, sovando a massa.

Alex não conseguia tirar os olhos do ombro nu, enquanto ela trabalhava. A visão era pura poesia.

– Prefere o prazer? – Ele tomou um gole de café, tentando não engasgar. O assunto estava ficando sensual e interessante.

– Definitivamente. – Ela cortou a massa em triângulos, colocou na assadeira e polvilhou com açúcar de confeiteiro.

– E volta seu bom amigo, o açúcar.

– Não é uma volta, Alex. É uma necessidade. – Ela sorriu sem nenhum esforço, colocou a assadeira no forno e ajustou o timer.

Droga, como era bom ouvi-la dizer seu nome com aquela voz doce e suave. Impossível não a imaginar sussurrando em seu ouvido. *Menos, cara.* Normalmente ele se incomodaria muito em ficar preso numa casa no meio do nada, mas não agora. Ele não precisava encontrar ninguém nem queria ver outra pessoa que não fosse Joy.

– Então, o que você faz sozinha aqui nesta época de festas? Por que não ir para casa em Santa Barbara?

Ela disfarçou ajeitando a louça na máquina de lavar e limpando o balcão.

– Por que você não vai para sua casa em Chicago? Você mesmo me disse que é próximo à família.

Joy voltou a usar o artifício de desviar a conversa e falar sobre ele. Será que a modéstia com a qual ela tinha falado sobre a carreira na noite anterior na verdade significava que ela não tinha mais nada? Por outro lado, ela podia ser daquelas que não gostavam de falar sobre si mesma.

– Eu perguntei primeiro.

– Não tenho muita certeza de que você vai querer ouvir a resposta. Nós mal nos conhecemos.

– Pode me contar o que quiser. Juro que sou um bom ouvinte.

– Não é tão fácil para mim ir para casa – respondeu ela com um suspiro resignado. – Tenho um ex-namorado muito dominador. Se ele souber que estou em casa vai me procurar. É mais fácil ficar longe. – Ela corou ligeiramente, envergonhada até, e isso o fez sentir-se péssimo por tê-la forçado a falar.

– Desculpe, eu não fazia ideia de que podia ser algo tão sério.

– Não faz mal. Quem não tem histórias, não é? Mas esse não é um assunto feliz e estamos numa época que supostamente deve ser feliz.

Alex precisou respeitar o pedido de privacidade.

– Se te faz sentir melhor, eu também não estou em casa porque precisava de um tempo longe do meu pai e da esposa dele. Os dois são insuportáveis. Meus dois irmãos foram para o Caribe. Posso ser antiquado, mas Natal para mim precisa ter neve. Cresci em Chicago. Não conheço Natal de outro jeito.

– Eu também acho. Natal sem neve não é a mesma coisa.

– Não sou meteorologista ou algo similar, mas suponho que não neve muito em Santa Barbara.

– Ah, sim, claro. Passei muitos fins de ano viajando com meus pais quando era mais jovem.

O timer soou. Joy se adiantou para tirar a forma de pãezinhos. Em seguida, arrumou-os num prato e serviu a Alex. O perfume da cozinha era delicioso: quente, doce e confortante. Ele pegou um pãozinho, abriu a boca e parou antes de mordê-lo.

– Espere um pouco. Não sei se estou pronto. E se eu ficar encantado e comer todos?

Joy pegou dois pratos pequenos, alguns guardanapos e se sentou do lado dele.

– Não posso ser responsabilizada pela falta de controle dos outros. Se você perder a cabeça, problema seu. A culpa não é minha.

Alex concluiu que já tinha perdido a cabeça por causa dela. Apenas ainda não tinha decidido o que fazer a respeito. Joy tinha os pés fincados no chão para uma pessoa que havia nascido em berço de ouro. Talvez a paixão por seguir a carreira de *chef* a tivesse ajudado a ser mais realista. Ou talvez houvesse acontecido algo mais sério entre ela e o ex-namorado, mas pensar nesse assunto não o deixava muito à vontade.

– Que seja, então...

Alex mordeu o pãozinho e, assim que sentiu o gosto, deixou-se perder no sabor delicioso. Era amanteigado, rico, mas leve como uma nuvem.

– Caramba, nunca comi um pãozinho assim, nem mesmo na Inglaterra.

Joy deu uma mordida e limpou os cantos da boca com um guardanapo.

– Eu te falei. Não me gabo sem razão, mas os fregueses da pâtisserie sonham com estes pãezinhos doces.

– Fregueses de qual pâtisserie? – Ele abriu os braços, abrangendo toda a cozinha. – Você tem uma pâtisserie aqui mesmo.

Joy engasgou e começou a tossir, quase engasgando. Alex deu uns tapinhas nas costas dela e ofereceu um copo de água.

– Tudo bem?

– Sim, o pãozinho desceu pelo caminho errado – respondeu ela com os olhos lacrimejantes e tomou vários goles de água com a outra mão espalmada no peito.

– Melhorou?

– Sim.

– De qual pâtisserie você está falando? Você tem alguma na cidade? Pensei que estivesse aqui apenas de visita.

Joy esperou um pouco para responder, aprontando-se para assumir a modéstia de novo.

– Estou trabalhando na pâtisserie da cidade. Na verdade, estou escrevendo um livro de receitas e não há nada melhor para uma pesquisa do que opiniões de pessoas para experimentá-las. É melhor do que eu mesma experimentar. Vou ficar uma balofa se comer bolinhos e pãezinhos o dia inteiro.

– Você está inspirada para escrever, né? Parece que ser *chef* não é apenas cozinhar para si própria.

– Definitivamente não. Não sou daquelas que fica sentada o dia todo, quero construir meu próprio império um dia... Um império pequeno, pelo menos.

– Pequeno por quê? Você podia muito bem ter um programa de televisão. Você vai ficar linda nas lentes de uma câmera.

Embora ele não a conhecesse direito, podia dizer que ela era capaz de fazer acontecer. Joy Baker não parecia ser o tipo de mulher que fracassava.

CAPÍTULO 4

JOY SE surpreendeu com o apoio de Alex. Muitas pessoas já tinham apreciado seu trabalho, mas poucas a incentivavam a continuar a sonhar em realizar suas grandes aspirações. E ele achava que ela era bonita? Alex não estava apenas acostumado com a beleza, mas era um grande fã, a julgar pelas fotos que ela tinha visto na noite anterior. O peso do elogio não passou despercebido.

– Obrigada. Sério, isso significa muito para mim.

– Que bom. Fico contente – disse ele, prendendo-a com o olhar.

Joy sentiu a conexão imediata entre eles. Ele tinha olhos azuis de tirar o fôlego. Foi difícil não desviar o olhar, mas sustentá-lo conferiu um grande prazer, levantando a pele dela em doces arrepios.

– Olhe, desculpe-me por ter batido na sua porta ontem à noite – continuou ele. – Eu não quis ser invasivo. Eu tinha acabado de subir as escadas para ir para meu quarto quando ouvi barulho no seu. A casa é muito silenciosa para não se ouvir qualquer ruído.

Que bom, então, ele não estava espiando, e sim preocupado. Ela precisava parar de ser tão tonta. Nem todos os caras eram Ben. Alex não chegava nem perto, ele havia se entusiasmado mais com os sonhos dela em apenas cinco segundos de convivência do que Ben durante uma vida.

– Tudo bem, não se preocupe. Agradeço por você ter se preocupado comigo a ponto de passar a noite aqui. Nem todos os homens fariam isso.

– Sob o meu ponto de vista, vou passar o dia com uma futura *chef* celebridade linda. Pode ficar tranquila que não vou morrer de tédio nem de fome. – Ele tomou um gole do café, fitando-a de um jeito desconcertante.

Alexander Townsend era extremamente confiante em tudo o que fazia, talvez por isso sua companhia fosse tão interessante.

– Se bem que preciso colocar minha roupa para lavar. Tenho umas roupas de esporte na mochila, mas não é muito.

Joy não tinha pensado nesse detalhe.

– O filho da minha amiga tem um armário cheio de roupas no seu quarto. Acho que vocês dois são do mesmo tamanho. – Ela percebeu que tinha errado assim que terminou de dizer a frase. O que estava fazendo? Disponibilizando as roupas de Luc Marshall?

– Você acha que ele não se importaria?

O que responder a uma pergunta dessas?

– Claro que não. Ele é um cara legal. – Mas será que seria a ponto de emprestar suas roupas para um estranho? Joy tinha dúvidas, mas não podia retirar a oferta.

– Não tem outro jeito, não é?

Joy olhou pela janela e viu que o céu estava carregado.

– Acho que a tempestade justifica.

– Mostre-me o caminho.

O coração de Joy se acelerava depois de cada degrau. Ela gostava de Alex. Aliás, gostava muito. Ele havia sido muito gentil até agora, sem ser intrometido como quando ela o havia julgado erroneamente. Será que esses sentimentos eram recíprocos? Se fossem, será que haveria chance de algum relacionamento?

Joy não sabia exatamente quando um trator limpa-neve surgiria lá no alto da montanha para tirar a neve da estrada, mas, pela estimativa de Rafe, levaria mais de um dia. Quem sabe pelo menos teria um beijo de despedida. Ela precisava de recordações boas de homens, que eram muito raras.

Sozinhos no quarto de Luc, a proximidade despertou a curiosidade de descobrir como Alex se portaria numa situação romântica. Ele era carinhoso, mas o que a intrigava era a perspicácia. Que tipo de homem voltaria durante uma tempestade de neve para acudir uma mulher que mal conhecia? A dúvida maior, porém, era se Alexander Townsend era passional. Como seria o beijo dele? Delicado e educado, ou seria apenas um precedente de algo mais quando as coisas ficassem incontroláveis e as roupas começassem a ser tiradas rapidamente.

– Pronta? – perguntou ele, aproximando-se por trás e colocando as mãos sobre os ombros dela. Depois deu a volta e seguiu para o closet.

O carinho foi breve, mas deixou a pele dela quente como se ele a tivesse marcado. Joy notou que a cama estava desarrumada, os lençóis amontoados numa pilha e sentiu um arrepio na espinha. Será que a cama ainda mantinha a temperatura e o cheiro do corpo dele? Num ambiente assim, era difícil não fantasiar como seria se Alex a despisse e a levasse para cama, depois deslizasse as mãos másculas sobre todo seu corpo, proporcionando um prazer incomensurável.

Alex abriu a porta do closet e entrou. Joy foi logo atrás. Havia três paredes de armários com roupas penduradas e uma infinidade de prateleiras com peças bem dobradas. Havia uma poltrona no meio do quarto. Joy não entendia por que alguém em férias precisaria de tantas roupas.

– O que você acha que vai precisar? – Joy observou-o dar uma olhada em tudo.

– Por enquanto só uma calça jeans e um suéter. – Ele lançou um olhar maroto por sobre os ombros. – Durmo pelado, assim não preciso de pijamas.

Aquela era a segunda insinuação sexual do dia, será que ele também a desejava? Se fosse assim, quem seria o primeiro a quebrar o gelo e beijar o outro?

– Acho que os suéteres estão empilhados nas prateleiras e as calças jeans estão penduradas no armário ao lado.

Joy se sentou na poltrona, procurando não pensar que Mariella poderia surpreendê-la naquele instante e expulsá-la do mundo da culinária. Mariella era muito vingativa. Joy tentou não pensar nisso e aproveitar o momento com Alex, estar ali era como ganhar na loteria.

Alex puxou um suéter marrom da prateleira e olhou a etiqueta.

– Cem por cento *cashmere*. Ótimo, não suporto lã. E a marca é boa também. Esse deve servir.

Alex tirou a camiseta e jogou na poltrona, caindo do lado dela. Joy engoliu em seco, lutando entre a razão de apenas olhar e a emoção que a impulsionava a se apressar. Ela segurou na almofada e cruzou as pernas, enquanto ele vestia o suéter. Uau... Que corpo definido! Ele não se parecia com nenhum outro que ela conhecera. Não era preciso nem tatear aquele torso musculoso ou a

barriga tanquinho para saber que os músculos eram firmes. Joy estava encantada e não teria desviado o olhar se ele não tivesse vestido o suéter por completo, cobrindo tudo, mas ela já havia visto o suficiente para saber que gostaria de repetir a sessão algumas vezes.

– E então como ficou? – indagou ele, olhando para baixo.

Joy ainda estava tentando se compor.

– Está bom. A cor fica bem em você.

Isso era verdade. O marrom compunha um belo contraponto com os olhos azuis dele.

– Está pegando um pouco nos ombros.

– Verdade. Você é mais musculoso do que eu tinha imaginado. – De fato ela havia errado ao compará-lo com Luc.

– Você tinha imaginado? – Ele ergueu uma sobrancelha.

Joy ficou vermelha e sem graça.

– Ora, claro que sim. Você precisava de roupas e só pensei que você e o dono das roupas são altos, mas ele não é tão musculoso e definido como você.

– Então posso vencê-lo numa briga, é isso? – Alex riu e deu uma piscadinha. – Estou brincando.

Você poderia brigar comigo, se quisesse. Aliás, eu nem reagiria. Mas o que estava acontecendo desde que entrara naquele closet? Estava difícil se controlar.

Alex pegou uma calça jeans do cabide e ela logo entendeu o que viria a seguir. Por mais que ela quisesse ficar, o pouco decoro que ainda restava a fez escolher entre fechar os olhos ou sair.

– É melhor você continuar sozinho. Não preciso ficar – disse, levantando-se da poltrona.

A próxima atitude lógica seria sair do closet, mas seus pés pareciam fincados no chão, recusando-se a se mover. Enquanto isso, Alex já tinha baixado o calção.

– Não se preocupe, não sou tímido.

– Não estou preocupada com nada.

Não era bem assim, o que a preocupava era todo aquele ardil surreal. Ela não estava em seu ambiente naquela casa, naquele mundo ou com Alex. Caramba, ele nem sabia o nome verdadeiro dela.

Alex abriu a mochila e tirou uma cueca boxer. Joy conseguiu se mexer e virou de costas para ele, de frente para uma parte do armário. Havia alguns milhares de dólares em roupas ali, aguardando para o dia, quem sabe quando, em que seu dono viesse passar um final de semana na casa, porém o excesso de roupas não tirava a atenção dela de Alex. Era impossível não ficar curiosa para saber se ele já tinha se vestido ou não. A simples ideia de vê-lo nu aumentou a temperatura de seu corpo.

– Está tudo bem, pode olhar agora.

Ela se virou, o rosto vestido numa máscara carmim.

– Ah, sim, eu só queria que você tivesse um pouco de privacidade.

– Não te conheço direito, mas você parece muito tensa.

Ele colocou um pé nos jeans de Luc, e ela viu a perna de músculos definidos também. Alex era digno de ser esculpido em um bloco de mármore e virar uma obra de arte.

– Espero que eu não seja o motivo da sua tensão.

– Não, tudo bem. Sempre fui um pouco tensa. – Imagine, ela sofria de tensão crônica. Ela podia até tentar ser diferente, mas essa era sua natureza.

Alex enfiou as mãos nos bolsos para esticá-los para dentro e dobrou suas roupas.

– Mais tarde vou tomar uma ducha.

Uma ducha. Ótimo.

– Ah, sim, claro.

Alex segurou no ombro dela e apertou gentilmente. Joy ainda estava de pijama e sem sutiã. O calor da mão dele desceu até os seios dela, enrijecendo os mamilos. Ela curvou o corpo para a frente para disfarçar a reação exacerbada a um simples toque.

– Você tem certeza de que está tudo bem? – A voz dele era tão grave e sensual que só piorou o estado dela.

Joy meneou a cabeça displicentemente como se isso a deixasse menos deslocada. Seria ótimo se não ficasse tão desconfortável na presença dele. Melhor ainda se as barreiras que existiam entre os dois se extinguissem.

– Está sim.

– O que vamos fazer agora? Temos no mínimo um dia inteiro presos juntos nesta casa.

Alex fazia massagem nos ombros dela com as duas mãos. A sensação daqueles dedos fortes nos músculos cansados era um delírio, tanto que ela gostaria que ele massageasse seu corpo inteiro. Naquele instante, o mais importante em sua vida seria fechar os olhos, inclinar a cabeça para um lado, expondo a pele alva da nuca para que ele massageasse ali também. A melhor coisa que poderia acontecer para os dois sozinhos naquela casa maravilhosa era rasgar as roupas um do outro e cair na cama.

– Não sei. Você tem alguma ideia? – murmurou ela.

Beije-me.

– Estamos quase no Natal, e é muito triste que uma casa linda dessas não tenha nenhum enfeite. Assim fica difícil entrar no espírito das festas.

A última coisa que Joy estava pensando era em enfeites de Natal. Naquele ano, o dia 25 de dezembro seria apenas 24 horas depois do dia 24, e 24 horas antes do dia 26. Pelo menos seria um dia de folga no trabalho.

– Nem sei onde os enfeites estão guardados.

– Vamos procurar, então.

– Isso não parece um pouco invasivo?

– Duvido que seus amigos confiariam esta casa para você se não estivessem confortáveis que você a aproveitaria. Ninguém gostaria que uma pessoa querida passasse o Natal sozinho sem comemorações.

Como é que ele conseguia convencê-la a executar ideias ruins? Até a chegada dele, ela conseguia viver ali sem deixar nenhum vestígio de sua estada.

– Tudo bem, você tem razão. – Joy apagou a luz do closet, e os dois saíram. – Acho melhor eu me vestir.

– Talvez não, sou fã de pijamas. – Ele sorriu, e Joy achou que iria se derreter e transformar-se numa poça em cima do tapete.

A cama estava a apenas alguns metros de onde estavam. Não precisaria muito esforço para levá-la até ali.

Deixe de sonhar e ponha os pés no chão. Era melhor tomar cuidado, assim não haveria sofrimento quando Alex Townsend saísse de sua vida.

– Se você não se importar, prefiro vestir algo mais tradicional.

– Tudo bem, você é quem manda.

ALEX FICOU na sala de estar, assistindo ao noticiário sobre o tempo na televisão, enquanto Joy tomava banho. O conselho das autoridades locais era para ficar dentro de casa até a tempestade abrandar. Ele não tinha outra opção mesmo até completarem as 24 horas que teria de ficar com Joy. Além do mais, se a neve não baixasse, ele não conseguiria sair com a Bugatti sem queimar o motor.

O telefone dele tocou e era Paul, o investigador. Alex pulou do sofá e correu até o pé da escada para dar uma olhada para cima antes de atender.

– Oi, e aí? Encontrou alguma coisa? – perguntou ele rápido, seguindo depressa para o canto mais distante da sala. Se Joy surgisse na sala, ele poderia desligar se necessário.

– Não sei... Encontrei centenas de mulheres com o sobrenome Baker e o nome com a inicial J, mas só encontrei uma Joy, e é uma senhora de 72 anos de idade, que vive em Flagstaff, Arizona.

– Setenta e dois anos? Definitivamente não é a mesma pessoa. – Alex se recostou num dos pilares de madeira que amparavam a abóbada do teto e olhou a vista estonteante das montanhas pela janela. Só os picos das montanhas não estavam cobertos pela neve. – Acho que nem precisa procurar.

– Você já partiu para o ataque?

Os dois tinham se tornado amigos próximos desde que Paul descobriu a identidade da primeira noiva de Alex e tinham liberdade para falar de coisas pessoais.

– Ataque? Não, mas não estou mais preocupado. Ela é uma pessoa legal e delicada. Já passamos um tempo juntos... – Alex parou antes de entrar em detalhes sobre a nevasca. Se Paul soubesse que Alex estava preso na neve, era capaz de tomar providências extremas, como mandar um helicóptero para resgatá-lo, mesmo que não tivesse onde pousar. Alex não queria que ninguém movesse céu e terra por ele. Na realidade, estava curtindo a ideia de ficar inatingível. Aquela era a chance de passar um tempo com uma mulher única, completamente diferente das que ele conhecia. Claro que havia algumas manias estranhas, como apagar as luzes a toda hora, mas ele estava disposto a confiar nela. Ele *podia* confiar por um dia ou dois. E nem iam se casar.

– Está bem. Mas me avise de mudar de ideia. E difícil alguém se esconder com a internet à disposição, mas algumas pessoas simplesmente não têm nada para contar.

– Você está preocupado por não ter conseguido localizá-la?

– Eu só me preocupo se você também estiver. As pessoas ficam afobadas quando têm um neto de 5 anos de idade que quer um boneco de ação de Natal impossível de encontrar.

Alex sorriu, percebendo que estava preocupado demais por nada. Era época das festas de fim de ano, e ele só tinha alguns dias com Joy Baker, ou quem quer que ela fosse. Era melhor relaxar e se divertir, seguindo o conselho dos irmãos antes de irem para o Caribe.

Alex amava o Natal, deveria estar gostando. Voltaria para Chicago no dia 26. Ele não sabia até quando Joy ficaria, mas era indiferente, a vida dela era em Santa Barbara, localizada num mundo diferente do dele.

– Não precisa se preocupar com minhas coisas. Quanto ao boneco, entre num site desses de leilão e pague o preço exorbitante que alguém estiver pedindo e pronto, eu banco.

– Você está falando a sério? – Paul exigiu. – Você não precisa fazer isso, Alex, meu salário é bom.

– Você merece muito mais, é sério. Quero que você e sua família tenham um Natal feliz.

– Você é o melhor, sabia?

Alex achava o mesmo daquele que o ajudara dois anos antes numa situação difícil.

– Você merece. Nos encontramos depois do Natal, tudo bem?

– Combinado.

Alex tinha acabado de desligar o telefone quando Joy entrou na sala. No mesmo instante, o coração dele começou a bater mais rápido, devolvendo-lhe a sensação perdida na adolescência. Ela sorriu e se aproximou, usando um suéter felpudo branco com o decote em V profundo sobre uma camiseta branca de tirinhas finas. O suéter escorregava pelo ombro, mais do que a blusa do pijama. Ela tinha uma pele tão alva que parecia chamar para ser acariciada. O que ele mais queria naquele momento era tocá-la.

– Mais trabalho? – perguntou ela. – Deve ser um saco ser chefe.

Alex achou graça, sentindo-se à vontade para estreitar a distância entre eles. Incrível, mas, para ele, foi uma espécie de libertação decidir não investigar o passado de Joy e simplesmente confiar. Talvez essa fosse uma experiência boa para retomar os relacionamentos com mulheres, e era perfeito porque terminaria com a volta dele para Chicago.

– Estou sempre em contato com algum dos meus empregados, mas não haverá mais telefonemas de trabalho hoje. Hoje é o nosso dia, vamos nos divertir na neve.

– Sério? Eu gostaria muito de me divertir um pouco. Faz tempo que isso não acontece.

– Ótimo, vamos procurar os enfeites de Natal.

– Vamos iniciar o projeto bisbilhotice.

– Não estamos bisbilhotando nada, só queremos enfeitar a casa para as festas.

– Se você encontrar, posso fazer alguns biscoitos de Natal hoje à tarde.

– Primeiro os pãezinhos, agora biscoitos... Terei de encontrar uma maneira de perder as calorias extras.

– Que tal uma guerra de bolas de neve?

Ele sorriu quando Joy o desviou dos pensamentos de maneiras mais sensuais de perder calorias.

– Você iria perder, não me desafie. Joguei beisebol no segundo grau e na faculdade.

Ela fez uma careta e ergueu o ombro nu, deixando-o mais tenso.

– Tenho certeza de que posso te vencer numa guerra de bolas de neve. Tenho muita experiência.

– Experiência por ter crescido em Santa Barbara?

– Não, mas passei muitas férias de inverno por aqui.

– Está certo, claro. Meus pais me levavam muito para esquiar. É por isso que me apaixonei por Vail. Você vinha para cá sempre?

– Na verdade, esta é a primeira vez. Eu ia para outros lugares. – Ela puxou o suéter para cima, tirando a visão que ele estava curtindo tanto. – Nós não íamos procurar os enfeites?

Para alguém que não estava muito animada, ela mudara bem rápido.

– Sim, por onde começamos?

– Acho que há um porão lá em baixo. Não sei se tem algum sótão.

– Vamos para onde dará menos trabalho. Vá em frente.

Os dois desceram um lance de escada, iluminada por uma janela em arco, depois mais alguns degraus, e então um lindo ambiente se descortinou diante deles, com uma piscina fechada, uma lareira e uma banheira quente.

– Uau, que demais!

– Nossa, não é mesmo? – retrucou Joy, olhando por cima do ombro. – E pensar que esta é uma casa de temporada. Acham que eles passam por aqui uma ou duas vezes por ano, no máximo. Acho um desperdício.

Alex entendeu bem o que ela estava dizendo. De fato, pessoas muito ricas cometiam certos excessos desnecessários.

– Alguém deveria morar aqui para aproveitar tudo isso sempre.

– Concordo plenamente. Aposto que a piscina e a hidromassagem não são usadas há mais de um ano.

– Você não usou enquanto esteve aqui?

– Não, estive muito ocupada...

Ela parou perto de um dos janelões, perto da porta dupla de vidro que saía para o pátio. A neve estava acumulada no beiral das janelas.

– Temos de mudar essa situação. Não podemos desperdiçar isso tudo, especialmente a banheira de hidromassagem. Vamos entrar aí mais tarde.

– Que maneira direta de me pedir para vestir um biquíni.

– Admita, não é uma má ideia. E será que consegui te convencer?

Ela sorriu e balançou a cabeça.

– Você é terrível... Sabe disso, né?

– Por quê? Você é uma linda mulher e estamos presos neste casarão por causa de uma tempestade de neve. Eu seria um idiota se não tentasse.

– E eu seria uma tola se achasse que você não ia tentar nada, pelo menos um pouco.

Bingo. As coisas estavam mudando.

– Só para você saber: serei sempre um cavalheiro. Sempre.

– Ótimo. Gosto de homens gentis.

– Mas até os cavalheiros gostam de beijar.

Joy inclinou a cabeça para o lado e ergueu a sobrancelha. Será que ela estava pensando se deveria? Por mais que ele quisesse prestar atenção naqueles

olhos castanhos, os lábios fartos dela eram bem mais atraentes.

– E uma dama pode se reservar o direito de ser mais difícil.

– O que eu preciso fazer?

– Você tem de me pagar um drinque se formos entrar nesse assunto. – Ela deu uma cutucadinha nele, indicando com um sinal de cabeça uma alcova num dos cantos do salão. Depois saiu andando. – Acredito que os depósitos ficam ali.

Alex ficou parado por um instante, pensando que talvez Joy não fosse tão diferente das mulheres que conhecia, e saiu atrás dela.

O primeiro quarto estava lotado de coisas para a piscina, mas, no segundo, havia várias caixas de papelão e cestas de plástico.

– Por que acumular tanta coisa se eles passam só alguns dias do ano aqui?

– Parece que eles têm muito equipamento de inverno.

Alex perscrutou a sala e...

– Ali está. Natal. – Ele seguiu até uma das caixas e a abriu. Dentro havia uma guirlanda dourada. Depois ele abriu as caixas menores. – Pronto, aqui estão os enfeites. Tem até uma árvore de Natal artificial.

– Não quero nada muito exagerado.

– Se trabalharmos bastante, precisaremos ficar mais tempo na hidromassagem.

Joy revirou os olhos e ergueu uma caixa, sem conseguir disfarçar o sorrisinho matreiro.

– Continue tentando, Alex. Falta pouco.

CAPÍTULO 5

JOY COLOCOU no chão uma cesta de plástico que tinha trazido do depósito, imersa em pensamentos de como seria estar com Alex na banheira de hidromassagem, se beijando. O tempo parecia ter parado no momento em que ele fizera o convite... e ela tinha certeza de que era isso, que ele a beijaria. Só que não. E ela precisou disfarçar a ansiedade. Esperar não era o seu forte.

Ela poderia ter feito o primeiro movimento, claro, mas não seria ela, nem quando não era tão tímida. Poderia ser chamada de antiquada, mas queria que ele desse o primeiro passo... e em vez disso, ele ficou falando de jogo. Talvez ela o tivesse assustado, mesmo *não* sendo essa sua intenção.

– Vamos montar a árvore que você achou? – perguntou ela. – Vai demorar bastante...

– Eu gostaria muito de ter uma árvore natural, mas esta deve servir – respondeu Alex, abrindo a caixa.

– Eu amo o perfume de um pinheiro verdadeiro, para mim significa o verdadeiro espírito do Natal.

– Onde você acha que devemos colocá-la? Ao lado da lareira? – Ele puxou o mastro de metal e começou a montá-lo.

– Acho que sim. – Joy o observou colocar a base da árvore e rosquear o mastro no chão. – Não me lembro quando foi a última vez que enfeitei uma casa para o Natal. Faz tempo.

E era verdade. Ela havia trabalhado muito nos últimos anos e não tinha tido tempo. Além do mais, morava com os Marshall nas dependências dos criados e sem direito a finais de semana.

– Eu adorava o Natal quando era criança. Escolher e cortar uma árvore com meus pais e minha irmã e ouvi-los brigar enquanto desembaraçavam os fios das luzinhas. Tomávamos gemada e ouvíamos músicas natalinas. Era muito legal.

Alex parecia não ter ouvido enquanto tentava montar outra parte da árvore, os galhos espetados em todas as direções.

– Pelo visto, seus pais tentaram dar uma infância normal para vocês. O Natal na minha casa não era assim.

– Não? – Como isso seria possível? A julgar pelo histórico da família dele em Chicago, sua infância devia ter sido ótima.

Ele balançou a cabeça e pressionou os lábios numa linha fina enquanto encaixava a próxima parte da árvore.

– Não, meus pais chamavam alguém para decorar a casa para nós. Todo ano era um tema diferente, então não tínhamos enfeites favoritos. Meus irmãos e eu nem sabíamos o que esperar.

– Puxa vida, Natal não é isso.

– Não culpo minha mãe. – Alex encolheu os ombros. – Ela tentava agradar meu pai sendo a melhor esposa e mãe. Era ele que gostava de armar um circo. As festas de fim de ano eram sempre na nossa casa, eram muitos os convidados que bebiam bastante e falavam sobre a fortuna deles.

Joy não conseguia nem imaginar uma situação dessas. Sua família nunca tivera dinheiro suficiente para tornar as festas memoráveis.

– Que chato...

– A pior parte era que minha mãe nos fazia usar gravata borboleta vermelha. Meus irmãos e eu odiávamos e ficávamos ansiosos pela manhã do dia 25. – Finalmente ele encaixou a última parte da árvore e começou a colocar as luzinhas.

– Aposto que a árvore ficava lotada de presentes.

– Não era só isso, mas era o único dia do ano que éramos legais uns com os outros. O estresse da festa já havia passado. Minha mãe ficava distraída comigo e com meus irmãos e não bebia muito. Era o único dia em que éramos uma família de fato. – Ele colocou os fios das luzinhas na tomada e a árvore ganhou vida.

– Aí está... Natal instantâneo.

Ela sorriu. A árvore não era grande coisa, mas conseguiu trazer o espírito de Natal para o ambiente.

– Ficou lindo, mas ficará melhor se pusermos alguns enfeites.

Joy passou para Alex uma caixa de enfeites de vidro em formato de bonecos de neve. Ela ficou com uma caixa de bolas. A árvore era pequena e por isso difícil de se movimentar sem um tocar no outro; volta e meia as mãos se esbarravam, os ombros se colidiam...

– Você não está distribuindo os enfeites direito – repreendeu-a Alex, segurando-a pela cintura por um breve momento para afastá-la do lugar, o suficiente para ela sentir um arrepio percorrer seu corpo inteiro.

– Nossa, temos um perito em árvores de Natal. – Joy cutucou-o com o quadril e os olhares se cruzaram. Alex a encarou com malícia, o que a deixou com o corpo pegando fogo.

– Acontece que faz dois anos que não tenho a chance de montar uma árvore de Natal.

– Deixe eu adivinhar, ex-namorada?

– Pior. Ex-noiva.

Joy tinha visto alguma coisa a respeito do noivado dele na internet, mas achou que aquilo era rotina para um homem como Alex, alguém que tinha uma fartura de mulheres a seus pés.

– Ela adorava encher a casa de enfeites. Infelizmente, o relacionamento acabou e eu perdi a vontade de montar uma árvore de Natal desde então.

– Aposto que foi bom enquanto durou. – Joy estava se segurando para não perguntar mais sobre o noivado, mas não queria estragar a brincadeira.

– Não foi. *Isso* é legal – disse Alex, reassumindo o tom matreiro de antes que a fazia estremecer da cabeça aos pés. – Se continuarmos a colocar enfeites, a árvore vai cair. Precisamos revestir a base com alguma coisa.

Joy abriu outra caixa e começou a procurar. Não encontrou o que procurava, mas sim uma faixa para revestir a prateleira acima da lareira que também serviria.

– Isto aqui deve servir. – Ela puxou a faixa vermelha, longa e com franjas, e a segurou com as duas mãos, dançando de um lado para o outro. – Se você ficar entediado, posso dançar um pouco.

– Como você adivinhou? O dia está tão monótono que vou pegar no sono caso ninguém me entretenha.

– Você é um sedutor. – Joy sentiu o rosto pegar fogo. Na verdade, *ela* é que estava flertando, pois queria muito beijá-lo, estava farta de esperar. – Você é sempre assim?

– Não, só quando estou com uma companhia inspiradora.

Ah, tá. Joy não acreditou, mas gostou da sensação de que ela era diferente de qualquer outra pessoa. Era sexy.

Os dois se ajoelharam no chão para colocar a faixa ao redor da base da árvore. A proximidade dos dois era tanta que Joy sentiu o ritmo da respiração dele, esforçando-se para acompanhar.

– Ficou um charme.

– Você é um charme. – Ele virou o rosto, os lábios a distância de um beijo. De repente, a sala mergulhou num silêncio profundo e estático.

Joy não queria erguer nenhuma barreira, mas estava na defensiva, talvez esperando um sinal mais convincente de que podia continuar.

– Você devia falar e continuar com os galanteios.

– Eu estava pensando se você nunca morderia a isca.

Joy não pensou duas vezes, não haveria outra chance igual àquela. Sendo assim, segurou-o pelos ombros e se inclinou para beijá-lo e sentir aqueles lábios suaves e quentes. Sentindo a reciprocidade instantânea, ela aproximou mais o corpo, encostando-se ao dele. Alex entremeou os dedos no cabelo dela e deslizou para o pescoço, puxando-a para mais perto ao mesmo tempo em que aprofundava o contato dos lábios. Ela pressionou os quadris ao dele e percebeu o momento mágico em que Alex ficou excitado.

Ele foi puxando-a para trás até se deitarem no carpete felpudo e macio, Joy em cima dele. A partir daí, ela seguiu seus instintos, afastando as pernas até os joelhos tocarem o carpete, e começou a roçar os quadris nos dele. Alex gemeu e passou as mãos quentes nas costas dela, deixando-a mais lânguida. Joy estava fervendo de tanto desejo e ansiosa demais para movimentos tão lentos.

Assim, espalmou a mão no peito dele e se afastou, encantada com os músculos rijos.

– Quero te ver de novo.

Assim dizendo, segurou na barra do suéter de cashmere, sentindo a maciez do tecido para logo tocar algo de tirar o fôlego. Joy prestou atenção em cada músculo que se revelava à medida que ela puxava o suéter para cima, e tentou guardar a cena na memória para jamais esquecer. Alex ergueu os braços e ela finalmente o desnudou. Os músculos eram bem definidos e rijos, opostos aos lábios macios, que, no instante seguinte, procuraram os dela para mais um beijo voluptuoso.

– Isso não é justo – murmurou ele, sem afastar a boca. – Você está me vendo, enquanto eu só vi o seu ombro nu, e isso está me matando.

Joy mordiscou o lábio inferior. Ele era tão sexy e foi capaz de derrubar as últimas barreiras que haviam entre eles.

– Quer mudar de lado?

– A melhor parte de ganhar presente de Natal é desembrulhá-lo, você não acha?

Ela soltou uma risadinha, enquanto ele a sentava de maneira que as pernas dela o envolviam pelo quadril. Alex segurou a barra da camiseta dela e a levantou bem devagar até tirá-la pela cabeça. Em seguida, abaixou-se para beijar os seios fartos, deslizando a língua pelo decote do sutiã. Não levou muito tempo para que ele soltasse o fecho e baixasse as alças do sutiã. Os olhares se prenderam quando ele segurou um dos seios com a mão em concha e apertou o mamilo com os dedos, elevando a temperatura do corpo dela. Ele segurou o outro seio e fez a mesma coisa, acariciando e moldando a pele macia, até tirar uma das mãos para dar lugar à boca sequiosa que procurava um dos mamilos.

Joy chegou a ter medo de abrir os olhos e descobrir que estava vivendo um sonho. Mas acabou abrindo-os e extasiou-se com o que viu, porém, a sensação era mais intensa se apenas sentisse. E isso a ajudou a ser mais ativa, impulsionando-a a movimentar os quadris, roçando na ereção dura, aliviando um pouco da tensão.

– Você tem camisinha? – indagou ela entre beijos, sabendo que pularia do alto de um precipício se ele pedisse.

– Não tenho. – Ele a fitou com olhos tristes, como se seus sonhos tivessem terminado naquele instante. – Não sou do tipo que anda por aí com camisinha no bolso.

– Ótimo, não é com esse cara que quero dormir. – Joy beijou o canto da boca dele. – Para sua sorte, eu tenho lá no meu quarto. – Fazia tempo que ela não ficava com ninguém, mas tinha se mudado para Santa Barbara no topo do mundo e estava bem otimista.

Um sorriso iluminou o rosto dele e foi tão adorável quanto a expressão de tristeza de pouco antes.

– O que você está esperando?

Ela se levantou e ficou em pé. Ao ver o estado de Alex, ficou com pena de ele precisar esperar. Assim, estendeu a mão e os dois subiram as escadas correndo. Ele a seguiu até o banheiro e a abraçou por trás, enquanto ela procurava por sua *nécessaire* numa das gavetas. Enquanto isso, Alex se ocupava em traçar uma linha de beijos segundos depois sobre a pele alva das costas dela.

– Achei! – exclamou ela ao abrir o pacotinho.

– Acredito que nunca fiquei tão feliz em ver isso na minha vida.

Mais uma vez, Joy duvidou das palavras dele, mas esqueceu-se assim que foi beijada novamente. Alex a apoiou na cômoda e rapidamente abriu o pacote, em seguida, o zíper e baixou as calças. Ao deparar-se com a protuberância considerável por trás da cueca e quase explodindo de tanta ansiedade, Joy se sentiu uma mulher de atitude e se ajoelhou. Numa fração de segundo puxou a cueca boxer para baixo e encantou-se em encontrá-lo tão preparado para satisfazê-la. Segurou a ereção e começou a massageá-la bem devagar. Alex gemeu e enterrou os dedos no cabelo dela.

– Por mais que eu esteja adorando o que você está fazendo, quero fazer amor e sua calça jeans está me impedindo.

Joy riu, colocou a camisinha nele e se levantou, deixando que Alex assumisse o comando, tirando o jeans dela e a calcinha de renda. Finalmente as roupas não eram mais a preocupação e começaram os beijos loucos, as línguas ávidas se buscando, as mãos grandes nas nádegas de Joy, enquanto ela percorria os músculos firmes das costas dele.

A espera já a tinha consumido ao máximo, assim Joy ficou na ponta dos pés, apoiou-se na cômoda e passou a perna ao redor das nádegas dele. Alex aceitou o convite e a penetrou ao mesmo tempo que a beijava com paixão. Embevecida pelo tesão, ela o enlaçou com a outra perna. Alex a tirou de cima

da cômoda, segurando-a pelas nádegas, e penetrou-a mais fundo e devagar, apesar de estar ofegante. Cada beijo ou gemido tornava as carícias mais intensas.

Joy teve a sensação de que seu corpo estava lhe pregando peças, pois ela parecia tocar as estrelas de tanto tesão, mas voltava para a terra na mesma velocidade. Aos poucos, as viagens foram encurtando e ela sentiu quando o orgasmo começou a emergir. Só que ela não estava preparada para o que aconteceu e cravou as unhas nas costas dele como se disso dependesse sua existência. Comprimiu os músculos internos, acariciando o membro que a preenchia tão completamente e foi o que o levou ao ápice do prazer também.

Quando os dois voltaram a respirar normalmente, Alex a apoiou na cômoda de novo e a beijou suavemente.

Quando se separaram, Joy pulou para o chão, seguiu para o quarto e se deitou naquela cama maravilhosa, afundando nos travesseiros de plumas e cobrindo-se com o acolchoado. Nunca sentira um prazer tão pleno.

Minutos depois, Alex deitou-se ao lado dela, envolvendo-a com os braços fortes e beijando-a na testa.

– Nunca montar uma árvore de Natal foi tão gostoso.

– Engraçadinho. – Ela deu uma risadinha, roçando o nariz contra a pele macia do peito largo. – Tecnicamente, ainda temos trabalho a fazer: guardar as caixas.

– Comparado ao que eu normalmente estaria fazendo hoje, guardar caixas não é nada. – Ele afastou uma mecha do cabelo dela para atrás da orelha e roçou o nariz no dela. – Se bem que o que eu mais quero agora está aqui nesta cama.

CAPÍTULO 6

FAZIA MUITO tempo que Alex não dormia a noite inteira com uma mulher nos braços, mas durante um cochilo? Era difícil precisar a última vez. Ele virou a cabeça no travesseiro e enterrou o nariz no cabelo sedoso de Joy, que estava todo despenteado.

Agora ele descobrira de onde vinha aquele perfume doce... Era de Joy. Ele podia não gostar de açúcar no café, mas aquela fragrância doce? Seria difícil viver sem, pelo menos por enquanto, pela alegria de desfrutar da companhia de uma bela mulher, mesmo que ambos tivessem vidas diferentes, e a quilômetros de distância um do outro. Ele podia curtir os poucos dias no Colorado junto com ela, embora soubesse que a partida seria difícil, e esperando que não fosse dolorosa. Seria legal se continuassem amigos.

Alex sentiu o estômago roncar alto. Já eram quase 16h e eles haviam passado as duas últimas horas dormindo depois de muito sexo, por isso tinham pulado o almoço. Ele estava morrendo de fome.

Infelizmente Joy ainda dormia e murmurava: – Não, Mariella. Você está enganada... – A voz dela estava embargada, enquanto virava a cabeça de um lado para o outro.

– Joy, acorde. São quase 16h. – Alex apoiou-se no cotovelo e acariciou o braço dela. Beijou-a rapidamente no ombro, pois, se demorasse um pouco mais, ficariam ali por mais horas sem comer.

Ela entreabriu os olhos, fechou-os de novo e os arregalou em seguida.

– Espere... O que houve?

– São quase 16h. Você dormiu por mais de duas horas.

– Jura? Nossa, nunca aconteceu isso.
– Acho que você estava tendo um pesadelo com alguém chamada Mariella. Quem é Mariella?
– Quem? Ah, é a gata da minha mãe.
– Mas por que você estaria dizendo a uma gata que ela estava enganada?
– Porque algumas vezes conversar é a única coisa que faz ela parar de miar. – Joy deu de ombros.
– Sei... – Aquilo não fazia muito sentido, mas ele decidiu ignorar. – Vamos comer alguma coisa. Não consigo sobreviver só com pãezinhos.
– Claro, vou preparar alguma coisa. – Ela se levantou e pegou um roupão felpudo de cima da cadeira. – Acho melhor eu me vestir.
– Você é que sabe, não me importo se você ficar nua.
Ela sorriu e revirou os olhos... Tão adorável...
– Preciso estar vestida para cozinhar. Você pode descer em dez minutos?
Joy estava muito evasiva, mas Alex achou melhor não pressionar. Talvez aquele fosse o jeito dela mesmo, se bem que ele preferia quando ela ficava mais divertida e relaxada, mas também não se preocuparia com isso. Comer alguma coisa era um assunto mais urgente.
– Pode ser...
Ele pegou a cueca boxer no chão do banheiro e foi para o quarto onde estavam suas coisas para tomar uma ducha rápida. Enxugou o cabelo com a toalha e se aproximou do espelho para se olhar. A barba estava crescendo, mas ele não costumava se barbear depois da ginástica. Joy teria de conviver com isso.
A mente teimosa voltou para o comportamento dela depois do cochilo, mas também a situação era esquisita. Era difícil que não acontecesse nada entre um homem e uma mulher depois de passarem 24 horas juntos na mesma casa. Joy morava ali sozinha e talvez gostasse de ter espaço.
– Oi... – Alex entrou na cozinha e viu Joy abaixada diante da geladeira. – Você acha que devemos chamar alguém para limpar a estrada? Um caseiro, talvez?
– Acho que não, eles virão quando puderem.
– Ah, tudo bem. – Aquilo não parecia muito normal para quem vivia num condomínio fechado, onde limpar a neve estava incluído na taxa do

condomínio.

– O que teremos para o jantar?

– Estou tentando decidir. Você gosta de picadinho de frango com molho de manteiga, alho e cebola? Pensei em cozinhar um macarrão com espinafre, que é o único vegetal que tenho além de cenouras.

– Nossa, para mim está ótimo.

– Quer ajudar?

– Eu sou péssimo na cozinha. É capaz de eu colocar páprica demais no prato errado e você me odiará para sempre.

– Em primeiro lugar, eu jamais te odiaria. Em segundo, se você sabe o que é páprica é porque não é tão ruim assim, então pode vir ajudar.

– Está bem, mas você terá de me dizer o que fazer – disse ele, parando ao lado dela diante do fogão.

Joy inclinou-se e beijou-o rapidamente na boca.

Que bom, o humor dela havia voltado. Seria difícil esquecê-la. Ele já havia saído com muitas mulheres atraentes, mas Joy era diferente de qualquer padrão. Ou, então, era a primeira vez que ele encontrava o seu tipo de mulher sexy. Cada minuto ao lado dela era uma novidade, tanto que ele imaginava onde ela havia andado se escondendo até agora.

Alex foi seguindo os passos, aprendeu a esmagar o alho corretamente e fritar a carne. Nunca coloque óleo na água para cozinhar o macarrão. Qualquer italiano teria um ataque cardíaco se visse isso, e ele havia cozinhado errado a vida inteira. Aos poucos o ambiente foi se impregnando do aroma apetitoso dos temperos. Ele estava aproveitando a oportunidade de ver Joy trabalhando, com a mão nas costas dela. Adorou quando ela lhe ofereceu um pedacinho do frango, segurando em seu braço.

Os pratos ficaram ótimos e levaram apenas meia hora para ficarem prontos. Eles decidiram não usar a mesa grande da sala de jantar. Sentar-se à bancada da cozinha, mais próximos e na companhia de um bom vinho, que Alex havia encontrado na adega, era muito mais romântico. Joy tivera o cuidado de baixar a luz e acender uma vela.

– Isso é incrível, juro. – Alex ergueu a taça de vinho para brindar com a dela. – À *chef*.

– Tim-tim... – Ela sorriu timidamente. – Você trabalhou tanto quanto eu. Cozinhar não é um grande mistério. Quando você aprende a confiar nos seus instintos, basta ir para a cozinha e se divertir. É isso que eu faço.

Confiar nos instintos, talvez ele redescobrisse isso com Joy. Não que ele não confiasse em seus instintos empresariais, mas era o lado pessoal que precisava de mais cuidado. Joy o deixava muito confortável, parecia que eles se conheciam há meses, anos até.

– Bem, ainda estou surpreso com seus talentos, e a parte mais preocupante é que você me mostrou tudo em pouco tempo. Não faço ideia de quais mistérios Joy Baker esconde atrás do rosto bonito.

– Não há mistério algum, Alex. Amo cozinhar e gosto de ficar com você. Isso é tudo o que precisa saber.

– Lembro que alguém me ameaçou vencer numa guerra de bolas de neve. Seria bom verificar se isso é verdade.

– Guerra de bolas de neve? Está escuro e frio lá fora.

– Eu sei, mas tenho uma ideia.

Joy balançou a cabeça e tomou mais um gole de vinho.

– Se essa ideia tiver alguma coisa a ver com sair de botas e luvas, esqueça.

– Não, mas vá vestir seu biquíni e me encontre lá embaixo.

JOY ESTAVA de biquíni à beira da piscina coberta, imaginando o que Alex estaria aprontando. Estava um breu do lado de fora. A neve estava na altura da cintura.

– Você é confiável.

Alex estava tentando destrancar as portas de vidro que davam para o pátio com as chaves que Joy havia dado.

– Metade da graça de um banho quente na banheira de hidromassagem é curtir o frio primeiro. Meus irmãos e eu fazíamos muito isso quando éramos crianças. Corríamos pela neve e depois pulávamos na piscina de água quente.

Joy estava prestando atenção nos músculos firmes das costas dele. Tudo o que havia acontecido até então tinha sido uma loucura... Usar a casa como estavam fazendo, montando a árvore de Natal, depois fazendo amor no banheiro. Mas fazia muito tempo que Joy não se divertia tanto com um homem. Até então podia dizer que Alex era um cara adorável e divertido. Não

havia influência nenhuma sobre a criação dele, a carreira, a vida romântica passada, nem da dela.

– Até que enfim! – Alex abaixou a maçaneta e abriu uma das portas. Uma lufada de vento frio entrou no mesmo instante.

A neve que estava apoiada no umbral da porta caiu sobre o piso de pedra.

– Santo Deus, Alex! Está gelado. – Joy passou os braços pelo corpo e virou o rosto. – A neve vai fazer uma bagunça...

– Isso é água gelada que vai sair pelo ralo. Além do mais, esta é a área da piscina e deve estar molhada mesmo. – Alex se aproximou dela com um enorme sorriso no rosto. – E largue de ser chorona. Venha. – Ele a puxou pela mão em direção à porta aberta.

O frio estava cortante e fez o coração dela disparar, como acontecia com Alex.

– Nós vamos mesmo brincar de guerra de bolas de neve?

– Não, não teria muita graça. Vamos correr na neve, ficar lá um minuto, depois correr para dentro e entrar na banheira quente de hidromassagem – disse ele, beijando a mão dela.

Um gesto simples que ela simplesmente amou e correu atrás dele na neve. O frio subiu pelas pernas e dominou seu corpo inteiro, mas era bem diferente de mergulhar na neve para fugir de um acidente. O ar frio entrava em seus pulmões, congelando-a, mas ela não conseguia parar de rir. A respiração dos dois se condensava em pequenas nuvens.

– Já podemos voltar?

– Mais alguns segundos só. – O cabelo de Alex estava molhado, caindo nos olhos. – Pronto. Já!

Os dois voltaram correndo, ainda de mãos dadas, levando um punhado de neve para dentro. Mariella iria dar cria se visse aquilo. Joy procurou não pensar, não estragaria o momento imaginando que seria descoberta.

Alex não esperou e entrou direto na banheira de água quente. Joy só colocou a ponta do pé. A água estava muito quente. Alex submergiu até os ombros, mas Joy ainda estava relutante, mergulhando as mãos para se aclimatar mais devagar para depois entrar de corpo inteiro.

Alex tinha razão, a sensação era muito boa, mas ela ainda não estava pronta para admitir. Podia sentir toda sua corrente sanguínea, enquanto seu rosto e

lábios estavam gelados. Era uma sensação diferente, mas muito excitante.

Alex passou os dedos pelo cabelo espesso e se sentou no banco de pedra ao lado da banheira.

– E então? Não é bom?

– Muito bom. Fantástico.

– Eu te falei. – Ele ergueu as sobrancelhas daquele jeito maroto só dele.

Joy achou que fosse desmaiar. Aquele era certamente um dos momentos mais excitantes de sua vida, não só sair na neve de biquíni, mas entrar na banheira quente com Alex, o lindo e charmoso bilionário.

– Você tinha toda a razão. Dou minha mão à palmatória. Não acredito que um gênio da recreação, aparência de príncipe encantado e com carro bonito ainda esteja solteiro.

Alex esboçou um sorriso com o canto da boca, mas logo assumiu uma expressão mais séria. Estariam em completo silêncio se não fosse o borbulhar da hidromassagem. Os olhos azuis de Alex a observavam de um jeito enigmático, ao qual ela não se opôs e também não queria que terminasse.

– Eu também não entendo como você está solteira. Você é literalmente a mulher mais bonita e fascinante que já conheci.

Ouvir aquela declaração foi como a realização de um sonho. Normalmente um comentário daqueles a deixaria corada, ou a faria revirar os olhos, mas Alex estava sendo sincero.

– Que comentário delicado. O dia de hoje foi incrível.

Joy ficou radiante ao perceber que seus sentimentos eram recíprocos. A constatação fez seu coração pular em total descompasso.

– Venha aqui – pediu ele, com os olhos transbordando de desejo e estendendo a mão.

Ela não costumava obedecer tão rapidamente, mas acabou entrelaçando os dedos com os dele e se aproximou. Com a mão livre, ele segurou o rosto dela, um gesto simples que a fez sentir-se derreter. Ele se inclinou para a frente e ela fechou os olhos, absorvendo o momento delirante quando os lábios se tocaram. Os dois se movimentaram em perfeita sincronia, as bocas se abriram ao mesmo tempo e as línguas se encontraram para um bailado já conhecido. Bastou ele a enlaçar pela cintura e Joy aceitou o convite e se sentou no colo dele.

Alex murmurou de prazer quando ela ajeitou os joelhos ao lado de seu quadril e apoiou os braços em seus ombros. Ela entremeou os dedos pelo cabelo dele e aprofundou o beijo, mordiscando-lhe o lábio inferior ao senti-lo enrijecer no meio de suas pernas. O perfume másculo se embrenhou pelos poros dela, a umidade do cabelo sedoso acariciou-lhe as palmas das mãos. Ele se apressou em segurá-la firmemente como se não quisesse perdê-la.

Com uma das mãos, Joy alcançou o laço do biquíni no pescoço e o desfez, ao mesmo tempo que que Alex desfez o laço das costas e jogou a parte de cima do biquíni no deque.

– Bem melhor assim – disse ele ao capturar os lábios dela noutro beijo voluptuoso.

Ele não demorou em segurar um dos seios com a mão em concha e acariciá-lo gentilmente, apertando o mamilo.

Os dois começaram a se movimentar como se os corpos tivessem vontade própria. Joy não estava satisfeita, queria ser mais rápida sem conseguir.

– Eu te quero, Alex.

– Posso dizer o quanto amo ouvir isso? – perguntou ele diretamente no ouvido de Joy, com uma voz grave que só fez aumentar o desejo.

– Precisamos voltar para o quarto...

– Eu sei, relaxe. – Alex deslizou a mão até dentro da calcinha do biquíni e permeou os dedos pela penugem macia, movimentando-os em círculos num ritmo constante.

Joy começou a sentir o prazer aumentar e contraiu as nádegas.

– Beije-me – pediu ele.

Ela ergueu a cabeça e os dois se beijaram com paixão, como se um quisesse devorar o outro, mas Alex estava com vantagem. Joy havia sucumbido ao feitiço dele. As carícias aumentaram, os movimentos se apressaram e eram exatamente no centro dos prazeres de Joy. Com a respiração ofegante, ela foi se sentindo como um vulcão prestes a entrar em erupção. Quando ela estava prestes a atingir o clímax, Alex parou de beijá-la. Ela começou a gemer conforme as ondas de prazer ficavam cada vez maiores e intensas até levá-la ao prazer. Joy apoiou a cabeça no ombro dele, amparada pelos braços fortes. Naquele momento, ela estava mais vulnerável do que nunca, as forças tinham se esvaído de seu corpo, mas não existia lugar mais seguro.

– Nossa, isso foi incrível! – exclamou, salpicando beijos no ombro dele.

– Amei vê-la nesse estado – disse ele, acariciando as costas dela.

– Agora é a sua vez. – Joy se surpreendeu por ter conseguido falar depois de tamanho êxtase e percebeu que Alex estava mais excitado do que minutos antes.

– Vamos subir para o seu quarto. Temos a noite inteira para resolver isso.

Joy sorriu, lutando para não ser abatida pela tristeza. A noite tinha sido mágica, mas, em sua experiência, a magia não durava por muito tempo. Logo, logo, a tempestade de neve iria baixar e sua vida de sempre iria voltar, sem Alex.

CAPÍTULO 7

ALEX ACORDOU de um sono profundo ao som de um bipe. *Que raios...?* Ele piscou algumas vezes. *O quê...*

O trator limpa-neve. Com cuidado para não acordar Joy, ele empurrou o acolchoado para baixo e foi até o alto da escada olhar através da janela palladiana. O barulho revelador da pá do metal contra o asfalto confirmou... O tempo com Joy havia terminado. Mais uma hora ou duas e eles não estariam mais presos ali.

Agora ele estava num dilema. Gostava bastante de Joy. A noite anterior tinha sido incrível, aliás fazia muito tempo que ele não tinha uma experiência tão boa. Parecia que eles não se cansavam um do outro. Ele estava na cidade havia pouco mais de uma semana e poderia ficar até dia 26 de dezembro no máximo, quando teria de voltar para Chicago. Ainda poderiam se curtir mais algumas vezes. Contudo, o problema era que ele não queria ficar com Joy apenas pelo sexo, embora soubesse que a chama do desejo jamais se apagaria entre eles. Havia uma sincronia impressionante entre os dois. Fazer sexo com Joy era fantástico, mas essa não era a única coisa boa que via nela.

Sua maior preocupação eram os sentimentos. Oito ou nove dias juntos era tempo suficiente para se apegar. Era quase certo de que ele era capaz de sair com poucas cicatrizes do relacionamento. Joy sempre teria um espaço especial em seu coração, isso era certeza. Mesmo sem conhecê-la profundamente, ele sabia que ela era áspera algumas vezes e muito independente, porém conhecera também seu lado doce, tão profundo quanto o oceano. Nenhuma mulher cozinha para um homem que não goste, e ele não queria magoá-la.

– Ei, você já levantou – disse ela, vindo por trás com uma voz sonolenta e sexy.

Ela estava com um roupão, tão linda quanto ele imaginava, com o cabelo despenteado e o rosto corado.

– Já, sim. Bom dia. – Ele a enlaçou pela cintura e beijou-a na testa.

Os dois se encostaram na balaustrada e em silêncio ficaram observando o trator ir para um lado e para outro.

– Parece que estão nos desenterrando.

– É verdade.

Ela o fitou e passou a ponta da língua no lábio de baixo com uma expressão indecifrável. Aquela expressão era sua característica, só podia ser, mas seria por causa do ex que ela havia mencionado? A vida dela, pelo menos no que se referia à carreira e à família, parecia perfeita. Joy era uma pessoa feliz.

– Vou preparar o café e depois acho que ligarei para a confeitaria para saber se precisam de mim hoje.

Se ela voltasse a trabalhar, então, ele provavelmente deveria fazer o mesmo. Afinal, era uma quinta-feira. Ele havia desligado o celular e deixado na sala, por isso estava sem saber qual problema o aguardava. *De volta à realidade*.

– Qual a chance de termos pãezinhos para o café?

Joy abriu um sorriso largo, pois o havia convertido e merecia todo o crédito.

– O que houve com aquele cara que não tomava café da manhã?

– Ele precisa correr atrás do tempo perdido. Eu não fazia ideia do que estava perdendo.

– Para você eu faço pãezinhos. – Ela deu um beijo no rosto dele. – Mas de um sabor diferente. Eu tive uma ideia quando estava na despensa ontem.

Joy começou a descer a escada com o cabelo balançando. Cozinha era sua felicidade e Alex a invejava por isso. Para ele, trabalho era trabalho. O sucesso trazia satisfação e ele saboreava cada minuto por ter provado que o pai estava errado, mas não estava tão envolvido no trabalho quanto Joy.

Alex voltou para o quarto, vestiu uma camiseta e desceu para passar mais tempo ao lado de Joy.

Enquanto eles estavam presos na casa, parecia que o tempo havia parado. Agora que a rua estava limpa, a contagem regressiva havia começado para o

final do tempo juntos. E ele estaria mentindo se dissesse que não queria viver com intensidade cada segundo ao lado dela.

Alex não era do tipo de colocar muita fé no destino, acreditando que cada pessoa constrói seu próprio futuro. Mas o intrigava o que poderia ter feito o carro dele derrapar e quase atropelar Joy. Talvez ela tivesse aparecido em sua vida para ensiná-lo a confiar em uma mulher de novo. Fazia anos que ele não se sentia tão à vontade assim e com uma conexão tão forte com alguém. Era preciso parar de acreditar que estava fadado a reviver a própria história.

O aroma do que Joy estava preparando chegou até ele, mas era impossível identificar.

– O cheiro está bom? – perguntou Joy ao servi-lo de uma xícara de café.

– Incrível, mas ainda não descobri o que é.

– Espere até provar. Acho que está muito gostoso. – O timer do forno soou e Joy arregalou os olhos. – Vamos descobrir agora mesmo.

A alegria na voz de Joy era contagiante, não dava para ficar de mau humor perto dela. Ela tirou a assadeira do forno, colocou na pia e tirou um pãozinho para ele.

– Você não vai pegar um?

– Daqui a pouco, a melhor parte será ver sua reação.

Alex mordeu o pãozinho e sentiu a textura mais perfeita do que o do dia anterior, mas o sabor...

– Você colocou gengibre?

– Mais alguma coisa? – perguntou ela com as mãos na cintura.

– Não faço ideia, só sei que está delicioso.

– Eu estava brincando, é difícil adivinhar. É gengibre cristalizado, cardamomo e um pouquinho de pimenta-preta para dar um toque final.

– Eu amei, é perfeito. Você deveria acrescentar no livro de receitas.

Ela tamborilou os dedos sobre o balcão e olhou para baixo.

– Não... Ainda não está pronto para o livro de receitas. Preciso fazer na confeitaria e observar a saída.

– Você não confia no meu paladar?

– Não é isso... Mas acho que você pode estar influenciado. Não dormi com nenhum cliente da confeitaria.

– Eu não misturo sexo com honestidade. – Alex percebeu como era fácil a convivência com Joy e poderia facilmente se acostumar.

– Você pode me dar uma carona até a confeitaria? – perguntou ela, levantando-se. – Posso voltar depois com minha colega de trabalho, Natalie.

– Claro, mas você não tem carro?

Joy começou a limpar a cozinha.

– Agora, não. Geralmente ando de táxi ou de carona. Tenho receio de dirigir um dos carros daqui. Prefiro dirigir algo com menos pompa. Pareço uma velhinha dirigindo.

– Eu vi a potência dos carros na garagem quando coloquei o meu lá ontem à noite.

– Potência demais me deixa nervosa.

– Tudo bem, eu te levo, mas antes mais um pãozinho.

Depois do café da manhã, Alex recolheu seus pertences, sem saber se voltaria. Notou que Joy estava ansiosa para ir para o trabalho o quanto antes, mas era compreensível. Ele também tinha dias assim no trabalho. Produzir um livro de receitas devia ser uma tarefa desafiadora. Até onde sabia, ela ainda nem tinha encontrado uma editora para publicar e também não tinha um agente literário. Joy achava que podia fazer tudo sozinha, o que ele achava incrível.

– Num dos cantos da garagem, perto de duas motocicletas, havia alguma coisa do tamanho de um carro coberta com uma lona.

– Essa família é mais obcecada com carros do que a minha. Ali embaixo tem outro? – Alex apontou para a lona.

– Não, aquilo é algum ferro-velho. – Joy abriu a porta do passageiro do carro dele e entrou.

– Por que eles guardam lixo na garagem?

– Vou sugerir que tirem.

A conversa foi interrompida pelo toque do celular de Alex.

– Me dê um minuto, preciso ver isso.

Era uma mensagem de Jonathan, o irmão, junto com uma foto dele em St. Barts com uma mulher jovem e bonita. “Gostaria que você estivesse aqui.”

Alex balançou a cabeça.

– Está tudo bem?

– Ah, sim. É uma mensagem do meu irmão aprontando em St. Barts. Esta época do ano é ótima para pegar mulher, o que não é o meu caso.

– Não é o seu caso agora ou nunca foi?

Alex ficou sem saber direito como responder.

– Já viajei com a turma antes, é verdade, e fiquei com muitas mulheres. Mas não é uma coisa muito sensata. A gente nunca sabe quais são as interesseiras. Além do mais, as pessoas tiram fotos com o celular, isso pode se tornar uma encrenca razoável.

Joy meneou a cabeça com os lábios pressionados numa linha.

– Entendo... – Ela começou a revirar a bolsa.

– É verdade, não sou mais assim – disse ele, colocando a mão no braço dela. – Isso foi há muito tempo. E você deve saber que é preciso se proteger quando se tem muito dinheiro.

– Claro, faz todo o sentido. – Joy colocou o cinto de segurança e olhou o relógio. – É melhor irmos, precisam de mim na confeitaria.

A ida até a cidade foi relativamente rápida, um pouco silenciosa demais para o gosto dele. Alex se arrependeu de ter dito sobre pegar mulheres no Caribe.

Ele estacionou perto de Vail Village, um dos dois principais bairros empresariais. O bairro parecia um vilarejo europeu, com calçadas de pedra e lojinhas, sem passagem para carros.

– A confeitaria é muito longe?

– Um pouco mais para baixo, à esquerda. Você não viu?

– Pode ser que sim, mas não entrei. Mas agora que sei que vou encontrar os melhores pãezinhos e bolinhos da cidade, vou virar freguês.

– Obrigada pela carona e por todo o resto. Foi divertido.

– Para mim foi mais do que divertido – disse Alex, colocando o carro no estacionamento e olhando para o lado, mas Joy estava olhando para a rua.

– Você tem razão, foi mais do que divertido. Foi ótimo. – Joy evitava olhar para Alex, o que aumentou ainda mais o nervosismo dele.

Como ela reagiria quando ele dissesse...

– Eu quero te ver de novo, Joy. Vamos ter um encontro de verdade e passar mais tempo juntos. Só volto para Chicago no dia 26.

– Para evitar o Natal com a família? – indagou ela, fitando-o por apenas um segundo.

– Colocando friamente, é isso sim.

– Desculpe, não quis ser rude.

Ele balançou a cabeça e ergueu o queixo dela com o dedo. Os olhares não apenas se cruzaram, mas a conexão estabeleceu-se imediatamente. Pela primeira vez, ele a viu de um jeito diferente, triste.

– Tudo bem se eu te ligar?

Ela suspirou e respondeu que sim com a cabeça, mas parecia resignada, e Alex não queria que ela se sentisse obrigada a vê-lo.

– Claro que sim, eu vou amar. Mas, ao mesmo tempo, não quero que você sinta que está me devendo alguma coisa, ou que precise dizer algo assim porque dormimos juntos. Tudo bem se precisarmos nos despedir agora. É melhor quando um homem é objetivo.

Alex sentiu como se seu coração fosse pular do peito ao ouvir aquilo. Então ela o tinha como aqueles caras que dizem que vão ligar, mas não ligam.

– Não estou falando por falar. Quero te ver de novo e ligar. Não quero me despedir agora.

Assim dizendo, ele se inclinou e a beijou com ardor. Para ele, foi uma bênção sentir que a resistência dela se derreteu com seu carinho. Em vez de se separarem depois do beijo, ela apoiou a testa na dele.

– Eu também não quero me despedir. – Joy afastou-se e segurou na maçaneta da porta. – Bom, então, até mais tarde.

Alex ficou observando-a se afastar com seu balanço particular e passos determinados. Os lábios ainda estavam molhados com o beijo dela e o efeito em seu corpo ainda era evidente.

– E ENTÃO? Quem é o dono do carro chique? – perguntou Natalie assim que Joy entrou pela porta.

– Você viu? – Joy havia se preocupado em ser vista, mas achou que passaria despercebido já que ele a havia deixado na esquina.

– Eu acabei de chegar e passei pelo carro dele. Eu teria esperado, mas achei que vocês dois estavam muito entretidos.

Joy não gostava de atrair atenção e muito menos quando alguém prestava atenção no que estava fazendo. Seu futuro estava em jogo, ela precisava ganhar o dinheiro que necessitava e sair da casa dos Marshall.

– Ele é apenas um amigo. Você sabe que meu carro ainda não pega.

Era o carro dela que estava debaixo da lona na garagem dos Marshall. Joy tinha prendido a respiração quando Alex reparara. E se ele tivesse olhado debaixo da lona? Bastaria abrir o porta-luvas para descobrir que era dela, mais especificamente de Joy McKinley.

Que situação... A história toda tinha saído do controle e ela não sabia o que fazer. Alex queria vê-la de novo, e ela também. Sentia arrepios na pele só de pensar no toque daquelas mãos quentes. O beijo no carro iria ficar tatuado em sua memória. Mas ele merecia mais do que isso, merecia a verdade, precisava saber que o livro de receitas não passava de um sonho, que estava trabalhando na confeitaria pelo pagamento no final do mês e que *não* era Joy Baker, a confeiteira. Ou, quem sabe, isso não fizesse diferença, pois ele iria embora em menos de uma semana e nunca mais o veria. Ela não gostava de mentir, mas algumas vezes era por uma questão de sobrevivência. E precisava de mais algumas semanas apenas na casa dos Marshall para ter dinheiro suficiente para dar entrada num apartamento. Talvez tivesse de pedir um adiantamento na confeitaria ou hospedar-se no sofá da casa de Natalie. De um jeito ou de outro, continuaria a trabalhar para dar a volta por cima e retomar sua vida como Joy McKinley, distanciando-se da infeliz história com a família Marshall e colocar a vida profissional nos trilhos.

– Você sabe que meu irmão é mecânico, né? – Natalie vestiu o avental e deu um laço nas costas. – De vez em quando, ele conserta carros nos finais de semana. Posso pedir que ele vá até sua casa dar uma olhada. Se o defeito não for grave, ele não cobrará muito caro para fazer o carro pegar.

Esse era o maior segredo que Joy estava tentando esconder. Não podia convidar as pessoas para ir à casa dos Marshall, principalmente alguém da cidade que conhecia a família.

– Ah, que ótimo. Vou tentar dar partida hoje à noite e depois eu falo. Quem sabe meu carro é temperamental.

Talvez ela encontrasse a solução na internet, e não seria a primeira vez. Depois de anos como proprietária daquele carro, já conhecia bastante de mecânica. Se não conseguisse, daria outro jeito como sempre fazia. Nem que fosse para empurrar o carro montanha abaixo.

Joy e Natalie começaram a trabalhar produzindo menos do que normalmente, porque a confeitaria tinha aberto tarde. As duas eram encarregadas dos biscoitos e bolos. Havia uma equipe encarregada do pão, que era uma atividade separada e requeria que se chegasse à confeitaria nas primeiras horas do dia. Esse trabalho era feito na cozinha maior, que funcionava como panificadora. Com a ajuda de Bonnie, a chefe, Joy e Natalie dominavam a pequena cozinha da frente. Joy adorava, pois podia enxergar os fregueses pela janela de vidro, e vice-versa. Havia até um pequeno degrau para que as crianças pudessem vê-las fazendo sua mágica diária. Outro momento de deleite para Joy era quando um freguês mordia um cookie ou outro doce e chegava a sorrir com os olhos.

O dia de trabalho foi curto e rápido. Natalie deu uma carona para Joy às 15h, só que dessa vez, deixou-a na casa que não era de Joy e foi embora logo porque estava com pressa.

Não estava nevando e a temperatura estava mais amena, por isso a caminhada montanha acima não foi difícil. Por mais estranho que parecesse, ela sentiu falta de Alex não ter aparecido derrapando na pista. Aquilo fora o início de uma coisa especial. Curto, mas doce.

Ao chegar na casa, ela já pensava diferente. O que acontecera não era comum, mas tinha sido uma coisa boa, e, num mundo onde não havia tanta bondade, ela podia aproveitar. Não só isso, mas colecionaria memórias para se apegar durante os tempos difíceis.

Depois de um banho demorado, Joy não tinha energia para fazer um jantar de verdade, então contentou-se com um sanduíche e foi para a cama. Alex e o trabalho a tinham extenuado e tudo o que ela precisava era dormir. O cansaço era tanto que ela quase não atendeu o celular. Podia ser Bonnie, ou Natalie... Então Joy viu o número de Alex no visor e abriu um sorriso.

– Oi, tudo bem – atendeu ela, saindo de baixo das cobertas.

– Você não faz ideia de como é bom ouvir sua voz.

Aquela era uma versão diferente de Alex, estressado e não brincalhão.

– É sério. Esperei por isso o dia inteiro.

– Nossa. Foi difícil retomar a rotina depois dos nossos dias presos em casa?

– Isso mesmo. O trabalho é um saco, e meu pai é impossível. Meus irmãos estão por aí se divertindo e eu tenho que resolver o que eles deixaram para

trás. Eu mesmo não entendo por que faço isso. Eu poderia sumir e mesmo assim teria dinheiro.

Joy não conseguia nem imaginar a ordem de grandeza do valor que ele estava falando. Era bem provável que estaria trabalhando aos 70 anos como sua avó. Se bem que ela sabia que Alex trabalhava duro. O artigo que ela havia lido na internet dizia que ele era conhecido pela ética e pelo trabalho incansável.

– Não sei... Acho que você sente falta de trabalhar.

– Eu gostaria de estar trabalhando em qualquer outra coisa. Sei lá, eu poderia me mudar para o México e comprar uma loja de iscas.

– Não faça isso, você ficaria cheirando a peixe o tempo todo – disse ela, na tentativa de animá-lo um pouco.

– Nada sexy, né? – respondeu ele, rindo.

– Tenho certeza de que você achará uma saída.

– Talvez uma loja de surfe no Havaí.

– Uau... Vou te visitar.

Que delícia seria... Palmeiras, céu azul, brisa do mar e Alex. Ele provavelmente andaria só de calção de banho, descalço e com aquele corpo fabuloso bronzeado, mais bonito do que já era. Que vida boa...

– Você acharia estranho se eu dissesse que estou com saudades? – indagou ele depois de um suspiro. – Sei que não nos conhecemos há muito tempo, mas tenho a sensação de que te entendo. Eu tinha um milhão de coisas que queria te dizer hoje.

– Se você estiver morrendo de saudades, mande uma mensagem de texto. – Joy sabia que seu sorriso largo refletia sua alegria naquele momento. – Mas não é muito estranho, não. Eu também estou com saudades.

– Do que mais você sente falta?

A pergunta sensual desviou o pensamento dela do Havaí para um lugar bem diferente.

– O que você quer ouvir?

– A resposta da minha pergunta. Sou homem e, portanto, com o ego frágil. Somos todos assim.

Joy revirou os olhos. Nunca tinha imaginado que homens precisassem de uma massagem no ego. Ainda mais Alex, o homem mais cheio de confiança

que ela já conhecera. Mas qualquer coisa que dissesse iria melhorar o dia dele, e, ao que tudo indicava, era o que ele mais precisava naquele momento.

– Sinto falta dos seus olhos, da sua risada e de como é fácil ficar com você, não preciso fazer nenhum esforço.

– Não faça mesmo. Quero estar com você, me divertir e me aconchegar ao seu lado numa tempestade. Acho que você não percebe como isso é bom. Você me faz feliz, eu não sabia como era infeliz até te conhecer.

– Na noite em que você quase me atropelou.

Alex começou a rir.

– Você nunca me perdoará, não é?

– Acho que não, desculpe.

– Estou falando sério, eu estava tão focado no trabalho que não parava para curtir as coisas.

– Não sou só eu que amo o que faço, você também. Veja bem, você não se importaria com seu pai se não se importasse com o trabalho. Você é um homem super bem-sucedido e isso não aconteceu por acaso. Talvez você precisasse de umas férias.

– Isso mesmo, e você me fez parar um pouco.

Alex estava agindo como se ela fosse a responsável pelo seu bem-estar, mas a verdade era que ele também fizera muito por ela, talvez até mais.

– Você está sendo gentil, mas eu também precisava de um tempo. Nós nos divertimos juntos. Você não faz ideia de quanto tempo faz desde a última vez que me diverti além do trabalho.

– Então vamos continuar. O espetáculo para acender as luzes da árvore de Natal vai ser no sábado. Podemos fazer algumas compras, depois vou te levar ao resort Four Seasons, eles têm um chocolate quente incrível. Até eu não resisti.

– Chocolate quente, cheio de açúcar e creme?

– Exatamente por isso me lembrei de você.

A ideia parecia ótima, mas ela tinha de trabalhar naquele dia.

– A que horas você está pensando em ir? Acho que consigo sair da confeitaria às 15h.

– Posso te pegar e vamos direto. Posso te deixar no trabalho de manhã, mas não quero me convidar nem presumir nada.

– Presumir que vamos passar a noite juntos?

– Você é boa para fazer as perguntas difíceis, né?

Joy soltou uma risada sonora. Havia herdado essa característica do pai, que sempre fora muito objetivo.

– Estou errada?

– Não, mas quero que saiba que aquela história de cavalheirismo é verdade. Um cavalheiro nunca presume nada sobre uma mulher.

Essa era uma das características da personalidade dele que Joy mais gostava. Nenhum de seus ex-namorados tinha sido assim. O último a tinha deixado tão insegura que ela preferia não sair muitas vezes com o mesmo cara. No minuto em que eles achavam que poderiam tê-la quando bem entendessem, ou demonstravam qualquer possessividade, ela saía correndo. Mas Alex era diferente, pois estava dando o espaço que ela precisava tão desesperadamente e não fazia ideia do quanto isso era importante. Quando ela poderia ter imaginado que um dia iria agradecer a um homem que quase a atropelara!

– Alex, vou adorar sair com você; vou amar se você passar a noite em casa. Vou cozinhar para você.

– Ótimo. Não vejo a hora. Posso te pegar na confeitaria amanhã à tarde?

– Prefiro que você me espere onde me deixou hoje. – Não que ela quisesse ser evasiva, principalmente quando Alex estivesse se mostrando tão romântico, mas ainda precisava manter segredo sobre sua vida. – Se você me disser do que gosta, podemos comprar os ingredientes e eu faço o jantar.

– Você já sabe do que eu gosto. De você.

CAPÍTULO 8

A PÂTISSERIE era adorável. O telhado alto e triangular estava decorado com luzinhas de Natal e, no interior, havia uma fileira de mesas com toalhas vermelhas e cadeiras alinhadas diante da janela da frente. Era um lugar acolhedor. Não era de se estranhar que Joy gostasse tanto de trabalhar ali. Alex não se conformava de ter passado por Vail Village várias vezes e nunca ter notado, talvez porque estivesse sempre tão ocupado com a vida que não reparava em nada ao redor. Mas antes tarde do que nunca.

Alex abriu a porta e quase deu um encontrão em Joy.

– Oi... – Ela estava atrapalhada, ajeitando a alça da bolsa no ombro e quase o empurrando para a calçada. Na certa, o dia tinha sido longo.

– Precisamos parar com essas chegadas repentinas. – A piadinha não fez muito sucesso.

– Pronto? Vamos – disse ela, fitando-o seriamente.

Alex olhou por cima dos ombros de Joy e viu uma moça ocupada atrás do balcão. As prateleiras estavam quase vazias.

– Foi um dia cheio? Muitos bolinhos?

– Sim, e preciso de um pouco de ar fresco – respondeu ela, meneando a cabeça.

Alex pegou a mão dela e saíram andando no meio de muitas pessoas passeando pela calçada larga de pedra. O sol começava a baixar e, apesar do friozinho, estava uma temperatura agradável.

– Que noite bonita.

– É verdade. Desculpe se fui apressada demais, mas eu não estava te esperando. Pensei que você fosse me pegar onde tínhamos combinado.

– Isso foi ontem, mas como íamos ver a árvore de Natal da cidade, achei que seria mais fácil estacionar e vir te encontrar.

Mesmo estando juntos há pouco tempo, Alex e Joy tinham adotado uma rotina de casal. Ele viera buscá-la no trabalho, depois foram fazer compras para o jantar e voltaram para a casa dela para desfrutar um jantar maravilhoso e uma noite incrível na cama. Ele a havia deixado na pâtisserie no dia seguinte, mas isso não fazia sentido naquele dia.

– Além do mais, este é o nosso primeiro encontro de verdade, e por isso, eu não ia ficar esperando no carro. Um cavalheiro precisa abrir a porta do carro.

– Ou da pâtisserie...

– Exatamente.

– Obrigada, eu adorei. – Ela parou e o beijou. – Desculpe se estou um pouco tensa. Você foi muito gentil mesmo.

Alex sorriu.

– Prometo que o chocolate quente vai te curar de todos os males.

A primeira parada foi no restaurante do Four Seasons, onde Alex havia reservado uma pequena mesa de canto. Estava muito acolhedor ali, tão elegante quanto Alex se lembrava. Ele queria proporcionar a Joy as coisas boas às quais ela estava acostumada.

– Este lugar é maravilhoso – disse ela, assim que as canecas com o chocolate foram servidas.

A expressão no rosto de Joy ao tomar o primeiro gole foi impagável. Ela passou o dedo nos lábios com os olhos brilhando.

– Nossa, isto é uma delícia!

Alex também tomou um gole e gostou bastante, apesar de a bebida ser muito mais espessa e doce do que as que tomaria normalmente. Mas a noite era de Joy, e era um prazer inestimável vê-la relaxar depois de um dia de trabalho. Ele estava feliz por poder proporcionar isso a ela.

– Eu estava pensando... – disse ela, lambendo a colher e levando-o a desejar que chegassem em casa logo. – Você vai embora no dia 26, né? Acho que podíamos passar a noite de Natal juntos, já que estamos nos vendo todo dia,

não acha? Você pode passar a noite e eu preparo um bom café da manhã para nós. Acho que é um jeito legal de nos despedirmos.

Despedir. Alex estava começando a odiar esse verbo, apesar de não saber o que poderia fazer a respeito. Ele precisava voltar a Chicago para uma reunião importante. A vida tinha de continuar. Além do mais, o caso com Joy não era para durar, havia sido apenas uma maneira de ele voltar a confiar nas mulheres. Nada além disso.

– Boa ideia!

– Tenho um vestido que acho que você vai gostar.

– Como assim, você quer que eu coloque um vestido?

Ela riu e o enlaçou pelo pescoço.

– Não, seu bobo, eu vou estar de vestido e você de terno, se quiser.

– Mas vamos ficar muito tempo vestidos?

– Não por muito tempo, não vou te torturar. – Ela passou a ponta da língua no lábio, o que o deixou animado. – Sem presentes. Essa é minha única condição.

– O quê? Vou passar a manhã de Natal com você sem presentes? – retrucou ele, pensando que talvez houvesse uma maneira de ficar mais tempo com Joy, pelo menos um pouquinho mais.

– Está certo, mas nada muito grande, promete?

– Tudo bem. – Alex consultou o relógio. – Precisamos correr para assistir ao espetáculo de luzes da árvore de Natal, senão não veremos nada.

– Não se preocupe, a árvore é bem alta.

Os dois saíram caminhando, passaram pela pâtisserie de novo e chegaram à praça onde estava a árvore. A praça estava cheia, mas não abarrotada. Alex logo encontrou um lugar bom. Havia um burburinho ao redor deles, todos falando ao mesmo tempo, misturado com a música de fundo. Alex posicionou-se atrás de Joy, enlaçou-a pela cintura, sentindo o perfume do cabelo dela, e beijou-a no alto da cabeça.

– Olhe, está começando a nevar! – exclamou Joy, apontando para o céu.

– É mesmo. Lindo espetáculo – disse ele, olhando para cima também.

Tudo tão perfeito.

Era perfeito demais e era melhor não se acostumar. Nesse instante, a música parou e um mestre de cerimônias subiu numa pequena plataforma,

cumprimentou a todos e começou a contagem regressiva, igual à noite de Ano Novo.

Cinco... quatro... três... dois... um.

Como num passe de mágica, as luzes se acenderam e todos ovacionaram. A música começou a tocar de novo. Joy virou a cabeça para trás, fechando os olhos e esperando ser beijada.

– É melhor irmos embora logo.

Alex e Joy voltaram para o carro de mãos dadas. Fazia muito tempo que ele não se sentia daquele jeito, andando como se seus pés mal tocassem o chão. Joy era uma mulher incrível. Ficar com ela era tão bom e tinha o poder de diminuir as coisas ruins da vida. Alex estava consciente que havia prometido a si mesmo que não se apaixonaria mais, pelo menos não tanto quanto da última vez, mas agora sabia também que não havia como controlar as emoções.

Ele nunca poderia imaginar que se sentiria assim de novo. Na realidade, havia feito de tudo para evitar, mas, de uma hora para outra, seu carro derrapara na estrada e quase atropelara uma linda mulher...

Enquanto esperavam o carro chegar no estacionamento, Alex a puxou para mais perto.

– Seria muito pedir para passar a noite na sua casa de novo? – perguntou, beijando-a no rosto rosado pelo frio e deslizando a boca para o pescoço. O perfume e a pele macia dela já o levavam à loucura.

– Podemos ir para sua casa também. Ainda não conheço...

Por mais apaixonado que ele estivesse, sua mente ainda o deixava relutante. A última vez em que o coração tinha sobrepujado os comandos da mente, ele quase arruinara sua vida inteira. Mas havia chegado a hora de superar isso.

Logo, logo.

– Quer saber... Talvez possamos passar a noite de Natal na minha casa. É longe e você não trouxe nada para se trocar. – Alex estava ciente de que estava arrumando desculpas.

– Tudo bem. Claro.

Apesar do sorriso de Joy, Alex sabia que ela não tinha ficado muito satisfeita com a resposta. Mas antes que ele dissesse qualquer coisa, o celular começou a tocar. No visor apareceu o nome de seu pai. Alex havia evitado atendê-lo o dia inteiro e sabia que não podia mais adiar.

– Desculpe, preciso atender. – Alex colocou o dedo no outro ouvido e se afastou um pouco. – Oi, pai. O que houve?

– Alex, não estou nem um pouco feliz.

Surpresa. Surpresa. Obrigado por estragar minha noite.

– Por que o senhor não me conta o que está havendo?

O pai de Alex deslanchou a falar dos fundos mútuos de investimento que estavam com performance baixa. Alex ouviu sem dizer uma palavra, sabendo que o pai precisava desabafar primeiro para depois poderem conversar.

Quando Alex se virou, viu um homem trombar com o manobrista e mal conseguir andar. Ele estava bem vestido, mas era sabido que um bom guarda-roupa não significava que se tratasse de uma boa pessoa. O sujeito estava se aproximando de Joy.

– Pai, sei que precisamos conversar, mas estou no meio de algo muito importante. Posso ligar mais tarde? Ou podemos conversar no dia 27, não falta muito.

– De jeito nenhum. Você está me afastando dos negócios da família, Alexander, e não vou permitir isso.

Alex previu o que aconteceria diante dele. Será que ninguém mais estava vendo? Os olhos do bêbado estavam fixos em Joy e ele falou alguma coisa. Joy se afastou, certamente depois de ouvir alguma coisa que não a agradou.

Àquela altura, Alex não ouvia mais o que o pai estava dizendo. O sujeito voltou a avançar na direção de Joy, e Alex começou a ofegar. *Ah, não!*

– Pai, preciso desligar.

Ele desligou no momento em que o sujeito segurava o ombro de Joy e partiu para cima dos dois.

NUM MINUTO, Joy estava vivendo um Natal dos sonhos, e agora recebia a cantada de um bêbado, que se apoiava em seu ombro.

– Não me toque! Tire as mãos de mim! – gritou ela, esquivando-se.

– Deixe de ser fresca. Eu só queria...

Ele não completou a frase, pois Alex aplicou uma chave de braço, sufocando-o.

– Alex! Não! – gritou Joy.

O homem chegou a se debater, mas não era páreo para Alex. Joy colocou a mão na boca, sem saber o que fazer.

– Solte-me! – gritou o homem.

Alex devia saber artes marciais, porque não teve dificuldade nenhuma em prender um dos braços do sujeito para trás.

– Algum problema, amigo? – perguntou Alex por entre os dentes, prendendo-o contra a parede.

– Tire suas mãos de mim. Eu só queria conversar com ela.

O coração de Joy disparou. Alex a tinha salvado. Era isso que faziam os mocinhos, mas ela sabia que, de repente, eles podiam virar maus também. Assim como seu ex.

– Alex, está tudo bem. Ele não me machucou – disse, aproximando-se dos dois.

O carro de Alex chegou e o manobrista abriu a porta.

– Deixe que eu cuido disso, Joy. Eu vi ele mexer com você.

A cabeça do homem pendia para a frente. Obviamente ele havia bebido demais.

– Mas ele está tão bêbado que até eu conseguiria vencê-lo. Deixe para lá.

– Nunca mais saia por aí perturbando mulheres – disse Alex, apertando o braço do outro. – Ter bebido demais não é desculpa. Sorte a sua que eu não acabei com você.

Joy não suportava mais aquela cena. Assim, entrou no carro e colocou o cinto de segurança, afastando as lembranças que invadiram sua mente. Ben agia exatamente como Alex tinha feito toda vez que algum homem olhava para ela. Se tivesse bebido, a situação piorava. A princípio, ela achava que Ben a estava protegendo, mas depois ficou frequente e ele se tornou mais possessivo. Hoje em dia, se havia algo que ela prezava era sua liberdade e independência.

Eles seguiram em silêncio por alguns minutos, circundando as montanhas na noite escura. Alex segurava com tanta força na direção que os nós das mãos estavam esbranquiçados. Joy olhou para o lado e viu o rosto tenso e o cenho franzido.

– Desculpe pelo acontecido – disse ela. – Eu teria resolvido sozinha.

– A culpa não foi sua. Ele poderia ter te machucado. Nenhum homem pode tocar uma mulher daquele jeito.

Alex falou num tom tão grave que ela sentiu lágrimas nos olhos. Joy odiava se sentir tão frágil e indefesa, mas ele estava certo, não havia nada que pudesse fazer. Ela apenas queria apagar a cena da mente e voltar ao normal.

– Você tem razão, nenhuma mulher deveria ficar numa posição como aquela, mas isso não significa que eu não possa cuidar de mim mesma.

– Você acha que eu não deveria ter reagido? Que tipo de homem não faz nada quando alguém mexe com a mulher que ele gosta? Quando vi ele encostar a mão em você, meu sangue ferveu e eu tinha de fazer alguma coisa.

Joy sentiu o coração disparar.

– Você gosta mesmo de mim?

– Claro que gosto. O que você acha que tivemos hoje? Quero passar mais tempo com você. Joy, você é uma brisa na minha vida turbulenta. Você me faz rir, tem sacadas ótimas, além de ser muito sexy. Eu seria um idiota se não gostasse de você – confessou ele, colocando a mão sobre a dela. – Desculpe se perdi o controle, mas esse é o meu ponto fraco. Na maior parte do tempo consigo me controlar, mas esse tipo de coisa me tira do sério.

O que ele queria dizer? Será que aquilo era um problema? Porque se fosse, era um sinal que ela devia recuar.

– Ponto fraco?

– É por causa da minha mãe. – Alex passou a mão no cabelo, com os olhos fixos na estrada. O rosto dele estava contraído de raiva e tensão. – Mais especificamente por causa do jeito que o meu pai tratava minha mãe.

O clima no carro começou a mudar. A raiva de Alex era por um motivo bem diferente do que aquele que a preocupava.

– Quer falar sobre isso? Não precisa, se não quiser. Entendo que prefira não falar já que nos conhecemos há tão pouco tempo.

– Você acha mesmo que o tempo importa tanto assim? – Ele a fitou com aqueles olhos azuis que conseguiam atingi-la na alma. – Nunca conversei tanto com uma mulher em tão poucos dias.

Joy tentou esboçar um sorriso.

– Você tem razão, mas continuo dizendo que não precisa me contar nada que não queira.

– Aí é que está. Quero te contar sobre tudo. – Alex abaixou o vidro quando eles pararam no portão da casa e digitou o código de segurança. Depois entraram direto para a garagem. Ele desligou o carro e continuou: – Não vou florear a verdade. Minha família era totalmente desequilibrada quando eu era criança. Meu pai traía minha mãe e só não a ignorava quando precisava comparecer a um jantar de negócios acompanhado por uma mulher bonita. Ela começou a beber por causa disso, para aliviar a dor, acho eu. Como filho mais velho, tentei protegê-la, mas falhei. Não consegui que nenhum dos dois parasse, mas ela acabou pagando com a própria vida.

A voz dele estava praticamente inaudível, parecia que toda a angústia de anos estava aflorando.

– Desculpe, Alex. Eu te forcei a falar, mas não fazia ideia de que essa história tivesse um fim tão trágico.

– Não sinta por mim. Muita gente tem histórias muito mais tristes. – Ele afagou a cabeça dela. – Contei tudo isso porque não quero que você pense mal de mim porque perdi o controle lá no estacionamento. Acho que você sabe que não sou sempre daquele jeito.

– Eu sei... e talvez por isso tenha sido tão chato te ver agir como uma pessoa diferente do que você é.

– Eu entendo e peço desculpas. Geralmente escondo meus defeitos, fingindo que não existem. Fiquei muito competente nisso.

O coração de Joy estava dividido entre a felicidade e a culpa. Alex estava abrindo a alma para ela do jeito que muito poucas pessoas haviam feito. Ele gostava dela e com certeza a recíproca era verdadeira. Mas ela havia levantado uma barreira entre eles e era a única responsável por derrubá-la. Contudo, se contasse a verdade, iria destruir o sentimento bonito que já existia entre eles. Isso significaria o final do relacionamento, e ela não queria sabotar o restinho de tempo que ainda tinham juntos. Os dois precisavam desse namoro rápido para se curar e voltar a viver. Isso era muito raro de acontecer, por isso ela não iria desprezar a sorte.

– Venha cá... – Joy enlaçou o pescoço de Alex e apoiou a cabeça no ombro dele, desejando que aquele momento nunca acabasse. – Você pode me contar qualquer coisa. Eu, honestamente, não vou me assustar e também não vou fugir.

Alex riu e inclinou a cabeça para trás.
– Obrigado por me ouvir, significou muito para mim.
Ela sorriu, sentindo-se muito melhor. O dia tinha sido incrível.

CAPÍTULO 9

ALEX ESTAVA se vestindo ainda meio dormindo, o que o deixava mais adorável. Na verdade, ele não precisava fazer esforço nenhum para tanto.

– Nossa, você quase me matou na noite passada.

– Você que é incansável.

Ele se aproximou e beijou-a no canto da boca.

– Acho que vou ficar lenta hoje o dia inteiro.

Joy não podia ficar lenta. Se ela e Alex iam passar o Natal juntos, era preciso comprar um presente. Em um primeiro momento, ela pensou em fazer uma cesta com os pãezinhos doces e bolos que ele mais gostava e um vidro de geleia, mas apesar de ser romântico, não era uma coisa duradoura. Seria muito bom saber que ele carregaria para sempre um presente que ela havia dado, uma lembrança do que eles haviam vivenciado... A paixão, os bons momentos, os risos.

O único obstáculo era o problema de sempre: dinheiro. Ela só receberia o salário no final da outra semana e, mesmo assim, não seria suficiente para comprar um presente muito bom. Joy precisava de dinheiro de verdade.

– Você já está pronta? – perguntou ele.

– Estou sim, mas preciso pegar algumas coisas ainda. Eu acabei de fazer café, por que você não desce e toma uma xícara?

– Você é minha salvadora. – Ele sorriu e segurou-a pelo braço.

Assim que ele desceu a escada, Joy foi até o closet e tirou uma caixa de papelão, escondida sob uma pilha de suéteres. A caixa estava amassada nas

laterais e continha as coisas mais preciosas que ela possuía, como fotos, por exemplo, algumas em pequenas molduras.

Ela tinha se estabelecido em Santa Barbara na casa dos Marshall de tal maneira que havia colocado as fotos na parede de seu quarto na ala dos empregados, algo que não costumava fazer. Depois de sair da escola de culinária, ela nunca ficara muito tempo em um lugar, mudando de um emprego para outro, de uma cidade para outra. Isso foi quando ela estava galgando para o sucesso e se dando o direito de fazer coisas às quais não estava acostumada. Foi uma época mágica que ela esperava retomar em algum momento.

Num dos cantos da caixa, havia outra menor, e ali dentro o bem mais valioso de sua avó: um pingente numa corrente, presente da família onde sua avó passara a maior parte da vida cozinhando. O avô de Joy morrera quando ela era pequena, e a avó tinha começado a trabalhar com essa família e morava na mesma casa. Joy era a única neta, e sua mãe era a única filha. O mundo da avó podia ter sido modesto, mas era cheio de amor e comida muito boa para aqueles que haviam tido a sorte de conhecê-la.

Joy não queria se desfazer da joia para sempre. Houve uma vez em que ela a penhorara para comprar um livro de culinária muito caro, mas trabalhara o dobro para poder resgatar a peça. E agora era o momento de penhorar de novo, depois pediria a Bonnie para fazer horas extras na confeitaria. Claro que ninguém numa cidadezinha como Vail iria dar valor ao colar. Não era nada muito glamouroso, mas tinha valor sentimental. Joy achou que logo conseguiria o dinheiro para recuperá-lo.

– Obrigada por me trazer até a pâtisserie. Descobri que não é nada divertido acordar às 6h da manhã.

– Eu admiro sua dedicação. A maior parte das pessoas que está fazendo uma pesquisa para um livro aparece no trabalho a hora que quer.

– Eu gosto de colocar a mão na massa.

O dia estava amanhecendo quando eles entraram na cidade. Joy sentiu um friozinho na espinha quando lembrou do colar da avó, tentando focar no objetivo principal: Alex significava muito para ela e seria bom que ele tivesse alguma coisa que o remetesse aos bons momentos que passaram juntos. Ela gostaria que, em algum lugar no mundo, uma pessoa especial lembrasse dela de

vez em quando, achando que sua vida ficara melhor depois de conhecê-la. Isso seria algo que a avó dela teria feito, e Joy queria ter a satisfação de ter conseguido fazer o mesmo.

– Chegamos – disse Alex, estacionando numa rua próxima. – Tem certeza de que não quer que eu te acompanhe até lá? É cedo e não será difícil encontrar uma vaga para estacionar.

– Não precisa. Sei que você tem mais o que fazer.

– Tenho sim, voltar para cama e depois fazer compras.

– Concordamos que o presente não pode ser grande.

– Sim, senhora.

– Obrigada pela carona. – Ela se inclinou e beijou-o rapidamente na boca.

Alex estava com os olhos semicerrados quando eles se separaram. Joy sabia que ele ainda estava curtindo o beijo.

– Você é muito bem-vinda e sabe o quanto gosto de acordar cedo. Isso me ajuda a imaginar como é ser fazendeiro.

Joy deu um tapinha no braço dele.

– Engraçadinho. Aposto que, na sua família, não há nenhum fazendeiro.

– Acho que você está certa. Acho que os Townsend sempre foram banqueiros.

Claro que sim.

– Creio que sua família é assim desde a pré-história, quando comercializavam pedras e conchas.

– Provavelmente sim. Imagino que sua família seja de confeiteiros.

E sempre contando centavos.

– Não antes de inventarem fermento em pó e manteiga, mas são sim.

Alex fingiu tremer.

– Não posso nem imaginar um mundo sem manteiga. Você seria infeliz, e não é o que eu quero.

– Nem eu.

– Então nos vemos amanhã? Jantar de Natal? Você precisa que eu leve alguma coisa?

– Quer que eu faça as compras para você?

Joy tinha se esquecido de que teria de pagar a conta que Alex trouxera na última vez.

– Puxa vida... Vai ser ótimo, se você puder.

– Se isso significa que você vai cozinhar para mim, não há problema nenhum. Mande uma mensagem com a lista e eu resolvo essa parte.

Joy o beijou uma última vez, saiu do carro no frio e correu pelo passeio até a *pâtisserie*. Ao abrir a porta, ela sentiu aquele aroma delicioso que lhe trazia conforto, apesar de se sentir assim em todos os empregos que tivera, até mesmo os ruins. Talvez porque ela associava aqueles aromas à avó e a sua infância feliz.

– Bom dia – cumprimentou-a Natalie. – Então o cara do carro bonito te trouxe de novo. A noite foi boa?

Joy sentiu o rosto corar quando viu Natalie dar uma piscadinha.

– Sim, foi ótima.

– O namoro está ficando sério?

As duas caminharam juntas até o fundo da pâtisserie, guardaram as coisas nos armários dos funcionários e vestiram aventais limpos.

Joy passou o decote pela cabeça e amarrou as tiras com um nó na frente. Foi o tempo certo de pensar numa boa resposta. De fato, o namoro com Alex era sério a partir do momento que eles sentiam algo verdadeiro e real um pelo outro. No entanto, a realidade de ambos era muito diferente dos sentimentos. Eles não apenas moravam em estados diferentes, mas em planetas diferentes, e ela havia mentido sobre quem era e o que fazia. Não haveria volta para isso nem futuro para os dois.

– Não é sério, não. Estamos apenas nos divertindo. Além do mais, ele mora em Chicago e vai voltar para casa depois do Natal.

Natalie prendeu o cabelo num rabo de cavalo e pôs uma bandana na cabeça.

– Eu bem que gostaria de me divertir com um cara daqueles. Você é uma mulher de sorte.

– Eu sei.

E minha sorte está prestes a acabar.

Nesse instante, Bonnie saiu do escritório.

– Oi, Bonnie, podemos falar por um instante? – perguntou Joy.

– Sim, claro.

– Eu coloco os pãezinhos doces no forno – ofereceu Natalie.

– Prometo que é só por um instante – disse Joy.

Bonnie inclinou a cabeça na direção da porta; Joy entrou e se sentou diante da mesa.

– Em que posso ajudar? – indagou Bonnie, ajeitando-se na cadeira de madeira.

Joy endireitou a postura, pois queria que Bonnie percebesse que o que ela iria falar era sério.

– Sei que sou nova aqui, mas seria bom se eu pudesse trabalhar algumas horas extras, mesmo que fosse só temporariamente.

– Você está sem dinheiro para as festas?

– É mais ou menos isso. Estive pensando, falta uma pessoa na pâtisserie, certo?

– Prefiro você nos bolos e pãezinhos, você sabe disso.

– Sim, eu sei. – Joy meneou a cabeça. – E se eu chegasse mais cedo depois do Natal? Eu poderia ajudar a assar as primeiras fornadas de pães, depois voltar para meu setor.

– Estamos falando de uma jornada de trabalho de doze horas por dia – ponderou Bonnie, batendo de leve com uma caneta sobre a mesa.

– Eu sei, mas acho que dou conta do trabalho por algumas semanas. – Joy forçou um sorriso.

– Se você acha que dá certo, por mim tudo bem. Isso vai me ajudar bastante até eu contratar outra pessoa. – Bonnie se levantou e apertou a mão de Joy. – Você não vai me dar trabalho, né? – perguntou Bonnie, mostrando-se preocupada.

Nada fora do normal.

– Não. Preciso apenas organizar algumas coisas.

– Está certo. – Bonnie suspirou. – Me avise se mudar de ideia.

Joy abriu um sorriso largo, aliviada.

– Muito obrigada mesmo. É melhor eu voltar ao trabalho e ajudar Natalie.

Joy voltou para a cozinha e começou a trabalhar. Natalie e ela trabalhavam muito bem juntas preparando massa para pãezinhos doces, muffins e cookies, colocando-os para assar em perfeita sincronia.

Durante o curso de culinária, Joy não gostava da parte de pâtisserie; hoje em dia, trabalhando com isso, concluiu que não gostava do professor, e

aprendera a gostar de trabalhar com isso. O prazer era o mesmo que trabalhar com pratos principais de uma refeição. Quem sabe um dia publicaria mesmo um livro de culinária. Era bom ter sonhos, mesmo que fossem impossíveis.

Depois de vendidas as fornadas da manhã, Joy e Natalie se ocuparam dos pedidos dos restaurantes. Foi uma manhã agitada como todas desde que começara a trabalhar ali.

Quando chegou a hora do almoço, ela estava exausta e só queria se sentar por trinta minutos e comer alguma coisa, mas tinha de providenciar o presente de Natal de Alex.

– Preciso resolver uma coisa – disse Joy, tirando o avental sujo e jogando-o no cesto. – Nos vemos depois do almoço?

– Quer que eu te acompanhe? – perguntou Natalie.

– Não precisa. – Joy sorriu. – Tenho de resolver isso sozinha. Volto logo.

Ela saiu correndo da pâtisserie e seguiu até uma casa de penhores ali perto, que ela já havia visto semanas antes.

– Olá, boa tarde! – cumprimentou-a um senhor atrás do balcão da loja. Ele era bem magro, usava óculos sem armação e um suéter marrom. – Em que posso ajudá-la?

– Eu gostaria de penhorar um colar.

Joy tirou um saquinho da bolsa com a mão trêmula. Ainda bem que ela já havia combinado as horas extras com Bonnie e poderia comprar o colar de volta. O sacrifício valeria a pena se deixasse Alex feliz.

Alex havia mudado totalmente seu estado de espírito. Joy sabia que não poderia ficar com seu príncipe encantado para sempre, mas ele representava uma virada em sua vida e por isso merecia uma recompensa.

O dono da loja pegou uma bandeja de veludo preto, enquanto ela abria o saquinho e deixava a corrente e o pingente caírem sobre o veludo. O homem estava bem calmo enquanto observava a joia, devia estar acostumado com clientes em desespero. Joy tentou se acalmar, pensando na música que tocava na pâtisserie quando saíra de lá.

– Dou duzentos e cinquenta dólares – sentenciou o senhor, devolvendo o colar à bandeja.

Joy pensou um pouco, embora soubesse que era pegar ou largar. Era melhor não barganhar, pois teria de pagar mais quando fosse resgatar a joia. O

valor da corrente era muito inferior ao que valia de fato, mas o dono da loja tinha de ter algum lucro.

– Está ótimo, obrigada.

O senhor fez um recibo, pegou algumas informações dela e disse: – Você tem até o dia 27 de dezembro para comprar de volta por trezentos dólares.

– Tão rápido assim? A última vez que penhorei esse colar tive um prazo de duas semanas para recomprar.

O senhor fez uma careta e balançou a cabeça.

– Lamento, mas não sou banco e não tenho muitos clientes. Se você estiver muito apertada, volte no dia 20 e me pague mais dez por cento para estender o prazo.

Absurdo. Como se ela tivesse dinheiro para jogar fora.

– A loja estará aberta no horário normal?

– Todos os dias, menos no Natal.

Aquele sujeito a estava deixando nervosa.

– Você tem o número do celular. Será que pode me ligar caso alguém queira comprar a corrente?

– Vou anotar isso, mas não prometo nada. Você parece uma pessoa legal, farei o que estiver ao meu alcance.

Joy sentiu-se bem melhor ao ouvir aquilo. O senhor tinha uma cara boa, e ela achou que tinha de acreditar na bondade das pessoas.

– Muito obrigada. Vou voltar para comprar a corrente de volta.

– Claro que vai – retrucou ele com tom de voz cético.

– Sei que muitas pessoas falam a mesma coisa, mas eu preciso recuperar essa corrente por causa do valor sentimental que tem.

– Você deve estar numa situação difícil.

Isso mesmo. Sou a rainha das situações difíceis.

– Tudo bem. Vai dar tudo certo.

CAPÍTULO 10

ALEX PAROU o carro em frente à casa de Joy e ajeitou a gravata, olhando no espelho retrovisor. Será que estava com cara de quem ia a uma reunião de negócios? Bem, não era assim que queria aparecer para Joy. Tudo o que almejava era que a noite fosse perfeita.

Depois de pegar os presentes que havia comprado para ela, saiu do carro e seguiu até a porta de entrada. Talvez essa fosse a última vez que iria àquela casa. Independentemente de como ela reagisse ao melhor presente que ele levava, depois do Natal, ele teria de voltar ao Colorado. A reunião com o pai seria no dia 27 de dezembro e não podia ser remarcada. Ele precisava do dia 26 para voltar ao escritório e se preparar.

Se Joy não desse a devida importância ao seu presente principal, então ele iria embora se culpando por pensar que uma mulher como Joy podia querer algo mais sério que um flerte.

Ele tocou a campainha, lembrando-se da primeira vez em que estivera ali, pensando se não teria sido loucura voltar. Sim, tinha sido uma atitude responsável, mas houve também muita curiosidade, mesmo que ele não tivesse admitido no dia. A verdade é que desde o começo ele queria saber mais sobre a sedutora Joy Baker.

Ao ouvir a porta sendo aberta, ele sentiu o coração disparar sem entender a razão. Afinal, eles tinham conversado por telefone naquela manhã.

– Deus do céu, o jantar virou um desastre! – exclamou Joy, abrindo a porta e correndo de volta para a cozinha. – Pode entrar, mas não sei quando vamos comer.

Alex entrou no hall e fechou a porta. Em seguida, tirou o casaco, pendurou-o no braço e foi para a cozinha. Geralmente, Joy tinha tudo sob controle, mas, naquela noite, a cozinha estava uma bagunça. Havia tigelas por toda parte, respingos de farinha praticamente na cozinha inteira e uma cartela de ovos aberta sobre a pia.

– O que houve? – perguntou ele, ao deixar o casaco numa das cadeiras da sala e colocar os presentes debaixo da árvore.

Joy estava olhando pela janelinha do forno e usava um avental preto nada sexy sobre um vestido vermelho com decote profundo nas costas, revelando a pele alva.

– Eu queria fazer um suflê de queijo, mas não acertei a temperatura do forno e cresceu só de um lado. Foi um erro bobo e não sei se consigo salvá-lo. Eu já fiz esse prato centenas de vezes, mas justamente na noite do nosso último jantar consegui estragar tudo.

Alex estranhou, pois nunca a tinha visto perder o controle daquele jeito. Assim, aproximou-se por trás dela e a abraçou.

– Vem cá, Joy. Respire fundo, vai dar tudo certo. Não me importo com o jantar, só quero ficar aqui com você.

Ela respirou fundo, mas, ao soltar o ar, começou a chorar, abraçando-o com força.

– Eu sei, mas eu queria que a noite fosse perfeita.

Alex a segurou pelos ombros, afastou-a e fitou-a nos olhos.

– A noite está perfeita porque você está aqui. Eu estou aqui e estamos juntos. Só isso importa.

Ela o encarou e uma lágrima solitária rolou pelo rosto delicado. Joy era absolutamente linda, mesmo com os olhos marejados. Alex ficou com o coração partido por vê-la daquele jeito.

– Você é tão incrível que quase piora tudo – disse ela, mordiscando o lábio inferior.

Ele riu e balançou a cabeça.

– Pioro? Como posso piorar demonstrando minha compreensão?

– Não sei, Alex. Talvez porque estou esperando que você lamente comigo.

– Ah, me desculpe. Por mais que eu ame o que você faz, não ligo muito para o jantar, mas sim para o resto.

O relógio do forno bipou, e Joy pegou duas luvas na pia. Depois tirou o suflê e colocou perto de dois pratos vazios e outros dois menores com duas saladas individuais.

– Se este fosse um teste na escola de culinária, eu tiraria zero.

– Ainda bem que não é. – Alex pegou um pedaço de alface de um dos pratinhos e levou à boca. – Humm, o vinagrete está bom.

– Obrigada. Ainda bem que salada combina com tudo. – Usando uma colher grande, ela serviu uma porção de suflê em cada prato. Em seguida, desamarrou o avental, tirou-o pela cabeça e o colocou no balcão. – Por favor, pegue os garfos.

– Claro. – Alex não deveria ter atendido ao pedido, pois, naquele momento, não era capaz de executar nem pequenas tarefas, já que estava boquiaberto com Joy naquele vestido. A última coisa que passava em sua cabeça eram garfos. – Uau!

– Você ainda nem provou. Vamos nos sentar na sala de jantar. Tem uma garrafa de vinho em cima da mesa, mas ainda tenho de acender as velas.

– Espere um minuto. – Ele correu os dedos pelo braço nu de Joy enquanto a admirava.

O decote da frente do vestido era tão profundo quanto o das costas e insinuava os belos seios de Joy. Ela certamente não estava de sutiã. Pelo visto, estava querendo matá-lo. Sem o avental, o vestido vermelho era muito mais bonito, contrastando com o cabelo castanho, que caía em cascata atrás dos ombros.

– Nossa, como você é linda! – Alex queria ser muito mais enfático, declamar uma poesia, mas estava literalmente sem palavras.

Ela abriu um sorriso sem graça, aguçando ainda mais o desejo dele.

– Gostou do vestido? – Ela rodopiou o vestido esvoaçante, revelando uma abertura generosa na perna. – Não é exagerado?

– Exagerado? Imagine. Eu tenho sorte em poder te ver assim. – Agora era para valer: ele não tinha interesse algum no jantar. Havia perdido a fome. E segurando o rosto dela com as duas mãos, confessou: – Estou feliz em poder te beijar agora.

Quando as bocas se tocaram, a magia os envolveu, transportando-os para um mundo onde não havia cozinha bagunçada e nenhuma circunstância que

os reprimisse.

Joy ficou na ponta dos pés, esticou os braços sobre os ombros dele, depois permeou os dedos delicados no cabelo dele, aprofundando o beijo. Os gemidos de Joy soaram como música nos ouvidos de Alex, que deslizava as mãos pela pele sedosa das costas dela. O desejo galgava a passos largos enquanto eles se abraçavam com mais força. Alex desceu uma das mãos pelo quadril dela e começou a levantar o vestido.

– O suflê vai esfriar – disse ela, ofegante, mas sem se importar muito também.

– Prometo que vou te recompensar.

Assim dizendo, ele levantou Joy no colo. Ela o enlaçou pelo pescoço e apoiou a cabeça no peito largo. Ele tentou não olhar para o decote, lembrando que tinha de subir as escadas até o quarto. Ao chegarem lá em cima, ele a colocou na cama gentilmente.

– Adoro esta cama. É tão incrível... – disse ela, deslizando as mãos na colcha.

Você é incrível. Sem desviar os olhos dela, Alex tirou o paletó e a gravata. Por que se preocupara tanto com a roupa, ele não sabia. Era evidente que Joy não tinha nem reparado.

Ela apoiou os cotovelos na cama e dobrou a perna, permitindo que a fenda a desnudasse. Ele desabotoou a camisa o mais rápido que pôde.

– Gosto de olhar você tirando a roupa.

– E eu gosto de tirar as suas. – Ele jogou a camisa no chão e deitou ao lado dela, lamentando não ter tirado a calça também, mas a pressa em tocá-la era insuportável.

Os dois voltaram a se beijar como se suas vidas dependessem disso. Ele a cobriu com seu corpo, enquanto Joy o abraçou com uma das pernas, deslizando-a até o pé dele. A outra perna escorregou para o meio das pernas dele, gemendo ao sentir o pau duro. O calor crescia entre eles como uma fogueira num dia de sol. As emoções tornaram-se mais intensas. E se aquela fosse mesmo a última noite que teriam juntos, que fosse inesquecível.

Alex abaixou uma das tiras do vestido e de fato ela estava sem sutiã. Ele segurou um dos seios com a mão, sentindo a pele aveludada, e inclinou a cabeça para beijá-la. Era gratificante notar como a pele dela se aquecia com o

toque de suas mãos. Ela gemeu e mexeu o quadril contra a virilha dele quando ele lhe sugou o mamilo.

Alex deslizou a mão pelo vestido e insinuou-a pela fenda, os dedos movendo-se rapidamente para cima, levantando o tecido. Ao alcançar o quadril, ele moveu a mão para a barriga e sentiu o elástico da calcinha de seda. Com um movimento ágil, abaixou a peça delicada e começou a tocá-la em seu centro do prazer. Bastaram algumas carícias para que ela ficasse molhada. Seria difícil resistir por muito tempo.

Joy foi tateando pelo corpo dele até encontrar o cinto, soltando-o antes de baixar o zíper da calça, envolvendo a ereção com a mão inteira e deixando-o cego de prazer. Alex não pensava em outra coisa senão penetrá-la e sentir o corpo quente envolver cada centímetro de sua masculinidade. Com a pressa dos amantes, ele pulou da cama para tirar a calça e a cueca boxer. Joy também se levantou e se virou de costas, colocando o cabelo de lado. Ele desceu o zíper do vestido, e ela baixou a outra alça, deixando o tecido deslizar pelo corpo até amontoar-se no chão. Virando-a de frente, ele a segurou pelos quadris, roçando nos dele, enquanto traçava uma linha com a ponta da língua na curvatura entre o pescoço e o ombro delicado.

Joy ergueu a cabeça dele e o beijou com paixão antes de cair de joelhos. Ele quase desmaiou de ansiedade. Joy baixou as mãos pelo peito e o abdômen musculoso e o olhou com paixão, antes de segurar o membro entumecido e abocanhá-lo. Alex fechou os olhos com a maravilhosa sensação da língua dela sobre a pele sensível, das mãos segurando a base da ereção e com o empenho dela em satisfazê-lo. O prazer puro e simples podia ser obtido de qualquer mulher, mas vindo de Joy a gratificação era muito maior do que apenas física. Ela era uma criatura rara e linda, e fora muita sorte conhecê-la.

JOY ADMITIU para si mesma que adorava ter Alex à sua mercê. Ela prestava atenção a todos os ruídos e movimentos que ele fazia. O jantar estava arruinado, mas agora ela o compensaria. A julgar pelos gritos guturais dele, Joy sabia que estava no caminho certo. E, já que iriam se separar no dia seguinte, a noite tinha de ser inesquecível. Ela pelo menos se lembraria. Passara o dia inteiro afastando os sentimentos tristes que insistiam em lhe tirar o humor,

então aproveitaria o máximo possível, nem que fosse a última coisa que fizesse na vida.

– Nossa, como você é sexy – disse Alex, enterrando os dedos no cabelo dela.

Joy teria sorrido em resposta se não fosse atrapalhar o ritmo que tinha cuidadosamente estabelecido, razão do comentário dele. Em vez de dizer alguma coisa, ela segurou os quadris dele com mais força e o sugou com vigor. Alex tensionou o corpo; se ela não diminuísse os movimentos, ele precisaria de muito tempo para se recuperar antes de possuí-la. A última coisa que ela queria naquele momento era esperar.

– Venha cá, preciso de você – disse ele, segurando os braços dela.

Joy abriu o sorriso reprimido, pois ele estava fazendo exatamente o que ela queria. Quando se levantou, ele a segurou nos braços, beijando-a rapidamente na boca. Ela abriu a gaveta da mesinha lateral, pegou um preservativo, abriu e colocou nele. Depois deitou-se de costas, afundando no acolchoado fofo e esperando por ele.

Alex estava com aquele sorriso maroto nos lábios, que significava que ele estava pronto para proporcionar um prazer imenso. Alex era simplesmente lindo olhando-se do ângulo em que ela estava e mais maravilhoso ainda quando se curvou para beijá-la na barriga, subindo para os seios. Em seguida, posicionou-se entre as coxas dela e a penetrou. Nesse momento, o relógio parou, apenas os corações batiam em sincronia enquanto os corpos se fundiam.

Você precisa dele. Não pode deixá-lo partir.

Alex cobriu-a com seu peso, levando-a à loucura. Ele sabia exatamente do que ela gostava, a pressão exata para levá-la ao abandono total. Era um mistério como ele havia descoberto tudo aquilo em menos de uma semana, coisas que muitos homens *nunca* nem tinham chegado perto. O fato era que Alex estava conquistando não apenas seu corpo, mas também o coração, em todos os sentidos.

Os beijos passaram a ser lentos em contraponto com a cadência insana dos corpos. Joy não conseguia parar de pensar que aquela podia ser a última vez que faziam amor, que se beijavam... Não queria deixar que pensamentos ruins atrapalhassem a relação, mas era difícil não pensar. Chegou a um ponto

quando o prazer entrou em conflito com a melancolia. Tornou-se imperativo que ela lutasse pelo bem, se apegasse à beleza da compreensão que havia entre eles e no empenho de um dar prazer ao outro.

Para facilitar, ela abriu os olhos e embeveceu-se com a beleza dele. Os dois estavam ofegantes, a tensão aumentando a cada segundo, chegando praticamente ao insustentável. Joy se rendeu totalmente à onda de prazer sublime que varreu seu corpo. Momentos depois, Alex parou de se movimentar e atingiu o orgasmo, relaxando sobre o corpo dela. Joy o abraçou apertado.

Depois de muitos beijos apaixonados, Alex se levantou e foi para o banheiro. Joy foi em seguida, e ao retornar, encaixou-se no corpo dele em silêncio.

Não havia muito o que dizer. Falar sobre o que viria depois não resolveria nada. Às vezes, render-se ao inevitável era de certa forma uma libertação.

Você não pode lutar para sempre. No fim, é capaz de perder.

Por fim, Alex adormeceu. O fogo da lareira iluminava seu rosto perfeito. Joy se levantou, apoiando-se no cotovelo, e percorreu o corpo dele com os olhos, procurando memorizar cada centímetro. Era preciso se lembrar de todos os detalhes, a boca bem desenhada, os cílios longos e a covinha no queixo. Ela não se perdoaria se no futuro não se lembrasse da imagem dele. As memórias eram as únicas coisas a que podia se apegar. Alex estava perto de sair de sua vida. Apesar de já saber desde o começo que o relacionamento não iria durar, a chama em seu coração jamais se apagaria. Mas ela não se arrependia do tempo que passara ao lado de Alex. Ele a havia lembrado de que seu coração podia amar.

Até pouco tempo atrás ela se odiava. Durante a viagem de Santa Barbara a Vail, ela havia conversado consigo mesma, culpando-se por tudo de ruim que já acontecera em sua vida. Na noite em que Alex quase a atropelou, ela estava no fundo do poço, com a autoestima dilacerada. Ele a havia tirado da neve e dos problemas, levando-a a lembrar que a vida era boa e que ela possuía habilidades e talentos.

Joy chegou a pensar em contar que estava apaixonada, mas agora não fazia mais sentido algum. Ao contrário, iria apenas piorar a dor da despedida. Não, era melhor não estragar outra coisa boa. A única coisa que podia fazer era

guardar no fundo do coração os momentos maravilhosos que haviam tido juntos.

Ela se aconchegou mais a Alex, permitindo que o calor do corpo dele a aquecesse, ignorando que ficaria um vazio muito grande a seu lado quando se separassem. Virando o rosto para o lado, ela inalou o perfume másculo, enquanto as lágrimas escorriam pelo seu rosto.

Alex merecia saber a verdade.

– Eu te amarei para sempre, Alex Townsend. Mesmo depois de nos despedirmos.

CAPÍTULO 11

JOY TINHA que compensar pelo jantar fracassado da noite anterior. Eles haviam adormecido sem comer, até quando Alex se levantou perto da meia-noite com o estômago roncando. Ela também levantou e fez sanduíches de queijo. E o suflê maravilhoso? Infelizmente terminou no lixo.

Para o café da manhã, ela preparou muffins de maçã com canela, lembrando-se de que em algum momento Alex havia mencionado que gostava de canela. O perfume da cozinha estava incrível e ela esperava que o sonho de uma manhã de Natal perfeita se realizasse.

Ela entrou na sala com uma bandeja de café da manhã.

Alex levantou para ajudá-la e parecia muito feliz.

– Eu já gosto dos seus muffins – disse ele, antes de dar um selinho nela.

Joy riu e os lábios ainda se roçavam, quando eles aprofundaram o beijo. Ao perceber que não parariam no beijo, ela se afastou. Por mais que amasse fazer amor com Alex, aquela manhã era importante por outras razões.

– Se não tomarmos cuidado, vamos repetir a noite em que armamos a árvore de Natal aqui nesta sala.

Aquele dia tinha sido cheio de emoções, e ela adorava reviver cada minuto, desde a paquera, o desejo e o momento em que, incapazes de resistir mais, ela finalmente o beijara. Fora um dos melhores dias de sua vida.

– Depois dos presentes e do café da manhã. – Ele se sentou no sofá ao lado dela e tomou um golinho de café.

Se ela não estivesse enganada, Alex estava feliz.

– Para hoje temos muffins de maçã com canela. É simples, mas muito gostoso.

– Se eu não te conhecesse, diria que você é muito convencida. – Ele tirou os muffins da forminha e deu uma mordida generosa. – Está perfeito.

– Obrigada. Você é muito gentil.

– Estou apenas falando a verdade. – Ele terminou de comer e recostou-se no sofá, passando o dedo nas costas de Joy. – Quando vamos abrir os presentes?

– Estou preocupada que você não goste do que comprei.

– Impossível. Se você me desse apenas a receita desses muffins, eu já estaria feliz.

Ela fingiu dar um tapa nele.

– Eu não disse que meu presente seria tão bom. Agora é uma boa hora. – Joy tomou mais um gole de café e se levantou do sofá para se agachar perto da árvore de Natal e dali tirar uma caixinha. – Primeiro você.

O presente estava embrulhado com papel dourado e um laço vermelho, que Alex tirou. Depois tirou o papel e abriu a tampa da caixinha. Lá dentro, sobre uma pequena almofada de cetim, estava um clipe de dinheiro de prata que ela havia comprado no vilarejo com o dinheiro da penhora do colar da avó. Ele tirou o clipe da caixa e ficou olhando. Joy estava preocupada se o impressionaria, e ele parecia ter gostado bastante.

– É lindo. O que significa essa gravação? – Ele correu o dedo pela textura irregular do clipe, onde havia uma série de pequenas linhas na diagonal.

– Você não adivinha? – perguntou ela, abafando o riso. – Era para parecer marcas de pneu. Achei que seria uma lembrança divertida do jeito como nos encontramos.

Alex balançou a cabeça e riu.

– Eu nunca vou me livrar dessa culpa, né?

– Do mesmo jeito que eu nunca mais vou mergulhar num banco de neve.

Joy respirou fundo para aliviar o peso da situação. Aquilo tinha sido o começo e agora eles estavam chegando ao final. Ela simplesmente detestava finais. Detestava despedidas. Não havia graça nenhuma nisso, mas aquela mais especificamente seria muito dolorosa.

– Eu queria te dar alguma coisa para que se lembrasse de mim. Algo para você levar no bolso.

– Muito obrigado. Eu gostei muito e vou guardar esse clipe sempre comigo. Sempre.

O comentário foi a confirmação de que eles iriam de fato se separar. Não havia nenhum sinal de que ele ficaria mais um dia. Ele estava pronto para dizer adeus, mas, antes, se levantou do sofá e pegou não só uma, mas várias caixas debaixo da árvore.

– Sei que combinamos um presente para cada um, mas eu trapaceei um pouquinho e comprei três.

– Alex. Você não podia ter feito isso. Foi maldade. Eu só comprei um.

– Eu sei, mas eu não consegui me decidir. Eu poderia ter comprado a loja inteira quando fui ao shopping.

– Ainda bem que você pagou com cheque, assim sobrou dinheiro para usar o clipe. – Joy estava se esforçando desesperadamente para manter o ambiente leve e divertido, apesar de estar sentindo o contrário. Precisava apenas se segurar um pouco mais.

Ele colocou os presentes sobre a mesa do café, separando um do outro.

– Este deve ser aberto por último.

– Tudo bem.

Joy pegou um dos outros dois e rasgou o papel. Quando reconheceu a famosa estampa de xadrez vermelho, preto e bege com a figura de um cavaleiro na etiqueta, viu o quanto ele havia sido extravagante.

– Um cachecol da Burberry? Eu amo! Sempre quis ter um. – Na verdade ela tinha apenas fantasiado, nunca imaginara que ganharia um. Ela enrolou o cachecol no pescoço e passou a ponta no rosto. – É tão macio!

– Você reclamou do seu cachecol no dia em que fomos ver as luzes da árvore de Natal da cidade e eu achei que esse combinaria perfeitamente com o seu cabelo escuro. E acertei.

– Muito obrigada. Eu amei. Vou cuidar dele para sempre. – *Para sempre.*

Era preciso evitar aquelas palavras, pois seria cobrada mais tarde.

Ela abriu o segundo pacote com a mesma rapidez do primeiro.

– Oh! Perfume... Nunca comprei um perfume. – Ela tirou a tampa do frasco e borrifou um pouco nos pulsos. Era fragrância de baunilha com cookies

doces. – Que delícia!

– A razão por que eu comprei esse é meio boba. Mas esse perfume me lembra o seu quando você está cozinhando. Achei que seria legal. – Alex pegou o último presente de cima da mesa. – Bem, este aqui você vai me mandar passear se não quiser. Não quero que se sinta forçada a fazer nada.

Ela franziu o cenho, sem ter a menor ideia do que poderia ser. A caixinha era menor do que a do lenço, mas do mesmo formato, longa e baixa.

– Agora você me deixou curiosa. – Dessa vez ela abriu com mais cuidado, sabendo que aquela era a última parte da manhã de Natal juntos.

Havia um envelope na caixa, mas ela ainda não tinha adivinhado até levantar a aba. Ali dentro havia uma passagem de avião para Fiji.

– Ah, meu Deus, uma viagem!

Durante um minuto, o coração de Joy bateu em total descompasso, como se tivesse vontade própria.

– Sim, para Fiji. Eu acho que esse tempo juntos nos mostrou que merecemos umas férias. Um tempo para não nos preocuparmos com trabalho. Pensei que quanto mais longe fôssemos, melhor. Eu já estive nesse resort e é lindo.

Joy não disse nada, sem desviar o olhar dos bilhetes, paralisada. Uma lágrima rolou por seu rosto.

– Tudo bem se você não quiser ir. Eu apenas... – Alex fechou os olhos e passou o dedo no alto do nariz.

Quando ela olhou para ele, viu que estava brigando consigo mesmo. Será que ele havia mudado de ideia?

– Não quero que esse tempo juntos termine – disse ele.

Aquilo foi a coisa mais doce que alguém já lhe tinha dito, e ela se viu presa na própria teia. Por mais que tivesse imaginado como seria o final, nunca nem sonhara que pudesse acontecer uma coisa dessas. Teve vontade de gritar e chorar, ao mesmo tempo que queria beijá-lo por ser tão romântico. Seu maior desejo era estar nos braços de Alex e dizer o quanto o amava. Contudo, havia um milhão de coisas que precisavam ser ditas antes disso. Ela tinha quase certeza de que não iria tão longe assim. As lágrimas agora escorriam como uma torrente, num pranto como ela não chorava havia muito tempo. O nome que estava na passagem era "Joy Baker", o nome falso que poderia muito bem ser

"Traição", pois ela traíra Alex. Uma pessoa que tinha feito milhões de erros na vida acabava de cometer o pior de todos eles.

UMA HORA antes, Alex estava tão animado com o Natal como quando era criança. Também estava nervoso com a reação que Joy teria aos presentes.

E agora ela estava chorando e não tinha dito nada que se assemelhasse a um "sim". Por que tinha sido tão tolo? Como pudera se enganar tanto em interpretar uma situação? A aposta havia sido alta demais. Fazia pouco mais de dez dias que eles se conheciam. Convidar para uma viagem como aquela era bem diferente de convidar uma mulher para jantar no quarto ou quinto encontro. Infelizmente, ele não podia voltar atrás.

– Por que você está chorando? – Alex colocou a mão no ombro dela.

De alguma forma, o contato físico só a fez se sentir pior e não reagir normalmente. Ela praticamente se encolheu.

– Preciso te contar uma coisa... Quero dizer, uma porção de coisas. – Ela respirou fundo e continuou olhando para baixo. – Meu nome verdadeiro é Joy McKinley. Eu inventei o Baker pois tinha passado o dia inteiro na confeitaria, e estava tentando esconder minha identidade porque ninguém pode saber que estou aqui.

Alex sentiu como se tivesse levado uma punhalada no coração. Como assim, ela não era quem dizia ser?

– Não estou entendendo. Você escondeu sua identidade? Alguém está tentando te ferir?

– Não exatamente. Eu não deveria estar hospedada nesta casa, que não pertence a amigos meus... e sim à minha antiga patroa. Eu me demiti depois que nós duas tivemos uma briga e ela prometeu que destruiria minha carreira. Ela e o marido são muito poderosos no mundo da gastronomia. Por ela, eu nunca mais arrumaria um emprego como *chef*, imagine tentar fazer qualquer coisa relacionada a culinária.

– Como eles podem ser tão poderosos assim?

– Ele é Harrison Marshall, o *chef* celebridade. Esta casa é dele e da mulher, Mariella.

– Oh, uau... – Alex não estava por dentro das histórias do mundo da culinária, mas sabia quem eram os Marshall. A história de Joy estava se

complicando cada vez mais. Ele precisou se esforçar para acompanhar, porque nada mais fazia sentido. – E por que você não foi para outro lugar qualquer? Você não tem permissão para ficar aqui?

– O filho do meu chefe disse que eu podia ficar aqui até metade de janeiro, mas que ninguém podia saber porque a mãe dele me odiava. Eu não tinha para onde ir e estava sem dinheiro. Não encontrei um lugar para ficar que eu pudesse pagar. E você sabe que não posso voltar para casa.

– Você não tem nenhuma amiga para te hospedar?

– Aqui não. Conheço pessoas em outros estados, mas eu não teria ido muito longe. Aquele ferro-velho que está debaixo de uma lona na garagem é o meu carro e não funciona. É por isso que preciso de carona para todo canto.

Alex apoiou os cotovelos sobre os joelhos e passou as mãos no cabelo. Afinal, o que estava acontecendo? O destino estava pregando alguma peça cruel nele? Ela continuava a desmentir tudo e ele não tinha a menor ideia do que fazer.

– Diga alguma coisa, por favor... Eu sinto muito. Jamais teria mentido para você se tivesse previsto o que aconteceu conosco. Depois que menti sobre meu nome, as outras mentiras foram se acumulando.

Alex olhou para ela, mas manteve a cabeça baixa. Sentia o coração se despedaçar, não conseguia nem respirar direito... Queria simplesmente sumir.

– Por que você me contou tudo só agora? Por que não contou quando se sentiu encurralada? Por que não disse nada quando fomos ver as luzes da árvore de Natal? Ou mesmo quando cheguei ontem à noite?

– Você acha mesmo que teria sido melhor? Eu teria arruinado os momentos lindos e românticos que estávamos vivendo. Até onde eu sabia, depois de hoje, nós nunca mais nos veríamos. Você falou que ia embora uma dúzia de vezes, como se quisesse me lembrar que nosso namoro tinha prazo de validade.

Alex a fuzilou com os olhos e a mágoa deu lugar à raiva.

– Era um fato, nada mais do que isso. E a verdade parece ser um grande problema para você. Não é à toa que meu investigador não descobriu nada a seu respeito. É como se você não existisse... Digo, Joy Baker, de Santa Barbara, Califórnia, não existe mesmo. É *fake*.

– Você pediu para um detetive particular examinar a minha vida? – Joy estava fervendo de raiva. – Você faz isso com todas as mulheres? – Ela se

levantou e o encarou. – Você provavelmente não quer se arriscar a se envolver com alguém complicado demais. Alex, o perfeito, não iria querer se sujar.

– Quer saber por que chamei meu investigador? Porque minha ex-noiva era uma criminosa de carteirinha. Uma trapaceira que tentou pegar meu dinheiro. Talvez vocês duas se conheçam.

Aquilo tinha sido um golpe baixo, mas ele estava convicto em não retirar as palavras, porque estava muito bravo. Toda a felicidade e sonho que ele tivera na última semana foram destruídos com a versão dela da verdade.

Joy não pensou duas vezes antes de pegar as passagens e jogar na cara dele.

– Pegue suas passagens para a sofisticada Fiji e faça o que quiser com elas. Eu não subiria num avião com você nem que a minha vida dependesse disso. Pode sair sozinho daqui e encontrar uma anônima para dormir como fez comigo. Se for uma coisa passageira, você não vai precisar chamar seu detetive para investigar o passado dela.

Alex pegou o clipe de dinheiro e mostrou a ela.

– Onde você arrumou dinheiro para comprar isto? Roubou? – Ele precisava saber até onde ia a farsa.

Joy começou a chorar de novo, mas parecia uma tentativa de manipulá-lo.

– Não roubei nada. Penhorei a única coisa de valor que eu tinha, uma corrente de ouro da minha avó, que ela ganhou de um de seus patrões. Ela era cozinheira. Uma simples cozinheira, Alex. Ela não ganhava quase nada e cozinhava para famílias como a sua. É por isso que meus pais não queriam que eu seguisse o mesmo caminho. Eles não queriam que eu tivesse a vida que tenho agora, mas o que eu posso fazer? Sei que errei, menti para você. Assumo toda a culpa por isso, mas você me acusa de coisas que não fiz nem sou assim. De um jeito ou de outro, sei que você nunca confiou em mim, desde o começo. Não temos uma base para a felicidade.

Alex apertou os dentes, contraindo o muscular, sabendo que ela tinha razão. Ele havia apenas se convencido a confiar nela. Agora estava claro que tinha razão.

– Acho que você não entendeu o que eu passei. Uma mulher literalmente tentou me enganar, querendo se casar apenas pelo meu dinheiro. Você faz ideia de como isso foi terrível? E agora estou revivendo tudo de novo.

– Sei que deve ser horrível e sinto por isso, mas acho que tanto você quanto eu já suspeitávamos disso o tempo todo. Você acabou de me confirmar. Então, acho melhor você ir embora. Volte para Chicago e para sua vida. Lamento muito se te magoei.

Alex se levantou meio perdido e olhou ao redor, sem saber o que fazer.

– Vá, Alex. Pegue suas coisas e vá embora.

Ele ainda segurava o clipe de dinheiro, sem saber se conseguiria olhar para aquilo de novo.

– Tome isto. – Ele tentou devolver, sabendo que ela não pegaria de volta.

– Não quero. Já sei como vou recuperar o colar da minha avó sozinha.

– Você está sendo ridícula, Joy.

– Não estou. Não quero esmola sua. Comprei esse clipe porque gosto de você. Você devia ficar com ele para se lembrar que alguém já gostou de você. Talvez um dia esteja preparado para aceitar isso. – Joy cruzou os braços e atravessou a sala até a janela, onde parou para olhar a neve.

Alex não sabia o que dizer. Será que ela dizia a verdade, que gostava dele? Se pudessem voltar no tempo e se ela não tivesse mentido, será que aceitaria a viagem? Agora não tinha mais como saber.

Alex correu para o quarto, juntou as coisas e calçou os sapatos. Joy queria que ele saísse e ele desejava o mesmo, nem que fosse para arejar a cabeça. E pensar que tinha chegado na noite anterior cheio de esperança e agora sentia apenas dor. Era melhor ir embora. Precisava voltar para casa.

Alex desceu as escadas e deu um passo para dentro da sala quando Joy se virou.

– Já estou indo. – A voz dele estava fraca, bem diferente do normal. Ele estava magoado demais. – Só para você saber, eu nunca disse que queria que as coisas fossem fáceis com nenhuma mulher.

– Bem, então, você encontrou o que queria.

Joy fechou os olhos e virou-se para a janela novamente.

CAPÍTULO 12

ALEX VOOU para Chicago na noite de Natal. Seria difícil passar mais uma hora que fosse no Colorado. Normalmente, ele chamaria o jatinho da empresa, mas não havia tempo hábil, então ele pegou um voo comercial na primeira classe do último voo que saía de Denver. Não havia razão para ficar em Vail. As lembranças de Joy estavam por toda parte e era dolorido demais, a última coisa que ele precisava naquele momento. A ferida era profunda demais e era melhor não mexer mais. Talvez fosse melhor até vender a casa lá, ou deixar os irmãos usarem, mas ele não conseguia nem se imaginar voltando a Vail tão cedo.

As luzes da cabine se apagaram quando o avião começou a descer. Alex olhou da janelinha para a cidade lá embaixo, luzinhas salpicavam o céu escuro. Lá embaixo alguém devia estar feliz, comemorando o Natal mais feliz de sua vida. As crianças já deviam estar na cama, depois de um dia feliz. Infelizmente, ele só desfrutara bons momentos por uns poucos dias, justamente quando tinha grandes esperanças de que as festas daquele ano seriam as melhores que já passara na vida, cheias de amor e felicidade. O começo foi promissor, impossível de se antecipar que tudo se transformaria em cinzas de uma hora para outra.

– Seu casaco, sr. Townsend.

Alex se virou e viu a aeromoça segurando seu casaco. Ela estava com um chapéu de Papai Noel e tinha o cabelo da mesma cor que os de Joy. Como se ele precisasse se lembrar mais de como aquele Natal tinha sido péssimo e como seu coração estava despedaçado, de novo.

– Obrigado. – Ele colocou o casaco sobre as pernas e continuou olhando pela janelinha. Logo estaria em casa.

Na quarta-feira, Alex se levantou com o sol, infelizmente. Não tinha conseguido dormir, rolando de um lado para o outro na cama sem conseguir parar de pensar em Joy. Será que tinha pegado pesado demais? No íntimo, ele achava que não. Um fora devia ter sido o suficiente. Ele havia jurado para si mesmo que não permitiria que isso acontecesse de novo, nunca mais.

Alex subiu na balança depois de moer um pote de café. Dois quilos a mais. Pãezinhos doces. Ele devia ter malhado mais enquanto estava no Colorado, mas imaginou que muito sexo lhe custaria algumas calorias. Aparentemente não.

Ainda bem que tinha uma academia em casa em Chicago. Assim, ligou a esteira e correu até não aguentar mais, uma hora, ouvindo música alta nos fones de ouvido e tentando extravasar a raiva, dor e ressentimento acumulados no coração. Sentou-se num banquinho, enxugou o cabelo molhado com uma toalha e bebeu água. O exercício todo não valeu para aliviar a dor, pois só conseguia pensar no que Joy estaria fazendo, mas, pelo menos, ele conseguiria dormir bem naquela noite.

Depois do banho, ele foi para o escritório para se preparar para a reunião com o pai, apesar de ninguém o esperar antes do dia 26. Andando pelos corredores do escritório da Townsend & Associates Investment, ele confirmou que a melhor maneira de superar o acontecido era trabalhando. Era preciso passar as horas e mergulhar nos números. Ele precisava superar as expectativas do pai e continuar a surpreender o mundo das finanças. Em alguns meses, as pessoas podiam começar a fofocar, tentando adivinhar a razão de ele ter uma força de super-homem quando o assunto era trabalho. Ninguém jamais saberia que ele tinha sido movido pelo coração partido.

– Bom dia, Barb – cumprimentou ele a recepcionista.

Como estava ao telefone, ela apenas meneou a cabeça e abriu um sorriso costumeiro. Por ser o chefe, a maioria das pessoas tinha medo dele e reagia daquela forma. Ele fez uma anotação mental para mudar aquilo. Talvez se passasse mais tempo com empregados do baixo escalão poderia mudar a cultura da companhia. O pai dele ficaria horrorizado com a ideia.

O lugar estava relativamente silencioso quando ele caminhou na direção de sua sala. Muitos dos empregados tinham emendado a semana entre Natal e Réveillon, outra iniciativa que o pai não aprovaria, mas não havia muito movimento nessa época mesmo. Era melhor que todos voltassem descansados e dispostos a trabalhar a todo vapor depois das festas.

Alex destrancou a porta, sentou-se e começou a trabalhar, respondendo e-mails e digitando novas iniciativas que adotaria no ano seguinte. Um pouco depois das 10h, Paul apareceu à porta do escritório, que geralmente estava aberta, a não ser em ocasiões especiais. Se a porta estivesse fechada, Alex sentia-se como um animal enjaulado.

– Oi – cumprimentou Paul.

– Oi, sente-se. Como foi o seu Natal? – perguntou Alex, recostando-se na cadeira.

Paul abriu um sorriso muito feliz.

– Foi fantástico. Meu neto veio passar o Natal conosco, já falei dele para você. Não conheço criança mais feliz. Minha esposa amou os presentes e estava de ótimo humor porque nossos dois filhos estavam em casa. Ela e minha filha prepararam uns bolinhos para a manhã do Natal que não fazia desde que as crianças eram pequenas. Você já comeu bolinhos suíços?

Alex balançou a cabeça, lembrando-se dos pãezinhos doces e os muffins.

– Não, nunca.

– É delicioso! Parece um pão de canela e tem um perfume incrível. – Paul meneou a cabeça e sorriu, devia estar lembrando alguma coisa que aconteceu no Natal e que não queria compartilhar. – E você? O que aconteceu com a mulher que você pediu para investigar a vida? Joy Baker?

Ainda bem que Alex não precisava dourar a pílula com Paul e podia falar abertamente: – Ela mentiu para mim, seu nome não é Baker, mas McKinley. Ela é de Ohio, e não da Califórnia. – Foi difícil para ele entender a expressão no rosto de Paul, parecia remorso.

– Sinto muito, eu devia ter investigado mais. Já entendi, ela também não é confeiteira.

– Não, até aí é verdade. Ela trabalhou um tempo em Santa Barbara e estava morando até recentemente.

– Como você descobriu? Você viu os documentos dela?

– Não, ela me contou na manhã do Natal, sem mais, nem menos. Eu tinha comprado passagens para Fiji para nós. Essa é a parte mais patética da história toda. Eu tinha gostado mesmo dela. Eu queria levá-la embora. Quando ela viu o nome falso na passagem, começou a chorar e confessou tudo.

– Uau, essa foi forte. – Paul respirou fundo. – Sinto muito. Ela disse por que demorou para te contar tudo?

Alex deu de ombros e balançou-se para trás na cadeira.

– Acho que ela decidiu não dizer nada porque sabia que eu iria embora no dia 26. Ela não sabia para onde ia depois porque não tem lugar para morar.

Paul baixou a cabeça, mas levantou o olhar para Alex.

– Então, ela é uma sem-teto.

– Mais ou menos... Na verdade, não... Ela está hospedada na casa do patrão anterior e mentiu porque não queria que soubesse nada disso. Ela não poderia pagar para ficar em outro lugar.

– Que confusão...

– Exatamente. A história começou a se complicar daí uma mentira levou à outra até uma hora que eu já não sabia mais o que era verdade. Fiquei com medo de repetir a mesma história, você sabe do que estou falando, né?

– Posso falar abertamente?

– Claro que sim. Confio em você. O que foi?

– Acho que você não faz ideia do que é ser pobre. Não te culpo por isso, mas eu fui e sei muito bem. Minha família lutava bastante quando eu era adolescente. Aos 20 anos mal conseguia fechar o mês – disse Paul com sua voz calma de sempre, mas parecia mais comedida do que de costume. – Não é nada bom viver na corda bamba, prestes a cair. Chega um momento em que se faz qualquer coisa para se manter em pé. Isso é mais conhecido como instinto de sobrevivência.

– Você está dizendo que estou errado por ter ficado bravo porque alguém mentiu para mim?

– Claro que não. – Paul balançou a cabeça. – Você tem todo o direito de estar chateado. Estou apenas vendo as coisas numa perspectiva diferente. Acredito que, quando ela contou a verdade, você achou que estava revivendo o passado com Sharon.

– Oras, mas não é isso? – Ele havia ficado tão bravo com Joy como tinha ficado com Sharon. Se bem que ele tinha de admitir que a mágoa tinha sido bem maior dessa vez.

– A Sharon confessou? Não. Eu precisei descobrir toda a farsa para o confronto. E o que ela fez quando isso aconteceu?

– Negou tudo. – Alex já estava prevendo onde Paul queria chegar, mas ainda não estava totalmente convencido. Joy havia mentido e não tinha explicação para tanto.

– E depois?

Alex resmungou um pouco antes de responder: – Ela roubou coisas do meu apartamento e depois disse que eram presentes meus.

– Foi isso o que aconteceu com Joy?

– Não, de jeito nenhum. Ela chegou até a pedir desculpas. Mas isso não muda o que senti.

– Claro que não está tudo bem e você tinha razão em ficar magoado. Mas agora que já esfriou a cabeça, talvez seja melhor repensar em tudo isso.

Paul sentou-se na ponta da cadeira. Fazia muito tempo que Alex não recebia um conselho paternal.

– Claro que não conheço essa Joy, mas preciso dizer uma coisa. A última vez que conversamos ao telefone, você estava muito feliz. Sua voz estava diferente. Nunca ouvi você daquele jeito quando estava com Sharon. Nunca.

– Eu estava feliz. Trabalhei muito e estava estressado. – E agora estava mais confuso. – Pensei que estava feliz.

– Você está numa fase de muito estresse, não é, Alex? Claro, você preside a empresa agora. O mercado estava pegando fogo e você desligou o telefone por 24 horas. Quer saber o que isso significa para mim? A última coisa que te preocupava naquele momento era o trabalho. Você encontrou alguém que desviou sua atenção do trabalho e isso me diz que você encontrou um prêmio.

– Você nem conhece ela.

Alex pensou que as palavras que disse não tiveram o efeito pretendido. A verdade era que ele adoraria se Paul conhecesse Joy. Bom seria se alguém comprovasse que ele não estava louco e que de fato havia algo entre ele e Joy bem diferente de qualquer coisa que ele já tivesse tido no passado.

– É verdade. E há uma chance de eu estar errado.

– Isso não me ajuda em nada.

– Olha, não vim aqui para ser seu psicólogo. – Paul levantou-se da cadeira. – Não gosto do que Sharon fez e acho que você ainda está processando o assunto. Não é justo que você faça essa outra moça pagar pelas mentiras de outra, principalmente quando estas eram para te magoar. – Paul bateu com a mão fechada sobre a mesa. – A intenção é importante.

O que estaria atrás das mentiras de Joy? Ela havia tentado se proteger, sobreviver numa realidade que Alex não conhecia.

– O que eu faço agora? Eu disse coisas terríveis a ela. – O coração dele ficou apertado só em pensar que a tinha acusado de roubo.

– Você é inteligente e vai dar um jeito nisso.

– Em alguns meses terei 35 anos, Paul, e sou o seu chefe.

– Ah, é? Para mim você ainda é aquele garoto de 13 anos com o rosto cheio de espinhas que conheci quando comecei a trabalhar aqui. Sempre vou me preocupar com você.

Alex balançou a cabeça sem acreditar como Paul o conhecia tão bem.

E agora ele teria de decidir o que fazer.

JOY TINHA decidido ficar triste um dia só, mas agora curtia uma ressaca triste. Na realidade, estava muito brava consigo mesmo. Ela tinha feito literalmente tudo o que havia jurado nunca mais fazer. Por que ainda se colocava em situações assim? Como podia ter um talento tão grande em gerar a própria infelicidade? Talvez demorasse muito tempo para descobrir, mas havia a certeza de que ela não podia continuar como estava. Ela havia jogado o que tivera com Alex pela janela, e o namoro pode ter sido a melhor coisa que já acontecera em sua vida. Aquele erro iria assombrá-la para o resto da vida. Chega de fazer coisas erradas e precisar conviver com elas.

A primeira coisa que ela fez no dia seguinte ao Natal foi ligar para Natalie.

– Alô? Joy? – atendeu Natalie com voz de sono.

– Oi, Natalie, desculpe se te acordei. Achei que você estaria em pé a essa hora mesmo num dia de folga.

– Não necessariamente, mas tenho de fazer algumas coisas hoje.

– Bem, tenho de contar algumas coisas e preciso de uma cama para dormir.

Joy começou a falar tudo, a história inteira... Onde ela estava morando, por que não podia mais ficar lá e que precisava de ajuda para voltar a por os pés no chão.

– Vou ligar para o meu irmão e pedir que ele verifique seu carro. O serviço será de graça. Você é bem-vinda para ficar aqui em casa quanto tempo quiser.

– Você não está brava por eu ter mentido onde morava? Eu pedia para você me deixar em frente a uma casa diferente. Estou me sentindo péssima.

– Não estou brava. Não julgo ninguém. É preciso fazer o que for preciso para sobreviver, eu já passei por isso na minha vida também. Sei que você trabalha muito, é uma confeiteira talentosa e uma boa amiga. Você é definitivamente a pessoa mais divertida com quem já trabalhei.

– Nós nos divertimos mesmo, né? – Joy sorriu. Ela sorriu e se sentiu abençoada por ter uma pessoa como Natalie ao lado.

– Enrolando pãezinhos doces o dia inteiro. – Natalie riu. – Então, vou pegar um pouco de café e vamos resolver tudo isso. Me mande o endereço por mensagem.

– Pode deixar, mas você vai saber qual é a casa. É um lugar que você nem sonharia que eu pudesse estar hospedada.

Joy desligou e começou a pegar as roupas que estavam no armário de Elana, depois trocou os lençóis e lavou a roupa de cama, limpou a cozinha e os banheiros, tirou até o carvão da lareira. Procurou deixar tudo exatamente como estava quando ela chegou ali. E pensar que tinha se preocupado tanto no caso de Mariella Marshall descobrir que ela estava morando ali e a expulsasse. No fim das contas, era ela que estava saindo por vontade própria. Aliás, não devia nunca ter aceitado o convite.

Mesmo depois de terminar tudo, parecia que aquela fase não estava concluída. Talvez fosse porque os enfeites de Natal ainda estavam espalhados pela sala. Joy tirou os poucos enfeites da árvore de Natal e começou a chorar. As lágrimas corriam soltas pelo seu rosto sem que ela as reprimisse. Cada enfeite foi colocado na caixa, a pequena árvore também foi embalada e com ela as memórias de Alex.

As lágrimas não eram apenas pelas coisas que tinham passado juntos, essas eram memórias boas. O triste era pensar no que poderia ter sido, uma chance de felicidade. Joy havia se apaixonado por Alex. Algum dia ele poderia se

apaixonar por ela também. Ela não fazia ideia que ele queria mais nem criara expectativas. Agora não conseguia explicar por que nunca havia pensado naquilo. Agora estava começando a enxergar a resposta.

Mentir de certa forma tinha estragado o namoro desde o princípio. E, por causa disso, era impossível que fosse adiante... Que pessoa relevaria ter sido enganada? Por sua vez, quando ela viu aquele rosto perfeito, o casaco de lã, feito sob medida, e o carro luxuoso, decidiu que eles pertenciam a mundos diferentes e por isso o tratou com ceticismo e desconfiança.

Joy tinha permitido que as circunstâncias a levasse a ser uma coisa que não era, tudo porque estava com medo. Quando as coisas pioraram, ela se diminuiu do mesmo jeito que Ben a fazia se sentir. Tão pequena quanto Mariella Marshall tinha feito. Ela devia parar de reagir daquela forma sempre que tivesse um obstáculo na vida. Todo mundo passava por provações. Ela precisava enfrentar melhor as dela e a primeira providência era tirar Alex da cabeça... Seria sempre um sofrimento. Nem todo o tempo do mundo conseguiria tirá-lo da cabeça e do coração de Joy.

Naquela mesma noite, ela já estava instalada na casa de Natalie. O colchão não era tão confortável quanto o de Elana, mas era bom também. Afinal, ela estava dormindo ali com permissão da dona da casa, sem medo de que alguém descobrisse onde estava, isso garantia uma paz de espírito única. O namoro com Alex não tinha terminado do jeito que ela esperava. Mas por mais que ela tivesse ficado chateada por ele ter chamado um detetive, sabia que era isso mesmo que havia de ter sido feito. Se ele tivesse desconfiado de alguma coisa estranha, tinha sido por causa das mentiras dela. E por causa disso, ela precisava ligar e pedir desculpas mais uma vez. Isso era o mais certo a fazer.

A ligação caiu no correio de voz. Não foi muita surpresa ele não ter atendido, já que tinha todas as razões do mundo para odiá-la. Ainda bem que ele não havia bloqueado o número dela.

Alexander Townsend da Townsend & Associates Investments. Por favor, deixe seu recado.

A voz dele a deixou mais arrependida ainda.

– Oi, Alex. Aqui é Joy. Estou ligando para pedir desculpas. Nunca tive intenção de mentir para você. Eu estava numa confusão louca e acabei fazendo coisas das quais não me orgulho. Não estou mais na casa dos Marshall

nem fazendo horas extras para poder respirar um pouco. – Talvez ele não estivesse interessado em nada disso, mas ela decidiu continuar a falar e tirar aquele peso do peito. – Quero que você saiba que lembrarei sempre com carinho do tempo que passamos juntos. Você é um homem incrível. Qualquer mulher consideraria uma sorte grande ter te conhecido. Espero que você encontre a felicidade. Tudo de bom para você. – *E eu te amo.* As palavras ameaçaram sair dos lábios dela, mas ela não o sobrecarregaria com aquele fardo. O telefonema não era para provocar o coração, mas para fazer as coisas certas. – Até logo, Alex.

Depois de terminar o recado, ela colocou o telefone no silencioso e colocou embaixo do travesseiro. Ajeitou-se debaixo do cobertor, fechou os olhos e esperava dormir logo. Ainda bem que as lágrimas não durariam para sempre.

JOY E Natalie foram para o trabalho juntas na manhã seguinte. Natalie fez um intervalo às 11h30. Joy foi logo em seguida, ao meio-dia. Ela precisava se apressar porque tinha algo importante a fazer. Como estava morando com Natalie, não precisava correr para encontrar um lugar para morar, e desde que o irmão de Natalie tinha consertado seu carro, ela podia usar o pagamento para comprar o colar da avó de volta.

O sininho da porta da loja de penhores soou quando Joy entrou. A loja estava tão silenciosa quanto da primeira vez. Parecia que tinha sido há muito tempo, numa época em que ela sabia como o namoro com Alex terminaria. Os dois terminariam separados, mas pelo menos, ele teria ficado com uma impressão boa. Aquilo teria sido o mais próximo de um final feliz que poderiam ter chegado. Agora, como o final tinha sido mais triste, ela teria de continuar caminhando a passos de tartaruga até conseguir aceitar. Esta seria a única maneira de sarar.

– Posso ajudá-la? – perguntou o senhor atrás do balcão, sem se preocupar em olhar para ela e sim para o antigo relógio de pulso.

Joy tirou o recibo do colar e deu a ele.

– Sim, estou aqui para resgatar um colar que penhorei.

Olhando na vitrine, ela não viu a joia com as outras. Tudo o que tinha ali era mais moderno. Talvez estivesse em outra seção.

– Eu me lembro de você – disse o senhor. – Uma mulher veio aqui há meia hora e comprou a corrente.

– Como assim? Meia hora? O senhor disse que me ligaria. Nós falamos que isso podia acontecer.

– Sinto muito, esqueci.

Joy fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás. A perda a abalou totalmente. O que mais poderia perder na vida? Alex. Orgulho. O colar. O que mais?

– Por acaso o senhor tem alguma informação sobre essa mulher?

– Ela era loira e disse alguma coisa sobre a confeitaria.

– É mesmo?

Joy não podia perder mais nenhum minuto ali. Assim, prendeu a alça da bolsa no ombro e saiu dali como uma bala no frio. Depois de virar a esquina, ela saiu correndo o mais rápido que suas botas permitiam. Quando finalmente passou pela porta da confeitaria, o único freguês que estava ali era um senhor comprando um filão de pão.

Droga.

Joy saiu de novo e olhou para os dois lados da rua. Não havia nenhum sinal da loira. Talvez não era para ser. Ao voltar para dentro, sentia-se derrotada, mas decidida a não se abater por nada. Era o que a avó esperaria dela. Resolveu, então, voltar na loja de penhores e pedir ao dono para ligar caso a loira voltasse. Pessoas que compram coisas em lojas de penhores geralmente voltam para devolver.

No mesmo instante, ouviu uma voz masculina vindo da cozinha de trás e sentiu um arrepio de ansiedade, mas convencida de que estava ouvindo coisas. Devia ser um dos padeiros, se bem que já passava do meio-dia, quando eles costumavam ir embora. Ela balançou a cabeça e foi procurar Natalie. O corredor estava vazio, apenas com as sacas de farinha alinhadas junto à parede e os ganchos dos aventais quase vazios. Ela ouviu a risada alta de Natalie.

Ao passar pelas portas de vaivém de alumínio, ela quase teve um choque com o que viu. Alex estava ali vestido com um avental de padeiro, mangas de camisa enroladas e o cabelo preso numa bandana. Quando ele a encarou, Joy achou que tivesse morrido e estava no paraíso, onde tudo corria às mil

maravilhas e se conseguia realizar todos os sonhos. Isso tudo aconteceu antes de ele dizer alguma coisa.

– Oi, Joy.

– Alex! O que você está fazendo aqui?

– Aprendendo a fazer pãozinho doce – respondeu ele, levantando o rolo de esticar massa.

– Ele chegou agora há pouco – disse Natalie, sorrindo. – Eu disse que você estava em horário de almoço e ele disse que iria esperar.

– Eu tentei te ligar.

– Ah, é? Não recebi nenhum telefonema.

Joy bateu com a mão na testa, pois não tinha tirado o telefone do silencioso desde a noite anterior, mas também não esperava nenhum telefonema importante. Ao tirar o celular de dentro da bolsa, ela viu que havia cinco ligações perdidas de Alex.

– Desculpe. Eu coloquei o telefone no silencioso ontem a noite e esqueci de tirar.

Alex se aproximou e ela fez o mesmo até estarem a centímetros de distância.

– Podemos conversar? – pediu ele.

– Se quiserem, posso deixar vocês sozinhos – ofereceu Natalie.

– Não precisa, você está ocupada. – Joy se apressou em dizer. – Vamos para o corredor.

Ela saiu da cozinha e Alex veio logo atrás. Ela não fazia ideia do que pensar. Será que ele havia ouvido o recado? Será que seu pedido de desculpas tinha sido aceito?

Alex desamarrou o avental e o pendurou no gancho, depois tirou a bandana da cabeça.

– Deixe eu arrumar. Seu cabelo ficou todo sujo. – Ela ficou na ponta do pé para tirar a farinha que salpicava o cabelo dele. Os dois ficaram bem perto um do outro, a uma distância que ela podia sentir o perfume dele. O momento a remeteu ao namoro que haviam tido, e a dor de não o ter sempre por perto confrangeu seu coração. – Não acredito que você esteja aqui.

– Eu tinha de voltar. Não gostei da maneira como fui embora na manhã do Natal.

– Não se desculpe por isso, Alex. Você estava certo. Deixei que essa nuvem escura pairasse sobre nosso relacionamento por muito tempo e não foi legal. Eu devia ter contado quando percebi que estava interessada de verdade em você.

Um sorriso maroto brotou nos lábios dele.

– Quando estávamos perto da piscina?

– No momento em que você me beijou. Naquela hora, eu devia ter dito que não era Joy Baker.

– O que, aliás, foi um apelido perfeito que você podia ter arrumado.

– Fui boba e nada original. Entrei em pânico e não fui justa com você. – Joy pegou a mão dele. – Eu te pedirei perdão todos os dias se você me der outra chance. Mesmo que seja só por um jantar.

– Me beija?

Um beijo era tudo o que ele queria? Mesmo sabendo que morreria se tivesse de se despedir de novo, ela não podia perder essa chance. Assim, ela o segurou pelos ombros, ficou na ponta do pé e o beijou. Bastou ele aprofundar para um beijo de língua, ela o empurrou contra a parede do corredor. Aquilo era bom demais, perfeito demais para interromper. Se possível, ela teria se fundido ao corpo dele.

Foi Alex que se afastou.

– Uau.

– Desculpe, eu me deixei levar. – Ela baixou os pés e o encarou nos olhos, sabendo que tinha de ser muito clara, de novo. – Você tem esse poder sobre mim. Ninguém nunca me deixou assim. Não sei por que você voltou, mas não quero que vá embora, pelo menos não antes de jantarmos e conversamos sobre tudo.

– Recomeçar? – Ele a fitou com aqueles olhos azuis incríveis e quase a deixou sem ar.

– Seria ótimo. – Ela espalmou a mão no peito largo, sentindo a respiração ofegante dele. – Por que você voltou?

– Bem, primeiro, eu precisava ficar bem comigo mesmo, depois comprar joias. – Ele enfiou a mão no bolso, e Joy suspirou quando o viu tirar o pingente de sua avó dali.

– O pingente... – Ela ficou olhando quando ele pegou a mão dela e colocou a corrente ali.

– Mas o dono da loja de penhores me disse que uma loira tinha comprado a corrente.

Natalie colocou a cabeça para fora da porta da cozinha e acenou.

– Eu não falei que ia até a loja dos penhores no meu intervalo? Não que eu estivesse ouvindo através da porta – disse ela, e voltou para dentro.

– Liguei para a loja de penhores ontem e dei o número do meu cartão de crédito para comprar a corrente. Depois liguei para a confeitaria hoje cedo, depois de não ter conseguido falar com você. Natalie atendeu a ligação, e, na hora, pensei que podia te fazer uma surpresa e pedi para ela ir buscar para mim.

Joy balançou a cabeça, perplexa.

– Você fez tudo isso por mim?

– Fiz pela mulher que amo. – Alex passou a mão no cabelo dela, colocando-o todo para trás. – Estou apaixonado por você. Por mais louco que isso possa parecer, é a verdade. Eu já queria voltar desde o minuto em que saí daquela casa. Mas eu também precisava aliviar a tensão de alguma perspectiva. Por sorte, não demorei muito para cair em mim.

Joy segurou a mão dele e apertou.

– Eu também te amo. Apesar de parecer uma loucura, eu te amo.

– Nós dois precisamos conversar e tomar algumas decisões. Não quero pedir para você sair do seu trabalho, mas acho que você sabe que minha vida inteira é em Chicago. Podemos tentar um namoro a distância por um tempo se você quiser.

Joy encarou Alex e só tinha uma certeza: estava cansada de cometer erros.

– Amo esta confeitaria, mas amo você mais.

– Verdade? – O tom de felicidade na voz dele encheu o coração de Joy de aletria.

– É, sim. Isso quer dizer que sua lição de como fazer pãezinhos acabou, senhor. Precisamos arrumar minhas coisas e ir para Chicago.

EPÍLOGO

JOY COLOCOU os pés na praia e encolheu os dedos, ela nunca se acostumaria com a areia macia em Fiji.

– Isso aqui é um paraíso.

Alex deu a mão para ela e segurou os chinelos com a outra.

– Concordo. Não vamos mais embora. Nunca mais.

Eles começaram a caminhada depois do jantar. Outra coisa que Joy não se esqueceria mais seria o belo pôr do sol de Fiji.

– Será que sou eu, ou a noite está perfeita mesmo?

– Não vejo como poderia melhorar mais do que isso.

O espetáculo do sol se pondo parecia ter sido feito sob encomenda para os dois, a paleta vívida que ia do amarelo claro até o vermelho mais escuro contrastava perfeitamente com o azul do mar. Alex e Joy tinham vindo ali na varanda do bangalô particular todos as tardes para apreciar o pôr do sol de mãos dadas, curtindo o prazer de estarem juntos. Joy não se lembrava de ter sido tão feliz num dia, nem quando começara a trabalhar com Harrison Marshall.

O Colorado estava bem longe dali, apesar de que continuaria vívido na memória de Joy. Ela tinha ido para lá sem perceber que estava mesmo era fugindo de sua vida e acabou por realizar um sonho.

– Não vou sentir falta de Chicago em janeiro – acrescentou ele.

– Isso eu não sei. Apesar de aqui ser lindo, estou ansiosa para voltar para casa.

Casa... Joy vinha brincando com aquele conceito nos últimos dois anos. Agora ela estava morando com Alex. O apartamento de cobertura em River North, nas vizinhanças de Chicago, era incrível... Espaçoso, elegante e o melhor, parecia mesmo um lar. Claro que ela deu seu toque especial na decoração, principalmente na cozinha, mas era tudo perfeito.

Todas as noites, Joy experimentava receitas novas, eles curtiam um jantar delicioso e, claro, terminavam na cama. Joy ajudou bastante para tirar o mau costume de Alex a assistir muito televisão. Aparentemente, ele tinha mudado de diversão.

Por estarem em Chicago, eles acabaram se aproximando mais da família de Alex. O pai, Alexander Townsend II, era mais ou menos como Joy esperava e tinha sido gentil, mas ela achava que não conseguiria muito mais do que isso, o que a deixava triste. Alex merecia mais do que isso. Os irmãos de Alex, Matthew e Jonathan, ajudaram a preencher o vazio familiar. Afáveis e tão bonitos quanto o irmão mais velho, ambos idolatravam Alex e sempre o procuravam para tudo, desde contar piada até pedir conselhos. Joy sabia que o laço dos irmãos apaziguava a alma de Alex e, por isso, ele não sairia de Chicago tão cedo.

Sendo assim, ela precisava procurar um emprego. Claro que Alex tinha dinheiro suficiente para os dois e nunca pedira um centavo dela, mas os dois eram muito comprometidos com a profissão e estavam juntos havia apenas seis semanas. Ainda era cedo e Joy não queria ficar sem nada no caso de o namoro não dar certo. Por sorte, as perspectivas eram boas.

Alex a tinha apresentado a vários amigos donos de restaurantes, e Joy iria fazer algumas entrevistas assim que eles voltassem a Chicago em poucos dias. Ele também tinha procurado um amigo que trabalhava numa grande editora em Nova York para o caso de ela querer publicar um livro de culinária. As coisas estavam andando rápido demais, mas ela estava tentando não se empolgar muito e tomar boas decisões. Ela descobriu que tinha se poupado a vida toda para o que estava acontecendo.

Eles ainda fizeram uma última viagem de fim de semana antes de pegar o voo para Fiji, uma viagem que deixou Joy muito nervosa. Alex a tinha levado para Ohio para encontrar os pais dela. Joy nem se preocupou se os pais gostariam ou não de seu novo namorado. E deu tudo certo. Alex tinha os pés

bem no chão e era fácil de se conviver. Ele logo se sentiu à vontade para pegar uma cerveja na geladeira e sentar-se com o pai dela diante da televisão para ver o jogo de futebol. Alex foi gentil com a mãe dela também, elogiando a comida e dizendo que Joy tinha puxado a beleza dela. Ainda bem que Ben não apareceu. Exagero ou não, Alex contratou dois policiais de folga para ficarem à porta da casa enquanto eles estavam lá. Ela aprovou a atitude, mas não que isso tenha afastado totalmente as preocupações.

Joy tinha uma grande novidade para contar, e não fazia a menor ideia de como ele reagiria. A última vez em que guardara segredos fora catastrófica e não queria repetir o erro. Era apenas uma questão de encontrar o momento certo. Alex estivera tenso a noite inteira.

– Vamos molhar os pés – sugeriu ela.

– Vamos. – Alex se abaixou e enrolou a barra da calça.

Joy havia dito que não ligava a mínima se ele jantasse de bermudas, mas ele insistiu em ser mais formal.

– Pronto? – Ela segurou a mão dele e entraram um pouco mais fundo, permitindo que as ondas batessem em suas pernas. – A noite está tão gostosa. E se a gente fosse nadar? – Ela o puxou para mais perto e o beijou delicadamente. – Duvido que alguém notaria se nadássemos nus.

De fato, o resort que eles estavam oferecia muita privacidade, eles poderiam ficar horas ali sem ver ninguém.

– Talvez mais tarde, está bem?

Joy torceu a boca e suspirou. Definitivamente, Alex estava diferente. Que homem que recusa a oportunidade de nadarem nus?

– Está tudo bem? Você gostou do jantar?

– O jantar estava ótimo. Não foi sua comida, mas estava ótima. Estou bem, é só que estou com muita coisa na cabeça.

– Seu pai ligou?

Alex respondeu que não com a cabeça e eles continuaram a andar com a água morna nos calcanhares. Quando escureceu totalmente, a lua surgiu esplendorosa.

– Eu nem ousei ligar o telefone. Estou aqui para curtir você, o lugar e nada mais.

– Que bom, fico feliz. – Ela se sentiu melhor, mas nem tanto.

O silêncio entre eles estava estranho, bem diferente da dinâmica de conversa que mantinham. Geralmente, as palavras fluíam soltas. Talvez tivesse chegado a hora de contar o que estava acontecendo. Quem sabe não era ela que estava desconfortável.

– Preciso te contar uma coisa – disse ela de repente, assustando até a si mesma.

– Eu também tenho uma coisa para contar. – Alex parou de andar.

E agora? Seria um bom sinal ou não?

– Quer falar primeiro?

– Está bem. Estou com isso para dizer na ponta da língua durante a noite toda, e preciso falar logo senão vou explodir.

Joy ficou ali parada, sem saber o que dizer. Alex não costumava ficar afobado daquele jeito.

Ele deu uma tossidela e a encarou. Os olhos dele ousavam ser mais bonitos do que a lua. Joy teria elogiado se ele não estivesse tão aflito.

– Você me faz feliz, Joy. Muito feliz. Você está feliz?

A resposta era tão óbvia que ela quase deu uma risada.

– Sim, muito.

– Então... – Ele segurou a mão dela e a surpreendeu ajoelhando-se na água. – Caramba, acho que não planejei isso direito, né?

Joy soltou um risinho nervoso. Será que era por isso que ele estava tão nervoso?

– A culpa é minha. Fui eu que sugeri entrar na água.

Alex encolheu os ombros e olhou para cima.

– Bom, agora já foi, então é melhor continuar... – Dito isso, ele abriu o sorriso mais sincero que Joy há tinha visto. – Eu te amo, Joy. Eu estou feliz e você também, nem todos conspiram a nosso favor, então acho que podemos fazer uma loucura do tipo casar. Se você quiser, claro. – Ele apertou os olhos. – Você quer se casar comigo?

Joy sentiu vontade de rir de novo. Alex estava um charme sem graça daquele jeito. Era difícil de acreditar que a sincronia tinha sido tão perfeita. O que ela tinha a dizer era a consequência natural.

– Alex, eu não ligo a mínima para quando nos dizem o que fazer. Nós nos conhecemos quando você quase me atropelou. Estou me sentindo como se o

universo estivesse nos dando sua benção. Claro que vou me casar com você. Eu te amo acima de tudo.

O semblante de Alex se iluminou quando ele soltou a mão dela e a enfiou no bolso.

– É por isso que eu não podia vestir bermudas. Eu precisava de bolsos maiores. – Ele abriu a caixa de joia e a presenteou com um anel que ela nunca sonhara em ganhar... Um brilhante enorme numa armação de platina.

Alex ainda estava ajoelhado na água e ela imaginou onde aquele anel iria parar se não tomassem cuidado.

– Por que não vamos para a areia, acho mais seguro.

– É verdade, é esquisito demais estar no mar de calças compridas.

Ele fechou a caixa, levantou-se e a beijou com ardor.

– Você tem certeza?

Os olhos dela encheram-se de lágrimas.

– Sim, absoluta.

Os dois foram para a praia de mãos dadas.

– Você gostou? – perguntou Alex, depois de colocar o anel no dedo dela.

Ela consentiu com a cabeça e preferiu olhar para Alex do que para o anel, por mais bonito que fosse. Alex era um milagre em sua vida, e ela era a mulher com mais sorte no mundo.

– Eu amei.

– O que você ia me contar? –indagou ele sem parar de sorrir.

Até aquele momento, ela ainda não sabia como abordaria o assunto. Alex a tinha surpreendido de um jeito muito doce com a proposta, e ela queria causar o mesmo efeito nele.

Decidindo pelo mais simples, Joy pegou a mão dele e colocou sobre seu ventre sem dizer nada, apenas fitando-o. O brilho autêntico que surgiu nos olhos dele foi a melhor reação que ela podia esperar.

– Você está grávida?

Ela meneou a cabeça, engolindo as lágrimas de tão emocionada que estava com a beleza do lugar, do momento perfeito e daquele homem inacreditável.

– Mas quando? Como?

– Tenho quase certeza de que foi na noite que a camisinha estourou. Mas também não tomamos todos os cuidados sempre.

– É verdade. Acho que destruímos a margem de erro. – Ele riu. – Que notícia ótima!

– Ainda é cedo. Estou de seis semanas – disse ela sem conter o sorriso.

Alex estreitou a distância entre eles e a beijou na testa, no rosto e finalmente na boca.

– Nossa... Um bebê. Vou ser pai, e você, mãe! – Ele passou a mão pelo cabelo. – Sabe de uma coisa? Você será a melhor mãe do mundo.

Joy achou que iria derreter de tanta ternura.

– E você será o melhor pai.

Ele passou o braço pelos ombros dela e começaram a voltar para o bangalô. Os passos estavam diferentes, era como se eles estivessem caminhando na direção de um futuro feliz.

– Eu ainda tenho uma dúvida – disse ele. – Quando o bebê terá idade para aprender a assar pãezinhos doces?

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

W853m

Wood, Joss Mistérios do destino [recurso eletrônico] / Joss Wood, Karen Booth; tradução Fabia Vitiello, Silvia Moreira. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Harlequin, 2018.
recurso digital Tradução de: Convenient cinderella bride; Snowed in with a billionaire Formato: epub Requisitos do sistema: adobe digital editions Modo de acesso: world wide web ISBN 9788539826131 (recurso eletrônico) 1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Booth, Karen. II. Vitiello, Fabia. III. Moreira, Silvia. IV. Título.

18-51912

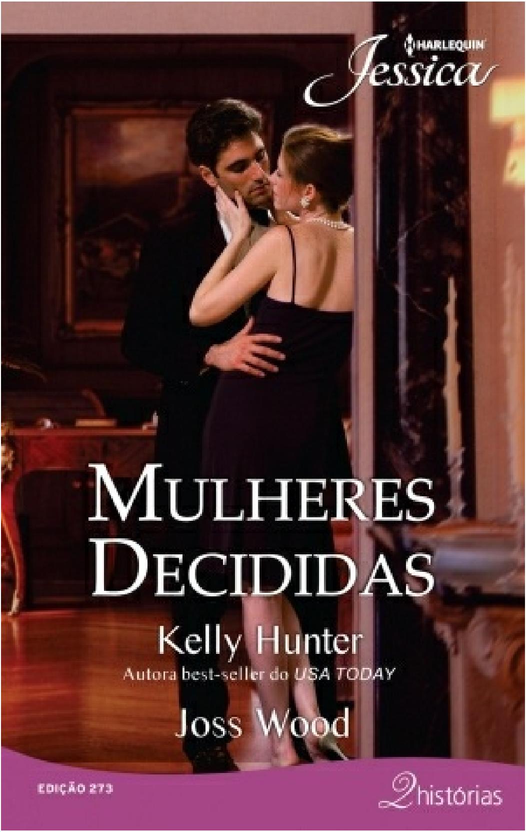
CDD: 813
CDU: 82-31(73) PUBLICADO
MEDIANTE ACORDO COM
HARLEQUIN BOOKS S.A.

Título original: CONVENIENT CINDERELLA BRIDE

Originalmente publicado em 2017 por Harlequin Desire Título original:
SNOWED IN WITH A BILLIONAIRE

Originalmente publicado em 2017 por Harlequin Desire Publisher: Omar de Souza
Gerente editorial: Mariana Rolier
Assistente editorial: Tábata Mendes Arte-final de capa:
Ô de Casa Produção do eBook: Ranna Studio Editora HR Ltda.
Rua da Quitanda, 86, sala 218 – Centro – 20091-005
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 3175-1030

Contato:
virginia.rivera@harlequinbooks.com.br


HARLEQUIN
Jessica
MULHERES
DECIDIDAS
Kelly Hunter
Autora best-seller do USA TODAY
Joss Wood
EDIÇÃO 273
2 histórias

Mulheres Decididas

Hunter, Kelly
9788539822706
320 páginas

[Compre agora e leia]

Harlequin Jessica ed. 273 - Mulheres Decididas - Kelly Hunter e Joss WoodNavegando Entre Segredos - Kelly HunterUma Paixão Enlouquecedora. Após dois anos trabalhando disfarçado, o oficial de operações especiais Jared west se sente estranho ao voltar para a antiga vida. Os hematomas em seu corpo irão desaparecer, mas as memórias dolorosas, não. Ainda assim, ele continua apreciando uma bela mulher, e sua nova chefe é simplesmente irresistível. Rowan Farringdon sabe que a arma mais perigosa dele é o sorriso encantador. Porém, seu dever é enxergar através da fachada sedutora e se certificar de que Jared está pronto para mais uma missão. Contudo, eles não estavam preparados para o desejo explosivo que surge com um simples toque…Uma noite, dois amores - Joss WoodAdoráveis consequências! Remy Draycott foi uma criança prodígio e só agora conseguiu se livrar das enormes expectativas que os outros tinham sobre ela. Por isso, está determinada a aproveitar a vida e a realizar todas as suas fantasias. E ter uma noite selvagem com o estonteante Bo Tessier é a primeira da lista! Render-se ao desejo que sente por Remy era como brincar com fogo… E ele queria se queimar. Mas depois dos momentos de completa rendição que tiveram, Bo não esperava vê-la novamente. Porém, seis semanas depois, ela retorna com uma notícia que deixará o mundo desse poderoso bilionário de cabeça para baixo!

HARLEQUIN

Paixão

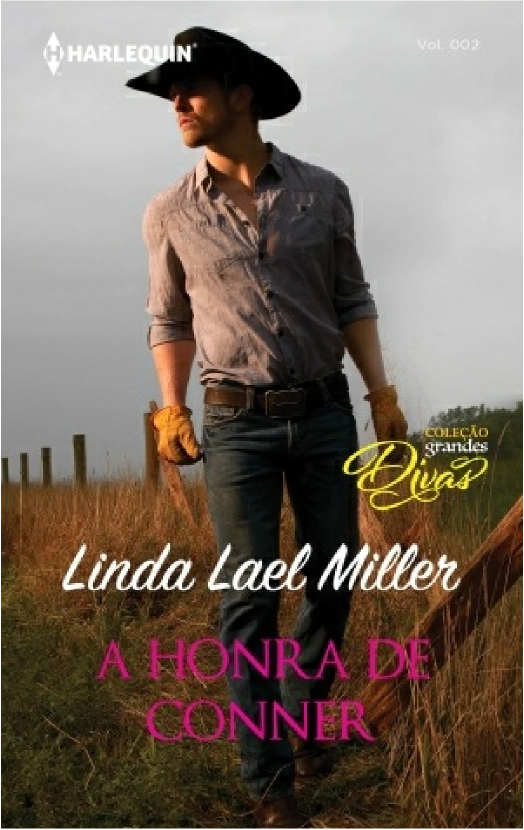
AUTORA BEST-SELLER DO *USA TODAY*

Carol Marinelli

Amante do Deserto



Edição 498


HARLEQUIN
Vol. 002
COLEÇÃO grandes Divas
Linda Lael Miller
A HONRA DE CONNER

A honra de Conner

Miller, Linda Lael
9788539826155
288 páginas

Compre agora e leia

Conner Creed sabe exatamente quem é: um caubói trabalhador que vive para manter o legado de seu tio, em Lonesome Bend, Colorado. Cuidando do rancho sozinho, ele não confia facilmente nas pessoas, ainda mais depois da traição que sofreu seu irmão gêmeo, Brody. Conner está tentando descobrir seus próprios sonhos e desejos e vê em Tricia McCall uma possibilidade de realizá-los.Mas tudo pode dar errado quando Brody retorna a Lonesome Bend e, desta vez, para ficar. Enquanto lida com o irmão, Conner precisa conquistar Tricia e provar a ela que uma vida no interior pode ser muito mais prazerosa do que ela jamais imaginaria.

Compre agora e leia

HARLEQUIN

Paixão AUDÁCIA

AUTORA BEST-SELLER DO *THE NEW YORK TIMES*

Maisey Yates

Desejo Profundo



Edição 14

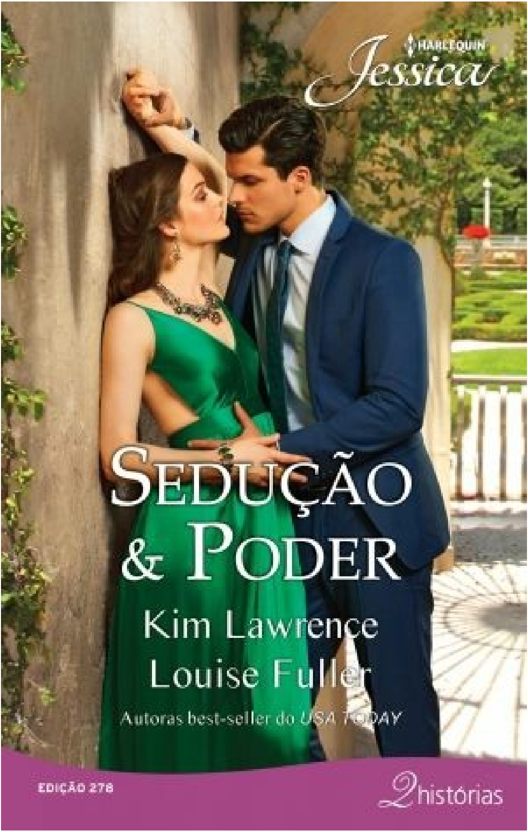
Desejo Profundo

Yates, Maisey
9788539823932
192 páginas

Compre agora e leia

Segundo livro da minissérie "Amores Inesperados".Autora best-seller do The New York Times. Um laço inabalável! O fim do noivado do príncipe Raphael DeSantis virou um escândalo internacional. Mas, para Bailey Harper, foi ainda mais surpreendente. Ao ler nos jornais que o ex-amante é um membro da realeza, ela percebe que carrega no ventre um herdeiro ao trono! Agora que seu casamento de conveniência foi desfeito, Raphael só pensa em retomar o relacionamento que tinha com Bailey. E quando descobre que ela está esperando um filho seu, sabe que precisa transformá-la em sua esposa. Bailey pode até estar relutante em se tornar rainha, mas será que conseguirá resistir ao poder de persuasão desse estonteante príncipe?

Compre agora e leia


HARLEQUIN
Jessica
SEDUÇÃO
& PODER
Kim Lawrence
Louise Fuller
Autoras best-seller do USA TODAY
EDIÇÃO 278
2 histórias

Sedução & Poder

Lawrence, Kim
9788539824052
320 páginas

Compre agora e leia

Autoras Best-seller do USA TODAY.PALÁCIO DA SEDUÇÃO - KIM LAWRENCEDesejo Implacável!Depois de um trágico acidente, Danilo Raphael deixou a culpa dominá-lo e se manteve recluso. Porém, ao ver a bela Tess Jones em apuros, ele não consegue controlar o instinto protetor e oferece refúgio em seu palazzo. Tess pode ser inexperiente, mas sabe o que deseja. E mesmo Danilo sendo o homem mais sensual que já vira, ele é o oposto do que Tess sempre sonhou. Contudo, a paixão entre eles é muito forte para ser ignorada. E não demora para Tess se entregar de corpo e alma. Mas ela sabe que esse romance é passageiro… A menos que Danilo abra mão do passado em nome de um futuro a seu lado. DÍVIDA DE PAIXÃO - LOUISE FULLER"Você me deve uma lua de mel."O casamento de Addie Farrell com o magnata Malachi King durou exatamente um dia. Assim que descobriu que seu noivo não a amava, ela foi embora. Cinco anos depois, para manter sua instituição de caridade, Addie terá de encarar seu sensual marido e a perigosa atração que existe entre eles. Malachi sentiu-se humilhado quando ela o deixou, e vê no pedido de ajuda de Addie a oportunidade perfeita para se vingar. Ele dará todo o dinheiro de que Addie precisa. Em troca, Malachi finalmente conseguirá a noite de núpcias que tanto deseja!

Compre agora e leia